

"UM DOS MELHORES LIVROS DE FANTASIA ÉPICA DE TODOS OS TEMPOS."

— ANNE MCCAFFREY

GUY GAVRIEL KAY
TIGANA

A VOZ DA VINGANÇA - LIVRO DOIS



Ele deu a eles aquilo que exigiram. Obedeceu ao comando, mas não triste ou desafiador, e não com o peso da vergonha.

Com os pés sobre a terra de seus ancestrais, firme diante da casa de sua família, ele olhou diretamente para o sol e deixou o nome explodir de dentro de sua alma.

— Tigana! — gritou ele, para que todos pudessem ouvir.

COLEÇÃO **BANG!**



A MELHOR FANTASIA, FICÇÃO CIENTÍFICA E HORROR

manifesto da coleção bang!

*Este é o nosso compromisso com você:
Queremos ser a melhor coleção de
literatura fantástica do Brasil.
Vamos publicar apenas os grandes
livros dos grandes autores.
Todas as obras são válidas, desde que
ignorem as limitações do realismo.
Queremos mexer com a sua cabeça.
Mas um click não basta.
É preciso um Bang!*

tgana

a voz da vingança / livro dois
guy gavriel kay

Tradução de Ana Cristina Rodrigues



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina



SAÍDA DE EMERGÊNCIA

livros para fugir da rotina

TÍTULO: *Tigana – A Voz da Vingança – Livro Dois / nº7 da Coleção Bang!*

AUTORIA: *Guy Gavriel Kay*

EDITOR: *Luís Corte Real*

© 2014 por *Saída de Emergência Brasil Editora Ltda.*

Tigana © 1990 *Guy Gavriel Kay*. Publicado originalmente nos E.U.A. por *Penguin Books USA Inc.*, 1991

TRADUÇÃO: *Ana Cristina Rodrigues*

PREPARAÇÃO DE TEXTO: *Bruno Anselmi Matangrano*

REVISÃO: *Tomaz Adour, Leonardo de Barros e Rafaella Lemos*

COMPOSIÇÃO: *Saída de Emergência, em caracteres Minion*

DESIGN DA CAPA: *Saída de Emergência*

FOTOGRAFIA DA CAPA: *Artist Partners*

ILUSTRAÇÃO DA CAPA: *Saída de Emergência*

PRODUÇÃO DIGITAL: *SBNigri Artes e Textos Ltda.*

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Kay, Guy Gavriel

Tigana [recurso eletrônico]: a

voz da vingança / Guy Gavriel
Kay [tradução de Ana Cristina
Rodrigues]; Rio de Janeiro:
Saída de Emergência, 2014.

recurso digital

Tradução de: Tigana

Formato: ePub

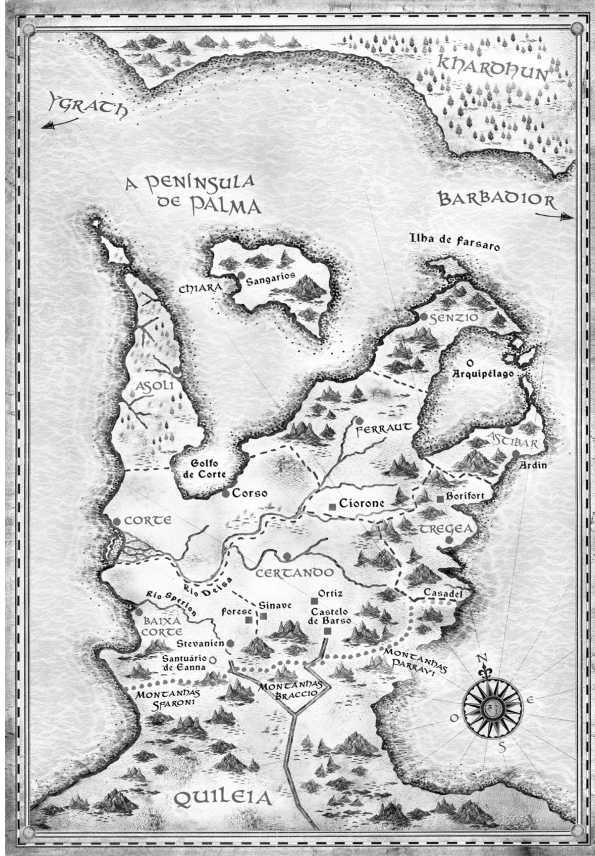
K32t Requisitos do sistema: Adobe
Digital Editions

Modo de acesso: World Wide
Web

ISBN 978-85-67296-14-2
(recurso eletrônico)

1. Ficção canadense. 2.
Fantasia. 3. Livros eletrônicos.
I. Rodrigues, Ana Cristina. II.
Título.

Todos os direitos reservados, no Brasil,
por Saída de Emergência Brasil Editora Ltda.
Rua Luiz Câmara, 443
Suplementar: Rua Felizardo Fortes, 420 – Ramos
21031-160 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 2538-4100
www.sdebrasil.com.br



CAPÍTULO I

Elena estava na porta da casa de Mattio, acompanhando com os olhos a estrada sombria até o fosso, a ponte levadiça erguida, observando as velas tremerem e depois se apagarem, uma a uma, nas janelas do Castelo de Barso. De tempos em tempos, alguém passava por ela para entrar na casa — dava apenas um aceno ou fazia uma saudação breve, quando se dignava a tanto. Uma noite de batalha se aproximava e todos os que chegavam sabiam disso.

Do vilarejo atrás dela não vinha nenhum som; nenhuma luz. Todas as velas tinham sido apagadas fazia tempo, as fogueiras extintas, as janelas cobertas; até mesmo as frestas na base das portas tinham sido tapadas com roupas e trapos. Os mortos andavam por aí na primeira Noite das Brasas, todos sabiam disso.

Quase nenhum ruído vinha de dentro da casa, apesar de já terem chegado entre quinze e vinte pessoas, que se amontoaram na propriedade de Mattio, nos limites da aldeia. Elena não sabia quantos Andarilhos ainda se juntariam a eles ali ou no ponto de encontro, mais tarde. Só sabia que seriam poucos. Não estavam em número suficiente no último ano nem no ano anterior, e tinham perdido feio aquelas batalhas. As guerras das Noites das Brasas estavam matando os Andarilhos mais rápido do que os jovens, como Elena, chegavam à idade de substituí-los. Por isso, continuavam a perder a cada primavera; por isso, era quase certo que também perderiam naquela noite.

Era uma noite estrelada, com apenas uma lua acima do horizonte — o pálido crescente de Vidorni que já minguava. Fazia frio ali, nas terras altas, no começo da primavera. Elena passou os braços ao redor de si, agarrando os cotovelos com as mãos. Em apenas algumas horas, o céu teria mudado e ela sentiria uma sensação totalmente diferente à noite, quando a batalha começasse.

Carenna entrou, dando um sorriso rápido e caloroso, mas sem se deter. Não era a hora de conversas. Elena estava preocupada com ela, que tinha dado à luz havia duas semanas. Era cedo demais para estar fazendo aquilo, mas precisavam dela, precisavam de todos, pois a Noite das Brasas não seria adiada por ninguém, homem ou mulher, nem por nada que acontecesse no mundo diurno.

Ela acenou em resposta a um casal que não conhecia. Eles seguiram Carenna e passaram por ela para entrar na casa. Tinham poeira na roupa, provavelmente vinham de muito longe, do leste, programando-se para chegar ali depois do pôr do sol e do fechamento das portas e janelas, tanto na cidade quanto nas solitárias casas de fazenda, espalhadas pelos campos. Atrás daquelas portas e janelas, Elena sabia que o povo das terras altas do sul estaria esperando, rezando no escuro. Orando para que viesse a chuva e depois o sol, para que a terra fosse fértil na primavera e no verão, até a grande colheita do outono; para que as sementes de grãos e de milho germinassem quando sementes, ficassem raízes e então se erguessem do rico solo escuro e úmido, amarelas e cheias de promessas maduras. Pedindo, mesmo que totalmente alheios em suas casas escuras ao que se passava do lado de fora, que os Andarilhos da Noite salvassem os campos, a estação, os grãos, para que salvassem e socorressem suas vidas.

Elena ergueu a mão e tocou instintivamente o pequeno amuleto de couro que usava ao pescoço. O amuleto continha os restos enrugados do pelico em que nascera. Assim como todos os Andarilhos, ela havia saído do útero materno ainda envolta na bolsa amniótica, a membrana transparente que se desenvolve em torno do embrião durante a gestação.

As parteiras no restante da Palma consideravam o pelico um símbolo de boa sorte. Segundo diziam, crianças nascidas “empelicadas” estavam destinadas a uma vida abençoada pela Triade.

Mas ali, naquelas remotas fronteiras no sul da Península, naquelas selvagens terras altas ao pé das montanhas, a tradição e os ensinamentos eram outros. Ali, os antigos ritos iam mais fundo, mais longe, e eram passados de mão em mão, de boca em boca, desde suas origens, muito tempo atrás. Nas terras altas de Certando, a criança nascida empelicada não estava protegida de morrer no mar ou ingenuamente destinada a ter boa sorte.

Era marcada para a guerra.

Para aquela guerra, travada a cada ano na primeira Noite das Brasas, que anunciava o começo da primavera e do ano. Travada nos campos e pelos campos, pelas sementes ainda não germinadas que eram esperança e vida, a promessa de renovação da terra; por aqueles que estavam nas grandes cidades isolados das verdades da terra, aqueles que ignoravam aquelas coisas; por todos que viviam em Certando, encolhidos atrás de suas paredes, que sabiam apenas o bastante para rezar e ter medo dos sons na noite em que os mortos poderiam andar livremente por ali.

Por trás de Elena, uma mão tocou seu ombro. Ela se virou para encontrar Mattio olhando-a, questionador. Ela balançou a cabeça, ajeitando o cabelo para trás.

— Nada ainda — disse.

Mattio não respondeu, mas o luar pálido deixava entrever seus olhos sombrios acima da barba negra e cheia. Ele apertou o ombro de Elena, um gesto automático para tentar tranquilizá-la, antes de se virar e entrar em casa.

Ela ficou observando enquanto ele caminhava, pisando forte, sólido e capaz. Pela porta aberta, viu quando se sentou de novo à mesa comprida, diante de Donar. Olhou para os dois por um tempo, pensando em Verzar, no amor e no desejo.

Voltou-se para olhar de novo a noite e a imensa silhueta do castelo. Passara a vida toda na sombra daquela construção e, de repente, sentiu-se velha, muito mais do que realmente era. Tinha dois filhos pequenos, que, naquela noite, dormiam com os avós em uma daquelas cabanas fechadas em que nenhuma chama queimava. Também tinha um marido que dormia sob a terra — uma perda entre tantas na terrível batalha do ano anterior, quando o número de Outros parecia ter crescido como nunca antes, malévolos e cruelmente triunfantes.

Verzar morreu poucos dias depois da derrota, assim como todas as vítimas das batalhas noturnas.

Os que eram tocados pela morte nas guerras das Noites das Brasas não caíam nos campos. Eles reconheciam aquele toque frio e decisivo em suas almas — Verzar tinha dito que era como um dedo no coração — e voltavam para casa, para dormir, acordar e caminhar por um dia, uma semana ou um mês antes de se renderem ao fim que os tinha alcançado.

Ao norte, nas cidades, falava-se do último portal de Morian, da graça por que tanto ansiavam em seus Salões sombrios, das intervenções sacerdotais invocadas com velas e lágrimas.

Aqueles nascidos empelicados nas terras altas do sul, que lutavam nas guerras das Brasas e viam as silhuetas dos Outros que iam lutar ali, não falavam disso.

Não que fossem tolos o bastante para negar a existência de Morian dos Portais, de Eanna ou de Adaon — apenas sabiam que existiam poderes mais antigos e sombrios que a Tríade, poderes que ultrapassavam a Península. Donar falara, certa vez, em poderes que iam além do próprio mundo, com suas duas luas e seu sol. Uma vez por ano, os Andarilhos da Noite de Certando viam — ou eram forçados a ver — uma parte dessas verdades, sob um céu que não era o deles.

Elena sentiu um calafrio. Sabia que mais Andarilhos seriam convocados pela morte naquela noite, o que os deixaria em ainda menor número para o ano seguinte e para o que viria depois. Onde aquilo iria acabar, ela não sabia. Não fora educada naqueles assuntos. Tinha 22 anos, era mãe, viúva e filha de um carpinteiro das terras altas. Também fora uma criança nascida com o pelico dos Andarilhos da Noite em uma época em que eles perdiam todas as batalhas, ano após ano.

Também era conhecida por ter a melhor visão noturna entre eles, e, por isso, Mattio a tinha colocado na porta, vigiando a estrada em busca daquele que Donar dissera que viria.

Fora uma estação de seca; o fosso, como ele esperava, estava raso. Houve uma época, muito tempo antes, em que os senhores do Castelo de Barso tinham prazer em deixar o fosso repleto de criaturas assassinas. Baerd não esperava encontrá-las, não agora, depois de tanto tempo.

Ele atravessou, com água até os quadris, sob as estrelas e a luz fraca de Vidomni no céu. Estava frio, mas muitos anos já tinham passado desde que se sentira realmente incomodado pelo clima. Tampouco se perturbava por estar ao ar livre em uma Noite das Brasas. Na verdade, com o passar dos anos, aquilo tinha se tornado um ritual: saber que ao redor da Palma as pessoas observavam e marcavam os dias santos, esperando na escuridão silenciosa atrás de suas paredes, oferecia-lhe o profundo sentimento de solidão de que sua alma precisava. Ele era intensamente atraído pela sensação de andar por um mundo que mal respirava, agachado sob as estrelas na escuridão primordial, sem que nenhum fogo mortal respondesse ao céu, somente as chamas que porventura a Triade criasse para si com os relâmpagos caídos do céu.

Se havia fantasmas e espíritos acordados naquela noite, ele queria vê-los. Se os mortos de seu passado estivessem caminhando ali, queria implorar seu perdão.

Sua própria dor nascia de imagens que não o deixavam em paz. Imagens de serenidade desaparecida, de mármore pálido debaixo de um luar como aquele, de pórticos graciosos formados por harmonias que custariam a vida do estudioso que quisesse entendê-las; de vozes baixas, quase compreendidas por uma criança sonolenta no quarto ao lado e da gargalhada certa e confiante que se seguia; da luz do sol no quintal tão familiar e da mão firme e forte de um escultor em seu ombro. A mão de seu pai.

E então fogo e sangue e cinzas ao vento, deixando o sol do meio-dia vermelho.

Fumaça e morte, mármore marretado até se tornar apenas destroços, a cabeça do deus voando, batendo como uma pedra na terra queimada e sendo moída sem remorsos, até se tornar um pó fino como areia. Como a areia das praias em que andara na escuridão depois, naquele mesmo ano infinito e sem sentido, à beira do mar frio e insensível.

Aquelas eram as visitantes sombrias, as companheiras de suas noites, aquelas e outras, inúmeras, que o acompanhavam por quase dezenove anos. Ele carregava na bagagem, como uma carroça presa em seus ombros, como uma pedra em seu coração, imagens de seu povo — seu mundo destruído e seu nome aniquilado. Verdaderamente aniquilado: um som que, ano após ano, afastava-se cada vez mais das costas do mundo dos homens, como o mar recuando na hora cinzenta de um amanhecer de inverno. Como se fosse essa maré, mas diferente — afinal, marés voltam.

Apreendeu a viver com as imagens por não ter outra escolha, a menos que se render fosse uma escolha. Ou morrer. Ou se refugiar na loucura como sua mãe tinha feito. Ele se definiu por suas dores, conhecia-as como outros homens conheciam os contornos das próprias mãos.

Mas a única coisa que o fazia ficar acordado, banido definitivamente do sono ou de qualquer outro descanso, que o forçava a estar ao ar livre, não tinha a ver com aquelas coisas. Não era um vislumbre de uma grandiosidade passada, nem uma imagem de morte e perda. Ao contrário, era, acima de todas as coisas, a memória do amor entre as cinzas da ruína.

No escuro, não conseguia manter suas barreiras contra a memória de uma primavera e de um verão com Dianora, com sua irmã.

Assim, Baerd saía para as noites da Palma — duplamente enluaradas, com apenas uma lua ou escura, somente com as estrelas. Saía por entre as colinas cobertas de urze de Ferraut no verão, pelos vinhedos carregados de Astibar ou Senzio, no outono, por entre as encostas montanhosas

cobertas de neve em Treggea ou ali, numa Noite das Brásas no começo da primavera nas terras altas.

Ele andava na escuridão envolvente, sentia o cheiro da terra, sentia o solo, ouvia a voz do vento do inverno, saboreava frutas e água, ficava deitado sem se mover em uma árvore para observar os predadores noturnos caçando. E, muito raramente, em emboscada ou quando desafiado por mercenários, Baerd matava. Era um predador noturno por si só, incansável, que logo desaparecia. Um outro tipo de fantasma, já que uma parte dele morrera com aqueles que haviam sido derrotados no rio Deisa.

Por todos os cantos da Palma continental, exceto no seu, de onde partira havia muito tempo, tinha feito aquilo por anos a fio, sentindo o lento passar das estações, aprendendo o significado da noite em uma floresta e em um campo, na beira de um rio escuro ou nas serras montanhosas, indo para a frente, para trás e para os lados, tentando alcançar uma libertação que sempre lhe era negada.

Ele já estivera nas montanhas altas muitas vezes na Noite das Brásas daquela estação. Ele e Alessan conheciam Alienor de Barso havia muito tempo e tinham compartilhado muitas coisas com ela. Além disso, havia outra razão — ainda mais importante — para eles irem até as montanhas do sul a cada dois anos naquela mesma época. Ele pensou nas notícias do oeste. Em casa. Lembrou-se da expressão no rosto de Alessan ao ler a carta de Danoleon e seu coração se apertou. Deixaria, porém, aquilo para o dia seguinte; era um fardo de Alessan, mais do que seu, por mais que ele quisesse — como sempre queria — compartilhar ou aliviar aquele peso.

Aquela noite era dele e o chamava. Sozinho na escuridão, mas de mãos dadas com uma Dianora sonhada, ele se afastou do castelo. Antes, sempre se dirigia para o oeste e depois para o sul de Barso, fazendo um caminho tortuoso pelas colinas abaixo da Passagem de Braccio. Naquela noite, contudo, sem nenhuma razão conhecida por ele, seus passos o guiaram na outra direção, para sudeste. Eles o levaram pela estrada até o limite do vilarejo que ficava perto das muralhas do castelo. Ali, enquanto passava por uma casa com a porta aberta, Baerd viu uma mulher de cabelos claros ao luar, como se estivesse esperando por ele, e parou.

Sentado à mesa, resistindo mais uma vez à tentação de contar quantos eram, tentando fingir que tudo estava normal naquela noite de guerra, Mattio ouviu, do lado de fora, Elena chamar seu nome e depois o de Donar. Sua voz estava baixa, como sempre, mas seus sentidos estavam concentrados nela, como sempre haviam estado. Mesmo antes de o pobre Verzar morrer.

Olhou para o outro lado da mesa, para Donar, mas o Ancião já estava pegando suas muletas e se levantando para se balançar em sua única perna até a porta. Mattio o seguiu. Alguns dos outros observaram, nervosos e apreensivos. Ele forçou um sorriso tranquilizador. Carena percebeu toda essa movimentação e começou uma conversa reconfortante com aqueles que estavam mais visivelmente nervosos.

O próprio Mattio não estava muito tranquilo quando saiu com Donar e viu que alguém havia chegado. Um homem de cabelos escuros e barba bem-feita, de estatura mediana, estava parado diante de Elena, olhando para ela e para os outros dois, sem falar. Ele tinha uma espada pendurada em uma bainha nas costas, à maneira treggeana.

Mattio olhou para o Ancião, que mantinha o rosto impassível. Apesar de toda a sua experiência na guerra das Noites das Brásas e do dom de Donar, ele sentiu um calafrio.

Alguém deve vir, o líder havia anunciado na noite anterior. E agora realmente alguém aparecera ali, ao luar, na hora que antecedia a batalha. Mattio se virou para Elena; seus olhos não deixavam de fitar o estranho. Ela estava de pé, muito ereta, magra e imóvel, as mãos segurando os cotovelos, escondendo seu medo e sua surpresa o melhor que podia. Mas Mattio passara anos observando-a e podia ver que sua respiração estava rápida e curta. Ele a amou por estar ali, parada,

e por tentar esconder seu medo.

Olhou de relance para Donar de novo e deu um passo à frente, estendendo duas palmas abertas para o estranho.

— Seja bem-vindo — disse calmamente —, apesar de não ser uma boa noite para se andar por aí.

O outro acenou, concordando. Os pés, afastados, estavam firmes no chão. Ele parecia saber usar aquela espada.

— Tampouco, pelo que entendo das terras altas, é uma noite para ficar com as portas e janelas abertas — respondeu.

— E por que você acha que entende as terras altas? — disse Mattio, rápido demais. Elena ainda não desviara os olhos daquele homem. Tinha uma expressão estranha no rosto.

Movendo-se para mais perto dela, Mattio percebeu que já tinha visto aquele homem antes. Ele tinha vindo várias vezes ao castelo. Músico, pelo que ele se lembrava, ou algum tipo de comerciante. Um daqueles homens sem pátria que ficavam eternamente viajando pelas estradas da Palma. Seu coração, que havia se animado ao ver a espada, perdeu um pouco do entusiasmo.

O estranho não respondeu ao comentário mordaz. Parecia, pelo que a luz da lua revelava, pensar no assunto. Foi quando surpreendeu Mattio.

— Desculpe-me. Se invado um costume por causa da minha ignorância, peço desculpas. Tenho meus motivos para andar hoje à noite. Eu os deixarei em paz.

Ele realmente se virou com a intenção de partir.

— Não! — bradou Elena, com urgência.

Ao mesmo tempo, Donar tomou a palavra pela primeira vez.

— Não haverá paz esta noite — disse, naquela voz profunda na qual tanto confiavam. — E você não está invadindo. Está com alguém viria pela estrada. Elena estava esperando por você.

Ao ouvir isso, o estranho se virou. Seus olhos pareciam maiores no escuro, e algo novo, mais frio e calculista, brilhava neles.

— Viria para quê? — perguntou.

Houve um silêncio. Donar trocou as muletas e se balançou para a frente. Elena foi para o lado para deixá-lo ficar diante do estranho. Mattio olhou para ela, com o cabelo caindo sobre o ombro, quase branco ao luar. Ela não tirou os olhos do homem de cabelos escuros. Que encarava Donar fixamente.

— Viria para quê? — perguntou, novamente, ainda bastante calmo.

E, mesmo assim, Donar hesitou. Naquele momento, Mattio percebeu, chocado, que o moleiro, seu Ancião, estava com medo. Um aperto nauseante de apreensão cresceu nele, pois subitamente entendeu o que Donar estava prestes a fazer.

Então, ele o fez. Ele os revelou para alguém do norte.

— Nós somos os Andarilhos da Noite de Certo — disse, a voz firme e profunda. — E esta é a primeira Noite das Brásas da primavera. Esta é a nossa noite. Preciso perguntar: quando você nasceu, havia alguma marca? As parteiras que o ajudaram a nascer declararam algum sinal de benção?

Lentamente, Donar colocou a mão dentro da camisa, tirando o amuleto de couro que usava ao pescoço, aquele que guardava o pelico que o marcara no nascimento. Pelo canto dos olhos, Mattio viu Elena morder o lábio inferior. Ele olhou para o estranho, vendo-o absorver o que Donar dizia, e começou a calcular suas chances de matá-lo, caso fosse necessário.

Dessa vez, o silêncio foi ainda maior. Os sons abafados da casa atrás deles pareciam muito altos. Os olhos do homem de cabelos escuros estavam arregalados e sua cabeça muito erguida. Mattio podia ver que ele ponderava sobre o que estava por trás do que havia sido revelado.

Ainda sem falar, o estranho levou uma das mãos ao pescoço e puxou de dentro da camisa, para que os outros três pudessem ver à luz da lua e das estrelas, o pequeno amuleto de couro que ele também usava.

Mattio ouviu um som baixo, um suspiro de alívio, e só percebeu depois que havia sido dele.

— “A Terra seja louvada... — murmurou Elena, sem conseguir se conter. Seus olhos estavam fechados.

— “A Terra e tudo o que dela nasce e depois retorna... — completou Donar. Sua voz, surpreendentemente, estava trêmula.

Deixaram que Mattio finalizasse.

— “Retorna para nascer mais uma vez, no ciclo que não tem fim” — disse, olhando para o estranho, para o amuleto que usava, quase igual ao seu, ao de Elena, ao de Donar, ao de todos eles.

Foi com as palavras de invocação ditas em sequência pelos três que Baerd finalmente entendeu com o que havia encontrado.

Duzentos anos antes, em uma época de pestes que pareciam não ter fim, de colheitas ruins, de sangue e violência, a heresia Carlozzini havia se enraizado ali no sul. E das terras altas começou a se espalhar pela Palma, ganhando força e adeptos com velocidade assustadora. E foi contra o principal ensinamento de Carlozzi — de que a Tríade era composta de deuses mais jovens, obedientes e submetidos a poderes mais antigos e sombrios — que o clero da Palma concentrou seus esforços, de forma conjunta e determinada.

Encarando uma unidade tão rara quanto absoluta entre o clero e aqueles que haviam sido apanhados no pânico de uma década de peste e fome, os duques e grão-duques, e até mesmo Valcanti, Príncipe de Tigana, se viram sem escolha. Os Carlozzini foram caçados, julgados e executados por toda a Península, de acordo com o método das execuções em cada província naquela época.

Uma época de violência e sangue, duzentos anos antes.

E naquele momento ele estava ali parado, mostrando o amuleto que guardava o pelico do seu nascimento, falando com três pessoas que acabaram de admitir serem Carlozzini.

E mais. *Andarilhos da Noite*, dissera o Ancião. A vanguarda; o exército secreto da seita. Escolhidos de forma desconhecida por todos. Mas agora ele sabia; tinham lhe mostrado. Ocorreu-lhe que ele poderia estar em perigo por ter recebido aquele conhecimento — e, realmente, o homem maior, de barba, parecia estar se contendo, como se preparado para a violência.

No entanto, a mulher que estivera de vigia estava chorando. Ela era muito bonita, mas não como Alienor, de quem cada movimento, cada palavra indicava uma corrente oculta e fêlida de perigo. Aquela mulher era jovem demais, tímida demais; ele não podia acreditar que fosse uma ameaça. Não chorosa como estava. E os três tinham dito palavras de agradecimento, de louvor. Seus instintos estavam alertas, porém não em relação a um perigo imediato. Deliberadamente, Baerd forçou seus músculos a relaxar.

— O que vocês têm a me dizer, então?

Elena limpou as lágrimas do rosto e olhou de novo para o estranho, absorvendo sua solidez tranquila e nítida, sua *realidade*, o fato tão improvável de ele estar ali. Engoliu com dificuldade, sentindo seu coração acelerado, tentando superar o momento em que aquele homem emergira da noite e das sombras para ficar à sua frente. E então deu-se um longo intervalo em que se encararam à luz do luar, antes de ela erguer, instintivamente, a mão para tocá-lo, para ter certeza de que ele era real. Só depois chamara Mattio e Donar. Algo estranho estava acontecendo com ela. Esforçou-se para se concentrar no que Donar dizia.

— O que eu disse agora lhe dá poder de vida e morte sobre muitas pessoas — disse, em voz baixa. — Pois os sacerdotes ainda nos querem destruídos e o Tirano de Astibar obedecerá ao clero nesses assuntos. Acho que você sabe disso.

— Eu sei — o homem de cabelos escuros confirmou, igualmente baixo. — Você me contará por que está confiando em mim?

— Porque esta é uma noite de batalha — Donar disse. — Nesta noite, eu irei liderar os Andarilhos da Noite na guerra. Ontem, quando anoiteceu, eu adormeci e sonhei com a vinda de um estranho até nós. Aprendi a respeitar meus sonhos, apesar de não saber quando eles vão surgir.

Elena viu o estranho acenar, calmo, imperturbável, aceitando aquilo tão facilmente quanto tinha aceitado a presença dela na estrada. Viu que os braços dele eram musculosos por baixo da camisa e que se portava como um homem que já tinha visto muita violência na vida. Em seu rosto havia algo de triste, mas estava escuro demais para dizer com certeza, e ela se repreendeu por deixar sua imaginação correr solta em uma hora daquelas.

Por outro lado, ele estava perambulando sozinho numa Noite das Brasas. Ela tinha certeza que homens sem suas próprias dores jamais fariam algo assim. Perguntou-se de onde ele seria. Tinha medo de perguntar.

— Então, você é o líder desta companhia? — disse Baerd para Donar.

— Ele é — Mattio interrompeu, seco. — E seria melhor que você não comentasse sobre sua enfermidade.

Pelo tom desafiador, estava claro que ele interpretara mal a pergunta. Elena sabia o quão protetor ele era em relação a Donar, era uma das coisas que ela mais respeitava nele. Mas aquele era um momento grande demais, importante demais, para mal-entendidos como aquele. Virou-se para ele, sacudindo a cabeça energicamente.

— Mattio! — começou ela, mas Donar já tinha colocado uma das mãos no braço do ferreiro e, naquele momento, o estranho sorriu pela primeira vez.

— Você se defendeu de uma ofensa que não existiu — disse. — Já vi outros, com ferimentos tão ruins ou piores, que lideraram exércitos e governaram homens. Eu apenas quero saber onde estou pisando. Está mais escuro para mim do que para vocês.

Mattio abriu a boca, mas fechou-a em seguida. Fez um pequeno gesto desajeitado, como que pedindo desculpas com os ombros e as mãos. Foi Donar quem respondeu.

— Sim, sou o Ancião dos Andarilhos. E também sou, com a ajuda de Mattio, o líder em batalha. Mas você precisa saber que a guerra que iremos travar hoje à noite não é como as que talvez você conheça. Quando sairmos novamente dessa casa, será sob um céu completamente diferente do que nos cobre agora. E sob esse céu, no mundo estranho de fantasmas e sombras, poucos de nós terão a mesma aparência que temos aqui.

O homem de cabelos escuros se mexeu, desconfortável, pela primeira vez. Olhou para baixo, quase relutante, para as mãos de Donar. Ele sorriu e ergueu sua mão esquerda, os cinco dedos bem abertos.

— Não sou um mago — disse, baixinho. — Existe magia aqui, sim, mas nós pisamos nela e somos marcados por ela, não a moldamos. Isto não é feitiçaria.

O estranho assentiu devagar e depois disse, com cortesia cuidada:

— Consigo ver. Não entendo bem, só posso achar que você está me contando isso por algum motivo. Você gostaria de dizer qual é?

— Gostaríamos de pedir a sua ajuda em nossa batalha hoje à noite — disse Donar, finalmente.

No silêncio que se seguiu, Mattio falou e Elena percebeu quanto custou ao seu orgulho dizer isso.

— Nós precisamos. Precisamos muito.

— Contra quem lutaremos? — perguntou Baerd.

— Nós os chamamos de Outros — respondeu ela, já que nem Mattio nem Donar falaram. — Eles vêm até nós, ano após ano, geração após geração.

— Eles vêm para arruinar os campos e amaldiçoar as sementes e as colheitas — explicou Donar. — Por duzentos anos, os Andarilhos da Noite de Certando os combatem nesta Noite das Brasas, e por todo esse tempo conseguimos contê-los quando nos atacavam, vindos do oeste.

— Mas por quase vinte anos tem sido cada vez pior para nós. E nas últimas três Noites das Brasas, fomos derrotados. Muitos de nós morreram. E as secas em Certando têm piorado, você deve saber. Deve saber também sobre as pestes daqui. Elas têm...

Mas o estranho levantou a mão de repente, um gesto brusco e inesperado.

— Há quase vinte anos? E vindos do oeste? — disse, asperamente. Deu um passo para perto e virou-se para Donar. — Os tiranos chegaram há quase vinte anos. E Brandin de Ygrath chegou pelo oeste.

O olhar de Donar estava firme enquanto ele se apoiava nas muletas, observando o outro homem.

— É verdade — disse — e é um pensamento que já ocorreu a alguns de nós, mas eu não acho que seja importante. Nossas batalhas anuais nesta mesma noite vão muito além das preocupações diárias sobre quem governa a Palma em uma geração, como governam e de onde vieram.

— Mesmo assim... — o estranho começou.

— Mesmo assim — Donar balançou a cabeça — existem mistérios nisso que vão além do meu poder de compreensão. Se você consegue ver um padrão, e eu não consigo... quem sou eu para questionar ou negar o que pode ser verdade?

Ele colocou a mão no pescoço, tocando o amuleto de couro.

— Você carrega a marca que nós usamos, e eu sonhei com a sua presença aqui hoje. Apesar disso, não temos nenhum poder sobre você, nenhum mesmo, e devo lhe dizer que a morte estará nos esperando nos campos quando os Outros vierem. Também posso lhe dizer que nossa necessidade vai além destes campos, além de Certando e acho mesmo que vai além da Península da Palma. Você lutará conosco hoje à noite?

O estranho ficou em silêncio por muito tempo. Ele se virou e olhou para além deles, para a lua fina e as estrelas, mas Elena sentiu que sua verdadeira visão voltava-se para dentro; ele não estava olhando para as luzes.

— Por favor? — ela se ouviu dizendo. — Você lutará, por favor?

Ele não deu sinal de sequer tê-la ouvido. Quando se virou, foi para olhar novamente para Donar.

— Entendo muito pouco sobre isso. Tenho minhas próprias batalhas para lutar e pessoas a quem jurei lealdade, mas não vejo o mal nem mentira em vocês e quero ver por mim mesmo as formas que esses Outros podem tomar. Se você sonhou com a minha vinda aqui, vou me deixar ser guiado pelo seu sonho.

Quando seus olhos começavam a ficar cheios de lágrimas novamente, Elena viu-o virando-se para ela.

— Sim, vou lutar — disse ele, no mesmo tom e sem sorrir, seus olhos escuros sérios. — Vou lutar com vocês hoje à noite. Meu nome é Baerd.

E então parecia que ele a tinha escutado, no fim das contas.

Elena controlou as lágrimas, ficando o mais séria que conseguiu. Mas um tumulto, um caos terrível, crescia dentro dela e, no meio desse caos, parecia que Elena ouvia um som, como uma única nota tocada em seu coração. Atrás de Donar, Mattio dizia alguma coisa. No entanto, ela não estava escutando. Ela olhava para o estranho e percebia, quando seus olhares se encontravam, que estava

certa antes, que seus instintos não haviam se enganado. Havia uma tristeza tão profunda nele que não podia deixar de ser notada por qualquer homem ou mulher com olhos para ver, mesmo na noite e nas sombras.

Ela desviou o olhar e fechou os olhos com força por um momento, tentando manter um pouco de seu coração para si mesma, antes que ele fosse todo à procura da magia e da estranheza daquela noite. *Oh, Verzar*, ela pensou, *Oh, meu amor perdido*. Abriu os olhos e respirou com cuidado.

— Eu sou Elena — disse ela. — Quer entrar e conhecer os outros?

— Sim — acrescentou Mattio, mal-humorado. — Venha conosco, Baerd. Seja bem-vindo à minha casa.

Dessa vez ela ouviu a mágoa que veio em sua voz, mesmo que ele tentasse disfarçar. Elena se encolheu por dentro diante disso, odiando-se por lhe causar tristeza, pois gostava dele, de sua força e generosidade. Mas aquela era uma Noite das Brasas, e os caminhos do coração não podiam ser controlados, mesmo à luz do dia.

Além disso, enquanto os quatro se voltavam para entrar, ela já carregava uma grande dúvida. Duvidava que fosse encontrar alguma felicidade naquilo que tinha acabado de acontecer. Que alguma felicidade pudesse vir daquele estranho saído da escuridão em resposta ou chamado pelo sonho de Donar.

Baerd olhou para a caneca que a mulher chamada Carena acabara de colocar em suas mãos. Era de barro, áspera ao toque, lascada na beirada, sem pintura, da cor da terra vermelha.

Seus olhos se desviaram de Carena para Donar, o velho aleijado — o Ancião, como era chamado —, para o barbadão e para a outra mulher, Elena. O rosto dela se iluminava quando olhava para ele, mesmo nas sombras daquela casa, e ele desviava o olhar como se aquilo fosse algo — talvez a única coisa — com que ele não conseguisse lidar. Não naquele momento, talvez nunca em sua vida. Ele voltou seu olhar para o grupo reunido ali. Dezessete. Nove homens, oito mulheres, todos segurando suas canecas, esperando por ele. Se reuniriam a outros no ponto de encontro, Mattio dissera. Quantos mais, não sabiam dizer.

Ele estava sendo descuidado, sabia disso. Sendo levado pelo poder de uma Noite das Brasas, pela verdade inegável do sonho de Donar, pelo fato de estarem esperando por ele. E, se fosse honesto consigo mesmo, também pelo olhar de Elena quando ele apareceu diante dela. Isso era tentar o destino arriscadamente, algo que ele quase nunca fazia.

Mas estava fazendo agora — ou prestes a fazer. Pensou em Alessan e em todas as vezes em que repreendeu ou impediu o Príncipe, seu irmão de alma, de deixar a sua paixão pela música levá-lo por um caminho perigoso. O que Alessan diria agora, ou Catriana e sua língua veloz? Ou Devin? Não, Devin não diria nada; ele iria observar, com sua forma cuidadosa e focada de prestar atenção e tiraria suas próprias conclusões em seu próprio tempo. Sandre diria que ele era um tolo.

E talvez fosse mesmo. Contudo, algo muito profundo dentro de si tinha respondido às palavras que Donar proferira. Ele usara o pelico de seu nascimento dentro do amuleto de couro por toda a vida, uma superstição pequena e trivial. Uma proteção contra afogamento, segundo lhe disseram quando era criança. No entanto, era mais que isso, e a caneca que segurava em suas mãos marcava a sua aceitação.

Quase vinte anos, Mattio dissera.

Os Outros do oeste, Donar dissera.

Podia ser algo pequeno ou de grande importância. Podia não ser nada, ou podia ser tudo.

Olhou para a mulher, Elena, e esvaziou a caneca de uma vez.

Era amargo, mortalmente amargo. Por um momento irracional e cheio de pânico, temeu ser

seu fim, envenenado, um sacrifício de sangue em algum desconhecido ritual de primavera dos Carlozzini.

Então viu a careta que Carena fez enquanto bebia de sua própria caneca, viu Mattio se encolher com um arrepio com o gosto da sua, e o pânico passou.

A longa mesa havia sido retirada, levantada de seus cavaletes. Catres foram espalhados pela sala para que se deitassem. Elena se aproximou e acenou, e seria muito rude recusar. Caminhou com ela até uma das paredes e aceitou o catre que ela ofereceu. Ela se sentou, em silêncio, no catre ao lado do seu.

Baerd pensou em sua irmã, naquela imagem tão clara de andar de mãos dadas com Dianora por uma estrada escura e silenciosa, apenas os dois ao ar livre em todo o mundo.

Donar, o moleiro, balançou-se até o catre do outro lado de Baerd. Ele apoiou suas muletas na parede e se abaixou até o colchão.

— Deixe sua espada aqui — disse. Baerd levantou as sobrelhas. Donar sorriu, uma expressão solene, sem alegria. — Será inútil aonde estamos indo. Encontraremos nossas armas nos campos.

Baerd hesitou por mais um momento e, então, reconhecendo que estava sendo ainda mais descuidado, de uma loucura mística que ele não podia explicar, passou a bainha traseira por cima da cabeça e a deixou na parede, ao lado das muletas de Donar.

— Feche os olhos — ouviu Elena dizer ao seu lado, parecendo estranhamente longe. — É mais fácil assim. Vai parecer que está adormecendo, mas não estará. Que a terra nos dê sua benção e o céu, a sua luz.

Foi a última coisa que ouviu.

Não era sonho. O que quer que fosse, não estava dormindo, pois nenhum sonho poderia ser tão vívido, nenhum vento sonhado seria tão cortante em seu rosto.

Ele estava em um campo aberto, largo, vazio e escuro, com o cheiro da terra primaveril, e não se lembrava de como chegara até ali. Muitas pessoas estavam no campo com ele — duzentas, talvez, ou mais — e ele não se lembrava delas. Deveriam ter vindo de outras aldeias nas terras altas, de reuniões em casas como a de Mattio.

A luz era estranha e ele olhou para cima.

E Baerd viu que a lua no céu era redonda, grande e cheia. Era verde como o primeiro verde da primavera. Brilhava com uma luz verde e dourada entre estrelas de constelações que ele nunca vira. Ele rodou em torno de si mesmo, tonto, desorientado, seu coração batendo com força, procurando um padrão conhecido no céu. Olhou para o sul, onde as montanhas deveriam estar, mas até onde seus olhos conseguiram enxergar na luz esverdeada, só via campos planos se espalhando, alguns vazios, outros prontos para a colheita de grãos de verão em uma estação que só podia ser a primavera. Nenhuma montanha. Sem picos cobertos de neve, sem a Passagem de Braccio e Quileia mais além. Virou-se novamente. Nada do Castelo de Barso ao norte ou a leste. Ou oeste?

Oeste. Com um pressentimento repentino, olhou naquela direção. Colinas baixas subiam e desciam numa progressão que parecia infinita. E Baerd viu que as colinas estavam sem árvores ou grama, despidas de flores, arbustos e espinheiros, áridas, sombrias e desoladas.

— Sim, olhe para lá — a voz grave de Donar disse, vinda de trás dele — e entenda por que estamos aqui. Se perdermos hoje, o campo em que estamos ficará tão devastado quanto aqueles quando voltarmos no ano que vem. Perdemos as batalhas dessas colinas nos últimos anos. Estamos lutando na planície agora e, se isso continuar, em uma Noite das Brasas cada vez mais próxima, nossos filhos, ou os filhos deles, estarão aqui, com as costas para o mar, e perderão a última batalha

dessa guerra.

— E? — os olhos de Baerd ainda estavam no oeste, nas ruínas acinzentadas e rochosas das colinas.

— E as colheitas serão ruins. Não apenas em Certando. E pessoas morrerão, de fome ou de peste.

— Por toda a Palma? — Ele não conseguia tirar os olhos da devastação à sua frente. Teve uma visão de um mundo igual àquele. Estremeceu. Era doentio.

— A Palma e além, Baerd. Não se engane, não é uma luta local, uma batalha por uma pequena península. Por todo esse mundo, e talvez além, pois dizem que o nosso não é o único mundo espalhado pelos Poderes entre o tempo e as estrelas.

— Carlozzi ensinou isso?

— Carlozzi ensinou isso. Se eu entendo seus ensinamentos corretamente, nossos problemas aqui estão ligados a perigos ainda maiores em outros lugares, em mundos que nunca vimos nem iremos ver, exceto, talvez, em sonhos.

Baerd balançou a cabeça, ainda encarando as ruínas a oeste.

— Isso é abstrato demais para mim. Complicado demais. Eu sou um pedreiro, às vezes um mercador, que aprendeu a lutar, mesmo contra a minha vontade e talento, ao longo de muitos anos. Vivo em uma península controlada por inimigos de além-mar. Esse é o nível de maldade que consigo entender.

Então, ele se virou de costas para as colinas e olhou para Donar. E, apesar do aviso que lhe deram, seus olhos se arregalaram em surpresa. O moleiro estava de pé sobre duas pernas inteiras, seu cabelo cinzento e ralo tornara-se tão espesso e escuro quanto o de Baerd, seus ombros estavam retos e a cabeça, erguida; um homem em seu auge.

Uma mulher veio até eles, e Baerd reconheceu Elena, que não havia mudado. Ela parecia mais velha, menos frágil; o cabelo mais curto, ainda louro, quase branco, apesar da estranheza da luz. Viu que os olhos dela eram de um azul muito profundo.

— Seus olhos eram dessa cor uma hora atrás? — perguntou.

Ela sorriu, satisfeita e tímida.

— Foi há mais de uma hora. E não sei exatamente como estou este ano. Para mim, muda um pouco a cada ano. De que cor eles estão agora?

— Azuis. Extremamente azuis.

— Bem, então sim, eles sempre foram azuis. Talvez não *extremamente* azuis... — O sorriso dela aumentou. — Devo lhe contar qual é a sua aparência?

Havia uma incongruência, uma leveza em sua voz. Até Donar tinha uma expressão divertida brincando em seus lábios.

— Conte.

— Você parece um menino — disse ela, com uma gargalhada curta. — Um menino de 14 ou 15 anos, sem barba, muito magro e com um maço de cabelo castanho que eu adoraria cortar se tivesse chance.

Baerd sentiu seu coração martelar no peito. Parecia ter parado por um momento antes de voltar, arduamente, a bater. Ele se virou, afastando-se bruscamente dos outros, olhando para suas mãos. Elas pareciam diferentes. Mais macias, sem tantas linhas. E uma cicatriz feita por uma faca em Trega cinco anos antes não estava mais ali. Fechou os olhos, sentindo-se subitamente fraco.

— Baerd? — disse Elena atrás dele, preocupada. — Desculpe. Eu não queria...

Ele balançou a cabeça. Tentou falar, mas descobriu que não conseguia. Queria tranquilizá-la, a ela e a Donar, de que estava bem, mas ele sentiu, sem acreditar, que estava chorando, pela primeira vez em quase vinte anos.

A primeira vez desde o ano em que ele era um menino de 14 anos proibido de ir para guerra por ordens de seu Príncipe e de seu pai. Proibido de lutar e morrer com eles às margens do rio Deisa, onde tudo que brilhava tinha terminado.

— Calma, Baerd — ouviu Donar dizer, grave e gentil. — Calma. Aqui é sempre estranho.

Mãos femininas tocaram brevemente seus ombros para então rodeá-lo por trás e fecharem-se em seu peito. A bochecha dela descansou em suas costas e ela o abraçou assim, forte, generosa, reconfortante, ao mesmo tempo que ele levava as mãos ao rosto para cobri-lo enquanto chorava.

Acima deles, na Noite das Brasas, a lua cheia estava verde e dourada, e, ao redor deles, os campos estranhos estavam vazios. Havia sido semeados recentemente, estavam cheios de grãos maduros esperando a hora de serem plantados ou ainda completamente desolados, nus e perdidos, no oeste.

— Eles estão vindo — alguém falou, vindo na direção deles. — Vejam. É melhor pegar nossas armas.

Ele reconheceu a voz de Mattio. Elena o soltou e deu um passo para trás. Baerd limpou os olhos e se virou para o oeste de novo.

E ele então percebeu que a guerra da Brasa estava lhe dando outra chance. Uma chance de corrigir o que tinha dado tão errado no mundo, no verão em que ele tinha 14 anos.

Sobre as colinas a oeste, ainda distantes, mas sobrenaturalmente distintos na luz sobrenatural, os Outros estavam vindo: *e eles estavam vestidos, todos eles, com os uniformes de Ygrath.*

— Oh, Morian! — sussurrou ele, respirando fundo.

— O que você vê? — perguntou Mattio.

Baerd se virou. O homem estava mais magro e sua barba negra cortada de forma diferente, mas era praticamente o mesmo.

— Ygratheanos — disse ele, cada vez mais impressionado. — Soldados do Rei de Ygrath. Vocês podem nunca tê-los visto, estando tão a leste, mas é exatamente isso que os seus Outros são.

Mattio ficou pensativo de repente. Balançou a cabeça, mas foi Donar quem falou.

— Não se deixe enganar, Baerd. Lembre-se de onde estamos, do que eu disse. Você não está na nossa península, esta não é uma batalha diurna contra seus invasores de além-mar.

— Eu os *vejo*, Donar. Eu sei o que eu vejo.

— E eu devo lhe dizer que o que vejo são formas horrendas em cinza, nuas e sem pelos, dançando e copulando umas com as outras, enquanto deboçam de nós por estarem em maioria.

— E, para mim, os Outros estão diferentes de novo — disse Mattio seco, quase com raiva. — São grandes, maiores que homens, com pelos nas costas que terminam em um rabo como os gatos selvagens. Andam sobre duas pernas, mas têm garras nas mãos e dentes afiados nas bocas.

Baerd se voltou novamente, o coração martelando no peito, olhando para oeste na fantasmagórica luz verde de onde quer que estivessem. E mesmo assim, à distância, vindo em avalanche pelas colinas, ele via soldados armados com espadas, lanças e as adagas onduladas de Ygrath.

Virou-se para Elena, um pouco desesperado.

— Não gosto de falar sobre o que vejo — sussurrou ela, abaixando os olhos. — Eles me assustam demais. São as criaturas dos meus temores de infância. Mas não são o que você está vendo, Baerd. Acredite em mim. Acredite em nós. Você pode ver os Outros na forma daqueles que seu coração odeia, mas esta não é uma das batalhas de seu mundo diurno.

Ele sacudiu a cabeça numa negativa feroz. Havia algo profundo surgindo em seu espírito; o sangue corria em suas veias. Os Outros estavam mais próximos, centenas deles saindo das colinas.

— Eu sempre estou lutando a mesma batalha — respondeu a ela e aos dois homens. — Por toda a minha vida. Onde quer que eu esteja. E eu sei o que vejo aqui. Posso dizer a vocês que tenho 15

anos, não 14, ou não estaria aqui. Não teriam deixado.

Um pensamento súbito lhe ocorreu.

— Digam: tem um rio a oeste de onde estamos, um rio mais para baixo de onde eles estão vindo agora?

— Tem — disse Donar. — Você quer lutar ali?

Uma alegria feroz e vermelha corria através de Baerd, selvagem e incontrolável.

— Quero — respondeu. — Como quero! Mattio, onde podemos pegar nossas armas?

— Ali. — Mattio apontou na direção sudeste, para um pequeno campo próximo, onde milharais cresciam altos, desafiando a estação em que deveriam estar. — Venha. Logo eles estarão no seu rio.

Baerd não falou. Seguiu Mattio. Elena e Donar foram com eles. Outros homens e mulheres já estavam naquele campo, e Baerd viu que colhiam os caules de milho para serem suas armas durante a noite. Era absurdo, incrível, mas ele começava a ver como funcionava aquele lugar, a entender a magia que estava agindo ali, e um canto de sua mente, que trabalha fora e ao redor da lógica severa do dia, entendeu que o grão amarelo tão ameaçado era a única arma possível naquela noite. Eles iriam lutar pelos campos com o grão nas mãos.

Elena entrou com os outros naquele milharal, tomando cuidado onde andava e se abaixou para pegar um caule para si, que se soltou facilmente, como se quisesse ir para a sua mão naquela noite esverdeada. Foi até um campo vazio e sentiu o balanço do caule na mão, golpeando com cuidado. Percebeu que a planta tinha endurecido como metal forjado. Cortava o ar com um assobio agudo. Testou o fio com um dedo, o que lhe tirou sangue. O caule havia ficado tão afiado e confortável quanto qualquer espada que tivesse usado. Além disso, tinha tantos lados quanto as famosas lâminas de Quileia, de séculos atrás.

Olhou para o oeste. Os ygratheanos estavam descendo a colina mais próxima. Ele podia ver o brilho de suas armas ao luar. *Isso não é um sonho*, disse para si mesmo. Não era um sonho.

Donar estava ao seu lado, sério e impassível. Mattio estava mais à frente, com a expressão de desafio intenso em seu rosto. Homens e mulheres estavam se reunindo atrás deles, por todos os lados, e todos tinham espadas de milho em suas mãos, todos com a mesma expressão: sérios, decididos e destemidos.

— Vamos lá? — disse Donar, voltando-se para encará-los. — Vamos combatê-los pelos campos e por nosso povo? Vocês irão comigo agora para a guerra da Brasa?

— Para os campos! — os Andarilhos da Noite gritaram e levantaram suas espadas vivas na direção do céu.

Baerd di Tigana bar Saevar gritou apenas em seu coração, e não em voz alta, mas avançou com todos eles, o pé de milho como uma lâmina longa em sua mão, para lutar sob a pálida lua esverdeada daquele lugar encantado.

Quando os Outros caíam, escamosos e cinzentos, cegos e cobertos de vermes, nunca havia sangue. Elena sabia o motivo, pois Donar explicara anos antes: sangue significaria vida, e seus rivais naquela noite eram os inimigos, o oposto de qualquer tipo de vida. Quando eles caíam pelos golpes das espadas de milho, nada fluía deles, nada escorria pela terra.

Havia tantos. Sempre havia muitos, rodopiando como em uma massa de lesmas, saíam das colinas e se espalhavam como um enxame em direção ao riacho onde Donar, Mattio e Baerd tinham ido para enfrentá-los.

Elena se preparou para lutar no meio do caos barulhento, confuso e em tons de verde. Estava com medo, mas ela sabia que podia lidar com aquilo. Lembrava-se do quão mortalmente

apavorada estivera em sua primeira guerra da Brasa, pensando em como ela — que mal podia levantar uma espada no mundo diurno — poderia combater as criaturas horrendas como pesadelos que via.

Donar e Verzar acalmaram seus medos: ali, naquela noite verde e mágica, era a alma e o espírito que importavam, ali era a coragem e o desejo que moldavam e conduziam os corpos em que estavam. Elena sentia-se muito mais forte nas Noites das Bragas, muito mais ágil e rápida. Isso também a assustara na primeira vez e mesmo depois: sob aquela lua verde, ela era alguém que podia matar. Nenhum deles era exatamente o mesmo que era sob o sol ou sob as duas luas de seu lar. O corpo de Donar naquela noite de luta refletia uma imagem perdida do que ele havia sido, mais distante a cada ano.

Assim como Baerd claramente também refletia uma imagem distante — mais do que teriam imaginado ou esperado. Quinze anos, ele dissera. Não 14, ou não teriam permitido. Ela não entendeu aquilo, mas não tinha tempo para juntar as peças. Não naquele momento. Os Outros estavam no riacho e agora tentavam escalar as margens usando as formas horríveis que sua mente lhes dera.

Ela se desviou de um golpe de machado de uma criatura que pingava água enquanto subia a margem; ao mesmo tempo, ela trincou os dentes e golpeou para baixo com uma letalidade instintiva que jamais teria reconhecido como sua. Sentiu sua lâmina, sua espada viva, esmagando com força a armadura escamosa e se enterrando no corpo infestado de vermes de seu inimigo.

Libertou sua arma com esforço, odiando o que havia feito, mas odiando os Outros ainda mais, infinitamente mais. Virou-se, bloqueando outro golpe por pouco, e recuou um passo enquanto dois novos agressores — as mandíbulas abertas — surgiam à sua direita. Levantou sua espada numa tentativa desesperada de se proteger.

De repente, apenas um dos Outros estava à sua frente. E então, nem esse mais.

Ela abaixou a lâmina e olhou para Baerd — o estranho da estrada —, ele que era a promessa da noite. Ele sorriu sombriamente, os lábios apertados, em pé sobre os corpos dos Outros que havia acabado de matar. Ele sorria. Salvara sua vida, mas não disse nada a ela. Virou-se e foi em direção à margem do rio. Ela o observou ir, viu seu corpo de garoto marchar para o meio da batalha e não tinha certeza se sentia esperança por sua perícia mortal ou se lamentava a expressão que vira em olhos tão jovens.

Novamente, não tinha tempo para pensar nisso. O rio fervia e borbulhava com a agitação dos Outros enquanto eles atravessavam. Gritos de dor, de raiva e de fúria cortavam a noite verde como lâminas sonoras. Ela viu Donar na margem sul, balançando sua espada com as duas mãos, rodando-a em círculos. Viu Mattio ao seu lado, cortando e golpeando, os pés firmes em meio aos corpos caídos, absoluto em sua coragem. Ao seu redor, os Andarilhos da Noite se lançavam no caldeirão de sua guerra.

Viu uma mulher cair, seguida por outra, derrubadas e cortadas pelas criaturas do oeste. Ela mesma gritou, de fúria e repulsa, e voltou para a beira do rio, para onde Carena estava, sua espada golpeando à sua frente, seu sangue — que era vida e promessa de vida — queimando com a necessidade de mandá-los de volta. Naquela noite, e no ano seguinte, e no outro, e no outro, em cada uma das Noites da Brasa, para que o plantio da primavera pudesse frutificar, para que a terra pudesse dar frutos no outono. Naquele ano e no seguinte e no que viria depois.

Em meio àquele caos de som e movimento, Elena olhou para cima. Chegou à posição da lua que ainda subia e, então — não conseguiu impedir —, olhou para a colina devastada mais próxima, do outro lado do rio; a preocupação apertando o peito. Não havia ninguém ali. Ainda.

Mas haveria. Ela tinha quase certeza de que haveria. E então? Ela se afastou daquilo. O que fosse acontecer, aconteceria. Ao seu redor, havia a guerra, ali e naquele momento, e o terror era mais do que suficiente nos Outros reunidos à sua frente, surgindo dos dois lados do rio.

Desviou seus pensamentos da colina e avançou com força, sentindo a lâmina atingir um ombro escamoso. Ouvia o Outro produzir um ruído molhado, gorgolejante. Puxou a espada e virou para a esquerda a tempo de bloquear um golpe lateral, lutando para manter os pés no lugar. A mão livre de Carena a abraçou por trás. Apesar de não ter tempo de olhar, sabia quem era.

Era selvageria sob as estrelas desconhecidas, sob a luz verde daquela lua, frenesi e caos. Havia gritos e berros por todo lado, e as margens do rio eram lamacentas, escorregadias e traiçoeiras. Os Outros que atacavam Elena estavam molhados e eram cinzentos, escurecidos pelos seus parasitas e por suas feridas abertas. Ela trincou os dentes e lutou, deixando a agilidade de seu corpo da Noite das Brasas ser guiada por sua alma, o caule que era sua espada dançando com a vida que parecia vir tanto dele quanto dela. Estava coberta de lama e água. Tinha certeza de que havia sangue, mas não tinha tempo de verificar, não dava tempo de fazer nada além de se defender, golpear e cortar; lutar para se manter em pé nos barrancos perto do rio. Uma queda seria fatal.

Sentira, em lampejos súbitos e aleatórios, Donar e Carena ao seu lado por um tempo. Depois, ela o viu se afastar com alguns dos outros Andarilhos para interromper uma movimentação no sul. Baerd veio até sua esquerda em algum momento, protegendo seu lado aberto, mas quando olhou — a lua alta — ele já tinha partido.

Então viu para onde ele havia ido. Estava no rio, sem esperar que os Outros viessem até ele. Estava atacando-os na água, gritando palavras incoerentes que ela não conseguia entender. Ele era magro, jovem, bonito e letal. Ela viu os corpos dos Outros empilhando-se aos seus pés, como lodo cinzento interrompendo o curso da água. Sabia que ele os enxergava de forma diferente. Ele contara o que vira; soldados de Ygrath, de Brandin, o Tirano do oeste.

Sua lâmina era quase um borrão de tão rápida. Com água até os joelhos, ele estava firme como uma árvore, e eles não conseguiam fazê-lo recuar nem sobreviver a seus golpes. Os Outros estavam se afastando dele, lutando para retroceder, tentando passar pelo meio de seus mortos para conseguir avançar pelo riacho. Ele os rechaçava, lutando sozinho na água — o luar estranho em seu rosto e no caule vivo que era a sua espada. E ele era um menino de 15 anos. Apenas isso. O coração de Elena se condoeu por ele, mesmo enquanto combatia um cansaço avassalador.

Forçou-se a manter sua posição, ao norte de Baerd, mais acima no barranco lamacento. Carena estava mais ao sul no rio, lutando ao lado de Donar. Dois homens e uma mulher de outra aldeia apareceram ao lado de Elena e, juntos, os quatro lutaram por seu trecho de chão escorregadio, tentando se mover em unísono, como uma só mente.

Eles não eram guerreiros, não haviam sido treinados para a luta. Eram fazendeiros e mulheres de fazendeiros, moleiros, ferreiros, tecelões, pedreiros e serventes, pastores de cabras das colinas de Braccio. Cada um deles, porém, nascera empelicado nas terras altas e destinado, na infância, aos ensinamentos de Carlozzi para a Guerra da Brasa. Sob a lua verde — que passara de seu auge e estava se pondo —, a paixão em suas almas ensinava suas mãos a falarem pela vida com as lâminas que o grão havia se tornado.

Então os Andarilhos da Noite de Certoando batalharam às margens daquele rio, lutando pelo sonho mais antigo e profundo dos vastos campos de plantação além de todas as muralhas das cidades. Um sonho da Terra, do solo que dava vida, rico, úmido e florescente em seu ciclo de estações e anos, um sonho de fazer os Outros recuarem mais, e ainda mais, e finalmente sumirem, em algum ano brilhante que nenhum deles jamais viveria para ver.

Houve um momento, no meio do tumulto e do frenesi, da violência barulhenta, confusa e aleatória na beira do rio, em que Elena e seus três companheiros conseguiram respirar. Ela teve tempo para olhar e ver que que havia menos inimigos no rio. Que os Outros estavam espalhados, desorganizados e confusos, a oeste. Viu Baerd se afundar mais no rio, água na cintura, gritando para que os inimigos fossem até ele, amaldiçoando-os em uma voz tão atormentada que pouco se parecia

com a sua.

Elena mal conseguia ficar de pé. Ela se inclinou em sua espada, puxando o ar em soluços, totalmente exausta. Olhou ao redor e viu que um dos homens que lutaram ao seu lado estava apoiado num dos joelhos, apertando seu ombro direito. Sangrava por um corte feio, rasgado. Ela se ajoelhou ao lado dele, tentando, sem forças, rasgar um pedaço de sua roupa para fazer uma atadura. Mas ele a impediu.

Fez com que parasse, tocando seu ombro. Em silêncio, apontou para o outro lado do rio. Ela olhou naquela direção, mais a oeste, o medo crescendo novamente. E, naquele momento de vitória aparente, Elena viu que o topo da colina mais próxima não estava mais vazio. Que havia algo lá.

— *Ohem!* — um homem gritou, mais abaixo no rio. — Ele está com eles de novo. É o nosso fim!

Outras vozes ecoaram aquele grito nas margens do rio, em lamento, horror e medo, pois eles viam, todos eles passaram a ver que a figura de sombras tinha vindo. No recanto mais escuro de seu coração, Elena sabia que ele viria.

Como sempre viera nos últimos anos. Quinze, vinte anos; mas nunca antes, segundo o que Donar dissera. Quando a lua começava a se pôr, verde e cheia, justo quando — na maioria das vezes — parecia que eles teriam uma chance de forçar os Outros a recuarem, aquele vulto escuro aparecia, envolto em névoa e neblina, como se amortalhado, atrás das fileiras inimigas.

Era aquela figura que os Andarilhos viam avançar nos anos de suas derrotas, quando recuavam, escorraçados. Era ele que pisava nos lugares amargamente disputados, os campos perdidos, e os reclamava para si. Doença, pestes e desolação se espalhavam por onde ele passava, por onde ele pisasse.

Ele estava na colina devastada a oeste do rio; nuvens de neblina subindo e fluindo ao seu redor. Elena não conseguia ver seu rosto — nenhum deles jamais conseguira —, mas, no meio da fumaça e da escuridão, ela o viu levantar as mãos e esticá-las na direção deles, tentando alcançar os Andarilhos nas margens do rio. Elena sentiu uma onda repentina de frio tomar seu coração, um arrepio terrível e entorpecedor. Suas pernas começaram a tremer. Viu que suas mãos tremiam e parecia que não havia nada, mas nada mesmo, que pudesse fazer para manter sua coragem.

Pelo rio, os Outros, o exército dele — seus aliados ou projeções amorfas de seu espírito —, viram quando esticou os braços em direção ao campo de batalha. Elena ouviu a súbita exaltação de seus gritos, o viu se agruparem a oeste do rio para atacar novamente. E se lembrou, cansada, exaurida, com um desespero sombrio alcançando seu coração, de que tinha sido exatamente assim no ano anterior, e na primavera antes, e na primavera anterior também. Seu espírito doeu com o conhecimento da derrota que viria, mesmo enquanto lutava para encontrar uma forma de preparar seu corpo exausto para encarar outro ataque.

— Não! — ela ouviu Mattio dizer, com uma insistência burra, desesperançada, lutando cegamente contra o poder daquela figura na colina. — Não dessa vez! Não! Deixem que ele me mate! Não recuem de novo!

Ele mal conseguia falar e ela viu que sangrava. Tinha um corte em seu lado direito; outro na perna. Quando ele se endireitou para ir até o rio, ela viu que estava mancando. Mesmo assim ele andava, avançando, sem baixar os olhos para o que estava sendo lançado contra eles. Elena sentiu um soluço escapar por sua garganta seca.

E agora os Outros estavam vindo de novo. O homem ferido ao seu lado se levantou com dificuldade, segurando a espada na mão esquerda, o braço direito balançando inútil. Mais além, nas margens do rio, ela viu homens e mulheres tão ou mais feridos. Todos, porém, estavam de pé e erguiam suas espadas. Com amor, com uma sensação de orgulho que quase doía, Elena viu que os Andarilhos da Noite não estavam recuando. Nenhum deles. Estavam prontos para defender sua

posição ou, pelo menos, tentar. Alguns morreriam ali, ela sabia. Muitos.

Donar veio para seu lado e Elena se encolheu ao ver a expressão em seu rosto pálido.

— Não — disse ele. — Isso é loucura. Precisamos recuar. Não temos escolha. Se perdermos muitos hoje, será pior na próxima primavera. Eu *tenho* que lutar por mais tempo, torcendo para que algo seja capaz de reverter a situação.

As palavras pareciam sair arranhando sua garganta e Elena sentiu as lágrimas começarem, tanto de exaustão como de todo o resto. E, mesmo enquanto assentia, do abismo de seu cansaço, tentando fazer com que Donar visse que compreendia, que apoiava, tentando aliviar a crueza da dor dele, mesmo enquanto os Outros se aproximavam, triunfantes, horrendos, descansados, percebeu que Baerd não estava com eles. Virou-se para o rio, procurando por ele. Foi quando viu o milagre começar.

Ele nunca teve dúvida alguma, nenhuma mesmo. Desde o momento em que a figura envolta em névoas apareceu na colina escura, Baerd soube o que era. De alguma forma estranha, ele soubera mesmo *antes* de a imagem aparecer. Percebeu que era por isso que ele estava ali. Donar podia não saber, mas tinha sido por isso que o Anácio sonhara com um estranho que chegaria, por isso que os passos de Baerd tinham-no levado até onde Elena vigiava a escuridão. Parecia ter sido há muito tempo.

Não podia ver o vulto claramente, mas não importava, realmente não. *Sabia* o que estava acontecendo. Era como se todas as tristezas, lições e dificuldades da vida, da sua e de Alessan, tivessem-no levado até o rio sob aquela lua verde, para que alguém soubesse exatamente o que aquela figura na colina era, para que soubesse a natureza de seu poder. O poder ao qual os Andarilhos da Noite eram incapazes de resistir por não compreenderem.

Ouviu algo bater na água atrás dele e soube, por instinto, que era Mattio. Sem se voltar, entregou-lhe sua estranha espada. Os Outros — os ygratheanos de seus sonhos e de seu ódio — se agrupavam novamente na margem oeste.

Ele os ignorou. Eram apenas ferramentas. Naquele momento, não tinham a menor importância. Haviam sido derrotados pela coragem de Donar e dos Andarilhos; apenas aquela sombra importava, e Baerd sabia o que era preciso para lidar com ela. Não a habilidade com lâminas, nem mesmo com aquelas espadas de grão. Estava além disso.

Respirou fundo e levantou as mãos, voltando-as para a figura amortalhada na colina, exatamente como ela estava apontando para eles. E com seu coração cheio, transbordando com a velha mágoa e com uma nova certeza — ciente de que Alessan diria melhor, mas sabendo que aquela tarefa se tornara sua, sabendo o que precisava ser feito —, Baerd gritou alto, na estranheza daquela noite:

— Vá embora! Não temos medo de você! Eu sei o que você é e onde está o seu poder! Vá embora ou direi o seu nome agora e farei com que perca a sua força. Nós dois sabemos o poder dos nomes nesta noite!

Gradualmente os gritos roucos diminuíram no outro lado e os murmúrios dos Andarilhos sumiram. Tudo ficou muito quieto, mortalmente quieto. Baerd podia ouvir a respiração pesada e dolorosa de Mattio logo atrás de si. Não olhou. Esperou, contendo-se para não adentrar o nevoeiro que envolvia a figura na colina. E, enquanto observava, ele viu, com esperança no coração, que os braços levantados baixaram um pouco, que a névoa que escondia a ameaça se dissipara um pouco.

Baerd não esperou mais.

— Vá embora! — gritou de novo, ainda mais alto, com uma certeza retumbante na voz. — Eu disse que conheço você e é verdade. Você é o espírito dos nossos violadores. A presença de Ygrath e de

Barbador nesta península. Os dois! Você é a tirania em uma terra que já foi livre. *Você* é a destruição e a ruína destes campos. Você usou a sua magia no oeste para criar uma profanação, para obliterar um nome. Seu poder vem da escuridão e da sombra sob esta lua, *mas eu o conheço e sei o seu nome, e, assim, todas as suas sombras devem desaparecer!*

Ele olhou e, mesmo enquanto proferia as palavras que lhe vinham à mente, podia ver que eram verdadeiras! Estava acontecendo. Podia ver a névoa se dissipando, como se levada pelo vento. No entanto, mesmo no meio da euforia, algo o conteve: a consciência de que aquela vitória era pontual, apenas naquele lugar irreal. Seu coração estava cheio e vazio ao mesmo tempo. Pensou em seu pai morrendo no Deisa, em sua mãe, em Dianora, e suas mãos caíram rígidas ao seu lado, embora ouvisse os murmúrios de esperança incrédula atrás dele.

Mattio sussurrou algo com uma voz embargada. Baerd sabia que era uma oração.

Os Outros estavam se espalhando, desorganizados, a oeste. Enquanto Baerd, imóvel, observava, as palmas das mãos viradas para cima, o coração tumultuado, outras sombras que cercavam o líder se espalhavam e começavam a sumir na beira da colina. Por um momento, Baerd pensou ter visto claramente a figura. Ele achou que era barbado, magro e de estatura média, e ele sabia qual dos tiranos podia ser, qual tinha vindo do oeste. E, ao ver isso, algo surgiu dentro dele, como uma onda arrebatando contra sua arma.

— Minha espada! — pediu, rouco. — Rápido!

Ele colocou a mão para trás e Mattio passou a espada. Na frente deles, os Outros começavam a recuar, lentamente a princípio, mas cada vez mais rápido, até que começaram a correr. Aquilo, porém, não importava nem um pouco.

Baerd olhou para o vulto na colina. Ele viu as últimas sombras sopradas para longe e levantou mais uma vez a voz, gritando com a paixão presente em sua alma.

— *Fique!* Se você é Ygrath, se você realmente é o feiticeiro de Ygrath, quero que fique. Eu estou indo! Em nome do meu pai e do meu lar, eu vou pegar você! Eu sou Baerd di Tigana bar Saevar!

Selvagem, ainda gritando o seu desafio, seguiu em frente, pela água até sair do rio, na outra margem. A terra arruinada entrava fria como gelo em suas botas molhadas. Percebeu que entrara em um terreno em que não havia lugar para a vida, mas, naquela noite, com aquela figura à sua frente na colina, isso não importava. Não importava que ele morresse.

O exército dos Outros estava em fuga, jogando fora as armas enquanto corria. Não havia ninguém para enfrentar Baerd. Olhou novamente para cima. A lua parecia estar se pondo rápido demais. Naquele momento, era como se estivesse descansando, redonda e imensa, no topo da colina negra. Baerd viu o vulto que ali estava, destacado contra a lua verde. As sombras tinham partido e quase as via se espalhando pelas terras mortas ao redor.

Foi quando ouviu uma longa gargalhada debochada, como se respondendo ao seu nome. Era a gargalhada de seus sonhos, a gargalhada dos soldados no ano da queda. Ainda gargalhando, sem pressa, a figura sombria se virou e desceu do topo da colina, em direção ao oeste.

Baerd começou a correr.

— Baerd, espere! — Ele escutou a mulher chamada Carena gritar. — Você não pode estar nas terras devastadas quando a lua se puser. Volte! Nós vencemos!

Eles tinham vencido. Mas *ele* não, independente do que os Andarilhos das terras altas pansassem ou dissessem. Sua luta, sua e de Alessan, não estava mais perto de terminar do que antes daquela noite. O que quer que tivesse feito pelos Andarilhos da Noite de Certando, a vitória daquela noite não fora dele, não poderia ser. Sabia disso no fundo do seu coração. E seu inimigo, a imagem do ódio entranhado em sua alma, sabia também e ria dele, fora de seu alcance, além do topo da colina baixa.

— *Fique!* — Baerd berrou de novo, sua voz jovem e perdida rasgando a noite.

Ele correu mais, acelerando sobre a terra morta, seu coração quase explodindo em busca de mais velocidade. Passou por remanescentes do exército e os matou enquanto corria, sem diminuir o passo. Eles pouco importavam, mas isso faria diferença para os Andarilhos em sua guerra no próximo ano. Os Outros se espalharam para norte e sul, longe dele e da linha que levava até a colina. Baerd chegou ao sopé e subiu direto, lutando para se manter em pé no solo frio e devastado. Então chegou ao topo com um pulo e um suspiro.

Estava no cume, exatamente onde a figura de sombras havia estado, e olhou para oeste, para os vales vazios e para as colinas arruinadas além; não viu nada. Não havia ninguém ali.

Rapidamente, se virou para o norte e depois para o sul, o peito subindo e descendo, e viu que o exército dos Outros também parecia ter derretido. Ele se voltou para oeste e então entendeu.

A lua verde havia se posto.

Ele estava sozinho naquela terra devastada, sob um arco claro de estrelas brilhantes e estranhas, Tigana não estava mais perto de voltar a existir do que antes. Seu pai ainda estava morto e jamais voltaria para ele, e sua mãe e sua irmã estavam mortas ou perdidas em algum lugar do mundo.

Baerd caiu de joelhos na colina arruinada. O solo estava gelado como o inverno. Mais gelado ainda. Sua espada escorregou dos seus dedos, subitamente insensíveis. Ele olhou para suas mãos na luz das estrelas, as mãos finas do rapaz que fora, e então cobriu o rosto com elas pela segunda vez naquela Noite das Bragas e chorou como se seu coração estivesse se partindo naquele momento, como se já não tivesse se quebrado muito tempo antes.

Elena alcançou a colina e começou a subir. Estava sem fôlego de tanto correr, mas a subida não era íngreme. Mattio agarrara seu braço quando ela entrou no rio, dissera que ela poderia morrer se estivesse nas terras arruinadas depois da lua se pôr, mas Donar disse que estaria tudo bem. O Ancião não tinha conseguido parar de sorrir desde que Baerd fizera a figura sombria recuar. Ele tinha uma expressão incrédula e espantada.

A maioria dos Andarilhos havia voltado, feridos e exauridos, bêbados pelo triunfo, para o campo onde pegaram suas armas. Dali, seriam levados para casa antes do sol nascer. Sempre tinha sido assim.

Cruzosamente evitando os olhos de Mattio, Elena cruzou o rio para ir atrás de Baerd. Podia ouvir a cantoria começar atrás de si enquanto prosseguia. Sabia o que iria acontecer na escuridão daqueles campos depois de uma vitória da Braga. Elena sentiu seu pulso acelerar só de pensar nisso. Também tinha uma boa ideia de como estava o rosto de Mattio ao vê-la se afastar, entrando no rio e saindo do outro lado. Intimamente, pediu desculpas, mas não diminuiu o passo enquanto prosseguia. Na metade do caminho até a colina, começou a correr, tomada por um medo súbito, pelo homem que procurava e por ela mesma, sozinha naquela vastidão escura e vazia.

Baerd estava sentado no topo da colina, onde a figura sombria estivera parada na frente da lua que se punha antes de fugir. Levantou os olhos quando ela se aproximou, e uma expressão estranha, assustada, cruzou seu olhar por um instante na escuridão mal iluminada pelas estrelas.

Elena parou, insegura.

— Sou eu — disse, tentando recuperar o fôlego.

— Desculpe-me — disse, depois de um momento de silêncio. — Não estava esperando ninguém. Por um instante... por um instante você pareceu exatamente uma... algo que eu vi quando era um menino. Algo que mudou a minha vida.

Elena não sabia o que dizer. Ela não tinha planejado nada além de chegar ali. Agora que o havia encontrado, estava subitamente insegura de novo. Sentou-se na terra morta encarando-o. Ele a

observou, mas não disse mais nada.

Ela respirou fundo e disse, bravamente:

— Você *deveria* estar esperando alguém. Você deveria saber que eu viria — ela engoliu em seco, o coração martelando no peito.

Por um longo instante, Baerd ficou muito quieto, a cabeça levemente inclinada para o lado, como se escutasse o eco de suas palavras. Então sorriu. E seu rosto, tão jovem e magro, iluminou-se, assim como seus olhos vazios e doloridos.

— Obrigado. Obrigado por isso, Elena — era a primeira vez que ele falava seu nome. O som das vozes cantando podia ser ouvido à distância. Acima deles, as estrelas estavam quase impossivelmente brilhantes contra a cúpula escura do céu.

Elena sentiu-se corar. Olhou para baixo, para longe de seu olhar firme.

— Afinal, é perigoso aqui nas terras mortas, e você não saberia. Nunca esteve aqui antes. Como nós, quero dizer. Você nem sequer sabe como voltar para casa — disse, sem graça.

— Eu tenho uma noção — respondeu, sério. — Imagino que temos até o amanhecer. E, de qualquer maneira, essas não são mais terras mortas. Nós as reconquistamos esta noite. Elena, olhe para o chão por onde você andou.

Ela se virou para olhar para trás. E prendeu a respiração, admirada, maravilhada ao ver que, pelo caminho que percorrera até a colina, flores brancas desabrochavam no que havia sido terra árida. Enquanto olhava, as flores se espalhavam em todas as direções a partir de onde passara. Lágrimas vieram aos seus olhos e transbordaram, descendo desimpedidas por seu rosto, turvando sua visão. Mas ela tinha visto o bastante. Aquela era a resposta da Terra ao que fizeram naquela noite. Aquelas delicadas flores brancas nascendo sob as estrelas eram a coisa mais bonita que ela havia visto em seus dias.

— Você fez isso, Elena. Por estar aqui — disse ele, em voz baixa. — Você precisa ensinar isso a Donar, Carena e para os outros. Quando você vence a batalha, não é apenas uma questão de manter a fronteira. É preciso seguir os Outros e espantá-los. É possível recuperar terras perdidas em batalhas de anos anteriores.

Ela estava balançando a cabeça. Ouvindo em suas palavras um eco de algo conhecido e esquecido há muito tempo.

— A terra nunca está totalmente morta. Sempre pode voltar. Não é esse o significado do ciclo das estações e dos anos? — disse ela, retomando aquela memória. Limpou suas lágrimas e olhou para ele.

Mesmo na escuridão, seu rosto estava triste demais para um momento como aquele. Ela desejou conhecer uma forma de dispersar aquela tristeza, não apenas por aquela noite.

— Isso é quase totalmente verdade, eu acho. Talvez seja verdade para as grandes coisas. As pequenas podem morrer. Pessoas, sonhos, uma casa...

Por impulso, Elena estendeu a mão e pegou a dele. Era fina e magra e ficou na sua sem se mexer, sem resposta. À distância, a leste do rio, os Andarilhos da Noite estavam cantando músicas para celebrar e dar boas-vindas à primavera, para gritar as bênçãos da estação nas colheitas que chegariam com o verão. Elena queria, com todo o seu coração, ser mais sábia para ter uma resposta ao que estava machucando tão profundamente aquele homem.

— Se morremos, é parte desse ciclo. Voltaremos de outra forma — disse ela, mas esse era o pensamento de Donar, sua forma de falar, não a sua.

Baerd ficou em silêncio. Ela olhou para ele, mas não conseguiu encontrar mais nada para dizer que não fosse soar errado nem fossem palavras de outra pessoa. Pensando que poderia ajudá-lo se falasse, perguntou:

— Você disse que conhecia aquela figura. Como, Baerd? Você pode me contar?

Era um prazer estranho, quase ilícito, falar o nome dele. Ele sorriu para ela, de forma doce. Tinha um rosto delicado, especialmente quando tão jovem quanto naquele momento.

— O Ancião tinha todas as pistas, assim como Mattio, todos vocês. Vocês têm perdido pelos últimos vinte anos, pelo que me contaram. Donar disse que eu estava ligado demais às batalhas noturnas e passageiras, você se lembra?

Ela assentiu.

— Ele não estava totalmente errado — continuou ele. — Eu vi soldados ygratheanos aqui, mas não eram de verdade, claro. Entendo isso agora, por mais que eu quisesse que fossem. Mas eu não estava totalmente errado também. — Pela primeira vez, sua mão respondeu à pressão da dela. — Elena, o mal se alimenta de si mesmo. E os males do dia, mesmo que transitórios, aumentam o poder do que vocês enfrentam aqui nas Noites das Brasas. *É necessário*, Elena, não há outra maneira. Tudo está ligado. Não podemos nos dar ao luxo de olhar apenas para os nossos próprios objetivos. Essa foi a lição que meu amigo mais querido me ensinou. Os tiranos da nossa península prepararam um mal que vai além de quem governa em determinado ano. E esse mal se espalhou pelo campo de batalha onde vocês combatem a Escuridão em nome da Luz.

— Escuridão aumentando a Escuridão — disse ela, sem saber ao certo o porquê.

— Exatamente — respondeu Baerd. — Exatamente isso. Agora eu entendo suas batalhas aqui, elas vão além da minha própria guerra no mundo diurno. Mas ir mais além não significa não ter ligação. Esse foi o erro de Donar. Estava diante dele todo esse tempo, mas ele não conseguia enxergar.

— E o nome? — perguntou Elena. — O que o nome tem a ver com isso?

— O nome tem tudo a ver com isso — explicou Baerd, em voz baixa. Ele tirou a mão de cima da dela e esfregou os olhos. — Os nomes têm ainda mais importância aqui, neste lugar mágico, do que no mundo em que nós, mortais, vivemos e morremos.

Ele hesitou. Depois de um silêncio mais profundo ainda em comparação aos cantos que ouviam ao longe, ele sussurrou:

— Você ouviu quando eu disse meu nome?

Parecia uma pergunta boba. Ele gritara com toda a força. Todos tinham ouvido, mas sua expressão estava intensa demais para ela dizer qualquer coisa além de responder.

— Sim. Você disse se chamar Baerd di Tigana bar Saevar.

Movendo-se deliberadamente devagar, Baerd estendeu a mão e pegou a dela, trazendo-a aos lábios como se fosse a senhora de um dos castelos das terras altas, não a filha viúva de um carpinteiro da vila abaixo de Barso.

— Obrigado — disse ele, a voz estranha. — Muito obrigado. Eu pensei... pensei que pudesse ser diferente esta noite. Aqui.

As costas de sua mão formigavam onde os lábios dele tocaram e seu pulso ficou rápido e errático de repente. Tentando manter a compostura, perguntou:

— Não entendo. O que eu fiz?

A tristeza dele ainda estava ali, mas de alguma forma parecia mais suave, menos crua em seu rosto.

— Tigana é o nome de uma terra que foi tomada. A sua derrota é parte do mal que trouxe aquele vulto sombrio para esta colina, para todos os campos de batalha nos últimos vinte anos — disse ele, até bem calmo. — Elena, você pode não entender completamente, mas acredite em mim quando eu digo que você não poderia ouvir esse nome se eu o dissesse em sua aldeia, à luz do dia ou sob as duas luas. Nem mesmo se eu falasse tão perto de você quanto estou agora ou se o gritasse mais alto do que lá no rio.

E, então, finalmente, ela entendeu. Não aquele resumo complicado que ele tentou contar, mas o

que realmente importava para ela: a origem de sua tristeza, daquele sentimento no escuro de seus olhos.

— E Tigana é seu lar — afirmou ela. Não era uma pergunta. Ela sabia.

Ele concordou, calmo. Elena percebeu que ainda estava segurando sua mão.

— Tigana é a minha casa — repetiu ele. — É chamada de Baixa Corte agora.

Ela ficou em silêncio por muito tempo, pensando.

— Você precisa falar sobre isso com Donar antes que o amanhecer nos leve de volta. Pode ser que ele saiba alguma coisa, algo que possa fazer. E ele vai querer ajudar.

Sua expressão se alterou por um momento e então ele disse:

— Vou fazer isso. Vou falar com ele antes de partir.

Os dois ficaram em silêncio. *Antes de partir*. Elena deixou aquilo de lado o máximo que pôde. Percebeu que sua boca estava seca e seu coração ainda batia forte, quase tanto quanto na batalha. Baerd não se mexeu. Ele estava tão jovem. Quinze anos, dissera. Ela olhou para o outro lado, insegura novamente, e viu que a colina estava coberta por um tapete de flores brancas ao redor deles.

— Olha! — disse, deliciada e admirada.

Ele olhou ao redor e sorriu, um sorriso vindo do coração.

— Você as trouxe com você.

Abaixo deles e ao leste, no milharal do outro lado do rio, apenas umas poucas vozes ainda cantavam. Elena sabia o que aquilo significava. Aquela era a primeira Noite das Bragas da primavera. O começo do ano, do ciclo de plantio e colheita. E, naquela noite, haviam vencido a batalha. Sabia o que estava acontecendo entre homens e mulheres naquele campo. Acima deles, as estrelas pareciam ter se aproximado, chegando quase tão perto quanto as flores.

Ela engoliu, reunindo coragem de novo.

— Tem outras coisas que são diferentes nesta noite. Aqui.

— Eu sei — disse Baerd, suavemente.

E ele finalmente se moveu e se ajoelhou diante dela, entre todas aquelas flores brancas. Então soltou sua mão, apenas para que, com ambas, pudesse segurar o rosto dela, com tanto cuidado como se temesse que ela quebrasse ou se machucasse com o toque. Acima do trovão batendo cada vez mais alto que era seu coração, Elena ouviu-o suspirar seu nome, como se fosse uma oração, e ela teve tempo de responder com o dele — com o nome completo dele, com um presente — antes que ele levasse seus lábios até os dela.

Ela não poderia falar depois, pois seu desejo a submergiu e levou como se — um pedaço de madeira, um fragmento de casa de árvore — carregado por uma onda grande e veloz. Mas Baerd estava com ela. Estavam juntos naquele lugar, e estavam nus entre as flores brancas que haviam acabado de nascer naquela colina.

Ela o puxou para baixo e para dentro dela, sentindo o lamento da nostalgia e uma ternura dolorosa. Elena olhou por um momento para além dele, para as estrelas luminosas, dispostas em círculo naquela Noite das Bragas. E lhe ocorreu, como um pensamento alegre e maravilhoso, que cada um daqueles diamantes que eram as estrelas tinha um nome.

Então o ritmo de Baerd mudou em cima dela, aumentando seu desejo desperto, e todos os seus pensamentos se espalharam como poeira soprada entre aquelas estrelas. Ela levantou a cabeça para que sua boca pudesse encontrar a dele e fechou os braços ao seu redor, chamando-o para perto. Fechou os olhos, e os dois deixaram aquela grande onda carregá-los para o começo da primavera.

CAPÍTULO II

Ofrio e as câimbras acordaram Devin quase uma hora antes do amanhecer. Demorou um momento para se lembrar de onde estava. Ainda estava escuro no quarto. Ele massageou o pescoço e escutou a respiração tranquila de Catriana embaixo dos cobertores em sua cama. Sua tristeza transpareceu em seu rosto.

Era estranho, pensou ele, virando a cabeça de um lado para o outro para aliviar o desconforto. Como umas poucas horas em uma poltrona macia podiam deixar alguém mais enrijecido e desconfortável do que uma noite inteira no chão frio...

Sentia-se, entretanto, surpreendentemente acordado, considerando a noite que tivera e o fato de que não deveria ter dormido mais do que três horas. Pensou em voltar para a sua própria cama, mas percebeu que não conseguiria dormir mais naquela noite. Decidiu descer até a cozinha e ver se algum dos serviços poderia ser convencido a lhe preparar um pouco de khav. Deixou o quarto, concentrando-se em fechar a porta sem fazer barulho. Tão focado estava que, quando viu Alessan no corredor observando-o da porta de seu quarto, deu um pulo involuntário.

O Príncipe foi até ele, as sobranceiras levantadas. Devin sacudiu a cabeça com firmeza.

— Nós apenas conversamos. Eu dormi na poltrona. Consegui um torcicolo como o prova.

— Eu sei — murmurou Alessan.

— Não, sério — insistiu Devin.

— Eu sei — repetiu Alessan, sorrindo. — Acredito em você. Se você tivesse tentado algo mais, eu teria ouvido gritos. Seus, por causa de algum ferimento desagradável, provavelmente.

— Provavelmente — Devin concordou e os dois se afastaram da porta de Catriana.

— E como foi com Alienor?

Devin sentiu que estava ficando vermelho.

— Como... — ele começou a perguntar, mas aos poucos percebeu a condição de sua roupa, e o exame minucioso e divertido que Alessan estava fazendo. — Interessante.

Alessan sorriu de novo.

— Desça comigo e me ajude a resolver um problema. Preciso mesmo de khav para a viagem.

— Estava mesmo indo para a cozinha. Preciso só trocar de roupa.

— Não é má ideia — murmurou Alessan, observando a camisa rasgada. — Encontro você lá embaixo.

Devin entrou em seu quarto e se trocou rapidamente. Para finalizar, colocou o colete que Alais mandara. Lembrar-se dela, de sua inocência protegida e tranquila, levou-o, pelo contraste, a pensar no que acontecera na noite anterior. Ficou parado no meio do quarto por um momento, tentando entender direito o que fizera e o que fora feito com ele.

Interessante, foi como ele descrevera. Comunicação. O processo de compartilhar algo com palavras às vezes era um exercício tão fútil. Um vestígio da tristeza que sentira ao deixar Alienor retornou, juntando-se com as dores de Catriana. Sentia-se como se tivesse sido deixado pelo mar em uma praia em uma hora sinistra.

— Khav — disse em voz alta. — Ou nunca vou me animar.

Só nas escadas entendeu, tardiamente, o que Alessan quisera dizer com “para a viagem”. O encontro dele, onde quer que fosse, era hoje; o encontro pelo qual esperaram nos últimos seis meses.

E, depois disso, ele iria para o oeste. Para Tigana, onde sua mãe estava morrendo em um

santuário de Eanna.

Totalmente acordado, sua mente abandonando as reflexões noturnas em direção às agitações mais diretas do dia, Devin seguiu a luz da grande cozinha do Castelo de Barso e parou na porta em arco, olhando para dentro.

Sentado perto do fogo crepitante, Alessan cuidadosamente bebia goles de khav de uma caneca imensa. Em uma cadeira próxima, Erlein di Senzio fazia o mesmo. Os dois estavam olhando fixamente para as chamas, enquanto, ao redor deles, a cozinha já funcionava, determinada e barulhenta.

Devin ficou na entrada por um momento, sem ser notado, e se viu observando atentamente os dois. Em sua seriedade silenciosa, eles pareciam ser parte de um friso, de um quadro, de alguma forma complexa representando todas as horas antes do amanhecer pelas quais passavam nas longas jornadas. Devin sabia que os dois estavam acostumados a momentos como aquele, a estarem sentados na frente da fogueira da cozinha de um castelo, entre os serviçais, na hora escura que antecede o amanhecer. Enquanto se aqueciam e acordavam, preparavam-se para encarar a estrada novamente e para as reviravoltas que ela poderia oferecer no dia que ainda não havia começado.

A Devin, parecia que Alessan e Erlein, sentados juntos como estavam, estavam ligados de uma maneira que ultrapassava os duros acontecimentos daquele córrego mal iluminado em Ferraut. Era uma ligação que não tinha nada a ver com serem príncipe e mago, mas que tinha sido formado pelas coisas que fizeram. Os mesmos feitos. Memórias que tinham e que poderiam compartilhar — se fosse possível para os dois realmente compartilhar alguma coisa depois do que acontecera entre eles.

Por anos tinham viajado. Deveriam existir tantas imagens em comum, capazes de evocar o mesmo clima, as mesmas emoções, os mesmos sons e cheiros. Como aquela: a escuridão do lado de fora, a borda cinzenta da manhã e o movimento do castelo que o sol trazia; o frio dos corredores e o reconhecimento do vento do lado de fora dos muros, cortado pelo forte crepitar do fogo da cozinha, o vapor e o cheiro reconfortante que subia das canecas que protegiam nas mãos, o sono e o sonho recuando, a mente lentamente se voltando para o dia que se espalhava, escondido na névoa do chão.

Olhando para seu próprio silêncio entre a confusão da cozinha, Devin sentiu voltar de novo a tristeza que parecia ser seu legado naquela longa e estranha noite nas terras altas.

Tristeza e uma ponta bem clara de melancolia. Devin percebeu que queria aquela história compartilhada com ele mesmo, queria ser uma parte daquela fraternidade autocontida de homens que conheciam aquela cena tão bem. Era jovem o bastante para saborear o romantismo daquilo, mas velho o suficiente, especialmente depois daquele inverno e de seu tempo com Menico, para ter ideia do preço cobrado por aquelas memórias e pelo jeito contido, competente e solitário dos dois homens à sua frente.

Passou pela porta. Uma serviçal bonita percebeu e sorriu, tímida. Sem uma palavra, trouxe uma caneca de khav fervendo. Alessan lançou um olhar a Devin e puxou uma cadeira com sua perna comprida, posicionando-a perto de si e do fogo. Devin foi até lá e se aprofundou agradecido, próximo ao calor. Seu pescoço duro ainda o incomodava.

— Nem precisei de meu charme — contou Alessan, alegre. — Erlein já estava aqui e tinha começado um bule fresco de khav. Fica gente na cozinha a noite toda, para manter o fogo aceso. Não poderiam começar outro em um Dia das Brasas.

Devin concordou, bebendo com cuidado e muita gratidão sua caneca cheia de fumaça.

— E aquele outro assunto? — perguntou, na defensiva, indicando Erlein com os olhos.

— Resolvido — respondeu o Príncipe sem hesitar. Ele parecia estranhamente vivaz, mas frágil como um graveto. — Erlein terá que vir comigo. Vimos que não posso deixá-lo se afastar demais ou meus comandos não irão funcionar. Se é assim, bem, ele terá que ir comigo aonde eu for. Até o oeste. Nós estamos realmente unidos, não é?

Ele mostrou os dentes em um sorriso para o mago. Erlein sequer respondeu. Continuou dando pequenos goles da bebida, olhando sem expressão para o fogo.

— Por que você estava acordado tão cedo? — perguntou Devin depois de um tempo.

— A escravidão não favoreceu meu sono. — Erlein fez uma careta, resmungando na caneca.

Devin escolheu ignorar aquilo. Às vezes se compadecia do mago, mas não quando ele começava a sentir pena de si mesmo. Um pensamento o atingiu e ele se virou para Alessan.

— Ele vai para o encontro de hoje também?

— Acho que sim — disse Alessan, parecendo não se importar. — Uma pequena recompensa por sua lealdade e pela longa cavalgada que fará depois. Eu espero não parar muito na viagem.

Seu tom estava estranho, casual demais de propósito, como se negasse qualquer possibilidade de tensão.

— Entendo — Devin disse, o mais neutro que conseguiu. Virou seu olhar para o fogo e lá o manteve.

Ficaram em silêncio. Quando este se alongou, Devin olhou para trás e viu Alessan encarando-o.

— Você quer ir? — perguntou o Príncipe.

Se ele queria ir? Durante meio ano, desde que Devin e Sandre haviam se juntado aos outros três, Alessan falava que tudo que queriam alcançar indicava o encontro e fazia com que esperasse por ele naquelas terras altas ao sul, no primeiro Dia das Brasas.

Se ele queria ir?

Devin engasgou, derrubando um pouco de khav no chão de pedra.

— Bem, só se eu não for atrapalhar, é claro. Só se você achar que eu posso ser útil e talvez...

Parou de falar porque Alessan estava rindo dele. Mesmo Erlein saíra de seu enfado para dar uma risada curta e abafada, divertindo-se. Os dois homens mais velhos trocaram um olhar.

— Você é um péssimo mentiroso — o mago falou para Devin.

— Ele tem razão — disse Alessan, ainda rindo. — Não se preocupe. Não acho que você possa ser útil, não para o que preciso fazer. Mas tenho certeza de que você não irá atrapalhar; você e Erlein poderão fazer companhia um para outro. Vai ser uma longa viagem.

— Qual delas? Para o encontro? — perguntou Devin, admirado.

Alessan sacudiu a cabeça.

— Para lá, iremos demorar umas duas ou três horas, dependendo de como estiver o passo. Não, Devin. Estou convidando você para ir ao oeste comigo — sua voz se alterou —, para casa.

— *Pombo!* — o homem de peito largo e calvície nascente gritou, apesar de ainda estarem longe. Estava sentado em uma imensa cadeira de carvalho, colocada exatamente no meio da Passagem de Braccio. Já havia algumas flores da primavera adiantadas nas encostas mais baixas, mas não tão ali em cima. De cada lado do caminho, pedras e rochas empilhadas davam lugar à floresta. Mais acima, para o sul, havia apenas neve e rocha.

Hastes para carregar estavam ligadas à cadeira de carvalho e seis homens estavam parados atrás dela, em uniformes vermelhos. Devin pensou que eram serviçais, mas ao se aproximar viu, pelas armas, que estava errado: aqueles eram soldados, guardas.

— *Pombo!* — o homem na cadeira repetiu, alto. — Você subiu na vida! Trouxe companhia dessa vez!

Foi com uma verdadeira confusão que Devin entendeu que o apelido infantil e as palavras debochadas eram dirigidos a Alessan, que, de repente, estava com a mais estranha das expressões. Contudo, ele não disse nada em resposta enquanto cavalgavam até os setes homens no passo. Alessan

desmontou; atrás dele, Devin e Erlein fizeram o mesmo. O homem na cadeira não se levantou para cumprimentá-los, porém seus olhos pequenos e brilhantes acompanhavam cada movimento de Alessan. Suas mãos enormes estavam imóveis nos braços entalhados de sua cadeira. Usava, pelo menos, seis anéis que brilhavam na luz do sol da manhã. Tinha um nariz adunco e quebrado em um rosto enrugado e castigado pelo clima, que mostrava duas nítidas cicatrizes. Uma era de um ferimento antigo, descia por sua bochecha direita em uma linha branca; a outra, muito mais recente, cortava vermelha desde sua testa até os cabelos grisalhos, que começavam atrás de sua orelha esquerda.

— Companhia para viajar — Alessan comentou, calmo. — Não tinha certeza de que você viria. Os dois cantam e poderiam me consolar na volta. O mais jovem é Devin, o outro é Erlein. Você engordou monstruosamente em um ano.

— E por que não engordaria? — o outro respondeu, extremamente animado. — E como se *atreve* a duvidar de mim! Alguma vez falhei com você?

O tom era extremamente turbulento, mas Devin notou que os olhos pequenos estavam alertas e observadores.

— Nunca — concordou Alessan. Seu jeito febril havia passado, substituído por uma calma quase sobrenatural. — Mas as coisas mudaram nos últimos dois anos. Você não precisa mais de mim, não depois do último verão.

— Não preciso de você! — o homenzarrão gritou. — Pombo, *é claro* que preciso de você. Você é minha juventude, a memória de quem já fui. *E* meu amuleto da sorte em batalhas.

— Mas não haverá mais batalhas — disse Alessan, calmo. — Você permite que eu ofereça minhas humildes felicitações?

— Não! — rugiu o outro. — Não, não permito. Sem essa porcaria melosa da corte vinda de você. O que eu quero é que você venha aqui me dar um abraço e pare com esses murmúrios imbecis. Quem somos nós para ficar piando assim? Justo nós dois!

E com essas últimas palavras, ele se ergueu com um impulso vigoroso de seus braços musculosos. A imensa cadeira se inclinou para trás, e três dos guardas uniformizados correram para segurá-la.

O homem deu dois passos desajeitados e tortos para a frente, enquanto Alessan correu para encontrá-lo. Naquele momento, Devin entendeu, de repente, sentindo um balde de gelo correr por sua espinha, quem era aquele homem aleijado e cheio de cicatrizes.

— Urso! — Alessan disse, lançando os braços ao redor do outro homem com força, a gargalhada saindo da garganta. — Ah, Marius, eu realmente não tinha certeza de que você viria.

Marius.

Estupefato por algo mais do que a altitude e a noite sem dormir, Devin viu o autoproclamado Rei de Quileia — o aleijado que matara: sete desafiantes armados com as mãos no Bosque Sagrado — erguer o Príncipe de Tigana no ar e dar dois beijos estalados em suas bochechas. Ele colocou Alessan no chão, seu rosto vermelho, e o segurou para poder observá-lo de perto.

— É verdade — disse, quando o sorriso de Alessan sumiu. — Eu posso ver. Você realmente duvidou de mim. Eu deveria estar indignado, Pombo. Deveria estar magoado e ofendido. O que o Pombo Dois diria?

— Baerd tinha certeza de que você estaria aqui — Alessan admitiu a contragosto. — Acho que devo dinheiro a ele.

— Pelo menos um de vocês criou juízo com a idade — Marius grunhiu. Só então percebeu o que outro dissera. — Como é? Seus dois malandros, vocês estavam *apostando* em mim? Como se atrevem?

Ele riu, mas o tapa que deu no ombro de Alessan fez o outro balançar. Marius balançou-se de

volta e se deixou cair na cadeira. Novamente, Devin ficou espantado pelo jeito que ele os observava, sem deixar de ver nada. Fixou-se em Devin por apenas um instante, e ele teve a estranha sensação de que Marius, naquele segundo, o medira muito bem e o reconheceria e se lembraria dele se, por acaso, eles se encontrassem dez anos depois.

Por um breve e estranho momento, teve pena dos setes guerreiros que haviam enfrentado aquele homem, com meras espadas e lanças, armaduras e duas pernas saudáveis para encontrá-lo em um bosque à noite.

Aqueles braços eram como troncos de árvores, e a mensagem daqueles olhos disse a Devin tudo o que ele precisava saber sobre aquelas lutas, sobre como o consorte que deveria ter morrido no Bosque para a glória da Deusa Mãe e de suas Altas Sacerdotisas havia revertido a situação, ainda que tivesse os tendões dos calcanhares cortados pelo ritual de mutilação.

Marius não havia morrido para a grande glória de ninguém. Por sete vezes, ele sobreviveu. E, desde a sétima vez, passou a haver um Rei de verdade em Quileia e a última Alta Sacerdotisa morreu. Devin lembrou, de repente, que fora Rovigo quem falara sobre aquilo pela primeira vez, numa taberna mal cheirosa chamada *O Pássaro*, seis meses ou uma vida atrás.

— Você devia estar tonto, descuidado ou já gordo no verão passado, no Bosque — Alessan dizia. Ele apontou para a cicatriz na testa de Marius. — Se não, Tonolius jamais teria sido capaz de chegar tão perto de você com a lâmina.

O sorriso no rosto do Rei de Quileia não foi, na verdade, algo agradável de ver.

— Ele não foi — disse Marius. — Eu nos joguei da vigésima sétima árvore e ele estava morto antes de chegarmos ao chão. A cicatriz foi um presente de despedida da minha falecida esposa em nosso último encontro. Que nossa sagrada Mãe guarde o seu sempre abençoado espírito. Aceitam almoçar comigo e tomar um copo de vinho?

— Seria um prazer. — Os olhos cinzentos de Alessan piscaram.

— Ótimo. — Marius gesticulou para seus guardas. — Nesse caso, enquanto meus homens preparam tudo para nós, você pode me dizer, Pombo, e espero que você *realmente* conte, por que você acabou de pensar antes de aceitar meu convite.

Foi a vez de Devin piscar, pois ele mesmo não registrara a pausa. Alessan, porém, sorriu.

— Só queria — respondeu, a boca retorcida em uma expressão dura — que você deixasse alguma coisa passar de vez em quando.

Marius deu um sorriso sutil, mas não falou nada.

— Tenho uma longa viagem à frente. Pelo menos três dias, se não tiver problemas. Alguém que eu preciso ver o mais rápido possível.

— Mais importante do que eu, Pombo? Estou desolado.

Alessan sacudiu a cabeça.

— Não, não é mais importante. Se fosse, eu sequer estaria aqui agora. Talvez mais urgente. Tinha uma mensagem de Danoleon me esperando ontem em Barso. Minha mãe está morrendo.

A expressão de Marius mudou em um instante.

— Lamento muito. De verdade, Alessan. — Fez uma pausa. — Não deve ter sido fácil ter que vir aqui antes, sabendo disso.

Alessan encolheu os ombros, como lhe era típico. Seus olhos deixaram Marius, e se fixaram acima dele, para a passagem que levava aos altos picos além. Os soldados tinham terminado de espalhar uma manta dourada muito extravagante no chão, diante da cadeira. Então colocaram almofadas coloridas em cima, assim como cestas e pratos de comida.

— Iremos dividir uma refeição — disse Marius, ríspido. — E discutir o que viemos discutir. Depois, você deve partir logo. Você confia nessa mensagem? Não há perigo em retornar?

Devin não tinha pensado nisso.

— Acho que há — respondeu Alessan, indiferente. — Mas, sim, confio em Danoleon. Claro que confio. Foi ele quem me levou até você, para começo de conversa.

— Eu sei disso — concordou Marius, calmo. — Eu me lembro dele. Também sei que, a menos que as coisas tenham mudado muito, ele não é o único clérigo naquele Santuário de Eanna, e o clero na Palma não é famoso por ser confiável.

Alessan encolheu os ombros de novo.

— O que eu posso fazer? Minha mãe está morrendo. Eu não a vejo há vinte anos, Urso. — Sua boca se curvou. — Não acho que serei reconhecido por muita gente, mesmo sem os disfarces de Baerd. Você não acha que mudei um pouco desde os meus 14 anos?

Havia uma ponta de desafio em suas palavras.

— Um pouco — disse Marius, em voz baixa. — Não tanto quanto você acha. Você já era adulto na época, em muitos aspectos. Assim como Baerd, quando se juntou a você.

Novamente os olhos de Alessan pareceram se perder no caminho do passo, como se caçassem uma memória ou uma imagem distante, ao sul. Devin sentiu que havia mais coisas sendo ditas do que ele estava escutando.

— Venham — convidou Marius, apoiando as mãos no braço da cadeira. — A acompanham-me em nosso carpete na colina?

— Fique na cadeira — respondeu Alessan, ríspido. Porém, sua expressão permaneceu bondosa e despreocupada. — Quantos homens você trouxe, Urso?

Marius não se moveu.

— Uma companhia até a subida. Esses seis para atravessar a passagem. Por quê?

Movendo-se tranquilamente, sorrindo sem mostrar apreensão, Alessan se sentou no tecido ao pé do Rei.

— Pouco inteligente trazer tão poucos.

— Aqui não é perigoso. Meus inimigos são supersticiosos demais para virem até as montanhas. Você sabe disso, Pombo. Os passos foram declarados proibidos faz muito tempo, quando eles cortaram o comércio com a Palma.

— Nesse caso — disse Alessan, ainda sorrindo —, não sei como explicar o arqueiro que acabei de ver escondido atrás de uma pedra no caminho.

— Tem certeza? — A voz de Marius estava tão casual quanto à do outro, mas seus olhos ficaram subitamente frios.

— Duas vezes agora.

— Isso me incomoda profundamente — disse o Rei de Quileia. — Alguém assim não pode estar aqui por outra razão senão me matar. E, se estão quebrando o tabu da montanha, serei obrigado a repensar alguns pressupostos. Você aceita um pouco de vinho?

Ele acenou e um dos homens de uniforme serviu, a mão levemente trêmula.

— Obrigado — murmurou Alessan. — Erlein, você consegue fazer alguma coisa sem se revelar?

O rosto do mago ficou pálido, mas ele manteve a voz firme.

— Nenhum tipo de ataque. Iria consumir muito poder e não há nada aqui nos protegendo de um Rastreador nas terras altas.

— E um escudo para o Rei?

Erlein hesitou.

— Meu amigo — Alessan falou, sério. — Preciso de você e vou precisar usar você. Sei que usar sua magia é perigoso para todos nós. Preciso, porém, de respostas honestas para tomar boas decisões. Sirva-lhe um pouco de vinho.

Ele pediu ao mesmo soldado quileiano. Erlein aceitou um copo e bebeu.

— Posso fazer um escudo de baixo nível atrás dele contra flechas — ele parou. — Você quer? É arriscado.

— Acho que sim — Alessan respondeu. — Suba o escudo o mais discretamente que você conseguir.

Erlein apertou os lábios, mas não disse nada. Sua mão esquerda se mexeu levemente de um lado para outro. Devin podia perceber os dois dedos que faltavam, mas, para ele, nada mais aconteceu.

— Está feito — falou Erlein, sombrio. — O risco crescerá enquanto eu mantiver o escudo.

Ele bebeu mais vinho e Alessan acenou e aceitou um pedaço de pão cheio de carne e queijo de um dos quileianos.

— Devin?

Devin estivera esperando.

— Eu vi a rocha — disse, em voz baixa — Acima da trilha. Do lado direito. Ao alcance da flecha. Mande-me para casa.

— Leve meu cavalo. Há um arco na sela.

Devin sacudiu a cabeça.

— Ele pode perceber e eu não sou tão bom assim com o arco. Farei o que for possível. Vocês podem fazer barulho daqui a uns vinte minutos?

— Nós podemos fazer muito barulho — disse Marcus de Quileia. — A subida até lá vai ser mais fácil se você descer pela esquerda, logo após o ponto onde há uma curva. Falando nisso, gostaria muito de conseguir pessoa viva.

Devin sorriu. Marius deu uma gargalhada trovejante, sendo seguido por Alessan. Erlein continuou calado enquanto Alessan apontou para Devin com um gesto imperioso.

— Se você o esqueceu, então você deve ir pegá-lo, cabeça mole! Nós estaremos aqui, apreciando nossa refeição. *Pode ser* que deixemos alguma coisa para você.

— Não foi culpa minha! — Devin protestou alto, deixando seu sorriso ganhar uma ponta de petulância. Ele foi para onde os cavalos estavam amarrados. Com mãos trêmulas, visivelmente abalado, montou o cavalo cinza e desceu o caminho pelo qual haviam vindo.

A até onde a trilha fazia uma curva.

Ele desmontou e amarrou o animal. Depois de pensar por um momento, deixou a espada onde estava, pendurada na sela. Estava consciente de que essa decisão podia lhe custar a vida, mas tinha visto as encostas cobertas de florestas além da passagem e uma espada seria barulhenta e o atrapalharia na subida.

Cortando para oeste, logo ficou no meio das árvores. Dobrou de volta para o sul e para cima, o mais distante da altura da passagem que o terreno permitia. Foi uma subida dura e suada, e tinha que se apressar. Devin, porém, estava em forma e sempre fora rápido e ágil, como uma compensação pelo seu tamanho. Escalou as encostas íngremes, andando por meio de árvores de montanha e escuros arbustos serranos, cujas raízes se agarravam fundo no solo inclinado.

Depois de ter subido um pouco, as árvores cederam lugar para um penhasco estreito e íngreme a sudoeste. Ele poderia subir ou dar a volta, o que o levaria de volta à passagem. Devin tentou se localizar, mas era difícil — nenhum som o alcançava ali tão longe da trilha. Não podia ter certeza se já estava acima do lugar onde o tecido quileiano estava espalhado para o almoço. *Vinte minutos*, ele dissera. Trincou os dentes, ofereceu uma breve oração a Adaon e começou a escalar a rocha. Ocorreu-lhe que havia algo extremamente incongruente com o filho de um fazendeiro de Asoli, dos pântanos do norte, que estava lutando para subir um penhasco nas montanhas de Braccio. Contudo, ele não era o filho de um fazendeiro de Asoli. Ele era de Tigana, assim como seu pai, e seu Príncipe havia lhe pedido que executasse essa tarefa.

Subiu deslizando de lado pela encosta, tentando não deslocar nenhuma pedrinha; alcançou uma plataforma de pedra, mudou a mão de apoio, balançou-se solto por um segundo até subir em um impulso direto até lá. Em seguida, rapidamente, rastejou pelo chão nivelado; de barriga para baixo, respirou fundo e olhou para cima, na direção sul.

Então olhou para baixo. Prendeu a respiração ao perceber o quão sortudo tinha sido. Havia uma figura solitária escondida atrás de uma pedra quase que diretamente abaixo dele. Devin tinha quase certeza de que tinha ficado visível na última parte de sua subida, onde a encosta estava livre de árvores, mas seu silêncio o servira bem, pois o sujeito abaixo não o percebera, prestando uma atenção fixa no grupo que comia à beira do caminho. O sol se escondeu atrás de uma nuvem, e Devin, por instinto, se encolheu mais no chão quando o assassino olhou para cima para medir a mudança na luz.

Devin sabia que isso seria importante para um arqueiro. Era um tiro longo, para baixo e parcialmente defendido pelos guardas. Provavelmente também só teria tempo para uma única flecha. Imaginou se as pontas estariam envenenadas e concluiu que provavelmente sim.

Com muito cuidado, começou a subir, arrastando-se e tentando fazer seu caminho por trás do assassino. Seu cérebro corria enquanto escorregava até um lugar com árvores. Como conseguiria se aproximar o suficiente para lidar com um arqueiro?

Nesse momento, ouviu o som da flauta de Alessan seguido, pouco tempo depois, pela harpa de Erlein. Logo depois, várias vozes começaram uma das mais antigas e divertidas baladas das terras altas. Era sobre um lendário bando de foras da lei das montanhas que havia dominado aquelas colinas e pedras com arrogância, impunes até serem surpreendidos e derrotados por forças de Quileia e Certo juntas.

*Trinta homens corajosos cavalgavam rapidamente vindos do norte
E quarenta quileianos os encontraram lado a lado.
Aqui nas montanhas cada um se comprometeu com o outro
E Gan Burdash foi em seu alto refúgio desafiado!*

A voz trovejante de Marius conduzia os outros pelo refrão. Nesse meio-tempo, Devin se lembrou de algo e já sabia o que iria tentar. Tinha consciência de que havia mais do que um pouco de loucura em seu plano, mas também sabia que não tinha muito tempo ou outras opções.

Seu coração batia com força. Secou as mãos nas calças e começou a se mover mais rápido pelas árvores, seguindo a linha da serra que subira. Atrás dele, estava a cantoria; debaixo dele, talvez a trinta metros daquele ponto mais alto e quarenta metros abaixo, estava um assassino com um arco. O sol surgiu por trás das nuvens.

Devin já estava acima e atrás do quileiano. Se carregasse um arco e tivesse algum talento com um, teria o outro em suas mãos.

Em vez disso, tinha uma faca, além de algum orgulho e confiança em sua própria habilidade. Um pinheiro gigante subia até o topo onde ele estava, vindo de trás da pedra que protegia o arqueiro. Podia vê-lo claramente agora, vestido de um verde que o camuflava na trilha montanhosa, com um arco nas mãos e uma meia dúzia de flechas a postos.

Devin sabia o que ele tinha que fazer. Sabia também — já que não havia florestas onde crescera e muito menos passagens montanhosas — que ele não tinha a menor possibilidade de descer aquela árvore em silêncio. Nem mesmo com as vozes altas e propositalmente desafinadas que protegiam seus ruídos. O que o deixava, até onde podia ver, com apenas uma opção. Outros poderiam ter planejado melhor, mas eles não estavam ali. Devin secou suas palmas úmidas com muito cuidado de novo e começou a se concentrar em um galho grande, que se estendia além dos outros. O único que o

poderia ajudar em alguma coisa. Calculou o ângulo e a distância o melhor que pôde, já que nunca tinha experimentado aquela manobra específica. O que estava prestes a tentar não era algo que se praticasse em lugar nenhum.

Verificou se a faca estava bem presa no cinto, secou as mãos uma última vez e se levantou. De forma absurda, o lampejo de memória que lhe veio foi o do dia em que seus irmãos o surpreenderam enquanto estava pendurado de cabeça para baixo em uma árvore, tentando aumentar sua altura.

Devin deu um sorriso apertado e foi até a beirada do penhasco. O galho parecia absurdamente longe e estava apenas na metade do caminho até a passagem. Ele fez um juramento mental de que, se sobrevivesse, Baerd teria que lhe ensinar a usar um arco decentemente.

Do caminho, ouviu as vozes rasgadas rodando erráticas para o clímax da balada:

*Gan Burdash dominava as montanhas altas
E sua mão causava temor ao povo,
Mas setenta homens corajosos o rastream até seu esconderijo
E quando as luas se esconderam, os picos estavam livres de novo!*

Devin pulou. O ar assobiava ao passar por seu rosto. O galho pareceu voar ao seu encontro, borrado e rápido demais. Esticou os braços, agarrou e se balançou. Só um pouco. O bastante para mudar o ângulo de descida, suavizar o impulso. Levá-lo diretamente para trás do assassino escondido pela rocha.

O galho aguentou, mas as folhas estalaram alto quando ele fez isso. Sabia que seria assim. O quileiano olhou espantado para cima e tentou alcançar seu arco. Mas não foi rápido o suficiente. Gritando o mais alto que conseguiu, Devin mergulhou como uma ave de rapina daquelas montanhas. Quando seu alvo começou a se mover, Devin já estava lá.

Nossa queda da vigésima sétima árvore, pensou.

Na queda, ele mexeu o tronco para que ficasse de lado e por cima da parte superior do corpo do quileiano, chutando com força com os dois pés ao mesmo tempo. O impacto foi doentio. Sentiu suas pernas fazendo contato enquanto caía em cima do outro, deixando-o sem ar nos pulmões.

Os dois bateram no chão juntos, tropeçando e rolando para longe da rocha. Devin soluçou, agoniado, sentindo o mundo sumir e rodar loucamente. Apertou os dentes e procurou sua adaga.

Mas percebeu que não era necessário.

Morto antes que chegássemos ao chão, Marius tinha dito. Com um tremor, Devin forçou o ar em seus pulmões torturados. Sentiu uma dor cortante e estranha subindo pela perna direita. Esforçou-se para ignorá-la enquanto rolava para se libertar do quileiano inconsciente e lutou, ofegante, por mais uma lufada do precioso ar. E só então olhou.

O assassino era uma mulher. Sob aquelas circunstâncias, não era uma surpresa tão grande. Ela não estava morta. Parecia ter batido com a testa na base da rocha com o impacto da queda. Estava deitada de lado, sangrando muito de um ferimento na cabeça. Seu chute provavelmente quebrara algumas costelas. Devin notou que ela tinha também uma série de cortes e arranhões de quando rolara pela encosta. Assim como ele. Sua camisa estava rasgada e ele, com um arranhão feio de novo, pela segunda vez em menos de um dia. Devia ter alguma graça naquilo, mas ele não conseguia ver. Não ainda.

Contudo, parecia ter sobrevivido. E tinha feito o que lhe fora pedido. Conseguiu respirar de forma mais completa e tranquila antes de Alessan e um dos soldados quileianos aparecerem correndo pelo caminho. Para surpresa de Devin, Erlein vinha logo atrás.

Tentou ficar de pé, mas tudo rodou e Alessan teve que segurá-lo. O guarda quileiano virou a assassina para cima. Ficou encarando-a por um tempo e depois cuspiu deliberadamente em seu rosto

que sangrava.

Devin desviou o olhar e seus olhos encontraram os de Alessan.

— Nós vimos quando você pulou dali. Você deveria ter asas antes de tentar algo assim — o Príncipe comentou. — Ninguém disse isso a você?

A expressão nos olhos cinzentos traía a leveza do tom.

— Tive medo por você — completou ele, em voz baixa.

— Não pude pensar em mais nada — disse Devin, desculpando-se. Tomou consciência de um orgulho profundo começando a emergir dentro de si. Deu de ombros. — A cantoria estava me enlouquecendo. Eu tinha que fazer algo para parar.

O sorriso de Alessan aumentou. Ele esticou o braço e apertou o ombro de Devin, como Baerd fizera, naquela noite no celeiro, mas foi Erlein quem riu da piada.

— Vamos voltar lá para baixo — sugeriu o mago. — Vou ter que limpar esses cortes para você.

Eles o ajudaram a descer a encosta. O quileiano carregava a mulher e seu arco. Devin viu que era feito de uma madeira muito escura, quase negra, e tinha sido entalhado no formato de uma lua crescente. Em uma das pontas, um cacho retorcido de cabelos grisalhos estava pendurado. Ele teve um calafrio, pois tinha uma boa ideia da identidade de seu dono.

Marius estava de pé, uma das mãos nas costas da cadeira, enquanto os via descer. Seus olhos mal passaram pelos quatro homens e pela mulher que traziam. Prenderam-se, frios e sérios, na curva negra do arco-da-lua. Parecia assustador.

Ainda mais, Devin pensou, por não parecer nem um pouco assustado.

— Acho que passamos do ponto de dançar com as palavras entre nós — disse Alessan. — Gostaria de falar o que eu preciso e você me diz se pode fazê-lo, e isso será tudo que teremos que dizer.

Marius levantou a mão para interrompê-lo.

Ele tinha se juntado aos três entre as almofadas no tecido dourado. Os pratos e as cestas tinham sido levados. Dois dos quileianos tinham levado a mulher para onde o resto da companhia os esperava. Os outros quatro estavam de guarda, não muito longe. O sol estava alto, o mais alto que podia estar ao meio-dia, ali, tão longe ao sul e tão cedo na primavera. Era um dia quente e generoso.

— Este Urso é um péssimo dançarino com as palavras, Pombo — dizia o Rei de Quileia sério. — Você sabe disso. Você provavelmente sabe de outra coisa: o quanto irei lamentar se tiver que negar algum pedido a você. Eu gostaria de fazer diferente: vou dizer o que eu não posso fazer, assim você não irá me pedir e me forçar a recusar.

Alessan concordou em silêncio e observou o Rei.

— Não posso lhe dar um exército — Marius disse, seco. — Não agora e provavelmente nunca. Meu poder é recente demais, estou muito longe da estabilidade que preciso em casa para liderar ou mesmo ordenar tropas a passarem dessas montanhas. Tenho de mudar séculos e séculos de tradição em muito pouco tempo. Não sou mais um jovem, Pombo.

Devin sentiu um surto de agitação dentro de si e lutou para se controlar. Era uma ocasião demasiado séria para se sentir como uma criança, mas ele não podia acreditar que estava ali, tão perto — no meio mesmo — de algo tão importante. Olhou rapidamente para Erlein e depois o observou com mais atenção: viu a mesma faísca de interesse no rosto do outro. Apesar de sua idade e de suas viagens, Devin duvidava que o mago-trovador estivesse tão perto de grandes acontecimentos.

Alessan sacudia a cabeça.

— Urso — disse ele —, eu jamais pediria isso a você. Pelo seu bem e pelo meu. Meu nome não será lembrado por ter sido o primeiro homem a convocar o recém-despertado poder de Quileia a

subir ao norte, até a Palma. Se, algum dia um exército de Quileia atravessar essa passagem, e eu espero que nós dois estejamos mortos há muito tempo antes que isso aconteça, a vontade de meu coração é que ele seja massacrado e retorne com perdas tão sangrentas que nenhum Rei no sul jamais tente fazer o mesmo novamente.

— Se houver um Rei no sul, e não outros quatro séculos da Mãe e de suas sacerdotisas. Muito bem — disse Marius —, diga-me o que você precisa.

As pernas de Alessan estavam perfeitamente cruzadas e seus longos dedos pousados em seu colo. Para o restante do mundo, pareceria que ele não estava discutindo nada mais importante do que, por exemplo, a sequência de músicas para uma apresentação noturna. A não ser por seus dedos, que, como Devin notou, estavam tão apertados que estavam brancos.

— Antes, uma pergunta — disse Alessan, a voz controlada. — Você recebeu cartas pedindo para abrir relações comerciais?

Marius assentiu.

— Dos seus dois tiranos. Presentes, mensagens de felicitações e ofertas generosas para reabrir as antigas rotas de comércio por terra e mar.

— E cada um deles se apressou em pintar o outro como indigno de confiança e instável no poder.

Marius tinha um leve sorriso no rosto.

— Andou interceptando a minha correspondência, Pombo? Eles fizeram exatamente isso.

— E o que — perguntou Alessan, certo como uma flecha — você respondeu?

Pela primeira vez, havia uma nota nítida de tensão em sua voz, sem sombra de dúvidas. Marius também percebeu.

— Nada ainda — respondeu, o sorriso sumindo. — Quero receber mais algumas mensagens de cada um antes de decidir o que fazer.

Alessan olhou para baixo e pareceu notar seus dedos apertados pela primeira vez. Soltou-os e passou uma das mãos pelo cabelo, em um movimento previsível.

— Mas você vai precisar agir — ele disse com alguma dificuldade. — Você vai precisar do comércio. Em sua posição, você vai ter que mostrar à Quileia alguns dos benefícios que poderá trazer. A ligação com o norte é a maneira mais rápida para isso, não acha?

Havia um tom desconfortável de desafio em sua voz.

— Claro — disse Marius, simplesmente. — Terei que fazer alguma coisa. Afinal, sou Rei para quê? É apenas uma questão de tempo e, com o que aconteceu hoje de manhã, acho que meu tempo está correndo mais rápido.

Alessan concordou, como se já soubesse disso.

— Então, o que você vai fazer?

— Abrir passagem para os dois. Sem preferências nem tarifas para nenhum deles. Deixarei Alberico e Brandin me mandarem todos os presentes, ofertas e mensageiros que quiserem. Deixarei que esse comércio me transforme num Rei de verdade, um Rei que traz prosperidade ao seu povo. E preciso começar a fazer isso logo. Imediatamente, eu suspeito. Tenho que colocar Quileia firme o bastante em um novo caminho para que o antigo desapareça de uma vez. Se não for assim, terei morrido sem ter feito nada além de ter vivido um pouco mais do que os outros Reis do Ano, e as sacerdotisas estarão no poder de novo antes que minha carne suma de meus ossos no chão.

Alessan fechou os olhos. Devin percebeu o farfalhar das folhas ao redor e o piado ocasional dos pássaros. Quando levantou os olhos novamente para Marius, eles estavam calmos e abertos. Ele disse, secamente:

— Meu pedido é que você me dê seis meses antes de decidir sobre o comércio. E algo mais nesse tempo.

— Só o tempo já é muita coisa — Marius disse, com muita calma. — Mas me conte o resto, Pombo. O algo mais.

— Três mensagens, Urso. Preciso que três mensagens sejam mandadas para o norte. Na primeira, você irá dizer “sim” para Brandin, com condições. Você irá pedir tempo para consolidar sua própria posição antes de expor Quileia às influências externas. Deixe claro que sua decisão favorável a ele é baseada no fato de ele parecer mais forte do que Alberico. Além disso, é provável que dure mais no poder. A segunda será para rejeitar, com grande tristeza, todas as aproximações de Astibar. Escreva para Alberico que você está intimidado pelas ameaças de Brandin, que gostaria muito de negociar com o Império de Barbadior, que precisaria manter negócios com eles, mas os ygratheanos parecem fortes demais na Palma para você se arriscar a desagradá-los. Deseje toda a sorte do mundo a Alberico. Peça que ele mantenha contato discretamente e diga que estará observando os acontecimentos no norte com muito interesse. Diga que você ainda não deu sua decisão final para Brandin e que irá adiá-la o máximo possível. E acrescente suas calorosas recomendações ao Imperador.

Devin estava perdido. Voltou ao truque que usara no inverno: ouvir, lembrar e pensar sobre o assunto mais tarde. No entanto, os olhos de Marius brilhavam e o sorriso frio e enervante estava de volta.

— E a terceira? — perguntou.

— É para o Governador da Província de Senzio. Oferecendo o início imediato do comércio, sem taxas e com prioridade na escolha dos melhores produtos, além de ancoragem segura em seus portos para os navios. Expresse sua profunda admiração pela independência corajosa e por sua iniciativa quando encontram dificuldades. — Alessan fez uma pausa. — Essa terceira mensagem, obviamente...

— Será interceptada por Alberico de Barbadior. Pombo, você faz ideia do que isso pode causar? De como esse jogo é perigoso?

— Espere um pouco! — exclamou Erlein de Senzio de repente, começando a se levantar.

— *Você, fique quieto!* — Alessan literalmente rosnou o comando, em uma voz que Devin nunca o escutara usar antes.

A boca de Erlein se fechou. Ele se resignou, respirando com dificuldade, seus olhos eram brasas de raiva e de uma crescente compreensão. Alessan nem sequer olhou para ele. Assim como Marius. Os dois estavam sentados em um tapete dourado, no alto das montanhas, aparentemente esquecidos da existência de qualquer outra coisa no mundo além de si mesmos.

— Você *sabe*, não é? — disse Marius, por fim. — Você sabe exatamente.

A voz dele transmitia certo espanto. Alessan concordou.

— A Tríade sabe quanto tempo eu tive para pensar nisso. Assim que as rotas de comércio se abrirem, acho que a minha província e seu nome estarão perdidos para sempre. Com o que você pode oferecer a ele, Brandin será um herói no oeste, não um tirano. Ele estará tão seguro que não haverá nada que eu possa fazer, Urso. Seu título de Rei pode ser o meu fim. E o do meu lar.

— Você lamenta ter me ajudado a consegui-lo?

Devin observou Alessan digladiar-se com aquilo. Havia correntes de emoção passando ali, longe da superfície do que ele podia ver e entender. Ele ouvia para lembrar.

— Deveria lamentar — murmurou Alessan, depois de um tempo. — Não lamentar é um tipo de traição, mas, não, como eu posso me arrepender de algo que lutamos tão duro para conseguir?

Seu sorriso era melancólico.

— Sabe que amo você, Pombo. Vocês dois, aliás.

— Eu sei. Nós dois sabemos.

— Você sabe o que estou enfrentando em casa.

— Eu sei. Tenho motivos para lembrar.

No silêncio que se seguiu, Devin sentiu uma tristeza se abater sobre ele, ecoando em seu ânimo ao final da noite. O sentimento da distância que parecia sempre existir entre as pessoas. Os precipícios que precisavam ser atravessados até mesmo para um simples toque.

E como esses precipícios deveriam ser ainda maiores para homens como aqueles dois, com seus sonhos, o fardo de serem quem eram, e tudo o mais. Como parecia difícil, cruelmente difícil, para as mãos se estenderem por cima de tanta história e de tanto peso de responsabilidades e perdas.

— Ah, Pombo — disse Marius de Quileia, sua voz pouco mais que um sussurro —, você pode ter sido uma flecha disparada pela lua branca até meu coração dezoito anos atrás. Eu o amo como a um filho, Alessan bar Valentin. Eu lhe darei seis meses e as suas três mensagens. Construa uma pira em minha memória se souber que morri.

Mesmo entendendo tão pouco, estando praticamente fora daquilo, Devin sentiu um aperto na garganta que não o deixava engolir. Olhou para os dois e não poderia dizer qual deles admirava mais naquele momento. Aquele que havia pedido, sabendo o que pedira, ou aquele que tinha concedido, sabendo o que dera. Porém, tinha uma consciência humilhante e inescapável do quanto ainda teria que viajar, e de que talvez nunca conseguisse alcançar essa distância antes de poder se considerar um homem como eles.

— Algum de vocês faz ideia — Erlein di Senzio quebrou a calma, sua voz sombria como a morte — de quantos homens e mulheres inocentes podem ser assassinados por causa do que planejam fazer?

Marius não disse nada, mas Alessan se virou para o mago.

— Você faz alguma ideia — respondeu, seus olhos como duas lascas de gelo cinzentos — do quão perto estou de matá-lo por dizer isso?

Erlein empalideceu, mas não recuou nem desviou o olhar.

— Eu não pedi para nascer nesta época, condenado pelo meu nascimento a tentar consertar o que aconteceu — disse Alessan, sua voz rigidamente controlada, como se presa em uma coleira. — Eu era o irmão mais novo, e este deveria ser o fardo de meus irmãos, dos dois ou de um deles. Mas eles morreram no Deisa. Estavam entre os afortunados.

A amargura o fez parar por um momento, mas ele a venceu.

— Estou tentando agir por toda a Palma, não só por Tigana e seu nome perdido. Tenho sido considerado tanto um tolo quanto um traidor por agir assim. Minha mãe me amaldiçoou por isso, e eu aceito. Por ela, se eu fracassar, irei me considerar o responsável pelo sangue, pela morte e pela destruição de tudo o que Tigana era, mas *não* vou me sujeitar ao seu julgamento, Erlein di Senzio! Não preciso que você me diga o que ou quem está em risco nisso. Preciso que você faça o que eu mando, nada mais! Se for para você morrer como um escravo, tanto faz se será meu ou de outro. Então, você irá lutar comigo, siziano. Por sua vontade ou contra ela, você irá lutar comigo pela liberdade.

Ficou em silêncio. Devin sentiu que tremia, como se uma gigantesca tempestade tivesse sacudido o céu sobre as montanhas e depois partido.

— Por que você o deixa viver? — perguntou Marius de Quileia.

Alessan lutou para se controlar. Parecia pensar no assunto.

— Porque ele, à sua maneira, é um homem corajoso — respondeu, depois de um tempo. — Porque é verdade que seu povo será colocado em grande perigo por causa disso. Porque errei com ele, segundo o ponto de vista dele e também segundo o meu. E porque eu preciso dele.

Marius balançou a cabeça.

— É ruim precisar de um homem.

— Eu sei, Urso.

— Ele pode vir até você, anos depois, e pedir algo imenso. Algo que seu coração não o deixará recusar.

— Eu sei, Urso — disse Alessan. Os dois homens se encaram, sentados imóveis em cima do tapete dourado.

Devin desviou o olhar, sentindo-se um intruso naquele momento. No silêncio daquela passagem sob as alturas das montanhas Braccio, os pássaros cantavam com doçura enternecedora e, olhando para o alto, ele percebeu que as últimas nuvens brancas haviam se afastado, revelando o brilho da neve iluminada pelo sol nos picos. O mundo parecia ser um lugar com mais beleza e mais dor do que jamais imaginara.

Quando cavalgaram de volta da passagem, Baerd esperava por eles a poucos quilômetros ao sul do castelo, sozinho em seu cavalo entre o verde do pé das colinas. Seus olhos se arregalaram ao ver Devin e Erlein e, ao se aproximar, viram que, mesmo por trás da barba, Baerd estava se divertindo — algo bem raro.

— Você — disse ele — é ainda pior nessas coisas do que eu, apesar de tudo o que diz.

— Pior, não. Talvez tão ruim quanto — disse Alessan, baixando a cabeça. — Afinal, sua *única* razão para se recusar a ir era para que ele não se sentisse ainda mais pressionado a...

— E, depois de me me dar uma bronca por isso, você vai e leva dois completos estranhos para diminuir ainda mais a pressão. Mantenho: você é ainda pior do que eu.

— Então, me dê uma bronca também — disse Alessan, mas Baerd apenas sacudiu a cabeça.

— Como ele está?

— Bem, mas sob pressão. Devin impediu uma tentativa de assassinato lá em cima.

— O quê? — Baerd olhou rapidamente para Devin, notando a camisa e a calça rasgadas, além dos arranhões e cortes.

— Você vai precisar me ensinar a usar um arco — Devin disse. — Vou me rasgar menos assim.

— Irei, na primeira oportunidade. — Ele sorriu, mas depois percebeu o que havia sido dito. — Assassinato? Nas *montanhas*? Impossível!

— Infelizmente não. Ela tinha um arco da lua com uma mecha do cabelo dele. Obviamente, suspenderam a proibição de ir até a montanha, pelo menos para assassinatos. — Alessan estava sério.

O rosto de Baerd ficou marcado de preocupação. Ele permaneceu sentado em seu cavalo, calado por um momento, e só depois falou:

— Então ele não tinha realmente opção. Precisa agir imediatamente. Ele recusou?

— Aceitou. Temos seis meses, e ele vai mandar as mensagens. — Alessan hesitou. — Pediu para acendermos uma fogueira em sua memória se ele morrer.

Baerd virou seu cavalo de repente. Ficou olhando fixamente para oeste. O sol do fim da tarde espalhava um brilho âmbar sobre as subidas e descidas das colinas.

— Eu amo aquele homem — disse Baerd, ainda olhando longe.

— Eu sei — respondeu Alessan. Lentamente, Baerd voltou-se para ele e ambos trocaram um olhar em silêncio.

— Senzio? — perguntou Baerd. Alessan assentiu.

— Você terá que explicar para Alienor como preparar a interceptação. Estes dois vão comigo para o oeste. Você, Catriana e o Duque vão para o norte e depois para Trega. Vamos começar a colher o que plantamos, Baerd. Você conhece o cronograma tão bem quanto eu, e saberá o que fazer até nos encontrarmos de novo, saberá também quem queremos do leste. Não tenho certeza sobre Rovigo, vou deixar isso com você.

— Não gosto da ideia de seguirmos caminhos separados — murmurou Baerd.

— Se quer saber, nem eu. Se você tem alguma alternativa, gostaria de ouvir.

Baerd sacudiu a cabeça.

— O que você irá fazer?

— Vou falar com algumas pessoas no caminho. E vou ver minha mãe. Depois, vai depender do que encontrar em minha própria colheita no oeste antes da chegada do verão.

Baerd olhou rapidamente na direção de Erlein e Devin.

— Tente não se machucar.

— Ela está morrendo, Baerd. E a magoei bastante em dezoito anos — Alessan encolheu os ombros.

— Você não a magoou! — o outro respondeu, com uma raiva súbita. — Você só se machuca pensando desse jeito.

— Ela está morrendo anônima e sozinha em um Santuário de Eanna na província chamada de Baixa Corte — suspirou Alessan. — Ela não está no Palácio ao Mar em Tigana. Não me diga que ela não está magoada.

— Não por você! — Baerd protestou. — Por que você faz isso consigo mesmo?

Novamente, ele encolheu os ombros.

— Tomei algumas decisões nos doze anos desde que saímos de Quileia. Eu estou pronto para aceitar que os outros possam discordar delas — seus olhos foram na direção de Erlein. — Deixe, Baerd. Prometo que não vou me deixar abalar por isso, mesmo sem você por perto. Devin irá me ajudar se for preciso.

Baerd sorriu por trás de sua barba e parecia que ia insistir ainda mais no assunto, mas, quando falou, seu tom estava diferente:

— Você acha que a hora é essa, então? Você acha que vai realmente acontecer agora?

— Eu acho que *tem* que acontecer neste verão ou jamais acontecerá. A não ser, eu suponho, que alguém realmente mate Marius em Quileia e voltemos a ficar em suspenso aqui, sem ter o que fazer. O que significaria que minha mãe e muitos como ela estão certos. Nesse caso, você e eu temos simplesmente que navegar até Chiara e invadir os muros do palácio sozinhos para matar Brandin de Ygrath e ver a Palma se tornar um posto avançado de Barbador. O que isso irá custar a Tigana?

Ele se controlou e continuou, em uma voz mais baixa:

— Marius é o único trunfo que iremos ter, aquilo que eu estava esperando e preparando por todos esses anos. E ele acabou de concordar em nos deixar guiá-lo de acordo com nossas necessidades. Nós temos uma chance. Não nã é má ideia rezar nos próximos dias, todos nós. Tudo isso ficou muito tempo na expectativa.

Baerd estava imóvel.

— Muito tempo — repetiu ele, afinal, e algo em sua voz deu calafrios em Devin. — Que Eanna ilumine seu caminho pelos Dias das Brasas e além. O de vocês três.

O rosto de Alessan transparecia um mundo de emoções.

— O seu também, o de vocês três — foi tudo o que ele disse antes de virar o cavalo e começar seu caminho para o oeste.

Seguindo-o, Devin olhou para trás uma vez e viu que Baerd não se movera. Estava sentado em seu cavalo, observando-os. A luz do sol bateu em seu cabelo e em sua barba, dando-lhes novamente a cor dourada de que Devin se lembrava em seu primeiro encontro. Ele estava longe demais para conseguir discernir seu rosto.

O rapaz levantou a mão em despedida, a palma aberta, e, para sua surpresa e alegria, viu Erlein fazer o mesmo de repente.

Baerd ergueu um braço em saudação, para depois torcer as rédeas de seu cavalo e virá-lo para

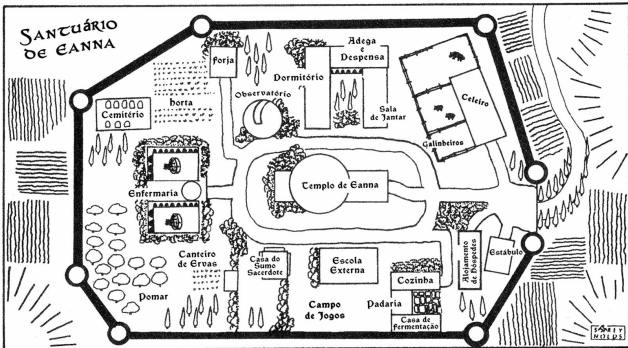
o norte.

Alessan, fazendo seu cavalo galopar firme na direção do sol poente, não olhou para trás.

PARTE QUATRO

O preço do sangue

SANTUÁRIO DE EANNA



Algum tempo antes do amanhecer — ela não tinha certeza de que horas eram —, Dianora se levantou da cama e foi até as janelas que davam para a varanda. Afinal, ela não dormira a noite toda. Tampouco dormira seu irmão, muito longe ao sul, que lutava na Guerra da Brasa e depois compartilharia o começo da primavera no topo de uma colina conquistada da Escuridão.

Ela mesma não tinha compartilhado nada com ninguém naquela noite, deitada sozinha em sua cama, visitada por fantasmas e memórias. Olhava para uma escuridão fria que pouco tinha de primavera, da promessa do crescimento que viria. Estrelas tardias ainda brilhavam, apesar da lua já ter se posto há muito tempo. O vento soprava do mar. Ela mal podia distinguir as bandeiras tremulando nos mastros dos navios no porto, além do píer do Mergulho do Anel.

Um desses navios acabara de chegar de Ygrath. Trouxera a cantora Isolla até lá. Contudo, não a levaria de volta.

— Khav, minha senhora? — disse Scelto em voz baixa, atrás dela.

Ela assentiu sem se virar.

— Por favor. E, depois, sente-se comigo. Precisamos conversar.

Pensou que, se ela agisse rápido o bastante, se colocasse tudo em movimento sem se dar tempo para hesitação ou medo, conseguiria fazer aquilo. De outra forma, estaria perdida.

Podia ouvir Scelto movendo-se de forma eficiente na pequena cozinha que era parte do seu conjunto de salas. O fogo fora mantido por toda a noite. Ygrath podia não ter os mesmos rituais de primavera e outono que a Palma, mas Brandin interferia pouco na religião ou nos costumes locais, e Dianora nunca acendera um fogo novo em nenhum Dia das Brasas. Assim como a maioria das mulheres na saishan, caso se pensasse nisso. A ala leste do palácio seria um lugar escuro depois do pôr do sol por mais duas noites.

Ela pensou em sair para a varanda, mas parecia estar frio demais. Não havia sinais de vida lá embaixo. Pensou em Camena di Chiara. Quando o sol nascesse, provavelmente o levariam para fora — os ossos quebrados — para morrer em uma roda à frente de todos. Ela afastou essa imagem da mente também.

— Aqui está o seu khav. Eu o fiz bem forte — disse, sem jeito.

Ela se virou ao ouvir isso e seu coração ficou um pouco apertado ao ver a preocupação desamparada nos olhos dele. Sabia que Scelto tinha lamentado por ela na noite anterior. As marcas da insônia estavam no rosto dele, como supunha que estivessem no seu também. Podia adivinhar como deveria estar sua aparência naquela manhã. Forçou um sorriso e aceitou a caneca oferecida. Estava quente e reconfortante em sua mão, mesmo antes de beber.

Sentou em uma das cadeiras próximas à janela e fez sinal para que ele se acomodasse na outra. Ele hesitou por um momento e se sentou. Dianora estava em silêncio, pesando as palavras. Percebeu, abruptamente, que não tinha ideia de como fazer aquilo de maneira sutil. Isso porque, pensou, ácida, sou uma manipuladora cínica da corte. Respirando fundo, disse:

— Scelto, preciso estar nas montanhas nesta manhã, sozinha. Sei das dificuldades, mas tenho meus motivos e eles são importantes. Você conseguiria isso?

Ele franziu a testa. Nada disse, porém, e ela percebeu que pensava em uma resposta para a pergunta, tentando não julgá-la nem entendê-la. Ela temera uma reação diferente, mas percebeu, tardiamente, que não precisava temer. Nunca com ele.

— Vai depender se vão fazer a corrida hoje — respondeu ele.

O coração dela se encheu de amor. Ele nem sequer perguntara as razões.

— E por que não fariam? — questionou, estupidamente, entendendo a resposta enquanto ele a dizia.

— Camena — disse ele. — Não sei se o Rei vai permitir a corrida da primavera no mesmo dia de uma execução. Se *forem* fazer a corrida, então você será convidada a assistir ao final na tenda do Rei, no prado, como sempre.

— Eu tenho que estar sozinha — repetiu ela. — E no alto da montanha.

— Sozinha comigo — acrescentou ele, quase implorando.

Ela tomou um pequeno gole de seu khav. Aquela seria a parte difícil.

— Parte do caminho, Scelto — disse ela. — Há algo que preciso fazer sozinha. Vou ter que deixá-lo antes do topo.

Viu-o se debater contra aquilo e antes que pudesse falar, acrescentou:

— Eu não falaria isso se não fosse necessário. Não há outra pessoa que eu preferiria ter ao meu lado.

Ela não disse para *o que* seria necessário e via-o lutando para não perguntar. Mas Scelto se segurou e ela sabia que isso lhe custou muito.

Levantou-se.

— Tenho que descobrir o que vai acontecer, então. Volto logo. Se forem correr, teremos pelo menos uma desculpa para estarmos lá fora. Se não, teremos que pensar mais sobre o assunto.

Ela concordou, agradecida, e observou-o partir, limpo e arrumado, infinitamente tranquilizador em sua competência. Terminou o khav olhando pela janela. Ainda estava escuro lá fora. Foi até a outra sala para se lavar e se vestir, fazendo tudo com cuidado, pois sabia que poderia ser importante. Escolheu um simples vestido marrom de lã e prendeu-o com um cinto. Era um Dia das Brasas, não um tempo de enfeites esplendorosos. O vestido tinha um capuz para esconder o cabelo; aquilo também poderia ser importante.

Quando terminou, Scelto já tinha voltado. Estava com uma expressão estranha no rosto.

— Eles vão correr — disse. — E Camena não será executado na roda.

— O que aconteceu com ele? — perguntou ela, sentindo um terror instintivo.

Scelto hesitou.

— O que está sendo dito é que ele já recebeu uma morte misericordiosa, já que a verdadeira conspiração veio de Ygrath, e Camena foi apenas uma vítima, uma ferramenta.

Ela assentiu.

— E o que foi que realmente aconteceu?

— Talvez seja melhor você não saber isso, minha senhora — o rosto dele estava perturbado.

Provavelmente era, ela pensou. No entanto, tinha ido longe demais durante a noite, e ainda teria que ir mais longe. Não era uma manhã para tentar se proteger.

— Talvez, mas mesmo assim prefiro que você me diga, Scelto — foi tudo o que disse.

— Disseram que ele será... alterado. Rhun está envelhecendo, e o Rei precisa de um bobo. É preciso ter um preparado, e isso pode demorar muito, dependendo das circunstâncias — respondeu, depois de um momento.

As circunstâncias, Dianora pensou, enojada. Tal como as do bobo-em-preparação que havia sido um jovem saudável, normal e talentoso, que amava seu lar.

Mesmo entendendo o que os bobos de Ygrath eram para seus Reis, mesmo sabendo que Camena tinha condenado sua vida pelo que fizera no dia anterior, ela não conseguia impedir a revolta de seu estômago com o que as palavras de Scelto implicavam. Lembrou-se de Rhun atacando o corpo de Isolla no dia anterior. Lembrou-se do rosto de Brandin. Forçou sua mente para longe daquilo. Ela não podia se permitir sequer pensar nele naquela manhã. Na verdade, seria melhor não pensar em

nada.

— Eu já fui chamada? — perguntou, tensa.

— Ainda não. Mas será — ela percebeu a tensão em sua voz, as notícias sobre Camena o tinham deixado nitidamente perturbado também.

— Eu sei que sim — disse ela. — Mas não acho que podemos esperar. Se eu sair com os outros, vai ser impossível escapar. O que você acha que pode acontecer se nós dois tentarmos sair juntos agora?

Seu tom estava firme e calmo, o rosto de Scelto ficou pensativo.

— Podemos tentar — respondeu, depois de um momento.

— Então, vamos.

O medo era bem simples: se esperasse demais ou se pensasse demais, ela ficaria paralisada pela dúvida; tinha que se mover e continuar se movendo, até chegar a algum lugar.

O que aconteceria então, se é que acontecesse, deixaria nas mãos da Triade.

Com o coração batendo rápido, seguiu Scelto para fora de seus aposentos em direção ao corredor principal da saishan. Os primeiros finos fios de luz começavam a passar pelas janelas na ponta leste. Os dois foram na outra direção, passando por dois jovens eunucos que se dirigiam para os aposentos de Vencel. Dianora olhou diretamente para eles. Ficou satisfeita — pela primeira vez — em ver o medo nascer nos olhos dos dois rapazes. Naquele dia, o medo era uma arma, uma ferramenta, e ela precisaria de todas que conseguisse encontrar.

Scelto a guiou, sem pressa, descendo a escadaria larga em direção às portas duplas que levavam para o mundo exterior. Ela o alcançou no momento em que o eunuco batia de leve na porta. Quando o guarda do lado de fora a abriu, ela atravessou sem esperar por seu questionamento ou pelo anúncio de Scelto. Ela olhou friamente enquanto passava e viu seus olhos se arregalarem quando a reconheceu. Começou a andar pelo longo corredor. Assim que passou por outro guarda, viu que era o jovem para o qual sorria no dia anterior. Naquele momento, ela não sorriu.

Atrás de si, pôde ouvir Scelto falar uma frase curta e cifrada e, depois, outra em resposta a alguma pergunta. Então ouviu seus passos pelo corredor e, um instante depois, a porta se fechou atrás deles. Scelto a alcançou.

— Acho que seria necessário um homem muito corajoso para impedi-la hoje — disse, em voz baixa. — Todos sabem o que aconteceu ontem. É uma boa manhã para tentar isso.

Era a *única* manhã em que ela tentaria aquilo, Dianora pensou.

— O que você disse a eles? — perguntou, continuando a andar.

— A única coisa em que consegui pensar. Você está indo a um encontro com d'Eymon sobre o que aconteceu ontem.

Ela diminuiu o passo, levando aquilo em consideração, e, naquele momento, o brilho de um plano adequado veio até ela, como a primeira luz fraca do sol nascendo no leste sobre as montanhas.

— Bom — disse, balançando a cabeça. — Muito bom, Scelto. É exatamente o que estou fazendo.

Dois outros guardas passaram por eles, mas sem notá-los.

— Scelto — disse ela, quando ficaram sozinhos novamente. — Preciso que você encontre d'Eymon. Diga-lhe que preciso falar com ele a sós antes que todos nós saíamos para ver o fim da corrida. Diga que estarei esperando no Jardim do Rei daqui a duas horas.

Dois horas podiam ou não ser o bastante; ela não tinha certeza. Entretanto, em algum lugar na vasta extensão do Jardim do Rei, no lado norte do palácio, ela sabia que havia um portão levando até os prados e até as encostas de Sangarios mais além.

Scelto parou, forçando-a a fazer o mesmo.

— Você vai sem mim, não é?

Ela não mentiria para ele.

— Vou — disse. — Espero estar de volta para esse encontro. Depois que lhe der o recado, volte para a saishan. Ele não sabe que já estamos do lado de fora, então não irá me procurar. Garanta que a mensagem chegue diretamente a você. Não me importa como.

— Geralmente, elas chegam — respondeu ele em voz baixa, claramente infeliz.

— Eu sei disso. Quando ele me procurar, teremos a nossa desculpa para estar do lado de fora. Desça daqui a duas horas. Deverei estar no jardim com ele. Procure-nos lá.

— E se você não estiver.

— Adie. Torça. *Tenho* que fazer isso, Scelto. Já disse.

Ela o olhou por mais um instante e então acenou com a cabeça uma vez. Continuaram. Pouco antes de alcançarem a curva da Grande Escadaria à esquerda, Scelto virou à direita, e eles desceram por uma escada menor até o térreo. Não havia ninguém ali. O palácio estava apenas começando a despertar.

Ela se virou para Scelto. Seus olhos se encontraram. Por um instante fugidio, esteve muito tentada a confiar nele, a fazer do amigo um aliado. Mas o que ela poderia dizer? Como explicar, ao amanhecer, no meio de um corredor, a noite escura e a trilha dos anos que a haviam levado até ali?

Ela colocou a mão em seu ombro e apertou.

— Vá. Eu ficarei bem.

Sem olhar para trás, andou sozinha pelo corredor, empurrou as duas portas de vidro que levavam ao labirinto do Jardim do Rei e saiu para o começo frio e cinzento do amanhecer.

Não fora sempre conhecido como o Jardim do Rei, nem fora sempre tão selvagem como estava. Os grão-duques de Chiara haviam moldado aquele terreno para seu prazer por gerações sucessivas, e ele mudara pelos anos conforme os gostos e os estilos da corte da Ilha.

Quando Brandin de Ygrath chegara, era um cintilante exercício de jardinagem: arbustos cuidadosamente podados em forma de pássaros e animais, árvores precisamente espaçadas e arranjadas ao longo da enorme extensão murada do jardim, caminhos largos com bancos esculpidos em intervalos pequenos, cada um próximo a uma sejoia plantada para perfumar e dar sombra. Havia um labirinto de arbustos quadrados e bem cuidados com uma namorada no centro e fileiras e mais fileiras de flores cuidadosamente arranjadas em cores complementares.

Manso e chato, foi como o Rei de Ygrath o descrevera ao andar por ali a primeira vez.

Dois anos depois, o jardim mudara de novo. E muito dessa vez. Os caminhos estavam menos largos, cobertos e escondidos por folhas no verão e no outono. Entrelaçavam-se aleatoriamente no meio dos densos grupos de árvores — trazidas com muito esforço das encostas montanhosas e das florestas do lado norte da Ilha. Alguns dos bancos esculpidos permaneceram, assim como os cheirosos canteiros de flores, mas os pássaros de sebes e os animais de arbustos foram os primeiros a ir embora; e os espinheiros e serranos bem cuidados e simetricamente podados tinham sido deixados para crescer, altos e sombrios como árvores. O labirinto se fora, pois o jardim todo era um.

Um rio subterrâneo havia sido perfurado e desviado, e o som de água corrente estava por todo lado. Havia pequenos lagos cheios de folhas em lugares inesperados, com árvores os cobrindo para dar sombra no calor do verão. O Jardim do Rei se tornara um lugar estranho; não crescia descontroladamente e, com certeza, não estava descuidado, mas moldaram-no de maneira arbitrária para criar uma sensação de silêncio, de isolamento e, por vezes, de perigo.

Como aquela, com a brisa da madrugada que ainda estava fria e o sol que mal acabara de nascer, apenas começava a esquentar o ar. Apenas os botões mais precoces apareciam nos galhos das árvores, e apenas as primeiras flores da estação — anêmonas e rosas caianas selvagens — davam lampejos de calor para a manhã pálida. As árvores de inverno pareciam altas e escuras contra o céu cinzento.

Dianora tremeu e fechou as portas de vidro atrás de si. Respirou fundo o ar cortante e olhou para cima, para as nuvens empilhadas no alto da montanha, escondendo o topo do Sangarios. A leste, as nuvens começavam a se abrir; o dia seria quente mais tarde. Mas não ainda. Ela parou na beira da vastidão de um jardim de fim de inverno e tentou se guiar para a calma e para a tranquilidade.

Sabia que havia um portão no muro norte, mas não tinha certeza de onde. Brandin mostrara-lhe em uma noite de verão, anos antes, quando andaram quilômetros sem destino, entre vagalumes, grilos e o barulho de água espalhada na escuridão, além dos caminhos iluminados pelas tochas. Ele a levava até o portão que encontrara um dia, quase escondido por heras e por uma roseira. Mostrou-lhe na escuridão, à luz das tochas vinda detrás e da azul llarion acima deles.

Ele segurou sua mão enquanto andavam naquela noite, ela se lembrava, e falou sobre ervas e sobre a propriedade das flores. Falou sobre um conto de fadas, sobre uma princesa da floresta nascida em um mundo muito distante, em um leito encantado de flores brancas como a neve, que só desabrochavam na escuridão.

Dianora balançou a cabeça, deixando a memória de lado, e andou rapidamente por um dos caminhos menores, coberto de pedras, que ia na direção nordeste por entre as árvores. Após vintes passos, ela não podia mais ver o palácio ao olhar para trás. Acima, os pássaros começavam a cantar. Ainda estava frio, e ela levantou o capuz, sentindo-se uma sacerdotisa marrom de algum deus silvestre desconhecido ao fazê-lo.

Ao pensar nisso, rezou para o deus que conhecia, para Morian e Eanna, para que a Tríade lhe desse sabedoria e tranquilidade ao coração que tinha ido procurar naquela manhã de Brasas. Estava extremamente ciente do que aquele dia representava.

Quase no mesmo momento, Alessan, Príncipe de Tigana, estava saindo do Castelo de Barso nas terras altas de Certo para um encontro na Passagem de Braccio que ele esperava ser capaz de mudar o mundo.

Dianora passou por um canteiro de anêmonas, ainda pequenas e delicadas demais para serem colhidas. Eram brancas, logo dedicadas à Eanna. As vermelhas eram de Morian — exceto em Tregia, onde se dizia que haviam sido manchadas pelo sangue de Adaon em sua montanha. Ela parou e olhou para as flores, suas pétalas frágeis balançando na brisa. Seus pensamentos, porém, voltaram-se a Brandin e a seu conto de fadas da princesa de longe, nascida sob as estrelas do verão, aconchegada em flores como aquelas.

Ela fechou os olhos, sabendo que, se fosse assim, não conseguiria.

E devagar, deliberadamente procurando pela dor como uma espora, um incentivo, ela construiu uma imagem mental de seu pai cavalgando, indo embora, e de sua mãe e Baerd entre os soldados na praça. Quando ela abriu os olhos para continuar, não havia mais contos de fada em seu coração.

Os caminhos se retorciam desesperadamente, mas a massa de nuvens principal estava ao norte, sobre a montanha, e ela a manteve à sua frente o melhor que pôde. Era estranho vagar daquele jeito, quase perdida entre as árvores, e Dianora percebeu, com espanto, que fazia muito anos desde que estivera assim, tão sozinha.

Ela tinha apenas duas horas e um longo caminho a seguir. Apressou o passo. Logo depois, o sol surgiu à sua direita e, quando olhou outra vez para cima, parte do céu estava azul e gaivotas circulavam. Ela baixou o capuz e soltou seu longo cabelo; nesse momento, viu as pedras cinzentas e grossas da muralha norte através de uma fileira de oliveiras.

Heras e touceiras de musgo cresciam na parede, roxas e verde-escuras. O caminho terminava nas oliveiras, bifurcando-se para leste e oeste. Ela parou por um instante, indecisa, tentando se orientar pela memória de um verão e de tochas à noite. Então, deu de ombros e seguiu para oeste,

pois era o que seu coração sempre fazia.

Dez minutos depois, contornando um lago que refletia agitadas nuvens brancas, Dianora chegou ao portão.

Parou, subitamente sentia frio de novo, apesar de a manhã estar mais quente agora, com o sol. Olhou para a forma arqueada e para as dobradiças enferrujadas. O portão era muito velho, parecia que algo tinha sido entalhado nele, mas qualquer que fosse a imagem ou símbolo que estivesse ali, já tinha se desgastado quase totalmente. O portão estava praticamente coberto por heras e trepadeiras. A roseira da qual ela se lembrava ainda estava nua naquele primeiro dia da primavera, mas seus espinhos eram longos e agudos. Ela viu o ferrolho, tão enferrujado quanto as dobradiças. Não havia tranca, mas de repente teve dúvidas se seria capaz de mover o ferrolho enferrujado. Perguntou-se quem teria sido o último a passar por aquele portão para a planície além. Quem, quando e por quê. Pensou em escalar e olhou para cima. A muralha tinha três metros de altura, mas, talvez, as pedras servissem de apoio. Estava decidida a ir em frente quando ouviu um som vindo de trás.

Pensando naquela cena depois, tentou entender por que não estivera mais assustada. Concluiu que, em algum lugar de sua mente, já deveria ter visto que aquilo poderia acontecer. A pedra cinzenta ao lado da montanha tinha sido apenas o ponto de partida. Não havia razão para que ela esperasse encontrar aquela pedra, ou o que precisava nela.

Virou-se no Jardim do Rei, sozinha entre as árvores e as flores precoces, e viu a riselka penteando seu longo cabelo verde perto de um pequeno lago.

Elas só são encontradas quando querem, lembrou. Então, outro pensamento lhe ocorreu e ela olhou ao redor para ver se havia mais alguém ali.

No entanto, elas estavam totalmente sozinhas no jardim ou, pelo menos, naquela parte dele. A riselka sorriu, como se lesse a mente de Dianora. Pequena e muito magra, estava nua, porém seu cabelo era tão longo que quase lhe servia como um vestido. Sua pele era translúcida como o Brandin havia contado, e os olhos eram enormes, quase assustadores, pálidos como leite na pele alva como leite.

Ela parece com você, Brandin tinha dito. Não. *Ela me lembrou você*, foi o que ele dissera. E de uma forma assustadora e fria, Dianora entendeu o que ele quis dizer. Ela tinha uma vaga lembrança de si mesma no ano em que Tigana caíra, magra e pálida demais, seus olhos quase tão grandes em seu rosto encovado, como aqueles à sua frente.

Mas Brandin nunca a vira naquela época e ainda não a conhecia.

Dianora estremeceu. O sorriso da riselka aumentou. Não havia calor nem conforto nela. Dianora não sabia se estava esperando algo assim. Na verdade, não sabia o que esperava encontrar. Viera pelo caminho certo do velho verso profético, e parecia que, se fosse para encontrá-lo, seria ali, entre os caminhos intrincadamente entrelaçados do Jardim do Rei.

A riselka era linda de partir o coração, em uma forma que pouco tinha a ver com a beleza mortal. A boca de Dianora estava seca, por isso nem sequer tentou falar. Ficou imóvel em seu simples vestido marrom, seu próprio cabelo solto caindo pelas costas, e observou quando a riselka pousou a escova branca no banco de pedra perto do lago e acenou para ela.

Devagar, as mãos começando a tremer, Dianora saiu do caminho e passou por um arco de árvores até ficar de frente para aquela lendária e fugidia criatura, tão pálida. Estava perto o suficiente para ver o cabelo verde brilhar à luz suave da manhã. Os olhos claros tinham vários tons e profundidade. A riselka levantou uma das mãos, seus dedos mais longos e finos do que um mortal jamais poderia ter, e levou-a até o rosto de Dianora, tocando-a.

O toque era frio, mas não tanto quanto parecia. Gentilmente, a riselka acariciou sua bochecha e seu pescoço. Então — o sorriso enigmático e estranho aumentando ainda mais —, deixou a mão escorregar mais para baixo, abrindo um dos botões do vestido de Dianora, e colocou a mão por

dentro, para tocar seus seios. Um e depois o outro, sem pressa, sorrindo daquele modo misterioso o tempo todo.

Dianora tremia, sem conseguir parar. Incrédula e amedrontada, sentiu seu corpo responder involuntariamente àquele toque exploratório. Ela podia ver os seios pequenos da riselka quase escondidos pela cortina de cabelo. Seus joelhos ficaram fracos de repente. O sorriso da criatura mostrou pequenos dentes afiados e muito brancos. Dianora engoliu em seco, sentindo uma dor dentro dela que nem podia começar a entender. Balançou a cabeça, muda, incapaz de falar. Sentiu que começava a chorar.

O sorriso da riselka sumiu. Ela retirou a mão e, parecendo quase se desculpar, fechou o vestido novamente. Estendeu a mão, tão delicadamente quanto antes, e tocou uma das lágrimas na bochecha de Dianora, para depois levar o dedo à boca e prová-la.

Ela é uma criança, Dianora pensou de repente, um pensamento deixado na praia de sua mente como se tivesse sido levado pela maré. Nesse mesmo momento, soube que era verdade, independente de quantos anos aquela criatura tivesse vivido. Imaginou se aquela era a mesma figura esguia e luminosa que Baerd encontrara na praia à luz do luar na noite em que partira.

A riselka tocou e provou outra lágrima. Os olhos dela eram tão grandes que Dianora sentia como se pudesse cair neles e jamais sair. Era uma imagem sedutora, um caminho para o esquecimento. Ela os encarou por mais um momento e, então, lenta e forçadamente, balançou a cabeça de novo.

— Por favor? — disse ela, sussurrando e, ao mesmo tempo, querendo, mas temendo sua própria carência. Com medo de que as palavras, a carência e o desejo, qualquer coisa, pudessem afugentar uma riselka.

A criatura de cabelos verdes se virou, e Dianora fechou as mãos. A riselka, porém, olhou sobre o ombro, séria, sem sorrir, e Dianora entendeu que deveria segui-la.

Chegaram à beira do lago. A riselka estava olhando para a água, e Dianora fez o mesmo. Viu o reflexo do céu azul acima delas, de uma única gaivota branca cortando o espaço sobre o lago, dos ciprestes verde-escuros como sentinelas e dos galhos das outras árvores ainda sem folhas. E, mesmo enquanto olhava, percebeu, com um calafrio, que o inverno parecia estar de volta cedo demais, o que estava errado. O vento soprava acima e ao redor delas; ela podia ouvi-lo nas árvores, senti-lo no rosto e no cabelo, mas a água do pequeno lago era como a superfície de seu espelho, completamente calma, sem sequer um vestígio de brisa agitando sua superfície ou qualquer movimento em suas profundezas.

Dianora se afastou da margem e se voltou para a riselka. A criatura a olhava, o cabelo verde levantado pela brisa, deixando livre seu rosto pequeno e pálido. Seus olhos ficaram mais escuros, nublados, e ela não parecia mais uma criança. Parecia um poder da natureza, ou uma emissária desse poder, e um completo desconforto para um mortal, homem ou mulher. Nada de gentileza ou proteção ali. No entanto, Dianora, combatendo o medo que surgia, lembrou a si mesma de que não fora até ali procurando proteção, mas um sinal para o seu caminho. E ela havia recebido o sinal quando a riselka segurou uma pequena pedra branca nas mãos e a lançou no lago.

Sem ondas. Nenhum movimento. A pedra afundou sem nenhum vestígio de sua passagem. No entanto, a superfície da água mudou logo depois e os reflexos sumiram. Sem ciprestes. Sem o círculo do céu matinal. Sem árvores nuas emoldurando o voo das gaivotas. A água tinha escurecido tanto que não refletia mais nada. Dianora sentiu a riselka pegar a sua mão e puxá-la, gentil, mas decidida, de volta à margem do lago e ela olhou para baixo, pois saíra da saishan procurando aquela verdade, aquele sinal. E nas águas escuras ela viu um reflexo.

Não dela ou da riselka, ou de qualquer coisa ali no Jardim do Rei naquele primeiro Dia das Brasas. Em vez disso, viu a imagem de outra estação — do final da primavera ou do verão —, de

outro lugar, cheio de cor, de muitas pessoas reunidas e, de alguma forma, conseguia mesmo ouvir o som delas na imagem. Por trás daquele som, constantemente, o marulho de ondas.

E, no fundo do lago, Dianora viu uma imagem de si mesma, usando um vestido verde como o cabelo da riselka, movendo-se sozinha entre aquela gente reunida. Depois viu, na água, aonde seus passos a estavam levando.

Naquele momento, o medo a tocou com uma mão gelada, mas, um segundo depois, já havia sumido. Ela sentiu seu coração acelerado se acalmar, e então diminuir ainda mais. Uma profunda tranquilidade tomou conta dela. Logo depois, não sem seu fardo de tristeza, veio a aceitação. Naquela manhã, tinha saído da saishan procurando aquela certeza. Agora, naquele pequeno lago, seu caminho ficara finalmente claro, e Dianora via que ele a levava até o mar.

O som das pessoas reunidas foi sumindo, seguido pelas imagens, pelo sol brilhante do verão. O lago estava escuro novamente, sem nenhum reflexo.

Algum tempo depois, minutos ou horas, Dianora levantou os olhos. A riselka ainda estava ao seu lado. Dianora encarou aqueles olhos claros, tão mais claros que as águas encantadas, parecendo, porém, tão fundos quanto elas, e viu a si mesma quando criança, tantos anos antes. Ainda assim, não tantos: o piscar de um olho ou o tempo que uma folha de outono demora a cair, na medida de tempo daquela criatura.

— Obrigada — sussurrou. — Eu entendo.

E ficou imóvel, sem sequer se encolher, quando a riselka se pôs na ponta dos pés para beijá-la, leve como uma borboleta, nos lábios. Não havia nada de prazer daquela vez, nem em dar nem em receber. Aquilo era uma consequência, a consumação do que vira e passara. A boca da riselka tinha gosto de sal. O sal de suas próprias lágrimas, Dianora sabia. Já não sentia medo algum, apenas uma tristeza quieta como uma pedra lisa em seu coração.

Ela ouviu um ruído e se virou para o lago. Os ciprestes estavam refletidos de novo, suas imagens tremidas e quebradas pelo movimento da água com o vento.

Quando afastou os olhos, tirando o cabelo do rosto, viu que estava sozinha.

Quando voltou para o espaço aberto na frente das portas do palácio, d'Eymon esperava por ela, vestido formalmente de cinza, o Brasão do Estado em seu pescoço. O chanceler estava sentado em um dos bancos de pedra e seu cajado repousava ao seu lado. Selcto passou pelas portas e Dianora pôde ver a sombra de alívio que ele não conseguia esconder quando ela saiu do meio das árvores.

Ela parou e olhou para o Chanceler, permitindo que um pequeno sorriso aparecesse em seu rosto. É claro que era falso, mas aquela já tinha se tornado uma ação inconsciente para ela. Na normalmente incompreensível expressão de d'Eymon, percebeu impaciência e irritação, além de outros sinais do que havia acontecido no dia anterior. Imaginou que ele provavelmente estivesse procurando uma briga. Era difícil, incrivelmente difícil, reacostumar-se aos modos e afazeres do Estado. Mas era algo que tinha que ser feito.

— Você está atrasado — disse Dianora, suavemente, passando por ele. D'Eymon levantara, com perfeita cortesia, quando ela se aproximara. — Eu fui passear pelo jardim. Algumas flores do campo já começaram a desabrochar.

— Estou pontualmente na hora — disse d'Eymon.

Dianora poderia ter se intimidado antigamente, mas não agora. Ele poderia estar usando o Brasão em uma tentativa de reforçar sua autoridade, mas ela sabia o quanto o dia anterior o havia perturbado. Tinha certeza de que ele se oferecera para se suicidar na noite anterior, era um homem para quem as antigas tradições eram importantes. De qualquer modo, estava protegida contra ele: tinha visto uma riselka naquela manhã.

— Então devo ter chegado cedo — disse Dianora, com pouco caso. — Desculpe-me. É bom ver que você parece estar tão bem depois da confusão de ontem. Esperou muito?

— O bastante. Você queria falar sobre ontem, imagino. O que é?

Dianora não se lembrava de jamais ter ouvido um comentário de d'Eymon que fosse desinteressado, muito menos simplesmente agradável. Recusando-se a ser apressada, sentou-se no banco que ele acabara de desocupar e limpou o vestido marrom sobre os joelhos. Apertou os dedos no colo e levantou os olhos, deixando sua expressão repentinamente tão fria quanto a dele.

— Ele quase morreu ontem — disse, de forma áspera, decidindo só naquele momento qual seria sua conduta. — Ele poderia ter morrido. Você sabe por quê, Chanceler? — Ela não esperou resposta. — O Rei quase morreu porque seus homens foram muito complacentes ou desleixados para se preocuparem em revistar um grupo de ygratheanos. O que você pensava? Que o perigo só viria da Palma? Eu espero que você lide com os guardas de ontem, d'Eymon. E logo.

O uso de seu nome, não de seu título, era intencional. Ele abriu e fechou a boca, visivelmente engolindo uma resposta rápida. Dianora estava forçando as coisas, a Triade sabia o quanto estava, mas, se fosse para ela agir assim, que fosse nesse momento. D'Eymon estava pálido de raiva e espanto. Inspirou fundo, tentando se controlar.

— Já tratei dos guardas — disse. — Estão mortos.

Ela não esperava por isso. Conseguiu, com algum esforço, manter a frustração fora de seu olhar.

— E tem mais — continuou ela, aproveitando sua vantagem. — Eu quero saber por que Camena di Chiara não estava sendo vigiado quando foi para Ygrath ano passado.

— Ele *foi* vigiado. O que você queria que fizessemos? Você sabe quem estava por trás do ataque de ontem. Você ouviu.

— Todos nós ouvimos. Por que você não sabia sobre Isolla e a Rainha? — Dessa vez, o ataque em suas palavras era real, e não somente uma tática.

Pela primeira vez, viu uma sombra de hesitação em seus olhos. Ele tocou seu Brasão. Então pareceu se dar conta do que fazia e abaixou a mão. Houve um breve silêncio.

— Eu sabia — disse, finalmente. Seus olhos se encontraram com os dela, uma pergunta estava neles como um desafio raivoso.

— Entendo — disse Dianora depois de um momento, desviando o olhar.

O sol estava mais alto naquele momento, tendo percorrido mais da metade de seu caminho. Se ela fosse um pouco para o lado no banco, ficaria sob seus raios quentes. A dura e não dita questão pairava nos olhos de d'Eymon. *Você* teria dito ao rei, sabendo dessas coisas sobre a Rainha?

Dianora estava calada, traçando as conseqüências daquelas implicações. Com essa confissão, percebeu que d'Eymon estava em suas mãos, se já não o estivesse depois de sua falha do dia anterior e do que ela tinha feito para salvar o rei. Pensou ainda que, como conseqüência, estava em perigo iminente. O Chanceler não era um homem a ser tratado levemente; nunca. A maioria dos habitantes da saishan tinha suas suspeitas de como Chloese di Chiara morrerá dez anos antes e do motivo.

Ela olhou para cima e deixou sua crescente raiva impedir que a ansiedade aparecesse.

— Maravilhoso — disse, ácida. — Que segurança eficiente. E, agora, claro, graças ao que fui forçada a fazer, o seu bichinho de estimação bajulador, Neso, simplesmente *tem* que receber o cargo em Asoli, não é? Com um ferimento de honra adquirido enquanto salvava a vida do Rei. Incrivelmente esperto de sua parte, d'Eymon!

Havia calculado mal. Pela primeira vez ele sorriu, uma expressão restrita e sem alegria:

— Isso tudo é por causa *do cargo*? — ele perguntou, baixo.

Ela segurou sua negativa imediata. Percebeu que não era inconveniente que ele pensasse assim.

— Dentre outras coisas — admitiu, como que de má vontade. — Quero saber por que o tem favorecido para o cargo em Asoli. Tenho tentado falar com você sobre isso.

— Foi o que pensei — disse o Chanceler, enquanto um pouco de sua complacência costumeira voltava. — Também tenho ficado de olho em alguns, não todos, tenho certeza, dos presentes que Scelto tem recebido em seu nome nas últimas semanas. O colar de ontem era esplêndido, diga-se de passagem. Foi o dinheiro de Neso que pagou por isso? Em uma tentativa de me ganhar para o lado dele?

Ele estava muito bem informado, e era astuto. Ela sempre soubera dessas coisas. Nunca fora sensato subestimar o Chanceler.

— Ele ajudou a pagar — respondeu, brevemente. — Você não respondeu minha pergunta. Por que o favorecia? Deve saber o tipo de homem que ele é.

— É claro que sei — replicou d'Eymon, impaciente. — Por que você acha que eu o quero fora daqui? Eu o quero em Asoli, pois não confio nele na corte. Eu o quero longe do rei e em um lugar onde possa ser morto sem inconveniências. Acredito que isso responde suas dúvidas, não?

Dianora engoliu em seco. *Nunca, nunca o subestime*, disse ela novamente para si.

— Responde — disse. — Morto por quem?

— Isso deveria ser óbvio. Os próprios homens de Asoli vão se encarregar disso. Espero que não demore muito para que Neso lhes dê um motivo.

— Claro. E depois?

— Depois o Rei investigará e descobrirá que Neso era culpado de grave corrupção, do que não devemos duvidar que ele será. Mataremos um ou outro homem pelo assassinato, mas o Rei declarará sua firme rejeição aos métodos e à ganância de Neso. Nomeará um novo Mestre das Tributações e prometerá medidas mais justas para o futuro. Eu acho que isso deve acalmar os ânimos do norte de Asoli por algum tempo.

— Bom — disse Dianora, tentando ignorar a casual indiferença contida em *um ou outro homem*. — E muito bem arranjado. Só tenho uma coisa a acrescentar: o novo oficial será Rhamanus.

Estava correndo mais um risco, sabia disso. Afinal de contas, era prisioneira e concubina, enquanto ele era o Chanceler de Ygrath e da Palma Ocidental. Por outro lado, havia outras maneiras de equilibrar a balança, e lutou para se concentrar nelas.

D'Eymon olhou-a friamente. Ela continuou a encará-lo, seus olhos arregalados e dissimulados.

— Sempre achei curioso que você favoreça tanto o homem que a capturou — disse, pausadamente. Alguns pensariam que não se importou, que *queria* vir.

Ele estava estranha e perigosamente perto da verdade, mas ela podia ver que era apenas uma provocação. Forçou-se a relaxar e sorriu.

— Como poderia me importar de estar aqui? Eu nunca tive encontros tão agradáveis como este. E, de qualquer maneira — acrescentou, deixando que seu tom mudasse —, sim, eu o favoreço. Faço isso em favor do povo desta península. E sabe que esse sempre será o meu interesse, Chanceler. Ele é um homem decente. Temo que não haja muitos desses em Ygrath.

Ele ficou quieto por um momento. Então, disse:

— Há mais do que você pensa. — Mas antes que ela pudesse entender aquelas palavras ou a voz surpreendente com que foram ditas, ele acrescentou: — Eu pensei seriamente em envenená-la durante a noite passada. Isso ou sugerir que fosse liberta e transformada numa cidadã de Ygrath.

— Que extremos, meu caro! — Podia sentir-se ficando fria. — Não foi você quem nos ensinou que equilíbrio é tudo?

— Ensinei — disse calmamente, sem morder sua isca. Ele nunca mordida. — Você tem *alguma* ideia do que causou ao equilíbrio desta corte?

Ela respondeu de forma realmente rude:

— O que preferia que eu tivesse feito ontem?

— A questão não é essa. É óbvio. — Havia uma cor incomum em suas bochechas. Quando prosseguiu, porém, foi em seu tom de costume. — Eu mesmo estava pensando em Rhamanus para Asoli. Deve ser como você sugere. Entretanto, quase me esqueci de mencionar que o Rei solicitou sua presença. Interceptei a mensagem antes que chegasse à saishan. Ele vai esperá-la na biblioteca.

Ela encarou os próprios pés, agitada como ele deveria saber que estaria.

— Há quanto tempo? — perguntou, rapidamente.

— Não muito. Por quê? Você não parece se importar com atrasos. Há anêmonas no jardim, você pode lhe falar isso.

— Poderia lhe dizer algumas outras coisas também, d'Eymon. — Quase sucumbia à raiva. Lutou para recuperar o controle.

— Assim como eu. E assim, suponho, como Solores. Nós raramente podemos dizer, não é? O equilíbrio, como você acabou de mencionar, é tudo. É por isso que ainda devo ser muito cuidadoso, Dianora, apesar do que aconteceu ontem. O equilíbrio é tudo. Não se esqueça disso.

Ela tentou pensar em uma resposta, uma última palavra, mas não conseguia. Sua mente estava girando. Ele falou em matá-la, em libertá-la, concordou com sua escolha para Asoli e, então, a ameaçou novamente. Tudo em questão de minutos! E tudo enquanto o Rei esperava por ela — e d'Eymon sabia disso.

Ela se virou, abrupta e tristemente ciente de seu vestido simples e do fato de que não tinha tempo para voltar à saishan para se trocar. Ela sentiu-se corar de raiva e ansiedade.

Scelto tinha obviamente escutado os últimos comentários do Chanceler. Seus olhos acima do nariz quebrado estavam vividamente preocupados e culpados, mesmo que, com d'Eymon interceptando a mensagem, não houvesse nada que ele pudesse ter feito.

Ela parou junto às portas do palácio e olhou para trás. O Chanceler estava parado, sozinho no jardim, apoiado em seu bastão. Era uma figura alta, cinzenta e magra em meio às árvores. O céu acima dele tornara-se sombrio novamente. *É claro que sim*, pensou Dianora, rancorosa.

Então, se lembrou do lago e seu humor mudou. No final, de que importam esses artifícios da corte? D'Eymon estava simplesmente fazendo o que tinha que fazer e, agora, ela também o faria. Ela tinha visto seu caminho. Conseguiu sorrir novamente, permitindo que essa quietude interna caísse sobre si novamente, ainda que com uma rocha de tristeza em seu âmago. Curvou-se em um cumprimento bastante formal. D'Eymon, pego de surpresa, esboçou uma reverência desajeitada.

Dianora se virou e passou pela porta que Scelto segurava para ela. Voltou pelo corredor e subiu as escadas, cruzando a passagem norte-sul e passando por duas portas bastante pesadas. Parou em frente ao terceiro par de portas. Mais por reflexo e hábito do que por qualquer outra coisa, examinou sua imagem no escudo de bronze pendurado na parede. Ajustou o vestido e passou as mãos pelo cabelo irremediavelmente bagunçado pelo vento.

Bateu na porta da biblioteca e entrou, agarrando-se fortemente à sua calma e à visão do lago, uma pedra inteira de conhecimento e tristeza em seu coração, que esperava poder ancorar em seu peito para impedi-lo de voar para longe.

Brandin estava parado com as costas voltadas para a porta, olhando para um velho mapa do então conhecido mundo que estava pendurado acima do maior dos fogos. Não se virou. Ela olhou para o mapa. Nele, via-se a Península da Palma até a imensa terra de Quileia, atravessando as montanhas e percorrendo todo o caminho ao sul até as Geleiras. A Palma tornava-se anã se comparada a Barbador e seu império no leste, assim como a Ygrath, que se estendia para o oeste ultramarino.

As cortinas de veludo da biblioteca estavam puxadas contra a luz da manhã e o fogo ardia, o

que a incomodou. Achava difícil aguentar as labaredas em um Dia das Brásas. Brandin segurava um atizador em suas mãos. Estava vestido tão descuidadamente quanto ela, em uma roupa preta de montaria e botas, que estavam sujas de lama; devia ter cavalgado bem cedo.

Ela deixou o conflito com d'Eymon para trás, mas não a história da riselka. Brandin era o centro de sua vida; o que quer que houvesse acontecido, aquilo não mudara, mas a visão da riselka lhe ofereceu um destino, enquanto Brandin a abandonara sozinha e acordada por toda a noite anterior.

— Perdoe-me, meu senhor — disse ela. — Estive com o Chanceler pela manhã e ele decidiu só me falar agora que esperava por mim.

— Por que estava com ele? — A voz sutil e familiar estava só levemente interessada. Ele parecia absorto no mapa.

Não mentiu para o Rei.

— A questão do Mestre das Tributações de Asoli. Queria saber a razão de ele ter favorecido Neso.

Havia um leve toque de diversão na voz dele.

— Estou certo de que d'Eymon lhe disse algo plausível. — Finalmente, se virou e a encarou pela primeira vez. Ele parecia exatamente o mesmo de sempre, e ela sabia o que sempre acontecia quando seus olhares se encontravam.

No entanto, tinha visto uma riselka uma hora antes, e algo parecia ter mudado. Sua calma não a deixou; seu coração continuava no lugar. Fechou os olhos, mais para entender o significado dessa mudança e a passagem de uma grande verdade do que para qualquer outra coisa. Sentiu que lamentaria depois, por diversas razões, se não fosse extremamente cuidadosa naquele momento.

Brandin se aprofundou em uma cadeira ao pé do fogo. Parecia cansado, mais do que tudo. Isso só se mostrava de pequenas maneiras, mas ela o conhecia há muito tempo.

— Eu *tenho* que dar o cargo a Neso agora — disse. — Acho que sabe disso. Desculpe-me.

Algumas coisas pareciam não haver mudado: sempre essa cortesia tão séria e inesperada quando falava com ela sobre tais coisas. Que necessidade tem o Rei de Ygrath de se desculpar com ela por escolher um de seus cortesãos em vez de outro? Ela caminhou pela sala, agarrada às suas resoluções. Ao seu aceno, sentou-se na cadeira oposta à dele. Os olhos de Brandin recaíram sobre ela em uma análise estranha, quase imparcial. Ela se perguntava o que viam.

Escutou algo no outro extremo da sala e, olhando de relance, viu Rhun sentado junto à segunda lareira, desinteressadamente folheando um livro de figuras. Sua presença a lembrou de algo e, de repente, sentiu sua raiva voltando.

— É *claro* que teve que oferecê-lo a Neso — disse. — Asoli é seu prêmio pela bravura a serviço do Rei.

Ele mal respondeu. Sua boca se curvou brevemente, uma expressão um tanto irônica; entretanto, ele ainda parecia preocupado, prestando apenas alguma atenção ao que ela falava.

— Bravura, coragem... chamam de algo do gênero — falou, distraidamente. — O que aconteceu foi que ele não saiu do lugar a tempo. D'Eymon já estava se organizando ontem à noite para espalhar a notícia de que foi Neso quem salvou a minha vida.

Ela não iria contra isso. Recusava-se. Sequer entendia por que ele falava essas coisas. Em vez disso, disse, o olhar vagando pelo cômodo, dirigido a Rhun, e não para o rei:

— Isso parece fazer sentido, e você deve certamente saber que não me importo. O que eu *não* entendo é por que está espalhando mentiras sobre o destino de Camena. — Respirou fundo e continuou: — Eu sei a verdade. É uma coisa tão feia e perversa de se fazer. Se é preciso preparar um bobo para seguir Rhun, por que estragar um homem inteiro e saudável? Por que fazer tal coisa?

Ele não respondeu por um bom tempo, e Dianora teve medo de olhar para ele. Rhun, embora

estivesse longe demais para escutar, parou de folhear o livro e olhou para eles.

— Nessas circunstâncias, há precedentes — foi o que Brandin disse por fim, seu tom ainda suave. Mas, então, um momento depois, acrescentou: — Eu deveria ter afastado Scelto de você há muito tempo. Vocês dois aprendem muito e rápido demais.

Ela abriu a boca, mas nenhuma palavra saiu. O que poderia falar? Ela pedira por isso. Exatamente por isso. Mas, então, olhando de esguelha, viu que Brandin sorria. Era um sorriso estranho, e havia algo esquisito no modo como ele a olhava. Ele prosseguiu:

— Também nessas circunstâncias, Scelto estava certo pela manhã, mas as informações dele estão erradas agora.

— O que você quer dizer? — Sentiu um genuíno mal-estar começando. Havia algo estranho nas maneiras dele naquela manhã que ela não conseguia compreender. Sabia, entretanto, que era mais do que cansaço.

— Cancelei as ordens de ontem depois da cavalgada — falou, tranquilamente. — Camena provavelmente está morto a essa hora. Uma morte rápida. Exatamente como tem sido noticiado.

Ela notou que suas mãos se apertavam em seu colo. Replicou estupidamente, sem pensar:

— Isso é verdade?

Ela somente ergueu a sobrançelha. Ela se sentiu corar profundamente.

— Eu não preciso enganá-la, Dianora. Ordenei que arranjassem testemunhas entre os de Chiara, assim não haveria dúvida. O que lhe faria acreditar? Devo mandar a cabeça dele para seu quarto?

Ela abaixou os olhos novamente, pensando na cabeça de Isolla estourando como uma fruta esmagada. Engoliu em seco. Ele havia feito isso com um simples gesto da mão. Olhou mais uma vez para o Rei. Silenciosamente, balançou a cabeça. O que havia acontecido naquela cavalgada? O que estava acontecendo ali?

Então, abruptamente, ela se lembrou do que mais tinha acontecido a ele no dia anterior. Nas montanhas, no lugar onde uma rocha cinzenta se erguia ao lado da trilha. *Um homem vê uma riselka, sua vida mudará.*

Brandin se voltou para o fogo, uma perna cruzada sobre a outra. Abaixou o atiçador, apoiando-se na cadeira.

— Você ainda não me perguntou sobre os motivos de ter mudado as ordens. Isso não é do seu feitio, Dianora.

— Estou com medo de fazê-lo — respondeu, honestamente.

Ele a encarou diante desse comentário, as escuras sobrançelhas niveladas, os olhos cinzentos intimidadores em sua inteligência.

— Isso também não é do seu feitio.

— Você também não está sendo muito... você mesmo esta manhã.

— Justo — declarou, calmamente. Olhou-a em silêncio por um instante, mas então pareceu ponderar mais alguma coisa. — Conte-me uma coisa, d'Eymon dificultou as coisas para você agora há pouco? Advertiu-a ou fez ameaças?

Não era bruxaria, afirmou para si mesma, ferozmente. Ele não lia a sua mente. Era só Brandin sendo o que era: alguém atento a todas as mudanças que afetam aqueles ao seu redor.

— Não diretamente — disse, sem graça. Outrora, poderia ter visto aquilo como uma oportunidade, mas a atmosfera da manhã estava muito estranha. — Ele estava... irritado com o fato ocorrido no dia anterior. Temia, eu acho, mudanças na harmonia aqui da corte. Uma vez que se espalhar a notícia de que foi Neso quem salvou sua vida, acho que o Chanceler ficará mais calmo. Não será difícil para ele espalhar essa história, as coisas aconteceram muito rápido. Duvido que alguém tenha visto claramente.

Dessa vez, o sorriso de Brandin enquanto a escutava era um que conhecia e estimava: de igual para igual, suas mentes dividindo o trajeto de um pensamento complexo. Quando terminou, porém, a expressão dele mudou.

— Eu vi — disse ele —, eu vi claramente.

Dianora olhou para longe e para baixo novamente, para as mãos em seu colo.

Seu caminho está claro agora, recitou para si mesma o mais severamente que conseguia.

Lembre-se disso. Tinha-lhe sido oferecida uma visão de si mesma, em verde, junto ao mar. E seu coração passara a pertencer somente a si mesma depois da noite anterior. Havia uma rocha que o prendia ali, seguro dentro de seu peito.

Brandin argumentou:

— Seria fácil contar a história de Neso, concordo. Mas fiz um grande esforço pensando ontem à noite e novamente durante o passeio a cavalo. Vou falar com d'Eymon hoje, mais tarde, depois que assistirmos aos corredores voltarem para casa. A história a ser propagada será a verdadeira, Dianora.

Ela não tinha certeza se escutara corretamente. Quando percebeu que *sim*, algo pareceu chegar ao limite, como uma taça transbordando de vinho dentro dela.

— Você deveria andar a cavalo mais vezes — murmurou. Ele ouviu. Riu suavemente, mas ela não o olhou. Tinha a forte sensação de que não aguentaria erguer os olhos. — Por quê? — questionou ela, absorta em seus dedos entrelaçados. — Por que as duas coisas então: o destino de Camena e agora isso?

Brandin permaneceu quieto por tanto tempo que ela acabou por encará-lo, cautelosa. Ele se virara para o fogo novamente e o aticava com o ferro. Do outro lado do cômodo, Rhun havia fechado o livro e estava em pé ao lado de sua mesa, observando os dois. Vestido de preto, é claro. Exatamente como o rei.

— Eu já contei a você — disse Brandin de Ygrath, muito baixo — a história que a minha ama costumava me contar sobre Finavir?

Ela sentiu a boca seca de novo. Havia algo em seu tom, na forma como ele estava sentando, sua resposta evasiva.

— Não — respondeu. Tentou pensar em algo irônico para adicionar, mas não conseguiu.

— Finavir ou Finvair — continuou ele, sem realmente se importar com a resposta dela, sem olhar para ela. — Quando cresci e vi nos livros que têm essas histórias, era escrito das duas maneiras e de mais umas duas de vez em quando. Isso acontece muito com as histórias que vêm de antes da época em que começamos a escrever essas coisas.

Ele apoiou o ferro na cadeira de novo e se reclinou, ainda olhando para as chamas. Rhun tinha se aproximado um pouco, como se atraído pela história. Estava apoiado em uma das pesadas cortinas das janelas, apertando um chumaço delas nas duas mãos.

— Em Ygrath, alguns contam e outros acreditam que este nosso mundo, aqui nas terras do sul e mesmo do norte, além dos desertos e das florestas chuvosas, o que quer que haja lá, é apenas um dos muitos mundos que os deuses mandaram para o Tempo. Os outros, dizem, estão distantes, espalhados pelas estrelas, invisíveis para nós.

— Aqui também já se acreditou em algo assim — disse Dianora em voz baixa, quando ele fez uma pausa. — Em Certando. Nas terras altas, se ensinava algo muito parecido, embora os sacerdotes da Tríade tenham queimado as pessoas que diziam isso.

Era verdade: adeptos da heresia Carlozzini foram queimados em massa nos anos de peste, muito tempo antes.

— Nunca queimamos ou colocamos alguém na roda por pensar assim. Às vezes, rimos deles, mas isso é diferente. O que minha ama costumava me contar era o que a mãe dela lhe contara; e a

mãe da mãe antes disso, não duvido: que alguns de nós nascemos e renascemos em vários desses mundos até que, finalmente, se tivermos feito por merecer em nossas vidas, nascemos uma última vez em Finavir ou Finvair, que é, dentre todos os mundos, o que está mais próximo do que os deuses ficam.

— E depois disso? — perguntou ela. As palavras calmas dele pareciam ser parte do mistério contínuo daquele dia.

— Depois, ninguém sabe, ou ninguém quis me contar. Assim como nenhum dos pergaminhos e livros que li enquanto ia envelhecendo dizia nada a respeito. — Ele se mexeu na cadeira, as belas mãos descansando nos braços entalhados. — Nunca gostei da lenda sobre Finavir da minha ama. Havia outros tipos de histórias, algumas muito diferentes, e eu gostava de muitas delas, mas, por algum motivo, a que ficou na memória foi essa. Isso me aborrecia. Fazia nossas vidas aqui parecerem um mero prelúdio, sem conseqüências em si mesmas, apenas importantes para decidir aonde iríamos depois. Eu sempre precisei sentir que o que estou fazendo importa, aqui e agora.

— Acho que concordo com você — disse ela. Suas próprias mãos estavam delicadamente no colo, o ambiente mudara completamente. — Mas por que está me contando isso, se você nunca gostou da história?

A mais simples das perguntas.

— Porque, durante as noites desse último ano, e mesmo antes, tenho tido sonhos recorrentes de estar nascendo longe disso tudo, em Finavir. — Ele olhou direto para ela pela primeira vez desde que começara a contar a história, e seus olhos cinzentos estavam tranquilos. Sua voz firme quando continuou: — E em todos esses sonhos, você está ao meu lado e nada nos separa, ninguém fica entre nós.

Nada a preparara para isso. Nada mesmo, embora, talvez, as pistas estivessem ali desde sempre e ela fosse cega demais para ver. De repente, estava *cega*, lágrimas desesperadas de choque e surpresa transbordando de seus olhos e um martelar urgente e desesperado onde ela sabia estar seu coração.

— Dianora, eu precisei tanto de você na noite passada que me assustei. Não mandei chamá-la porque eu precisava, de algum jeito, tentar entender o que acontecera comigo quando você bloqueou a flecha de Camena. Solores foi apenas um disfarce para a corte, nada mais que isso, para que eles não pensassem que o perigo tirara minha virilidade. Passei a noite andando de um lado para o outro, ou sentado à minha mesa, tentando decifrar aonde minha vida chegara. O que *significa* quando minha mulher e meu único filho tentam me matar e só falham por causa de você. E, pensando nisso, sendo consumido por isso, foi só perto do amanhecer que percebi que deixei você sozinha a noite toda. Minha querida, será que você poderá algum dia me perdoar por isso?

Eu quero que o tempo pare, ela pensou, limpando futilmente as lágrimas, tentando vê-lo claramente. *Não quero sair dessa sala nunca, quero ouvir essas palavras de novo e de novo, sem parar, até eu morrer.*

— Eu tomei uma decisão quando estava fora — disse ele. — Pensei no que Isolla falou e finalmente fui capaz de aceitar que ela estava certa. Já que eu não vou, que eu não posso mudar o que me comprometi a fazer aqui, preciso estar preparado para pagar esse preço eu mesmo, não através de outros em Ygrath.

Ela tremia, incapaz de conter as lágrimas. Ele não a tocara, sequer se movera em sua direção. Atrás dele, o rosto de Rhun era uma máscara distorcida de dor e de desejo — e de algo mais. Aquilo que ela às vezes via e não podia encarar. Fechou os olhos.

— O que você vai fazer? — sussurrou. Era difícil falar.

E ele disse. Tudo. Detalhou para ela o caminho na encruzilhada que ele tomara. Ela ouviu, as lágrimas caindo mais devagar, transbordando de um coração abarrotado, e Dianora foi

compreendendo que a roda estava fechando um círculo completo.

Ouvindo a voz séria de Brandin abafando o crepitar das chamas de um Dia das Brasas, na mente de Dianora só vinham imagens de água. As águas escuras do pequeno lago no jardim, e a visão do mar que tinha recebido ali. E, apesar de não ter o dom da profecia, ela podia ver aonde as palavras dele os estavam levando, levando a todos, e finalmente entendeu o significado do que vira no lago.

Procurou seu coração e soube, com profundo sofrimento, que era dele, que não havia voltado a ser dela. Mesmo assim — a coisa mais terrível de tudo —, ela sabia o que ia acontecer, o que ela iria fazer.

Em outras noites solitárias, em seus anos na saishan, ela sonhara em encontrar um caminho como aquele que se abria com as palavras que ele dizia. Em um ponto, ouvindo-o falar e pensando nisso, não conseguiu mais aguentar a distância física entre eles. Saiu de sua cadeira e foi para o tapete aos pés dele, deitando a cabeça em seu colo. Ele tocou seu cabelo e começou a acariciá-lo, sem parar, enquanto falava o que tinha descoberto naquela noite, falando de finalmente estar disposto a aceitar o preço do que estava fazendo ali na Palma, e falando sobre a única coisa para qual ela jamais se preparara. Sobre amor.

Ela chorou em silêncio, não conseguia parar enquanto as palavras dele continuavam a fluir, enquanto o fogo morria lentamente na lareira. Ela chorava por amor a ele, por sua família e seu lar, pela inocência que ela tinha perdido nos anos e por tudo que ele perdera, e chorou mais amargamente ainda pelas traições ainda por vir. Por todas as traições que estavam esperando fora daquele aposento, para onde o tempo, que não podia ser impedido, iria arrastá-los.

CAPÍTULO IV

—Corra! — gritou Alessan, apontando para um espaço nas colinas. — Tem uma vila lá na frente!

Devin disse um palavrão, abaixou a cabeça sobre o pescoço do cavalo e cravou os calcanhares nos flancos do animal, seguindo Erlein di Senzio para o oeste, rumo à passagem e ao disco baixo e vermelho que era o sol.

Atrás dele, vindo em disparada das colinas marrons, estavam pelo menos oito, possivelmente uma dúzia, de bandidos dos planaltos. Ele não olhara para trás depois do primeiro vislumbre assustado que tivera dos foras da lei e seu grito mandando que parassem.

Não achou que tivessem alguma chance, não importava o quão próxima a tal vila estivesse. Haviam cavalgado em um ritmo difícil por horas, e os cavalos que Alienor lhes dera estavam cansados. Se aquela fosse uma corrida contra criminosos em montarias descansadas, provavelmente já estariam mortos. Cerrou os dentes e cavalgou, ignorando a dor na perna e a agulhada dos cortes reabertos por seu salto nas montanhas, mais cedo naquele dia.

O vento assobiava por ele enquanto cavalgava. Viu Alessan se virar na sela, uma flecha no arco já completamente puxado. O Príncipe atirou para trás uma vez e, então, outra, em direção ao crepúsculo, os músculos estirados pelo esforço. Uma tentativa desesperada e improvável, dada a velocidade do vento.

Dois homens gritaram. Devin olhou rapidamente para trás e viu um deles cair. Um punhado de flechas caiu bem perto dos três.

— Eles estão mais devagar! — murmurou Erlein, que também lançava um olhar para trás. — Quanto mais até a vila?

— Pela passagem, mais vinte minutos! Rápido!

Alessan não atirou de novo, curvando-se para conseguir mais velocidade do seu cavalo cinza. Correram na direção do vento pelo caminho do sol, entre a parte sombria das duas colinas cobertas de grama e pelo espaço entre elas.

Eles não saíram.

Onde tinham acabado de fazer a curva invadindo os cumes, havia oito cavaleiros esperando em linha na fenda, os arcos calmamente apontando para os três.

Pararam os cavalos. Devin olhou por cima do ombro e viu os criminosos que os perseguiam entrando na passagem atrás deles. Havia um cavalo sem cavaleiro e um homem segurando o próprio ombro, onde uma flecha ainda estava cravada.

Ele olhou para Alessan e viu o olhar desesperado e desafiador do Príncipe.

— Não seja tolo! — disparou Erlein. — Você não pode fugir e não pode matar tantos homens.

— Posso tentar — disse, seus olhos passando pelo desfiladeiro e pelas montanhas íngremes que os cercavam, ansioso para achar um jeito de sair dali. Entretanto, parara seu cavalo e não levantara o arco.

— Direto para a armadilha. Que final esplêndido para duas décadas de sonho! — Sua voz era corrosivamente amarga, rouca em sua autorrepreensão.

Era verdade, Devin percebeu, tarde demais. Essa passagem pelas colinas era um lugar óbvio para uma emboscada e os três sabiam que havia vários foras da lei nas florestas do sul de Certando, onde até os mercenários barbadianos raramente iam e das quais homens de bem nunca chegavam perto ao cair da noite. Por outro lado, não tiveram muita escolha, considerando o quão longe e o quão rápido precisariam ir.

Não parecia que chegassem ali. Ou a qualquer lugar. Ainda havia luz o bastante para discernir

os bandidos, e a aparência deles não os tranquilizava. Suas roupas podiam ter sido escolhidas de maneira aleatória e estavam gastas, mas seus cavalos estavam longe de ser as criaturas abatidas que normalmente tinham os assaltantes de beira de estrada. O homem diante deles parecia disciplinado e as armas apontadas para os três eram formidáveis. Aquela havia sido, muito claramente, uma armadilha cuidadosamente preparada.

Um homem deu alguns passos à frente da fileira silenciosa.

— Soltem os arcos — disse, com uma autoridade tranquila. — Não gosto de falar com homens armados.

— Nem eu — respondeu Alessan sombriamente, encarando-o. Mas, um momento depois, deixou seu arco cair no chão. Ao lado de Devin, Erlein fez o mesmo.

— E o garoto — falou o malfeitor, ainda cortês. Era um homem grande e de meia-idade, rosto largo e cheio de barba que se mostrava vermelha na luz minguante. Usava um chapéu escuro e de aba larga que escondia seus olhos.

— Não carregou um arco — respondeu Devin com simplicidade, largando a espada.

Isso provocou um riso zombeteiro no homem diante deles.

— Magian, por que seus homens estavam ao alcance das flechas? — o homem barbado perguntou, mais alto desta vez. Ele não rira. — Você sabia de minhas instruções. Sabe como fazemos isso.

— Não achei que estivéssemos. — Uma voz irritada soou atrás deles, junto do barulho de cascos. Seus perseguidores estavam ali. A armadilha estava fechada, pela frente e por trás. — Ele deu um tiro de longa distância, à meia luz e com vento. Ele teve sorte, Ducas.

— Ele não teria tido a chance de ter sorte se você tivesse feito seu trabalho direito. Onde está Abhar?

— Levou uma flechada na coxa e caiu. Torre foi buscá-lo.

— Desperdício. — O homem de barba ruiva franziu as sobrancelhas. — Não gosto de desperdícios. — Era uma presença volumosa e escura em silhueta contra o sol baixo. Ao seu lado, outros sete cavaleiros continuavam empunhando arcos.

Alessan falou:

— Se desperdícios o ofendem, não vai gostar do trabalho de hoje à noite. Não temos o que lhe dar a não ser nossas armas. Ou nossas vidas, se você é do tipo que mata por prazer.

— Às vezes — respondeu aquele chamado Ducas sem erguer a voz. Ele parecia estar perturbadoramente calmo, pensou Devin, e ter total controle de seu bando. — Meus dois homens morrerão? Usou flechas envenenadas?

— Não as uso, nem mesmo contra barbadianos. Por quê? Você usa? — Sua expressão era de desdém.

— Às vezes — falou novamente o líder. — Especialmente contra barbadianos. Estas são as terras altas, afinal. — Sorriu pela primeira vez, um sorriso frio e feroz. Devin teve a repentina sensação de que não gostaria de ter as memórias ou os sonhos daquele homem.

Alessan nada disse. Estava escurecendo na passagem. Devin pousou seu olhar em Erlein, analisando seu rosto. O mago balançou a cabeça; um instante, um gesto quase invisível.

— São muitos — sussurrou. — E além do mais...

— O grisalho é um mago! — veio a voz enfática da linha do outro lado de Ducas.

Um homem de rosto redondo e robusto moveu seu cavalo para o lado do líder.

— Nem pense nisso — continuou, olhando diretamente para Erlein. — Posso bloquear qualquer coisa que tente.

Assustado, Devin olhou a mão do homem, mas, àquela distância, estava escuro demais para ver se lhe faltavam dois dedos. Certamente faltavam.

Eles tinham encontrado outro mago; muito bem isso lhes traria.

— E precisamente quanto tempo acha que um Rastreador levaria para encontrá-los? — perguntou Erlein, a voz macia. — Com o rastro da magia de nós dois guiando-os bem para cá?

— Há uma quantidade suficiente de atiradores apontando para seu coração e para a sua garganta — interrompeu o líder —, para garantir que tal evento não aconteça. Mas confesso que isso fica mais interessante a cada momento. Um arqueiro e um mago cavalgando por aqui num Dia das Brasas. Não temem os mortos? O que o garoto faz?

— Sou cantor — respondeu, austero. — Devin d'Asoli. Até recentemente, era da companhia de Menico di Ferraut, se isso significa algo para você.

A questão, obviamente, era manter a conversa de algum jeito. E ele ouvira histórias — das que os viajantes gostavam de ouvir — de bandos de bandidos poupando músicos em troca de uma noite de canções. Então, algo lhe ocorreu:

— Pensou que fôssemos barbadianos, não é? À distância. Por isso preparou a armadilha.

— Um cantor. Um cantor esperto — murmurou Ducas. — Não esperto o suficiente para ficar em casa em um Dia das Brasas. Claro que achamos que eram barbadianos. Quem na península oriental, além de barbadianos e criminosos, estaria por aqui hoje? E todos os bandidos num raio de quarenta quilômetros fazem parte de meu bando.

— Há bandidos e bandidos — afirmou Alessan suavemente. — Mas, se está caçando barbadianos mercenários, você e seus homens têm o mesmo coração que nós. Posso lhe afirmar, e eu não minto, Ducas, que se nos parar aqui ou nos matar, será uma ajuda aos barbadianos e também a Ygrath, que eles jamais sonhariam em lhe pedir. — Houve um esperado silêncio. O vento passava cortante, mexendo as gramíneas jovens que cresciam no escuro.

— Você se tem em alta conta — disse Ducas demoradamente, pensativo. — Talvez eu deva saber o porquê. Eu acho que é hora de me falar exatamente quem vocês são e de onde estão vindo em um entardecer do Dia de Brasas, e então tirei minhas próprias conclusões.

— Meu nome é Alessan. Estou indo para oeste. Minha mãe está doente e pediu minha presença a seu lado.

— Que dedicado de sua parte — disse Ducas. — Mas um nome não me diz nada e o oeste é bem grande, meu amigo arqueiro. *Quem é você e de onde vem?* — A voz era o desenrolar de um chicote dessa vez. Devin pulou. Atrás de Ducas, sete cordas de arco foram puxadas.

Devin, com o coração acelerado, viu Alessan hesitar. O sol já tinha quase sumido, era só um disco vermelho cortado ao meio pelo horizonte, além da passagem. O vento parecia soprar mais forte, prometendo uma noite fria depois daquele primeiro dia de primavera.

Havia frio em Devin também. Ele olhou para o mago e descobriu que este também o encarava, como que esperando. Alessan ainda não falara nada. Ducas se remexeu significativamente em sua sela.

Devin engoliu em seco e, sabendo que não importava o quão difícil fosse para ele, seria mais fácil do que para Alessan. Então respondeu:

— Tigana. Ele é de Tigana e eu também.

Ele teve o cuidado de olhar para o bandido bruxo enquanto falava, e não para Ducas ou para qualquer um dos outros. Viu, pelo canto do olho, que Alessan fazia o mesmo, para não ter que ver o olhar vazio de incompreensão que sabiam que se seguiria. Com o mago seria diferente. Bruxos podiam ouvir o nome.

Um murmúrio começou entre aqueles homens, à frente e atrás deles. E então um deles falou alto em meio às sombras crepusculares daquele lugar solitário. A voz vinha da linha de trás.

— Pelo sangue do deus! — o grito veio da alma. Devin se virou. O homem desmontou e caminhou rapidamente para ficar frente a frente com eles. Viu que ele era pequeno, não muito maior

que ele mesmo, em torno de 30 anos ou um pouco mais, e que se movia de forma estranha, claramente com dor, com a flecha de Alessan presa em seu braço.

Ducas olhava para seu mago.

— Sertino, o que é isso? — perguntou, sua voz num tom afiado. — Eu não...

— Feitiçaria — respondeu abruptamente.

— O quê? Dele? — acenou com a cabeça para Erlein.

— Não, não dele. — Foi o homem machucado quem falou, seus olhos não deixavam o rosto de Alessan. — Não desse pobre mago. Isso é feitiçaria de verdade. É o poder de Brandin de Ygrath que o impede de ouvir o nome.

Ducas tirou seu chapéu em um movimento raivoso, revelando uma cúpula careca com uma orla de cabelos vermelhos.

— E você, Naddo? Como escuta isso, então?

O ladrão no chão trocou vacilante de um pé para o outro antes de responder:

— Porque também nasci lá e sou imune ao feitiço. Ou outra vítima dele, como preferir. — Devin podia escutar a tensão em sua voz, como se fosse alguém se agarrando fortemente ao autocontrole. Ele ouviu o homem chamado Naddo falar, olhando para Alessan:

— Perguntaram-lhe seu nome e você deu somente parte dele. Vai nos falar o resto? — Era difícil ver seus olhos, mas sua voz contava uma velha história.

Alessan estava sentado no cavalo com uma comodidade que, mesmo depois de um dia na sela, parecia negar até mesmo a simples sugestão de cansaço ou a tensão da situação em que estavam. Mas, então, sua mão direita se levantou e passou, inconscientemente, por seu já embaraçado cabelo, e Devin, notando o gesto familiar, entendeu que o que quer que ele mesmo sentisse, estava dobrado e dobrado no homem que seguia.

Assim, no silêncio daquele lugar, sendo os únicos outros barulhos o assobio do vento entre as colinas e a agitação dos cavalos sobre a grama, ele ouviu:

— Meu nome é Alessan di Tigana bar Valentin. Se é tão velho quanto aparenta, Naddo di Tigana, sabe quem eu sou.

Com os cabelos do pescoço arrepiados e um calafrio que não podia controlar, Devin viu Naddo cair de joelhos no chão gelado antes mesmo da última palavra ser dita.

— Oh, meu Príncipe! — o ferido exclamou, com uma voz rouca. E, cobrindo o rosto com a mão boa, chorou.

— Príncipe? — questionou Ducas muito suavemente. Houve um movimento de inquietude entre os bandidos. — Sertino, explique-me isso!

Sertino, o mago, olhou de Alessan para Erlein e, finalmente, para o homem ferido. Uma expressão curiosa, quase aterrorizada, cruzou sua face redonda.

— Eles são de Baixa Corte, que tinha um nome diferente antes de Brandin de Ygrath chegar. Ele usou sua feitiçaria para afastar esse nome. Só pessoas nascidas lá e bruxos, graças à sua própria magia, podem ouvir o verdadeiro nome. É isso que está acontecendo aqui.

— “Príncipe”? Naddo o chamou assim.

Ele ficou quieto. Olhou para Erlein, aquele olhar estranho e apreensivo ainda em seu rosto. Por fim, perguntou:

— Isso é verdade?

Erlein di Senzio, com um meio sorriso irônico, respondeu:

— Só não o deixe cortar seu cabelo, irmão. A menos que goste de ser um escravo careca.

A boca de Sertino se escancarou. Ducas bateu em seu joelho com o chapéu.

— Agora essa — estourou. — Não entendo. Tem muita coisa aqui que não entendo. Quero explicações de todos vocês! — sua voz soou severa, muito mais alta do que antes, mas não olhava

para Alessan.

— *Eu* entendo bem o suficiente, Ducas — ouviu-se uma voz atrás deles. Era Magian, o capitão do grupo que os havia guiado para a armadilha. Ele moveu seu cavalo adiante enquanto se viravam para encará-lo. — Entendo que fizemos nossa fortuna hoje. Se ele é o príncipe de uma província que Brandin odeia, tudo o que precisamos fazer é levá-lo para oeste, para Forte Forese, pela fronteira e entregá-lo para os ygratheanos lá. Com um mago para servir. E quem sabe um deles não gosta de garotos em sua cama. Garotos que cantam. — Seu sorriso era feroz, perdido nas sombras. E acrescentou: — Haverá recompensas. Terras. Talvez até...

E não disse mais nada. Nunca. Sem acreditar, Devin viu a boca de Magian se abrir e seus olhos se arregalarem brevemente. Ele caiu devagar de seu cavalo, com o estrondo da espada e do arco batendo no chão ao lado de Erlein.

Havia um punhal de cabo longo em suas costas. Um dos ladrões da fileira de trás, sem pressa alguma, saiu do cavalo e tirou a adaga. Limpou-a cuidadosamente na roupa do homem morto antes de colocá-la de volta em seu cinto.

— Não foi uma boa ideia, Magian — falou calmamente, endireitando-se e olhando para Ducas. — Realmente não foi uma boa ideia. Não somos informantes, não servimos aos tiranos.

Ducas enfiou o chapéu de volta na cabeça, visivelmente lutando por recuperar o controle. Respirou fundo.

— Isso é verdade. Mas é também verdade, Arkin, que temos uma regra aqui sobre usar armas uns contra os outros.

Arkin era muito alto, quase esquelético; e seu rosto longo estava pálido, Devin notou, mesmo contra as sombras do crepúsculo.

— Sei disso, Ducas. Isso foi um desperdício. Eu sei. Você terá que me perdoar.

Ele não respondeu nada por um longo tempo. Todos ficaram em silêncio. Devin, passando o olhar pelo homem morto, viu os dois magos olhando um para o outro nas sombras. Arkin ainda olhava para Ducas, que finalmente falou:

— Você tem sorte de eu concordar com você — disse. Arkin balançou a cabeça. — Não estaríamos juntos há tanto tempo se fosse diferente.

Alessan elegantemente desmontou de seu cavalo. Caminhou até Ducas, ignorando os arcos ainda apontados para ele.

— Se estão caçando barbadianos — disse, tranquilamente —, creio que sei o motivo. Estou fazendo o mesmo, à minha maneira — hesitou. — Podem fazer como seu amigo morto sugeriu: entregar-me para Ygrath e, sim, acredito que receberiam uma recompensa. Ou podem nos matar aqui e terminar com isso. Podem também nos deixar tomar nosso próprio caminho daqui. Mas há outra coisa um tanto diferente a se fazer.

— Que seria? — Ducas parecia ter recuperado seu autocontrole. Seu tom estava novamente calmo como no começo.

— Juntem-se a mim. No que procuro fazer.

— Que seria?

— Tirar ambos os tiranos da Palma antes que o verão chegue.

Naddo de repente ergueu o olhar, um brilho em sua face.

— É sério, meu senhor? Podemos fazer isso? Mesmo agora?

— Há uma chance — disse Alessan. — Especialmente agora. Pela primeira vez, há uma chance. — Olhou novamente para Ducas. — Onde você nasceu?

— Tregæa — o homem respondeu, depois de uma pausa. — Nas montanhas.

Levou um momento para Devin pensar em como as coisas haviam se invertido completamente ali. Era Alessan quem fazia perguntas agora. Sentiu algo se mexer dentro de si: esperança renovada e

orgulho.

O Príncipe balançava a cabeça.

— Como eu suspeitava. Ouvi histórias sobre o ruivo Capitão Ducas, um dos líderes de Borifort em Tregea durante o cerco dos barbadianos lá. Nunca o acharam depois que o forte caiu — hesitou. — Não pude deixar de reparar na cor de seu cabelo.

Por um momento, os dois permaneceram imóveis como uma pintura, um no chão e outro em seu cavalo. Então, um tanto subitamente, Ducas di Tregea sorriu.

— O que resta do meu cabelo — murmurou ironicamente, tirando o chapéu novamente em um gesto amplo.

Soltando as rédeas, desceu do cavalo e, dando alguns passos à frente, estendeu a mão para Alessan. Ele respondeu a ambos — ao sorriso e à mão — igualmente. Devin viu-se ofegando com a onda de alívio que o invadiu e, então, comemorou animadamente, no máximo de sua voz, com vinte bandidos numa passagem escura de Certando.

Porém, o que percebeu, mesmo enquanto as comemorações aumentavam, foi que nenhum dos magos gritava. Erlein e Sertino permaneciam sentados em seus cavalos muito quietos, quase rígidos, como que se concentrando em alguma coisa. Eles se encararam, as expressões igualmente sombrias.

Por ter percebido, por parecer estar se tornando o tipo de homem que notava coisas como aquelas, Devin foi o primeiro a ficar quieto e instintivamente erguer a mão para silenciar os outros. Alessan e Ducas abaixaram as mãos gradualmente e, conforme o silêncio retomava ao local, todos olharam para os magos.

— O que aconteceu? — falou Ducas.

Sertino se voltou para ele.

— Rastreador, a noroeste de nós, bem próximo. Eu acabei de senti-lo rastreando. Ele não vai me achar, não faço mágicas há um bom tempo.

— Eu fiz — disse Erlein di Senzio. — Hoje cedo, na Passagem de Braccio. Só um feitiço de luz, um escudo para uma pessoa. Evidentemente foi o suficiente. Devia ter um Rastreador em um dos fortes do sul.

— Quase sempre há — replicou Sertino friamente.

— O que faziam na Passagem de Braccio? — disse Ducas.

— Colhíamos flores — falou Alessan. — Explico depois. Agora temos que lidar com os barbadianos. Quantos estarão com o Rastreador?

— Não menos que vinte. Provavelmente mais. Temos um acampamento nas colinas ao sul daqui. Devemos correr para lá?

— Vão nos seguir — afirmou Erlein. — Eles me marcaram. O rastro da minha magia vai me marcar por pelo menos mais um dia.

— Eu não quero me esconder de novo, de qualquer maneira — Alessan disse calmamente. Devin rapidamente se virou para olhá-lo. Ducas fez o mesmo. Naddo se levantou, desajeitado.

— O quão bons, exatamente, são seus homens? — questionou o Príncipe, desafiador tanto em seu tom quanto em seus olhos cinzentos.

E, nas sombras onde estava, quase completamente no escuro, Devin viu os dentes do líder dos ladrões tregeanos aparecerem subitamente.

— Bons o suficiente e de sobra para lidar com a escória barbadiana. É mais do que jamais enfrentamos, mas nunca lutamos ao lado de um príncipe. Acho — acrescentou em tom reflexivo — que, de repente, também estou ficando cansado de me esconder.

Devin procurou os magos com o olhar. Era difícil ver suas feições no escuro, mas Erlein disse, num tom de voz duro:

— Alessan, o Rastreador terá que ser morto imediatamente ou ele mandará uma imagem deste

lugar para Alberico.

— Ele será — respondeu Alessan, com tranquilidade. E em sua voz havia também uma nova nota. A presença de algo que Devin nunca ouvira. Um segundo depois, ele percebeu que era a morte.

A capa de Alessan balançou numa rajada de vento. Muito deliberadamente, ele cobriu o rosto com seu capuz.

O problema para Devin era que o Rastreador de Alberico tinha, na verdade, 12 anos.

Enviaram Erlein como isca, cavalgando a oeste para fora da passagem. Devin o seguia. Ele trazia Sertino di Certando, o outro mago, e dois outros homens com eles, sendo um deles Naddo, ferido, que insistira em fazer algo de útil mesmo não podendo lutar.

Removeram a flecha de seu braço e o enfaixaram. Era óbvio que aquilo não era fácil para ele, mas era ainda mais claro que, na presença de Alessan, não estaria disposto a ceder.

Pouco depois, sob as estrelas e a crescente Vidomni, os barbadianos adentraram a passagem. Havia 25 deles, além do Rastreador. Seis carregavam tochas, o que facilitava as coisas. Mas não para eles.

As flechas de Alessan e Ducas se encontraram no peito do Rastreador, disparadas das encostas dos dois lados do desfiladeiro. Onze dos mercenários caíram sob aquela primeira chuva de flechas, antes que Devin percebesse que galopava furiosamente, com Alessan e meia dúzia de outros homens, saindo de seus esconderijos na passagem. Moviam-se de modo a fechar a saída ocidental, enquanto Ducas e nove homens fechavam a oriental, por onde haviam entrado os barbadianos.

Então, naquela Noite das Brasas, na companhia de foras da lei nas altas terras de Certando, longe de seu lar perdido, Alessan bar Valentin, Príncipe de Tigana, lutou a primeira batalha de verdade em sua longa guerra de retorno. Após os obscuros anos de manobras, de coleta sigilosa de informações e de eventos delicadamente causados, empunhou sua espada contra as forças do Tirano naquela passagem iluminada pela lua.

Sem subterfúgios, sem mais manipulações secretas de canto de palco. Aquela era uma batalha; chegara a hora.

Marius de Quileia fizera-lhe uma promessa naquele dia, indo contra toda a sua sabedoria e experiência — e muito além da esperança. E, com a promessa de Marius, tudo mudara. A espera acabara. Ele poderia afrouxar as rígidas amarras que haviam mantido seu coração preso por todos aqueles anos. Naquela noite, naquela passagem, poderia matar: em memória de seu pai, de seus irmãos e de todos os mortos do rio Deisa, no ano em que não lhe fora permitido morrer.

Eles o retiraram e esconderam-no em Quileia, ao sul das montanhas, com Marius, na época, um capitão da guarda da Alta Sacerdotisa. Um homem com suas próprias razões para cuidar de um jovem Príncipe e escondê-lo nas terras ao norte. Aquilo ocorrera quase dezenove anos antes, quando começaram os segredos.

Estava farto de se esconder. A hora de fugir acabara; a temporada de guerra havia começado. É verdade que eram barbadianos, e não ygratheanos, os soldados que empunhavam espadas contra eles, mas, no fim, dava tudo no mesmo. Ambos os tiranos eram a mesma coisa. Ele dizia isso por todos aqueles anos, desde que viera ao norte da península com Baerd. Era uma verdade forjada como o metal, na dura fornalha de seu coração. Deveriam derrubar os dois ou não estariam mais perto da liberdade do que antes.

Na Passagem de Braccio, naquela manhã, a retomada começava. A pedra angular fora colocada em seu lugar. Naquela noite, naquele desfiladeiro escuro, pôde libertar sua paixão reprimida, suas próprias e longas memórias de perda, e erguer o braço que empunhava a espada.

Devin, esforçando-se para acompanhar o Príncipe, cavalgou para seu primeiro combate com

pânico puro e alegria, lutando para recuperar o controle dentro de seu peito. Não gritou, como fazia a maioria dos foras da lei; concentrava-se o máximo que conseguia em ignorar a dor em sua perna ferida. Agarrou a espada negra que Baerd lhe comprara, segurando-a com a lâmina curva para cima, como fora ensinado naquelas aulas de inverno que pareciam inimaginavelmente distantes dos acontecimentos daquela noite.

Viu Alessan cavalgar diretamente para as fileiras dos mercenários, inabalável como uma de suas flechas, como se deixasse para trás, com aquele único ato de resposta direta, todos os anos em que tal coisa não lhe fora permitida.

Freneticamente, cerrando os dentes, Devin seguia Alessan. Estava sozinho, contudo, a uma boa distância atrás, quando um barbadiano de barba alourada surgiu ao seu lado — enorme em seu cavalo. Devin gritou de susto. Apenas algum instinto cego de sobrevivência e os reflexos com que nascera salvaram sua vida. Puxou o cavalo com afinco para a esquerda, virando-se para um espaço que notara, e então se abaixou para a direita, o mais próximo do chão que conseguia, lançando-se para cima com toda a força. Sentiu uma dor lancinante na perna já ferida e quase caiu. O movimento da lâmina barbadiana cortou o ar vazio, onde a cabeça de Devin estivera. Um instante depois, Devin sentiu a própria lâmina recurvada perfurar a armadura de couro e a carne.

O barbadiano gritou, um som líquido e borbulhante. Ele se debatia sobre a montaria; sua espada se soltou de sua mão, que ele trouxe à boca, num gesto curiosamente infantil. Então, como uma árvore da montanha que cai lentamente, deslizou sobre a sela e caiu no chão.

Devin já puxara sua espada de volta. Dando meia-volta em seu cavalo, procurava os adversários. Não vinha ninguém. Alessan e os demais estavam à sua frente, avançando sobre os mercenários, indo ao encontro do grupo de Ducas e Arkin, em direção ao leste.

Estava quase acabado, Devin percebeu. Não havia nada, de verdade, que pudesse fazer. Com uma complexa mistura de emoções que sequer tentara entender naquele momento, observava enquanto a espada do Príncipe se erguia e descia três vezes; então, viu três barbadianos morrerem. Uma a uma, as seis tochas caíram no chão e se apagaram. E, por fim, apenas alguns momentos depois de cavalgarem pela passagem, conforme parecera a Devin, o último dos barbadianos foi abatido à espada.

Foi quando ele viu o que sobrava do Rastreador e percebeu como ele era jovem. O corpo fora horrivelmente pisoteado no confronto. Repousava, retorcido e esticado de forma não natural. De algum modo, o rosto fora poupado, embora para Devin, que observava, aquela fosse a pior parte. As duas flechas ainda estavam cravadas no corpo da criança, embora a parte de trás de uma delas tivesse se quebrado.

Devin virou o olhar. Acariciou o cavalo que Alienor lhe dera e sussurrou para ele. Forçou-se, em seguida, a se virar para o homem que matara. Aquilo não era o mesmo que o soldado sonolento, na propriedade Nievolene. Não era, dizia a si mesmo. Aquele fora um combate aberto, o barbadiano possuía arma e armadura e empunhara sua pesada espada buscando tirar a vida de Devin. Se os barbadianos e o Rastreador o tivessem alcançado — Alessan e Erlein estavam sozinhos no campo —, Devin não tinha ilusões, nenhuma que fosse, sobre qual teria sido seu destino.

Não era o mesmo que no celeiro. Repetiu para si mais uma vez, conforme tomava consciência da sinistra e desconcertante calma que parecia haver se abatido sobre a passagem. O vento ainda soprava, tão frio quanto antes. Ele olhou para cima e percebeu, tardiamente, que Alessan cavalaria em silêncio até ele, e também encarava o homem que Devin matara. Ambos os cavalos bufaram, inquietos pelo frenesi e pelo cheiro de sangue.

— Devin, acredite, eu sinto muito — murmurou Alessan, suavemente, para que ninguém mais o ouvisse. — É mais difícil da primeira vez, e eu não lhe dei chance de se preparar.

O rapaz balançou a cabeça. Sentia-se exaurido, quase entorpecido.

— Você não teve muita escolha. Talvez tenha sido melhor assim. — Ele limpou a garganta, sem jeito. — Alessan, você tem coisas maiores com que se preocupar. Eu escolhi livremente na Floresta Sandreni, no último outono. Você não é responsável por mim.

— De certo modo, sou.

— Não de um modo que importe. Eu mesmo tomei a decisão.

— Amizade não importa?

Devin permaneceu em silêncio, repentinamente acanhado. Alessan fazia isso com ele. Após um instante, o Príncipe completou, quase como uma reflexão tardia:

— Eu tinha a sua idade quando voltei de Quileia.

Por um momento, pareceu que ele diria algo mais, mas não o fez. Devin imaginou o que ele queria dizer, e algo se acendeu calmamente dentro de si, como uma vela.

Por mais um instante, olhou para baixo, para o homem morto. Apenas a luz pálida de Vidomni crescente já era o suficiente para revelar a dor fixa em seu rosto.

— Eu escolhi livremente — disse —, e compreendo a necessidade, mas não acho que irei me acostumar com isso.

— Eu nunca me acostumei — disse Alessan, hesitante. — Qualquer um de meus irmãos seria melhor naquilo que me mantiveram vivo para fazer.

Devin se voltou, tentando ler a expressão no rosto do Príncipe, nas sombras.

— Eu nunca os conheci — disse, após um momento —, mas você me permite dizer que eu duvido? De verdade, eu duvido, Alessan.

Após um instante, o Príncipe tocou seu ombro.

— Obrigado. Temo que haja aqueles que discordariam. Mas obrigado, mesmo assim.

E com aquelas palavras, pareceu se lembrar de algo — ou ser sido lembrado de algo. Sua voz mudou.

— É melhor irmos. Devo falar com Ducas e, então, teremos que nos encontrar com Erlein e prosseguir. Temos um longo caminho a percorrer. — Ele olhou para Devin, analisando-o. — Você deve estar exausto. Eu deveria ter perguntado antes: como está sua perna? Você consegue cavalgar?

— Estou bem — protestou Devin, rapidamente. — Claro que consigo cavalgar.

Alguém atrás deles riu, ironicamente. Ambos voltaram-se. E viram que Erlein e os outros haviam, na verdade, retornado à passagem.

— Diga-me — disse o mago para Alessan, com o deboche agudo na voz —, o que você esperava que ele dissesse? *É claro* que ele irá dizer que consegue cavalgar. Ele cavalgaria a noite toda, moribundo, por você. E este aqui também — gesticulou em direção a Naddo, logo atrás —, conhecendo-o há menos de uma hora. Eu me pergunto, Príncipe Alessan, como você se sente sabendo que tem tamanho poder sobre os corações dos homens?

Ducas chegara até eles enquanto Erlein falava. Nada disse, porém, e estava escuro demais, sem as luzes das tochas, para que vissem a feição de qualquer um deles claramente. Era necessário julgar pelas palavras e pela entonação.

— Acho que você sabe a minha resposta para isso — disse Alessan em voz baixa. — De qualquer modo, não tendo a pensar muito bem a meu respeito enquanto tenho você por perto para apontar tais coisas para mim. — Ele parou, e então acrescentou: — Que a Triade evite que *você* algum dia se voluntarie para cavalgar a noite toda por qualquer motivo que não seja você mesmo.

— Eu — disse Erlein, seco — não tenho mais escolha em assuntos como esses. Ou você se esqueceu?

— Não me esqueci. Mas não pretendo repetir esse debate agora, Erlein. Ducas e seus homens acabaram de colocar suas vidas em risco para salvar a sua. Se você...

— Para salvar a minha?! Eu nunca estaria em risco se você não tivesse me obrigado a...

— Erlein, chega! Temos muito que fazer, e não estou com vontade de discutir.

Na escuridão, Devin viu Erlein fazer uma debochada reverência sobre o cavalo.

— Eu humildemente imploro seu perdão — disse ele, em tom exagerado. — O senhor realmente deveria me informar quando *estiver* com vontade de discutir. O senhor entenderá que esse é um assunto de alguma importância para mim.

Alessan permaneceu em silêncio pelo que pareceu um longo tempo. Então, calmamente, acrescentou:

— Acho que consigo adivinhar o que está por trás disso. Eu compreendo. É por encontrar outro mago, não é? Com Sertino aqui, você sente mais o que aconteceu com você.

— Não finja que me entende, Alessan! — disse Erlein, furiosamente.

Ainda com calma, o Príncipe respondeu:

— Muito bem, então. Não o farei. De certa maneira, eu talvez nunca o compreenda, nem o modo como viveu a sua vida. Eu lhe disse isso na noite em que nos conhecemos. Mas, por enquanto, esse assunto está encerrado. Estarei pronto para discuti-lo no dia em que os tiranos tiverem partido da Palma. Não antes.

— Você estará morto até lá. Nós dois estaremos.

— Não toque nele! — gritou Alessan, bruscamente. Logo depois, Devin viu que Naddo erguera a mão boa para acertar o mago. Com mais calma, o Príncipe completou. — Se nós dois estivermos mortos, então nossos espíritos poderão brigar nos Salões de Morian, Erlein. Até lá, já chega. Teremos muito que fazer juntos nas próximas semanas.

Ducas tossiu.

— Quanto a isso — disse ele —, nós dois também temos que conversar. Ainda há algumas coisas que eu quero saber, antes de ir além do trabalho desta noite, por mais que tenha me agradado.

— Eu sei — disse Alessan, voltando-se para ele na escuridão. Ele hesitou. — Você cavalgará conosco por algum tempo? Somente até a vila. Você e Naddo, por causa de seu braço.

— Por que até lá, e por que por causa do braço? Não entendo — questionou Ducas. — Você deveria saber que não somos bem-vindos na vila. Por razões óbvias.

— Imagino. Não importa. Não numa Noite das Brásas. Você entenderá quando chegarmos lá. Venha. Quero que meu bom amigo Erlein di Senzio veja algo. E imagino que Sertino venha conosco.

— Eu não perderia isso nem por todo o vinho azul de Astibar — disse o rechonchudo mago de Certando. Era interessante, e em outro momento seria até mesmo divertido, notar que ele mantinha uma distância saudável do Príncipe. As palavras que falava eram caricatas, mas seu tom era mortalmente sério.

— Então, venha — disse Alessan, bruscamente. Ele voltou seu cavalo para Erlein, quase esbarrando no outro homem, e partiu para fora da passagem, a oeste. Aqueles que ele nomeara os seguiram. Ducas deu algumas ordens específicas para Arkin, baixo demais para que Devin ouvisse. Arkin hesitou por um instante, claramente consternando, esperando ir com seu líder. Mas, então, sem dizer nada, guiou seu cavalo na outra direção.

Quando Devin olhou, um instante depois, viu que os foras da lei vasculhavam os corpos dos barbadianos à procura de armas. Voltou-se para olhar para trás mais uma vez, mas eles já estavam em terreno aberto, com as colinas sombrias ao sul e ao leste, e uma planície de gramíneas desenrolando-se ao norte. A entrada da passagem não podia sequer ser vista. Arkin e os outros também partiriam em seguida, Devin sabia, deixando para trás apenas os mortos. Para serem recolhidos: um deles, morto por sua própria espada, e outro, apenas uma criança.

O velho estava deitado em sua cama, na escuridão da Noite das Brásas e na escuridão onipresente de sua própria aflição. Sem conseguir dormir, escutou o vento do lado de fora e a mulher na outra sala

tilintando suas contas de oração e entoando a mesma litania repetidamente.

— Eanna nos ame, Adaon nos proteja, Morian guarde nossas almas. Eanna nos ame, Adaon nos proteja, Morian guarde nossas almas. Eanna nos ame...

Sua audição era muito boa. Na maioria das vezes, compensava, mas às vezes — como naquela noite, com a mulher rezando como uma louca — era uma maldição de um tipo especialmente perverso. Ela usava suas velhas contas, ele podia distinguir o som rápido e baixo, mesmo através das paredes que separavam os quartos. Três anos antes, para o aniversário dela, ele tinha feito, com um tipo raro de madeira, um novo conjunto de contas polidas. Na maioria das vezes, ela usava aquele conjunto, mas não nos Dias das Brasas. Então, mudava para as contas velhas e rezava alto pela maior parte dos três dias e das três noites.

Em seus primeiros anos naquele lugar, de tanto que aquela ladainha incessante o perturbava, ele dormira as três noites no celeiro, com os dois rapazes que o levaram até ali. Mas estava velho, seus ossos estalavam e doíam em noites ventosas como aquela, ficava, então, em sua própria cama, sobre uma bolha de cobertores, e aguentava a voz dela o melhor que podia.

— Eanna nos ame sempre, Adaon nos proteja de todos os perigos, Morian guarde nossas almas e nos abrigue. Eanna nos ame...

Os Dias das Brasas eram uma época de arrependimento e reparação, mas também era um tempo para enumerar o que se tinha e agradecer por isso. Ele era um homem cínico por várias razões, porém, não se considerava irreligioso, tampouco diria que sua vida não fora abençoada, apesar da cegueira das duas últimas décadas. Vivera boa parte da vida na riqueza e próximo ao poder. Ter vivido tantos anos era uma bênção, assim como a habilidade duradoura de suas mãos com a madeira. Começara como uma brincadeira, uma diversão e tornara-se mais do que isso nos anos desde que chegara ali.

Também tinha o presente de seu outro talento, apesar de poucos saberem disso. De outra forma, não teria sido capaz de criar uma vida tranquila para si naquela vila das terras altas. E uma vida sossegada era essencial, já que estava se escondendo. Ainda.

O simples fato de ter sobrevivido àquela longa jornada, sem enxergar, por todos aqueles anos, era um tipo especial de bênção. Não se iludia: jamais teria sobrevivido sem a ajuda de seus dois jovens serviçais. Os únicos que haviam permitido ficar com ele. Os únicos que quiseram ficar.

Eles não eram mais jovens nem serviçais. Eram fazendeiros na terra que possuíam junto com ele. Não dormiam mais no chão da sala da primeira e pequena casa de fazenda nem no celeiro, como fizeram nos primeiros anos, mas em suas próprias casas, com as esposas ao lado e crianças por perto. Deitado na escuridão, ele deu graças por isso, por tudo o que lhe fora dado.

Qualquer um dos dois teria deixado que ele dormisse em sua casa naquelas três noites, para escapar do resmungo interminável da mulher no quarto ao lado, porém ele não queria pedir tanto. Nem nas Noites das Brasas, nem em noite alguma. Tinha a sua própria percepção do que era adequado e, além disso, conforme os anos se passavam, mais e mais gostava de sua própria cama.

— Eanna nos ame como a seus filhos, Adaon nos proteja como a seus filhos...

Estava claro que ele não conseguiria pegar no sono. Pensou em se levantar e polir um cajado ou um arco, mas sabia que Menna iria ouvi-lo e que o faria pagar por profanar uma Noite das Brasas com trabalho. Mingau aguado, vinho estragado, seus chinelos cruelmente retirados de onde ele os deixara.

Estavam no meu caminho, ela diria quando ele reclamasse. E quando os fogos fossem permitidos de novo: carne queimada, khav intragável, pão azedo. Por uma semana no mínimo. Menna tinha seu próprio jeito de fazê-lo saber o que era importante para ela. Depois de tantos anos, tinham os entendimentos tácitos de qualquer velho casal, mesmo que ele, claro, nunca tivesse se casado com ela.

Ele sabia quem era e o que era apropriado, mesmo em sua decadência, longe de sua terra e da memória de riqueza ou poder. Ali, naquela pequena propriedade rural comprada com o ouro medrosamente escondido em sua pessoa durante aquela longa jornada às cegas, dezessete anos antes, certo de que assassinos o perseguiriam de perto.

Ele sobrevivera, porém, com os garotos. Chegaram àquela aldeia em um dia de outono muito tempo antes: estranhos surgindo em tempos sombrios. Em uma época em que tanta gente morrera e tantos outros foram exilados brutalmente por toda a Palma com a chegada dos tiranos. Todavia, os três conseguiram, de alguma forma, sobreviver e mesmo fazer a terra produzir seu sustento nos anos bons. Na fase ruim pela qual passava Certo finalmente, tivera que esvaziar sua parca reserva de ouro — mas para o que mais ela serviria naquele ponto?

Sério, que outra serventia o ouro poderia ter? Menna e os dois garotos — que, é claro, não eram mais garotos — eram seus herdeiros. Eram toda a família que tinha: Eram tudo o que sobrara, se não contasse os sonhos que ainda tinha durante a noite.

Era um homem cínico; vira muita coisa nos dias antes da chegada da escuridão, e, mesmo depois, com um jeito diferente de ver, mas não estava tão afogado na ironia para ignorar seu conhecimento. Sabia que exilados sempre sonhavam com seu lar e que os grandemente injustiçados nunca se esqueciam de verdade. Não tinha ilusões de ser o único nisso.

— Eanna nos ame, Adaon nos proteja de... *Tríade, nos salve!*

Menna ficou em silêncio muito de repente. E, pelo mesmo motivo, o velho subitamente se sentou na cama, fazendo careta com a dor afiada que sentia na coluna. Os dois tinham ouvido: algo fizera barulho lá fora, na Noite das Brasas, quando ninguém devia estar ao relento.

Ouvindo com cuidado, ele percebeu de novo: o som, suave e fraco, de uma flauta tocado na escuridão, passando pelas paredes. Concentrando-se, o velho pôde distinguir passos. Ele os contou. Então, com o coração perigosamente acelerado, saiu da cama o mais rápido possível e começou a se vestir.

— São os mortos! — Menna gemeu no quarto distante. — Adaon nos proteja dos espíritos vingativos e de todo o mal. Eanna, nos ame! Os mortos vieram nos buscar. Morian dos Portais, guarde nossas almas!

Apesar de sua agitação, o velho reparou que Menna, mesmo com medo, o incluía em suas preces. Por um momento, ficou genuinamente tocado. No instante seguinte, registrou com tristeza o fato inescapável de que as próximas duas semanas da sua vida, no mínimo, provavelmente seriam o mais puro tormento doméstico.

Ele ia lá fora, é claro. Sabia exatamente quem estava lá. Terminou de se vestir e alcançou seu cajado favorito ao lado da porta. Movia-se fazendo o menor ruído possível, mas as paredes eram finas e a audição de Menna era quase tão boa quanto a sua, não havia sentido em tentar sair sem ser percebido. Ela iria saber o que ele estava fazendo. E o faria pagar por isso. Aquilo já tinha acontecido antes. Em Noites das Brasas e em outras, por quase dez anos.

Com passos seguros dentro de casa, foi até a porta da frente e usou seu bastão para enrolar o pano que bloqueava a fresta da porta. Depois, abriu-a e saiu. Menna já estava rezando de novo.

— Eanna me ame, Adaon me proteja, Morian guarde minha alma.

O velho deu um sorriso gelado. Duas semanas, no mínimo. Mingau aguado de manhã. Khav queimado e sem gosto. Chá de mahgoti azedo. Ficou parado por um instante, ainda sorrindo de leve, respirando o ar frio e cortante. Felizmente, o vento diminuirá um pouco e seus ossos não doíam. Erguendo o rosto para a brisa noturna, quase sentia o gosto da primavera que chegava.

Fechou a porta com cuidado atrás de si e começou a tatear seu caminho até o celeiro com o bastão. Entalhara aquele bastão quando ainda enxergava. Por muitas vezes, usara-o no palácio, uma afetação numa corte dissoluta. Nunca esperara precisar dele daquela forma. Tinha a cabeça de

uma águia com os olhos cuidadosamente detalhados, grandes e ferozmente desafiadores.

Talvez por ter matado pela segunda vez na vida naquela noite, Devin estava lembrando aquele outro celeiro, muito maior, do inverno anterior em Astibar.

Este era muito mais modesto. Havia apenas duas vacas leiteiras e um par de cavalos de arado no estábulo. Era, porém, bem construído e aquecido, cheirando a animais e a palha limpa. As paredes não tinham frestas que deixassem passar o vento; a palha tinha sido empilhada recentemente; o chão estava varrido e as ferramentas na parede estavam organizadas e limpas.

Na verdade, se não tomasse cuidado, o cheiro e a sensação daquele celeiro poderiam levá-lo para muito além do último inverno, de volta a sua própria fazenda em Asoli, sobre a qual tentava nunca pensar. Mas estava cansado, exausto, há duas noites sem dormir e, por isso, estava vulnerável a tais memórias. Seu joelho direito doía muito, pois o torcera na montanha. Tinha inchado para o dobro do tamanho normal e estava extremamente sensível ao toque. Andava devagar, esforçando-se para não mancar.

Ninguém falava. Ninguém tinha falado desde que chegaram aos arredores daquela aldeia de vinte casas. O único som nos últimos momentos, depois de terem amarrado os cavalos e começado a andar, era o de Alessan tocando flauta com suavidade. Tocando — e Devin perguntava-se se só ele sabia ou se Naddo também a reconhecia — aquela canção infantil de Avalor.

Ali no celeiro, Alessan continuava tocando, tão delicadamente quanto antes. A canção devia ser mais uma coisa que parecia levar Devin de volta para sua família. Ele resistiu. Se fosse por aquele caminho, nas condições em que estava, provavelmente acabaria chorando.

Tentou imaginar como aquela melodia fugidia e encantadora soaria para alguém aconchegado entre as paredes das casas apagadas naquela Noite das Brasas. Eles deveriam parecer um grupo de fantasmas passando por ali. Os mortos que andavam, seguindo uma breve melodia esquecida. Lembrou-se de Catriana cantando na Floresta Sandreni:

*Mas onde estiver e para onde olhar,
Em águas calmas ou em alto mar,
Meu coração sempre irá voltar
Para o sonho das torres de Avalor.*

Ele se perguntou onde ela estaria. E Sandre. Baerd. Perguntou-se se voltaria a vê-los. Mais cedo naquela noite, ao ser perseguido na passagem, pensou estar prestes a morrer. Agora, duas horas depois, tinham matado 25 barbadianos com os mesmos foras da lei que os haviam perseguido. E três deles estavam ali, naquele celeiro desconhecido, escutando Alessan tocar uma canção de ninar.

Ele sabia que seria incapaz de entender a estranheza da vida, mesmo que vivesse até os cem anos.

Ouviu um barulho do lado de fora e a porta se abriu de repente. Devin se endireitou por instinto, assim como Ducas de Tregae, que colocou sua mão na espada. Alessan olhou para a porta, mas seus dedos não hesitaram na flauta e a música continuou.

Iluminado pelo luar repentino, um velho, um pouco curvado, com uma juba leonina de cabelo branco, parou por um momento antes de entrar, fechando a porta com um bastão que usava. Depois disso, ficou escuro no celeiro de novo e difícil de enxergar por uns momentos.

Ninguém falou nada. Alessan sequer levantou os olhos novamente. Delicadamente, com muito sentimento, terminou a melodia. Devin olhou para ele enquanto tocava e imaginou se era o único homem ali que sabia o que aquela música significava para o Príncipe. Pensou nas coisas por que

Alessan passara somente naquele último dia, no que ele estava indo encontrar, e algo complicado e estranho se agitou em seu coração enquanto ouvia o final da melodia. Viu o Príncipe colocar a flauta de lado com tristeza. Estava deixando seu refúgio e assumindo seu fardo de novo. Todo o fardo que parecia ser seu legado, o preço de seu sangue.

— Obrigado por vir, velho amigo — disse, em voz baixa, para o homem perto da porta.

— Você me paga, Alessan — disse o velho em uma voz clara e forte. — Você me condenou a um mês de leite azedo e a carne estragada.

— Tinha medo disso — respondeu Alessan na escuridão. Devin podia perceber o afeto e uma diversão inesperada em sua voz. — Menna não mudou, então.

O outro bufou.

— Menna não sabe o que é mudança. Você está com gente nova, e falta um amigo. O que aconteceu? Ele está bem?

— Está ótimo. A meio dia de cavalo para leste. Tenho muito a contar. Tive meus motivos para vir, Rinaldo.

— Isso eu percebi. Um homem com uma perna despedaçada por dentro. Outro com uma ferida de flecha. Os dois magos não estão felizes, mas não posso fazer nada pelos seus dedos perdidos; e nenhum deles está doente. O sexto homem está com medo de mim agora, mas não precisa.

Devin arfou, assustado. Atrás dele, Ducas amaldiçoou-o.

— Explique isso! — rugiu ele, furioso. — Explique isso tudo!

Alessan estava gargalhando, assim como, mais discretamente, o homem que chamara de Rinaldo.

— Você é um velho mimado e mesquinho — disse o Príncipe, ainda rindo — e gosta de chocar as pessoas simplesmente pelo prazer de fazê-lo. Você deveria se envergonhar.

— Sobraram tão poucos prazeres na minha idade — o outro respondeu. — Você quer me negar esse também? Você disse que tem muito a contar? Então, conte.

A voz de Alessan ficou séria.

— Tive um encontro nas montanhas hoje de manhã.

— Ah, estava imaginando isso. E o que irá acontecer?

— Tudo, Rinaldo. Tudo irá acontecer. Neste verão. Ele disse que sim. Nós teremos as cartas.

Uma para Alberico, outra para Brandin e outra para o Governador de Senzio.

— Ah, o Governador de Senzio — falou baixo, mas sem conseguir disfarçar a excitação na voz. Ele deu um passo mais para dentro da sala. — Jamais sonhei que viveria para ver esse dia chegar. Alessan, nós iremos agir?

— Já começamos. Ducas e seus homens se juntaram a nós hoje em batalha. Matamos vários barbadianos e um Rastreador que perseguiu o mago que estava conosco.

— Ducas? É ele, então? — o velho deu um assobio baixo, um som estranhamente deslocado. — Agora eu sei por que ele está com medo. Você tem alguns inimigos nesta aldeia, meu amigo.

— Eu sei disso — falou Ducas, secamente.

— Rinaldo — disse Alessan. — Você se lembra do cerco de Borifort, quando Alberico chegou? Das histórias sobre um capitão de barba ruiva, um dos líderes dos tregeanos que lá estavam? Aquele que nunca foi achado?

— Ducas de Tregea? É ele? — assobiou de novo. — Prazer em conhecê-lo, Capitão, apesar de, na verdade, não ser nosso primeiro encontro. Se me lembro bem, você estava na companhia do Duque de Tregea quando eu lhe fiz uma visita formal, vinte anos atrás.

— Uma visita representando quem? — perguntou Ducas, visivelmente se esforçando para entender o que estava acontecendo. Devin simpatizou com ele: estava fazendo a mesma coisa e sabia muito mais do que o homem de barba ruiva, que arriscou: — Da província de Alessan?

— Tigana? Mas é claro — Erlein di Senzio interrompeu, asperamente. — Claro que é. Apenas mais um pequeno nobre ferido do oeste. Foi para isso que você me trouxe aqui, Alessan? Para me mostrar o quão corajoso um velho pode ser? Desculpe-me se prefiro pular essa lição.

— Não escutei o começo — falou Rinaldo gentilmente com o mago. — O que você disse?

Erlein ficou quieto, olhando de Alessan para o velho perto da porta. Mesmo na escuridão, Devin podia ver sua confusão repentina.

— Ele falou o nome da minha província. Os dois acham que você vem do mesmo lugar que eu — respondeu Alessan.

— Uma calúnia ultrajante — falou Rinaldo, calmamente. Ele virou sua cabeça grande e bem-feita na direção de Ducas e de Erlein. — Sou tão vaidoso que pensei que teriam me reconhecido. Meu nome é Rinaldo di Senzio.

— O que? *Senzio*? — exclamou Erlein, chocado e fora de sua compostura costumeira. — Não pode ser!

Ficaram em silêncio.

— Quem, exatamente, é esse prentioso? — perguntou Rinaldo a ninguém em específico.

— Tem o que seja o meu mago — respondeu Alessan. — Eu o liguei a mim com o presente que Adaon deu à linhagem de nossos Príncipes. Acho que já falei sobre isso com você. O nome dele é Erlein. Erlein di Senzio.

— Ah — disse Rinaldo, soltando o ar lentamente. — Entendo. Um mago ligado e um senziano. Isso explica a raiva.

Andou mais alguns passos para frente, batendo seu bastão à sua frente.

Foi naquele momento que Devin percebeu que Rinaldo era cego. Ducas percebeu no mesmo instante.

— Você não tem olhos — disse ele.

— Não — Rinaldo respondeu, bem-humorado. — Eu tinha, é claro, mas foram julgados inadequados para mim por meu sobrinho, por sugestão dos dois tiranos. Fará dezessete anos nesta primavera. Tive a temeridade de me opor à decisão de Casalia de abandonar sua posição como duque e virar Governador.

Alessan encarava Erlein fixamente enquanto Rinaldo falava. Devin seguiu seu olhar. O mago parecia mais confuso do que Devin jamais o vira.

— Eu sei quem você é — disse Erlein, quase gaguejando.

— Claro que sabe. Assim como eu conheço você, e conheci seu pai, Erlein bar Alein. Eu era irmão do último Duque verdadeiro de Senzio e sou tio daquela desgraça gananciosa que agora se intitula Casalia, Governador de Senzio. E tinha tanto orgulho de ser aquele como tenho vergonha de dizer que sou este.

Visivelmente tentando se controlar, Erlein disse:

— Mas então você sabia o que Alessan estava planejando. Você sabia daquelas cartas. Ele contou para você. Você sabe o que ele pretende fazer com elas. Sabe o que isso vai significar para a nossa província. E mesmo assim o apoia? Você o está *ajudando*? — sua voz se elevou no final.

— Seu homenzinho mesquinho e estúpido — disse Rinaldo devagar, espaçando as palavras para lhes dar peso, sua voz dura como pedra. — Claro que o estou ajudando. De que outra forma lidaria com os tiranos? Que outro campo de batalha é *possível* na Palma hoje além de nossa pobre Senzio, onde Barbador e Ygrath se rodeiam como lobos e meu sobrinho crápula se afoga em bebida e derrama sua semente nos traseiros das prostitutas? Você acha que a liberdade é *fácil*, Erlein bar Alein? Acha que ela cai do céu, como bolotas de carvalho?

— Ele acha que é *livre* — disse Alessan, direto. — Ou seria, não fosse por mim. Ele acha que era livre até me encontrar à beira de um rio em Ferraut semana passada.

— Então não tenho mais nada a dizer a ele — disse Rinaldo di Senzio, com desdém.

— Como você... como você achou esse homem? — perguntou Sertino para Alessan. Devin notou que o mago de Certoando ainda se mantinha distante do Príncipe.

— Achar esses homens tem sido o meu trabalho nos últimos doze anos — respondeu Alessan. — Homens e mulheres do meu lar ou do seu, de Astibar, Tregæa... de toda a península. Pessoas em que acho que posso confiar e que tenham motivos para odiar os tiranos tanto quanto eu. E um desejo de ser livre que combine com o meu. Verdaderamente livre, senhores de nossa própria península.

Falou as últimas palavras olhando novamente para Erlein e, depois, com um sorriso leve, voltou-se para Ducas.

— Na verdade, você se escondeu bem, amigo. Achei que estivesse vivo, mas não sabia onde. Vivemos em Tregæa, indo e vindo, por mais de um ano, mas ninguém com quem falamos sabia, ou estava disposto a nos falar, sobre o seu destino. Tive que ser muito astuto hoje para atraí-lo ao meu encontro.

Ducas gargalhou, um som grave saindo de seu peito. Depois ficou sério.

— Queria que isso tivesse acontecido antes.

— Eu também, você não tem ideia de quanto. Tenho um amigo que, acredito, vai gostar tanto de você quanto você dele.

— Irei encontrá-lo?

— Em Senzio, mais tarde nesta primavera, se tudo der certo. Se fizermos tudo dar certo.

— Se é assim, é melhor você começar a nos dizer como você quer fazer — disse Rinaldo, casualmente. — Deixe-me cuidar de seus dois feridos enquanto você nos conta o que precisamos saber.

Andou para a frente, sentindo o chão com o bastão enquanto se aproximava de Devin.

— Sou um Curandeiro — ele explicou, sério, a rispidez fora de sua voz. — Sua perna está bem ruim e precisa de cuidados. Você me deixa tentar?

— Então é *por isso* que você nos conhecia — disse Ducas, sua voz mostrando espanto de novo.

— Eu nunca conheci um verdadeiro Curandeiro antes.

— Não existem muitos de nós, e preferimos não nos anunciar — disse Rinaldo, as órbitas vazias de seus olhos fixas no nada. — E era assim mesmo antes dos tiranos chegarem. É um dom com limites e um preço. Agora, nos mantemos escondidos pelos mesmos motivos que os magos, ou quase os mesmos: os tiranos adoram nos capturar e nos forçar a servi-los até nos exaurirem completamente.

— Eles podem fazer isso? — perguntou Devin. Sua voz estava rouca. Percebeu que se mantivera calado por muito tempo. Encolheu-se ao pensar em como ele soaria se tentasse cantar naquela noite. Não podia se lembrar de quando se sentira tão exausto.

— Claro que podem — disse Rinaldo, simplesmente. — A não ser que escolhamos morrer nas rodas de tortura, o que já aconteceu.

— Ficarei feliz de saber a diferença entre essa coerção e o que esse homem fez comigo — disse Erlein, friamente.

— E eu ficarei feliz de contar — respondeu Rinaldo —, assim que terminar meu trabalho. — Virou-se para Devin. — Deve ter palha atrás de você. Poderia se deitar para que eu veja o que posso fazer?

Em poucos minutos, Devin estava prostrado em uma cama de palha. Com a cautela de uma velha, Rinaldo se ajoelhou ao seu lado. O Curandeiro começou a esfregar suas mãos, uma na outra, devagar.

— Alessan, falei sério. Fale enquanto eu trabalho. Comece por Baerd. Eu gostaria de saber por que ele não está com você — disse Rinaldo, sobre o ombro.

— *Baerd?* — uma voz interrompeu. — É *ele* que é o seu amigo? Baerd bar Saevar?

Era Naddo, o homem ferido. Ele cambaleou para a frente, até a beira da palha.

— Saevar era o pai dele, sim — disse Alessan. — Você o conheceu?

— Se eu o conhecia? *Claro* que eu o conhecia. Eu era... Eu... — Estava tão chocada que tinha dificuldade para falar. Engoliu em seco. — Eu fui o último aprendiz do pai dele. Eu amava Baerd como... como um irmão mais velho. Eu... nós... nos separamos... muito mal. Eu fui embora no ano seguinte à queda.

— Assim como ele — disse Alessan gentilmente, colocando a mão no ombro de Naddo, que tremia. — Não muito depois de você. Agora eu sei quem você é, Naddo. Ele me falou várias vezes daquela despedida. Posso dizer que ele lamentou muito o que aconteceu. Ainda lamenta. Espero que ele mesmo diga isso a você quando se encontrarem.

— É o amigo que você mencionou? — perguntou Ducas, falando baixo.

— Sim.

— Ele falou a você sobre *mim*? — A voz de Naddo se elevou, surpresa.

— Sim.

Alessan estava sorrindo de novo. Devin, mesmo cansado, viu que fazia o mesmo. O homem ali com eles soava como um juvenzinho.

— Você... ele sabe o que aconteceu com a irmã dele? Com Dianora? — perguntou Naddo.

O sorriso de Alessan desapareceu.

— Não sabemos. Procuramos por doze anos, perguntamos em muitos lugares, onde quer que encontrássemos sobreviventes da queda. Havia tantas mulheres com aquele nome. Ela também sumiu — algum tempo após ele ter vindo me procurar. Ninguém sabe por que ou para onde ela foi, e a mãe morreu pouco depois. Elas são... essa perda é a grande dor de Baerd.

Naddo ficou em silêncio. No momento seguinte, perceberam que estava lutando contra as lágrimas.

— Eu posso entender isso — ele disse finalmente, sua voz rouca. — Ela foi a garota mais corajosa que eu já conheci. A mulher mais corajosa. Mesmo que não fosse bonita de verdade, ela era tão... — parou por um momento, tentando recuperar sua compostura, e, em seguida, disse em voz baixa: — Acho que eu a amava. Tenho certeza que sim. Eu tinha 13 anos na época.

— Se as deusas nos amam, ao lado do deus — disse Alessan, delicadamente —, ainda iremos encontrá-la.

Devin não sabia nada sobre isso. Parecia ter tanta coisa que ele não sabia. Tinha perguntas a fazer, talvez mais do que Ducas. Mas, justo naquele momento, Rinaldo, ainda de joelhos a seu lado, parou de esfregar as mãos e se inclinou para a frente.

— Você precisa mesmo descansar — murmurou ele, tão baixo que nenhum dos outros pôde ouvir. — Você precisa dormir tanto quanto suas pernas precisam de cuidado.

Enquanto falava, colocou uma mão na testa de Devin e ele, mesmo com todas as suas perguntas e agitação, sentiu, de repente, que começava a flutuar, como se estivesse num oceano calmo, indo até as praias do sono, longe de onde os homens estavam falando, de suas vozes, de seu luto e de seus desejos. E ele não ouviu mais nada do que foi dito no celeiro naquela noite.

CAPÍTULO V

Três dias depois, ao nascer do sol, cruzaram a fronteira sul dos dois fortes, e Devin entrou em Tigana pela primeira vez desde que o pai o levara dali, ainda criança.

Apenas os músicos mais necessitados vinham até Baixa Corte, companhias em uma maré de azar e desesperados por qualquer tipo de compromisso, não importando o quão pequeno fosse o pagamento ou o quão sinistro fosse o ambiente. Mesmo tanto tempo após a conquista dos tiranos, os artistas itinerantes da Palma sabiam que Baixa Corte significava má sorte, pagamento ainda pior e uma grande chance de ser pego pelos ygratheanos, dentro da província ou em suas fronteiras, entrando ou saindo.

Não era como se a história não fosse conhecida: os habitantes de Baixa Corte tinham matado o filho de Brandin e, por isso, pagaram um preço em sangue, dinheiro e opressão brutal. Quando conversavam nas tabernas ou hospedarias, em Ferraut ou em Corte, os artistas itinerantes concordavam que esse fato não construía um cenário favorável. Apenas os famintos ou os novatos se aventuravam pelos trabalhos mal remunerados e arriscados daquela província triste do sudoeste. Quando Devin se juntara a Menico de Ferraut, já viajava há tempo bastante para ter reputação suficiente e evitar aquela província em especial. Havia feitiçaria envolvida também; ninguém entendia bem, mas os viajantes eram um grupo supersticioso e, tendo opção, poucos se aventurariam de bom grado em um lugar que sabiam ter magia ativa. Todos sabiam dos problemas que poderiam encontrar em Baixa Corte. Todos conheciam suas histórias.

Então, aquela era a primeira vez de Devin. Nas últimas horas, cavalgando pela escuridão, havia esperado o momento da passagem, sabendo que, desde que haviam visto, de relance, o Forte Sinave, algum tempo antes, ao norte, a fronteira deveria estar próxima, ciente do que havia do outro lado.

E, agora, com a primeira luz pálida do amanhecer surgindo em suas costas, chegaram à linha de pequenos montes de pedra da fronteira, que se estendia de norte a sul entre os dois fortes. Olhou para cima, para o mais próximo dos velhos monólitos de aparência lisa e gasta, e o ultrapassou, atravessando a fronteira de Tigana.

Para sua decepção, descobriu que não sabia o que pensar ou como reagir. Sentia-se confuso e disperso. Tremera incontrolavelmente poucas horas antes, quando viram as luzes distantes de Sinave na escuridão, sua mente trabalhando fervorosamente. *Logo estarei em casa*, disse a si mesmo, *na terra onde nasci*.

Cavalgando para oeste, Devin olhava ostensivamente ao seu redor, procurando algo, enquanto a luz lentamente ocupava o céu, os topos das colinas e as árvores, até, finalmente, banhar todo o mundo primaveril ao alcance de sua vista.

Era uma paisagem muito parecida com a que tinha visto nos últimos dois dias. Colinas, com densas florestas nos limites das encostas ao sul, as montanhas visíveis no horizonte. Viu um cervo erguer a cabeça depois de beber em um riacho. Ele ficou paralisado por um minuto, observando-os, para só então se lembrar de correr.

Haviam visto cervos em Certando também.

Aqui é a minha casa! Devin disse para si mesmo, tentando atingir uma resposta que flutuava no ar. Naquela terra, seu pai conhecera e cortejara sua mãe, ele e seus irmãos haviam nascido, e, dali, Garin di Tigana fugira para o norte, um viúvo com seus filhos pequenos, escapando da fúria assassina de Ygrath. Devin tentou imaginar seu pai em uma carroça, um dos gêmeos sentado ao seu

lado, o outro — eles deviam se revezar — logo atrás, com todos os pertences ao lado e Devin no colo, enquanto iam em direção a um pôr do sol avermelhado, escurecido por fumaça e fogo no horizonte.

Por algum motivo que Devin não conseguia precisar, aquela imagem lhe parecia falsa. Talvez não necessariamente falsa, mas irreal. Era fácil demais. Na verdade, poderia ser verdadeira, poderia ser *exatamente* verdadeira, mas não tinha como saber. Não tinha memórias daquela viagem, daquele lugar. Sem raízes, sem história. Era a sua pátria, mas não era. Nem mesmo cavalgando por Tigana. Sequer *ouvira* aquele nome até seis meses antes, muito menos suas histórias, crônicas e lendas do passado.

Aquela era Baixa Corte; era assim que a tinha conhecido por toda a vida.

Balançou a cabeça, irritado, profundamente desconcertado. Logo atrás, Erlein o observava, um sorriso irônico brincando em seus lábios, o que tornava Devin ainda mais irritável. À sua frente, Alessan cavalgava sozinho. Não dissera uma palavra desde a fronteira.

Ele tinha memórias, Devin sabia, e de uma forma que admitia ser estranha ou distorcida, invejava o Príncipe por aquelas imagens, mesmo que fossem dolorosas. Elas estavam enraizadas e eram absolutas, moldariam aquele lugar que era verdadeiramente a sua casa.

O que quer que Alessan estivesse sentindo ou lembrando, não teria nada de irreal. Seria cru, brutal na verdade, o tecido arruinado de sua própria vida. Cavalgando pela gloriosa manhã primaveril, repleta de canções alegres de pássaros, tentou imaginar como o Príncipe estava se sentindo. Pensou que conseguiria, mas era mais uma suposição do que qualquer outra coisa. Talvez em primeiro lugar, Alessan estivesse indo para o lugar onde sua mãe estava morrendo. Não surpreendia que tivesse acelerado o cavalo; não surpreendia que não dissesse nada.

Ele tem esse direito, Devin pensou, observando o Príncipe cavalgar, costas retas, contido à sua frente. Ele tinha direito a toda solidão, a toda tranquilidade que precisasse. O que ele carregava era o sonho de um povo, e a maior parte nem sequer sabia desse fardo.

Ao pensar nisso, viu que se afastara de sua própria confusão, de sua luta para se ajustar ao lugar onde estavam. Concentrando-se em Alessan, encontrara seu caminho para a paixão, para a resposta que queimava dentro de si sobre o que acontecera ali — e para o que ainda estava acontecendo, todas as horas, todos os dias, naquela província saqueada e destruída chamada de Baixa Corte.

Em algum lugar de sua mente e de seu coração, fruto de um longo inverno no qual meditara e escutara em silêncio quando os homens mais velhos e mais sábios falavam, Devin sabia que não era a primeira nem a última pessoa a encontrar em um único homem a linha que definia e alinhava o difícil amor por um sonho e uma abstração.

Foi quando, olhando ao redor para aquela vastidão de terra sob o arco azul do céu, Devin sentiu algo soar em seu coração como se fosse uma harpa. Como se *ele* fosse a harpa. Sentiu a batida dos cascos dos cavalos na terra dura, seguindo rapidamente o Príncipe; para Devin, era como se aquela batida estivesse no ritmo das cordas das harpas enquanto galopavam.

Seu destino os esperava, brilhando em sua mente como os pavilhões coloridos nas planícies durante os Jogos da Tríade, que aconteciam a cada três anos. O que estavam fazendo *importava*, poderia fazer diferença. Estavam no centro dos acontecimentos de seu tempo. Devin sentia que algo o impelia para a frente, levantando-o e colocando-o no turbilhão do futuro, no que sua vida se transformaria quando tudo terminasse.

Viu Erlein olhar para ele de novo e, dessa vez, o rapaz sorriu de volta. Um sorriso feroz e sombrio. Viu a ironia habitual deixar o rosto fino do mago, substituída por uma centelha de dúvida. Devin quase sentiu pena dele.

Por impulso, guiou sua montaria para perto do cavalo castanho de Erlein e se inclinou para apertar o ombro do outro homem.

— Nós vamos conseguir — disse, com vivacidade, quase alegre.

O rosto de Erlein pareceu se encolher.

— Você é um tolo — retrucou o mago, tenso. — Um jovem tolo e ignorante.

Mas falou sem convicção, uma resposta instintiva. Devin riu alto.

Mais tarde, também se lembraria disso. De suas palavras, das de Erlein, de sua risada sob o céu azul, brilhante e sem nuvens. Florestas e montanhas estavam à sua esquerda e, à sua frente, ainda longe, já podiam ter o primeiro vislumbre do Sperion, um laço brilhante fluindo suavemente para o norte, antes de começar sua curva para oeste onde se encontraria com o mar.

O Santuário de Eanna ficava em um vale alto entre um círculo de colinas que o isolava e o protegia, a sudoeste do rio Sperion e do que havia sido Avalor. Não estava longe da estrada que um dia tivera um imenso volume de comércio entre Tigana e Quileia através das alturas da passagem Sfaroni.

Em todas as nove províncias, os sacerdotes de Eanna e Morian, assim como as sacerdotisas de Adaon, tinham esses refúgios. Construídos em partes quase inabitadas da península — algumas vezes drasticamente vazias — serviam como centros de aprendizado e educação para os dérgigos recém-iniciados, como repositórios de sabedoria e dos cânones da Tríade e como lugares de refúgio, onde viviam sacerdotes e sacerdotisas que escolhiam deixar de lado o ritmo e os fardos do mundo externo por um tempo ou por toda a vida.

E não era só o clero. Membros leigos por vezes faziam o mesmo, se pudessem fazer *contribuições* que fossem julgadas oferendas apropriadas para o privilégio de abrigo por dias ou anos dentro dos limites daqueles refúgios.

Muitas eram as razões que levavam as pessoas até os santuários. Era uma tradição antiga a de que as sacerdotisas de Adaon eram as melhores parteiras na Palma, por isso eram muitas as filhas de famílias nobres ou simplesmente ricas que escolhiam repousar em um dos refúgios do deus em épocas em que seriam inconvenientes para suas famílias. E, é claro, era sabido que uma alta, apesar de indeterminável, porcentagem do clero era escolhida a partir das oferendas vivas que essas mesmas filhas deixavam para trás quando voltavam para suas casas. As meninas ficavam para Adaon, os meninos para Morian. Os sacerdotes de branco de Eanna sempre clamaram que não tinham nada a ver com isso, mas havia histórias falando o contrário.

Isso pouco mudara quando os tiranos chegaram. Nem Brandin nem Alberico eram tão mal aconselhados ou descuidados para levantar o clero da Tríade contra seu domínio. Os sacerdotes e sacerdotisas tinham permissão para continuar agindo como sempre. O povo da Palma tinha direito ao culto, mesmo que parecesse estranho e primitivo aos olhos dos novos governadores.

O que os tiranos faziam, com mais ou menos sucesso, era jogar os templos rivais uns contra os outros, vendo — pois era impossível não ver — as tensões e hostilidades que perturbavam e inflamavam as três ordens da Tríade. Não havia nada de novo: cada duque, grão-duque ou príncipe da península tinha procurado, a cada geração, usar aquela tensão de três pontas a seu favor. Muitos padrões poderiam ter mudado com o passar dos anos, algumas coisas podiam ter mudado além do reconhecimento, e outras podiam ter sido perdidas ou esquecidas para sempre, mas não essa dança delicada e recíproca entre Estado e clero.

Assim, os templos continuavam em pé, os mais importantes florescendo, suas estátuas e suas roupas tecidas em ouro para os cultos. A não ser por um único lugar: Baixa Corte, onde as estátuas e o ouro sumiram, as bibliotecas foram saqueadas e queimadas. Fora um processo completamente diferente, e poucos tocaram no assunto nos primeiros anos dos tiranos. Salvo isso, mesmo naquela província ensombrecida, o clero continuava sua rotina precisa de seus dias nas cidades, vilas e em seus santuários.

Para esses refúgios ia uma grande variedade de homens e mulheres de tempos em tempos. Não eram apenas as embaraçosamente grávidas que tinham motivo para se esconder ou para serem retiradas da turbulência de suas vidas. Em épocas de flagelos, da alma ou do mundo material, os cidadãos da Palma sempre sabiam que os santuários estariam ali, empoleirados em abismos nevados ou semiperdidos em vales enevoados.

As pessoas também sabiam que — por um preço — um refúgio naquele sistema poderia ser seu, como o de Eanna naquele vale, nas horas de recolhimento cuidadosamente reguladas. Por um tempo. Por uma vida. Independentemente de quem tivessem sido nas cidades além das colinas.

Independentemente de quem tivessem sido.

Por um tempo, por uma vida, a velha mulher pensou, olhando pela janela do quarto para o vale iluminado pelo sol do retorno da primavera. Nunca fora capaz de impedir que seus pensamentos se voltassem para outros tempos. Havia tanto esperando por ela no passado e tão pouco ali, no presente, atravessando o agonizantemente e lento declínio dos anos. Estação após estação, caindo na terra como pássaros feridos com flechas no peito, através daquela vida que era sua, somente sua.

Uma vida de lembranças do grito do maçarico ao amanhecer ou do chamado para oração, da luz da vela ao anoitecer, da vista da fumaça da chaminé subindo reta e escura para a luz acinzentada do inverno, do som da chuva batendo em telhados e nas janelas no fim do frio, dos estalos de sua cama à noite, do chamado para oração novamente, do barulho dos sacerdotes rezando, da estrela caindo a oeste no céu de verão, da escuridão fria e severa dos Dias das Brasas... Memórias dentro de todo e cada movimento seu ou do mundo, cada som, cada sombra de cor, cada cheiro trazido pelo vento do vale. A reminiscência do que tinha sido perdido a ponto de levar alguém àquele lugar, entre os sacerdotes de branco com seus ritos intermináveis, sua pequenez interminável e sua aceitação do que tinha acontecido com todos.

Essa última quase a matara em seus primeiros anos ali. Era, na verdade, o que ela diria — tinha repetido na semana anterior para Danoleon — que a estava matando, ainda que o sacerdote-médico falasse sobre tumores em seu seio.

Encontraram um Curandeiro no outono. Ele viera, ansioso e febril, magro e desarrumado, com movimentos nervosos e testa vermelha. Sentou-se ao lado de sua cama e a olhou, e ela percebeu que ele tinha o dom, pois sua agitação passara e sua testa clareara. E, quando a tocara — aqui e aqui —, sua mão fora firme, não houve dor, apenas um cansaço não de todo desagradável.

No final, porém, ele sacudiu a cabeça, e ela viu um lamento inesperado em seus olhos, apesar de ele não saber quem ela era. A tristeza do Curandeiro era simplesmente pela perda, pela derrota, sem se importar com quem estava morrendo.

— Isso me mataria — disse, em voz baixa. — Já avançou demais. Eu morreria e não salvaria você. Não há nada que eu possa fazer.

— Quanto tempo? — perguntou ela, suas únicas palavras.

Ele respondeu que seis meses, talvez menos, dependendo do quão forte ela fosse.

Quão forte? Era muito forte. Mais do que qualquer um poderia adivinhar, à exceção, talvez, de Danoleon, que a conhecia há mais tempo. Mandou o Curandeiro sair do quarto e pediu para Danoleon sair também, assim como a única e lenta serviçal que os sacerdotes haviam permitido para a mulher que conheciam apenas como uma viúva vinda de uma propriedade ao norte de Stevanien.

Ela realmente conhecera a mulher cuja identidade assumira, que fora uma das damas de sua corte por um tempo. Uma menina de cabelos claros, olhos verdes e modos gentis, de riso fácil. Melina bren Tonaro. Viúva por uma semana, talvez menos. Tinha se matado no Palácio ao Mar quando chegaram as notícias da Segunda Batalha do Deisa.

O disfarce era necessário para proteger sua identidade, uma sugestão de Danoleon, quase dezenove anos antes. O sumo sacerdote dissera que estariam procurando por ela e pelo menino. Ele

levaria o menino embora, que logo estaria longe e salvo, seus sonhos carregados em seus ombros, a esperança sobrevivendo enquanto o menino estivesse vivo. Ela também tinha cabelos claros naquele tempo. Tudo tinha acontecido há tantos anos. Virara Melina bren Tonaro e viera para o Santuário de Eanna naquele vale alto acima de Avalor.

Acima de Stevanien.

Viera e esperara, através das estações que mudavam e dos anos que não mudavam; esperando que o menino crescesse e se tornasse um homem como seu pai tinha sido, ou como seus irmãos, e, então, fizesse o que um descendente direto de Micaela e do deus deveria fazer.

Esperara. Estação após estação, pássaros feridos caindo do céu.

Até o último outono, quando o Curandeiro disse a verdade imensa e fria que ela já adivinhara sozinha. Seis meses, ele dissera. Se ela fosse forte.

Ela os mandara sair de seu quarto e se deitara em sua cama de ferro, olhando para as folhas das árvores do vale. A mudança de cores tinha começado. Ela amava aquilo, sua estação preferida para cavalgar quando era menina e agora, já mulher. E ocorreu-lhe que aquelas seriam as últimas folhas de outono que veria.

Ela afastou sua mente desse pensamento e começou a calcular. Dias e meses, anos. Fez as contas duas vezes, e mais uma para ter certeza. Não disse nada a Danoleon, não ainda. Era muito cedo.

Só no fim do inverno, quando todas as folhas haviam caído e o gelo já começava a derreter nos telhados, chamou o sumo sacerdote e o instruiu sobre a carta que ela queria que fosse enviada para o lugar onde sabia — assim como ele, o único dos dérgigos a essa informação — onde seu filho estaria nos Dias das Brasas que iniciariam aquela primavera. Ela fizera os cálculos. Muitas vezes.

Também o fizera na hora certa, não por acaso. Pôde ver Danoleon querendo protestar, dissuadi-la, falando de perigos e discrição. Mas ele perdera o chão, ela podia ver na forma como suas mãos grandes estavam agitadas e como seus olhos azuis se moviam pela sala como se procurassem um argumento nas paredes nuas. Ela esperou pacientemente que ele a encarasse, como sabia que iria fazer, e, então, o viu balançar a cabeça devagar, aceitando seu pedido.

Como alguém poderia negar a uma mãe moribunda uma mensagem ao seu único filho vivo? Um pedido para que esse filho viesse se despedir antes que ela atravessasse os portais de Morian? Especialmente quando esse filho, o menino que ele mesmo guiara para o sul, além das montanhas, tantos anos antes, era o último elo com o que ela havia sido, com seus sonhos partidos e com os sonhos esquecidos de seu povo?

Danoleon prometeu escrever a carta e enviá-la. Ela agradeceu e voltou a se deitar quando ele saiu. Estava genuinamente cansada e sentia dor. Estava aguentando. Faria seis meses logo após os Dias das Brasas. Fizera as contas. Estaria viva para vê-lo, se ele viesse. E ele viria, ela sabia que sim.

A janela estava entreaberta, apesar do dia ainda estar frio. Do lado de fora, a neve caíra em dobras suaves no vale e nas encostas das colinas. Olhou para aquilo, mas seus pensamentos, inesperadamente, foram para o mar. Seus olhos estavam secos, já que não chorara depois de tudo ruir, nem uma única vez, nunca. Caminhou por seus palácios da memória, pelos anos distantes, e viu as ondas vindo quebrar e cair nas areias brancas da costa, deixando para trás conchas, pérolas e outros presentes nas curvas da praia.

Assim como Pasithea di Tigana bren Serazi, que já fora princesa em um palácio à beira-mar, mãe de dois filhos mortos e de um que ainda vivia. Esperando, enquanto o inverno nas montanhas virava primavera.

— Duas coisas. Primeiro, nós somos músicos — disse Alessan. — Um grupo recém-formado.

Segundo, não usem meu nome. Não aqui.

Sua voz tinha a cadência dura e entrecortada que Devin recordava daquela primeira noite na cabana de Sandre, quando tudo começara.

Estavam olhando para baixo, para um vale que se estendia a oeste na luz clara da manhã. O Sperion estava atrás deles. A estrada estreita e irregular seguira seu caminho para o alto, por horas, nos ombros de uma sequência ascendente de colinas até aquele ponto mais alto. Em seguida, o vale se desenrolava à frente, árvores e grama tingidas pelos primeiros sinais verdes e dourados da primavera. Um riacho secundário, correndo rápido com a neve que derretia, cortava, a nordeste, os pés das colinas, brilhando sob a luz. A cúpula do templo no meio do Santuário brilhava prateada no meio do vale.

— Como lhe chamaremos, então? — perguntou Erlein, baixo. Ele parecia subjugado, mas Devin não sabia se por causa do tom de Alessan ou por perceber o perigo.

— Adriano — disse o Príncipe, depois de um instante. — Hoje, eu sou Adriano d'Astibar. Serei um poeta para essa reunião. Para essa volta para casa, tão feliz e triunfante.

Devin se lembrava do nome: o jovem poeta morto na roda por Alberico no último inverno, depois do escândalo dos versos sobre os Sandreni. Ele observou o Príncipe atentamente por um momento e depois desviou os olhos: aquele não era um dia para investigar. Se estava ali por algum motivo, era para tentar, de certa forma, facilitar as coisas para Alessan. No entanto, não sabia como ele ia fazer aquilo. Sentia-se totalmente fora de seu elemento, sua excitação anterior sumira com o comportamento sombrio do Príncipe.

Ao sul, destacando-se sobre o vale, os picos da serra de Sfaroni pareciam ameaçadores, mais altos até do que as montanhas sobre o Castelo de Barso. Havia neve nos picos e mesmo nas colinas mais altas. O inverno não recuava tão rápido ali, tão ao sul. No entanto, abaixo, ao norte das colinas delineadas, na parte protegida que corria de leste a oeste do vale, Devin podia ver o verde brotando nas árvores. Um falcão cinza pairou em uma corrente de ar por um momento, quase imóvel, antes de virar para o sul e para baixo, perdendo-se no cenário das colinas. No fundo do vale, o Santuário parecia descansar entre seus muros como uma promessa de paz e serenidade, protegido de todos os males do mundo.

Devin sabia que não era assim.

Cavalgaram para lá, sem pressa, pois seria incomum três músicos chegarem ali ao meio-dia. Devin estava ansioso, agudamente ciente do perigo. Estava cavalgando atrás do último herdeiro de Tigana. Pensou no que Brandin de Ygrath faria com Alessan se o Príncipe fosse traído e capturado depois de tantos anos. Lembrou-se de Marius de Quileia na passagem: *Você confia nessa mensagem?*

Devin, em toda a sua vida, nunca confiara nos sacerdotes de Eanna. Eles eram astutos demais, os mais sutis do clero, e, de longe, os mais aptos a direcionar as coisas para seus próprios propósitos, que poderiam estar além do que viviam, muitas gerações à frente. Supunha que servos da deusa achariam mais fácil ter uma visão de longo prazo. Mas todos sabiam que, em toda a província, o clero da Triade tinha seu próprio entendimento triplo com os tiranos estrangeiros: seu silêncio coletivo, sua cumplicidade implícita, comprados com a permissão para continuarem a preservar os ritos que, para eles, pareciam ser mais importantes do que a liberdade da Palma.

Mesmo antes de encontrar Alessan, Devin tinha suas próprias ideias sobre isso. Seu pai nunca tivera vergonha de exprimir seus pensamentos sobre o clero. E agora Devin se lembrava novamente daquela única vela desafiadora que Garin acendia duas vezes por ano nas Noites das Brasas de sua infância em Asoli. Pensando naquilo, tudo parecia ter muitas nuances sob as luzes tremeluzentes daquelas velas na escuridão. Havia mais sombras em seu próprio e insensível pai do que jamais imaginara. Devin sacudiu a cabeça. Não era hora de ir por aquele caminho.

Quando a trilha da colina finalmente encontrou o solo, uma estrada mais larga e lisa começou,

dirigindo-se ao Santuário no meio do vale. A um quilômetro de seus muros, mais ou menos, a estrada era cercada por uma fileira dupla de árvores de cada lado. Eram olmos que começavam a ganhar folhas novas. Além deles, em ambos os lados, Devin viu homens trabalhando nos campos: servos leigos e alguns sacerdotes, vestidos não com o branco cerimonial, mas com túnicas beges simples, começando o trabalho que o solo exigia no fim do inverno. Um homem estava cantando em uma voz de tenor clara e doce.

Os portões orientais do complexo do Santuário estavam abertos à frente, simples e sem enfeites, salvo pela estrela — símbolo de Eanna. Devin notou que os portões eram altos e de ferro forjado. Os muros de pedra grossa que cercavam o Santuário eram tão altos quanto os portões. Havia também torres, oito no total, curvando-se para a frente em intervalos regulares ao redor do amplo abraço dos muros. Aquele lugar tinha sido claramente construído muitos anos antes para resistir a adversidades. Dentro do complexo, erguendo-se serenamente sobre todo o resto, a cúpula do Templo de Eanna brilhava sob a luz do sol enquanto eles cavalgavam até os portões abertos e os atravessavam.

Assim que entraram, Alessan fez seu cavalo parar. À sua frente e a alguma distância para a esquerda, podiam ouvir o som inesperado de crianças rindo. Em um campo aberto e coberto de grama, para além de um estábulo e da entrada larga de um edifício, uma dúzia de meninos de túnicas azuis estava jogando maracco com bastões e uma bola, sob a supervisão de um jovem sacerdote vestido com sua túnica bege de trabalho.

Devin observou-os com tristeza e nostalgia súbitas. Ele podia se lembrar, vividamente, de ir até a floresta próxima à sua fazenda com Povar e Nico, quando tinha apenas 5 anos, para cortar e levar para casa seu primeiro bastão de maracco. Lembrava-se das horas — mais frequentemente dos minutos — que roubavam das tarefas para os três pegarem seus bastões e uma longa e surrada sucessão de bolas que Nico pacientemente criava com camadas e camadas de tecido, para gritarem e se sujarem na lama, no final do pátio do celeiro, fingindo que eram o time de Asoli nos Jogos da Triáde.

— Eu fiz quatro pontos em um jogo no meu último ano de aprendizado no templo — disse Erlein di Senzio em uma voz contemplativa. — Nunca me esqueci. Acho que jamais esquecerei.

Surpreso e divertido, Devin olhou para o mago. Alessan virou-se em sua sela para olhá-lo também. No instante seguinte, os três homens compartilharam um sorriso. À distância, os gritos e as gargalhadas das crianças diminuía gradativamente. Os três haviam sido vistos. Era improvável que o surgimento de três estranhos fosse algo comum ali, especialmente tão cedo, logo após o degelo.

O jovem sacerdote deixara o campo de jogo e caminhava até eles, assim como um homem mais velho, com um avental negro de couro sobre sua túnica bege, vindo de onde ovelhas, cabras e vacas eram mantidas em currais, no outro lado da rua principal. Um pouco mais à frente, ficava a entrada em arco para o templo e, do lado, mais para trás e à direita, a cúpula menor do observatório — em todos os Santuários de Eanna, seus sacerdotes acompanhavam e observavam as estrelas que ela havia nomeado.

O complexo era enorme, mais ainda do que parecia ao ser visto de cima. Muitos servos e sacerdotes caminhavam por ali, entrando e saindo do templo, trabalhando entre os animais ou nas hortas que Devin podia ver além do observatório. Daquela direção, também vinha o inconfundível ruído da forja de um ferreiro. Fumaça subia, carregada pela brisa suave. Acima, viu novamente o mesmo falcão ou um outro, parecido, circulando preguiçoso contra o azul.

Alessan desmontou, Devin e Erlein o imitaram quando os dois sacerdotes chegaram perto, praticamente na mesma hora. O mais jovem, de cabelos cor de areia e pequeno como Devin, riu e apontou para si mesmo e para seu colega.

— Acho que não somos um grande comitê de recepção. Mas admito que não esperávamos visitantes tão cedo este ano. Ninguém os viu descendo. De toda forma, sejam bem-vindos, bem-

vindos ao Santuário de Eanna, qualquer que seja o motivo que os trouxe aqui. Que a deusa os reconheça e os declare como seus.

Ele tinha um jeito alegre, de riso fácil. Alessan retribuiu o sorriso.

— Que ela reconheça e declare como seus todos os que estão entre esses muros. Para ser honesto, nós não saberíamos lidar com uma recepção formal. Ainda não praticamos nossas performances de entrada. E quanto a ser cedo... Bem, todos sabem que grupos recém-formados têm que viajar antes dos já estabelecidos, ou vão passar fome.

— Vocês são músicos? — perguntou o sacerdote mais velho pesadamente, enxugando as mãos no avental pesado que usava. Estava ficando careca, sua pele morena era enrugada e tinha um buraco onde deveriam estar seus dois dentes da frente.

— Somos — disse Alessan, tentando afetar maneiras grandiosas. — Meu nome é Adreano d'Astibar. Toco flauta tregeana e comigo estão Erlein di Senzio, o melhor harpista de toda a península. E devo lhe dizer que, sinceramente, vocês não saberão o que é um bom canto até ouvirem meu jovem companheiro Devin d'Asoli.

O jovem sacerdote riu de novo.

— Isso foi ótimo! Eu deveria levá-lo comigo à escola externa para dar uma aula de retórica para os meus alunos.

— Serei melhor ensinando flauta, se música for parte do currículo aqui. — Alessan sorriu.

A boca do sacerdote se torceu.

— Música formal — acrescentou. — A final, é *Eanna*, e não *Morian*.

— É claro — disse Alessan, apressadamente. — Música muito formal para os jovens que aqui estão. Mas e para os servos da deusa...?

Ele arqueou uma de suas sobrancelhas escuras.

— Tenho que admitir — respondeu o jovem sacerdote com o cabelo cor de areia, sorrindo de novo — que tenho certa preferência pela música antiga de Rauder.

— Ninguém a toca melhor do que nós — disse Alessan, malandramente. — Sinto que viemos ao lugar certo. Devemos nos apresentar ao sumo sacerdote?

— Sim, devem — disse o homem mais velho, sem sorrir. Ele começou a soltar as amarras do avental. — Irei levá-lo até ele. Savandi, seus alunos estão prestes a se atacarem, ou pior. Você não consegue controlá-los?

Savandi se virou para olhar, falando palavras agressivamente, de um jeito bem pouco sacerdotal, e começou a correr até o campo de jogo, gritando imprecações. Daquela distância, parecia, mesmo para Devin, que os alunos de Savandi estavam usando os bastões de maracco de uma forma bem diferente da aceita pelas regras do jogo.

Devin viu Erlein sorrir ao observar os meninos. O rosto fino do mago mudava quando sorria. Isso quando era verdadeiro, não a expressão irônica, enviesada, que costumava usar para demonstrar seu desprezo ácido.

O sacerdote mais velho, o rosto sério, puxou o avental por cima da cabeça, dobrou-o com cuidado e o colocou em uma das travas, no cercado de ovelhas próximo. Latiu um nome que Devin não conseguiu entender e outro jovem — dessa vez, um servo — surgiu apressado dos estábulos à esquerda.

— Leve os cavalos — ordenou o sacerdote, seco. — Faça com que as coisas deles sejam levadas para a casa de hóspedes.

— Eu fico com a minha flauta — disse Alessan, rápido.

— E eu, com minha harpa — acrescentou Erlein. — Não é falta de confiança, entende, mas um músico e seu instrumento...

Aquele sacerdote não tinha o jeito reconfortante de Savandi.

— Como quiserem — foi sua resposta. — Venham. Meu nome é Torre, sou o porteiro deste Santuário sagrado. Vocês devem ser levados até o sumo sacerdote.

Ele se virou e começou a andar sem esperar por eles, por um caminho que rodeava a lateral esquerda do templo.

Devin e Erlein olharam um para o outro e deram de ombros. Seguiram Torre e Alessan, passando por vários outros sacerdotes e servos leigos, sendo que muitos lhes sorriam, de alguma forma compensando o guia voluntário mal-humorado.

Alcançaram os outros dois enquanto rodeavam o lado sul do templo. Torre tinha parado e Alessan estava ao seu lado. O porteiro olhou ao redor, casualmente, para depois dizer, do mesmo jeito:

— Não confie em ninguém. Não fale a verdade para ninguém, a não ser para Danoleon ou para mim. Foi ele quem me disse isso. Estavam esperando você. Pensamos que ainda fosse demorar uma ou duas noites, mas ela disse que seria hoje.

— Então provei que ela estava certa. Muito gratificante — disse Alessan, com uma voz estranha.

De repente, Devin sentiu frio. À esquerda, no campo de jogo, os meninos de Savandi estavam rindo de novo, formas finas vestidas de azul, correndo atrás de uma bola branca. De dentro da cúpula, podia ouvir, baixinho, o som de pessoas cantando. O final das invocações da tarde. Dois sacerdotes trajados com o branco formal vinham pelo caminho da direção oposta, braços dados, discutindo animadamente.

— Aqui é a cozinha e ali o forno do pão — disse Torre com clareza, apontando enquanto falava. — Ali é a cervejaria. Vocês devem ter ouvido falar da cerveja que produzimos aqui, sem dúvida.

— Claro que sim — murmurou Erlein, educadamente, enquanto Alessan não disse nada.

Os dois sacerdotes diminuíram o passo, notando a presença dos estranhos e de seus instrumentos musicais, e continuaram.

— Ali é a casa do sumo sacerdote — continuou Torre —, além da cozinha e da escola externa.

Os outros sacerdotes, retomando o seu debate, viraram bruscamente na curva do caminho que levava para a frente do templo.

Torre ficou calado. Depois, muito baixo, acrescentou:

— Eanna seja louvada pelo seu amor tão gentil. Que todas as línguas a louvem. *Bem-vindo de volta, meu Príncipe. Oh, em nome do amo, seja finalmente bem-vindo de volta.*

Devin engoliu em seco, sem jeito, olhando de Torre para Alessan. Um calafrio incontrolável desceu a sua espinha: os olhos do porteiro estavam cheios de lágrimas que brilhavam na luz forte do sol.

Alessan não respondeu. Baixou a cabeça, e Devin não pôde ver seus olhos. Ouviam as risadas das crianças e as notas finais de uma oração cantada.

— Então, ela ainda está viva? — perguntou Alessan, quando finalmente ergueu a cabeça.

— Está — disse Torre, emocionado. — Ainda está viva. Está muito...

Não conseguiu terminar a frase.

— Não há sentido em nós três sermos cuidadosos se você está prestes a chorar como uma criança — disse Alessan, ríspido. — Pare com isso, a não ser que me queira morto.

Torre soluçou.

— Desculpe-me — sussurrou ele. — Desculpe-me, meu senhor.

— Não! Sem “meu senhor”! Até mesmo quando estivermos a sós. Eu sou Adreano d’Astibar, músico. — A voz de Alessan era dura. — Agora leve-me até Danoleon.

O porteiro limpou os olhos apressado. Endireitou os ombros.

— E para onde você pensa que estamos indo? — retrucou, quase voltando ao tom de antes. Ele girou em seus calcanhares e caminhou a passos largos pelo caminho.

— Bom — murmurou Alessan para o sacerdote atrás dele. — Muito bom, meu amigo.

Seguindo os dois, Devin viu a cabeça de Torre se erguer ao ouvir aquilo. Olhou para Erlein, mas, dessa vez, o mago — sua expressão era pensativa — não retornou o olhar.

Passaram pela cozinha e, depois, pela escola, onde os alunos de Savandi — filhos de nobres e de comerciantes ricos, mandados ali para serem educados — estudavam e dormiam. Por toda a Palma, aquele ensino era parte do papel do clero e fonte de uma boa parte de sua riqueza. Os santuários competiam uns com os outros para terem mais alunos — e o dinheiro de seus pais.

Estava quieto dentro do edifício. Se aqueles doze garotos que estavam com Savandi no campo de jogo fossem todos os alunos do complexo, o Santuário de Eanna em Baixa Corte não estava indo bem.

Devin pensou melhor. Quem, dentre os que foram deixados em Baixa Corte, teria condições para custear uma educação para seus filhos no templo? E que comerciante astuto de Corte ou Chiara, tendo comprado terras baratas ali no sul, não mandaria seu filho para ser educado em sua pátria? Baixa Corte podia ser um lugar onde um forasteiro esperto faria dinheiro com a ruína dos habitantes, mas não era um lugar para criar raízes. Quem gostaria de se enraizar no solo do ódio de Brandin?

Torre os levou para cima, pelos degraus de um pórtico coberto, e, em seguida, através da porta aberta da casa do sumo sacerdote. Todas as portas pareciam estar abertas para o sol da primavera, depois da sacralidade reclusa dos Dias das Brasas, que tinham acabado de passar.

Ficaram em uma sala de estar grande e bonita, de teto alto. Uma imensa lareira dominava o canto sudoeste, e várias poltronas e pequenas mesas estavam dispostas em um tapete felpudo. Decantadores de cristal em uma prateleira continham uma variedade de vinhos. Devin viu duas estantes numa das paredes, mas sem livros. Tinham sido deixadas ali, desconcertantemente vazias. Os livros de Tigana tinham sido queimados. Havia lhe falado sobre isso.

Portas em forma de arco nas paredes a leste e a oeste levavam para as varandas onde a luz do sol batia pela manhã e no anoitecer. No lado oposto da sala, havia uma porta fechada, que provavelmente levava ao quarto de dormir. Quatro pequenos e engenhosos recessos na parede, além de um sobre o fogo, marcavam onde as estátuas deveriam ter estado. Elas também haviam sido destruídas. Apenas as onipresentes estrelas prateadas de Eanna serviam de decoração, pintadas nas paredes.

A porta do quarto se abriu e dois sacerdotes passaram por ela.

Pareciam surpresos, porém não demais, por ver o porteiro esperando com três visitantes. Um dos sacerdotes tinha altura mediana e era de meia-idade, com um rosto anguloso e cabelo cortado rente, vermelho, mas já ficando grisalho. Ele carregava a bandeja de um médico com ervas e pó, presa por uma tipoia ao seu pescoço.

No entanto, foi o outro que chamou a atenção de Devin. Era ele que carregava o cajado de sumo sacerdote. Chamaria atenção mesmo sem isso, o rapaz pensou. Olhando para a figura que com certeza era Danoleon.

O sumo sacerdote era um homem enorme, de ombros largos e peito como um barril, costas retas apesar da idade. Seu cabelo longo e a barba que cobria metade de seu peito eram brancos como a neve recém-caída, até mesmo contra a brancura de sua túnica. Sobrancelhas grossas e retas se encontravam no meio de uma testa serena e sobre olhos tão azuis e límpidos como os de uma criança. Sua mão segurava o imenso símbolo de sua posição como se não fosse mais do que o bastão de um tocador de gado.

Se tiverem sido assim, Devin pensou, admirado, olhando para o homem que já era sumo sacerdote de Eanna em Tigana quando os ygratheanos haviam chegado. *Se nossos líderes tiverem*

sido todos como ele, então realmente existiam grandes homens aqui.

Não podiam ser tão diferentes do que eram hoje, ele sabia disso racionalmente. Tinham se passado apenas vinte anos, muito tinha mudado e se perdido. Porém, era difícil não se sentir impressionado pela presença majestosa daquele homem. Virou de Danoleon para Alessan: magro, desfavorecido, com seu cabelo prematuramente grisalho desarrumado, os olhos frios e vigilantes, além das roupas comuns, sujas e manchadas da viagem, que ele usava.

Mas quando olhou novamente para o sumo sacerdote, viu que Danoleon fechara os olhos e inspirava fundo. Naquele momento, Devin percebeu, com um arrepio que era quase doloroso, onde o verdadeiro poder repousava, para além das aparências. Lembrou que fora Danoleon que tinha levado o menino Alessan, o último príncipe de Tigana, para o sul, para longe, escondendo-o além das montanhas, há muitos anos.

E que não o tinha visto novamente desde então. O cabelo daquele homem cansado à frente do sumo sacerdote tinha fios grisalhos. Danoleon estaria vendo aquilo, tentando lidar com isso. Devin sentiu pelos dois. Pensou nos anos, em todos os anos perdidos que se passaram, girando e deslizando como folhas ou neve entre aqueles dois, agora e no passado.

Desejou ser mais velho, um homem mais sábio com um entendimento maior das coisas. Parecia haver tantas verdades e percepções ultimamente, pairando ao redor de sua consciência, esperando serem compreendidas, mas fora de alcance.

— Temos visitantes — Torre disse, de forma brusca. — Três músicos, um grupo recém-formado.

— Ah! — grunhiu o sacerdote com a bandeja de remédios, com uma expressão azeda. — Recém-formado? Tem que ser, para vir até aqui tão cedo. Não consigo me lembrar da última vez que alguém com talento de verdade apareceu neste Santuário. Será que esses três conseguem tocar alguma coisa sem esvaziar o salão?

— Depende de quem estiver no salão — disse Alessan, tranquilo.

Danoleon sorriu, apesar de parecer estar se controlando. Ele se virou para o outro sacerdote.

— Idrisi, é bem possível que, se oferecêssemos uma acolhida mais calorosa, talvez fôssemos agraciados com visitantes mais dispostos a mostrar sua arte.

O outro grunhiu o que poderia ser ou não uma desculpa sob o escrutínio daquele olhar azul. Danoleon se virou para os outros três.

— Você irá nos desculpar — murmurou. Sua voz era profunda e tranquilizadora. — Tivemos algumas notícias desconcertantes ultimamente e, no momento, temos uma paciente com dor. Idrisi di Corte, nosso médico, tende a ficar perturbado quando isso acontece.

Internamente, Devin duvidava que essa perturbação influísse nas maneiras rudes do sacerdote, mas ficou calado. Alessan aceitou a desculpa de Danoleon com uma reverência.

— Lamento ouvir isso — disse para Idrisi. — Será que podemos ajudar? A música é conhecida por ser de grande ajuda para acalmar a dor. Ficaríamos felizes em tocar para a sua paciente.

Naquele momento, Devin notou que ele estava ignorando as notícias. Difícilmente tinha sido por acaso que Danoleon havia dado o nome formal de Idrisi, destacando que ele era de Corte.

O médico deu de ombros.

— Como quiserem. Com certeza, ela não está dormindo, e isso não pode fazer mal. De qualquer jeito, ela está além de minhas capacidades. O sumo sacerdote a trouxe até aqui contra a minha vontade. Não há muito que eu possa fazer. Na verdade, já pertence a Morian. — E voltando-se para Danoleon, acrescentou: — Se eles a cansarem, tudo bem. Se ela dormir, é uma benção. Estarei na enfermaria ou no jardim. Virei vê-la à noite, a não ser que tenha notícias suas antes disso.

— Você não vai ficar para nos ouvir? — perguntou Alessan. — Nós podemos surpreendê-lo.

Idrisi fez uma careta.

— Não tenho tempo para essas coisas. Mas talvez hoje à noite, no refeitório. Surpreendam-me.
— Ele deu um breve e inesperado sorriso, que sumiu tão rápido quanto apareceu, e passou por eles com passos rápidos e irritados na direção da porta.

Houve um curto silêncio.

— Ele é um homem bom — disse Danoleon, quase se desculpendo.

— Ele é corteano — murmurou Torre, sombriamente.

O sumo sacerdote sacudiu sua bela cabeleira.

— Ele é um homem bom — repetiu. — E se enfurece quando as pessoas morrem sob seus cuidados.

Seu olhar se voltou para Alessan. Sua mão moveu-se um pouco no cajado. Ele abriu a boca para falar.

— Meu senhor, meu nome é Adreano d'Astibar — disse Alessan, firme. — Este é Devin... d'Asoli, de cujo pai, Garin de Stevanien, você deve se lembrar. — Esperou, e os olhos azuis de Danoleon se arregalaram, olhando para Devin. — E este é nosso amigo Erlein di Senzio, que toca harpa, além de ter outros dons com suas mãos.

Enquanto dizia aquelas últimas palavras, Alessan mostrou sua palma esquerda com dois dedos abaixados. Danoleon olhou rapidamente para Erlein, depois novamente para o Príncipe. Tinha empalidecido, e Devin, de repente, notou que o sumo sacerdote era um homem muito velho.

— Eanna nos guarde a todos — sussurrou Torre atrás deles.

Alessan olhou ostensivamente para as passagens abertas nas varandas.

— Essa paciente em específico, pelo que entendi, está morrendo?

Para Devin, parecia que o olhar de Danoleon estava devorando Alessan. Havia uma fome quase palpável ali, a necessidade de um homem faminto.

— Tem o que sim — disse, mantendo o tom firme a custa de um esforço notável. — Eu a coloquei em meu próprio quarto para que conseguisse ouvir as orações no templo. Tanto a enfermaria quanto o quarto dela eram muito distantes.

Alessan balançou a cabeça. Ele parecia estar preso a uma coleira curta, seus movimentos e suas palavras rigidamente controlados. Levantou a flauta em seu estojo de couro marrom e olhou para ela.

— Então talvez seja melhor entrar e tocar alguma coisa. Acho que as orações da tarde terminaram.

Isso era verdade. O cântico tinha parado. Nos campos atrás da casa, os meninos ainda estavam rindo e correndo ao sol. Devin conseguia ouvi-los pelas portas abertas. Hesitou, inseguro, então tossiu sem jeito.

— Talvez seja melhor você tocar sozinho para ela, não? A flauta é tranquilizadora, pode ajudá-la a dormir.

Danoleon balançou a cabeça, numa concordância ansiosa, mas Alessan se virou para olhar para Devin e depois para Erlein. Sua expressão estava encoberta, impossível de ler.

— O quê? — disse ele, depois de um tempo. — Vocês me abandonariam com nossa companhia tendo sido formada há tão pouco tempo? — completou depois, mais baixo. — Nada será dito que vocês não possam saber, e talvez algumas coisas vocês devam, de fato, escutar.

— Mas ela está morrendo — protestou Devin, sentido algo errado ali, algo desequilibrado. — Ela está morrendo e...

Ele se interrompeu. Os olhos de Alessan estavam estranhos.

— Ela está morrendo e é minha mãe — sussurrou ele. — Eu sei. É por isso que quero vocês lá. Parece que há novidades. É melhor ouvirmos.

Ele se virou e foi até a porta do quarto. Danoleon apenas permanecia à sua frente. Alessan

parou diante do sumo sacerdote e os dois se encararam. O Príncipe sussurrou algo que Devin não conseguiu ouvir, depois se inclinou e beijou o velho na bochecha. E passou por ele. Na porta, parou por um momento e puxou o ar, demorada e firmemente. Levantou a mão como se fosse passá-la no cabelo, mas se deteve. Um sorriso estranho cruzou seu rosto, como se perseguisse uma memória.

— Um péssimo hábito esse... — murmurou para ninguém em especial. Abriu a porta e entrou, sendo seguido pelos dois.

O quarto do sumo sacerdote era quase tão grande quanto a sala de estar em frente, mas sua mobília era extremamente simples. Duas poltronas, um par de tapetes rústicos e gastos, uma pia, uma mesa para escrever, um baú e um pequeno banheiro, colocado num canto separado. Havia uma lareira, gêmea da que estava na sala, compartilhando a mesma chaminé. Aquele lado estava aceso, apesar do dia morno, o que fazia o quarto parecer mais quente apesar das duas janelas abertas, com as cortinas puxadas para deixar entrar um pouco de luz.

A cama na parede do lado oposto, debaixo da estrela prateada de Eanna, era larga, pois Danoleon era um homem grande, mas era simples e sem enfeites. Sem dossel, quatro traves simples de pinheiro nos quatro cantos e a cabeceira do mesmo material.

Também estava vazia.

Devin estava nervoso, seguindo Alessan e o sumo sacerdote pela porta, e esperava encontrar uma mulher moribunda ali. Olhou, bastante embaraçado, na direção da porta do banheiro. E quase pulou de susto quando uma voz surgiu das sombras ao lado do fogo, onde a luz das janelas não chegava.

— Quem são esses estranhos?

Alessan tinha se virado na direção da lareira no momento em que entrou no quarto — por que razão, Devin não sabia precisar — e, por isso, ficou controlado e calmo quando aquela voz fria falou. E quando uma mulher saiu das sombras para se aproximar de uma das poltronas, onde se sentou, com as costas muito retas, a cabeça muito erguida olhando para ele. Para todos eles.

Pasitheia di Tigana bren Serazi, esposa de Valentin, o Príncipe. Ela deveria ter sido uma mulher de beleza insuperável em sua juventude, que ainda aparecia, mesmo ali, mesmo então, no limiar do último portal de Morian. Era alta e muito magra, apesar de parte disso ser claramente devido à doença que a consumia por dentro. Isso se manifestava em seu rosto, que, de tão pálido, estava quase transparente; os ossos das bochechas quase rasgavam a pele. Seu vestido tinha uma gola alta e dura, que cobria sua garganta, o vestido em si era escarlate, acentuando sua palidez sobrenatural — Devin pensou que era como se ela já estivesse do lado de Morian e os olhasse de uma praia distante.

Mas portava anéis de ouro, bastante materiais, em seus dedos longos, e uma pedra azul deslumbrante brilhava em um colar que descansava em sua roupa. Seu cabelo estava preso e amarrado em uma rede preta, de uma forma há muito fora de moda na Palma. Devin tinha absoluta certeza de que a moda atual nada significava, aliás, menos do que nada, para aquela mulher. Seus olhos o encararam naquele instante, avaliando-o de forma rápida e inquietante, antes de moverem-se até Erlein e, depois, finalmente, repousarem sobre o filho.

O filho que ela não via desde que ele tinha 14 anos.

Seus olhos eram cinzentos como os de Alessan, mas mais duros que os do Príncipe, brilhantes e frios, escondendo o que havia no fundo como se uma pedra semipreciosa tivesse sido colocada ali, logo abaixo da superfície. Brilhavam, ferozes e desafiadores, sob a luz do quarto e, pouco antes de ela falar novamente, sem sequer esperar uma resposta à sua primeira pergunta, Devin percebeu que o que via naqueles olhos era fúria.

Estava no rosto arrogante, em sua postura rígida e nos dedos que apertavam os braços da

poltrona. Era um fogo interno de raiva que havia muito tempo ultrapassara o limite das palavras ou de qualquer outra forma de expressão. Estava morrendo, escondida, enquanto o homem que matara seu marido governava a sua terra. Estava ali, estava tudo ali, para qualquer um que conhecesse parte da história.

Devin engoliu em seco e lutou contra o impulso de voltar para a porta, de ficar fora do alcance. Um momento depois, percebeu que não precisava se incomodar. No que tocava à mulher na poltrona, ele era o mesmo que nada; nem sequer parecia estar ali. Sua pergunta não fora feita para ser respondida. Ela não se importava com quem eles eram. Tinha outra pessoa com quem lidar.

Por um longo tempo, uma sequência de minutos que parecia perdurar para sempre no silêncio, ela olhou para a Alessan, sem falar, de cima a baixo, suas feições pálidas e imperiosas impenetráveis. E, finalmente, sacudindo a cabeça devagar, disse:

— Seu pai era um homem tão bonito.

Devin se encolheu com aquele tom e com aquelas palavras, mas Alessan não pareceu reagir. Assentiu em calma concordância.

— Eu sei que era. Eu me lembro. Assim como meus irmãos — ele sorriu, um sorriso irônico e breve. — Mas essa beleza deve ter acabado antes de chegar a mim.

Sua voz estava calma, mas, quando terminou, dirigiu um olhar duro para Danoleon, que leu a mensagem escondida ali. Ele, por sua vez, murmurou algo para Torre, que, rapidamente, deixou o quarto para ficar de guarda na porta. Devin compreendeu, sentindo, apesar do fogo, um súbito calafrio. As palavras que tinham acabado de ser ditas ali poderiam significar a morte de todos eles. Olhou para Erlein e viu que o mago tinha retirado a harpa de seu estojo. Com o rosto sério, o senziano se posicionou perto da janela oriental e, em silêncio, começou a afinar o instrumento.

Claro, Devin pensou, Erlein sabia o que estava fazendo. Tinha entrado ali com a desculpa de tocar para a mulher que morria. Seria estranho se nenhuma música saísse do quarto. Porém, ele não se sentia à vontade para cantar.

— Músicos — a mulher na poltrona disse com desprezo ao filho. — Esplêndido. Você veio tocar uma música para mim agora? Para me mostrar o quão talentoso você é em algo tão importante? Para confortar a alma de uma mãe à beira da morte?

O tom que usava era quase insuportável. Alessan não se mexeu, apesar de também estar pálido. Não traiu sua tensão de nenhuma outra forma, salvo, talvez, pela postura quase casual demais, a simulação exagerada de calma.

— Se a agradar, querida mãe, irei tocar para você — disse, em voz baixa. — Se me lembro bem, houve um tempo em que só a ideia de alguma música realmente lhe daria prazer.

Os olhos da mulher na poltrona brilharam friamente.

— Houve um tempo para a música. Quando nós governávamos aqui. Quando os homens de nossa família não eram homens apenas no nome.

— Oh, eu sei — respondeu Alessan, ríspido. — Homens de verdade e imensamente orgulhosos, todos eles. Homens que já teriam invadido, sozinhos, as muralhas de Chiara e matado Brandin, mesmo que, para isso, só contassem com o terror que inspirariam com sua determinação e fúria. Mãe, você não pode deixar isso para lá, nem mesmo agora? Somos os últimos de nossa família e não nos falamos há dezenove anos. — Sua voz mudou, suavizando-se e ficando inesperadamente constrangida. — Precisamos nos confrontar ainda? Nossa fala não pode ser mais do que as nossas cartas? Você me chamou aqui simplesmente para repetir o que já me escreveu tantas vezes?

A velha senhora sacudiu a cabeça. Arrogante e séria, era tão implacável quanto a morte que dela se aproximava.

— Não, nada disso — respondeu. — Não tenho fôlego para desperdiçar. Chamei você aqui para que receba em seu sangue a maldição de uma mãe moribunda.

— Não! — exclamou Devin, sem conseguir se conter. No mesmo instante, Danoleon deu um longo passo à frente.

— Minha senhora, não mesmo — disse o sacerdote, com angústia em sua voz profunda. — Isso não é...

— Eu estou morrendo — Pasithea bren Serazi o interrompeu, rispidação. Tinha manchas brilhantes em suas bochechas. — Não tenho mais que escutar você, Danoleon. Não preciso mais escutar ninguém. *Espere*, você disse, por todos esses anos. *Seja paciente*, você disse. Bem, não tenho mais tempo para paciência. Estarei morta amanhã. Morian espera por mim. Não tenho mais tempo para aguentar enquanto meu filho folgado brinca pela Palma, tocando em casamentos rústicos.

Ouviram um tilintar desarmônico de cordas de harpa.

— Isso — disse Erlein di Senzio, da janela — foi injusto e rude! — Ele parou, surpreso por seu próprio impulso. — A Tríade sabe que não tenho nenhuma razão para amar seu filho. E agora ficou mais do que claro de onde vem a arrogância dele e seu desrespeito pela vida dos outros ou por qualquer outra coisa além de seus próprios interesses. Mas se você o chama de covarde simplesmente por não tentar matar Brandin de Ygrath, então você está morrendo como uma mulher tola e fútil, o que, para ser completamente sincero, não me surpreende nem um pouco nesta província!

Ele se apoiou contra o parapeito, respirando fundo, sem olhar para ninguém. No silêncio que se seguiu, Alessan finalmente se mexeu. Sua paralisia tinha parecido inumana, não natural, mas, agora, ele se ajoelhava ao lado da poltrona da mãe.

— Você já me amaldiçoou antes — disse, sério. — Lembra? Vivi a maior parte da minha vida na sombra disso. De muitas maneiras, teria sido mais fácil ter morrido anos atrás, Baerd e eu mortos ao tentar assassinar o Tirano em Chiara... e talvez até conseguindo matá-lo, com a intervenção de um milagre. Sabia que costumávamos falar sobre isso à noite, todas as noites, quando ainda estávamos em Quileia, ainda meninos? Fazendo meia centena de planos diferentes para um assassinato na Ilha. Sonhando que seríamos amados e honrados depois de nossas mortes em uma província que teria seu nome restaurado por nossa causa.

Sua voz estava baixa, numa cadência quase hipnótica; Devin viu Danoleon — seu rosto emocionado — se afundar na outra poltrona. Pasithea estava imóvel e inexpressiva e fria como mármore. Devin se aproximou do fogo, numa tentativa inútil de conter os calafrios que o tomaram. Erlein ainda estava na janela. Voltara a tocar sua harpa, docemente, notas soltas e acordes aleatórios, sem compor exatamente uma canção.

— Mas envelhecemos — continuou Alessan, e uma urgência, uma necessidade terrível de se fazer entender, apareceu em sua voz. — E, numa noite, num solstício de verão, Marius se tornou o Rei do Ano em Quileia, com a nossa ajuda. Depois disso, quando nós três conversávamos, nossas falas eram diferentes. Baerd e eu começamos a aprender algumas verdades sobre o poder e sobre o mundo. Foi quando tudo mudou para mim. Algo novo apareceu naquela época, crescendo e crescendo, uma ideia, um sonho maior e mais profundo que tentar matar um tirano. Voltamos para a Palma e começamos a viajar. Sim, como músicos. Como artesãos, mercadores, uma vez atletas em um dos Jogos da Tríade, pedreiros e construtores, guardas de um banqueiro senziano, marinheiros em uma dúzia de navios mercantes. Mas, mesmo antes dessas jornadas começarem, mãe, mesmo antes de voltarmos para o norte, tudo tinha mudado para mim. Finalmente, eu estava certo de qual era minha a missão na vida. Do que tinha que ser feito, que eu devia ao menos tentar. Você sabe disso, Danoleon também. Escrevi para você, anos atrás, sobre essa minha nova compreensão das coisas e explorei sua benção. Era uma verdade tão simples: temos que derrubar os dois tiranos juntos, para que toda a península possa ser livre de novo.

Foi quando a voz de sua mãe se sobrepôs à sua paixão, dura, implacável e sem perdão.

— Eu me lembro. Eu lembro o dia em que aquela carta chegou. E vou dizer novamente o que

escrevi para o castelo daquela cortesã em Certando: você irá comprar a liberdade de Corte, de Astibar e de Trega, pagando com o nome de Tigana. Com a nossa própria existência neste mundo.irá custar tudo o que tínhamos ou éramos antes de Brandin chegar. O preço será a nossa vingança e o nosso orgulho.

— Nosso orgulho — Alessan ecoou, tão baixo que eles mal conseguiam ouvir. — Ah, o nosso orgulho. Cresci sabendo tudo sobre o nosso orgulho, mãe. Você me ensinou, mais até do que meu pai. Mas aprendi outra coisa, mais tarde, quando já era homem. No meu exílio. Aprendi sobre o orgulho de Astibar, de Senzio, de Asoli e de Certando. Eu aprendi como o orgulho havia arruinado a Palma no ano anterior à chegada dos tiranos.

— A Palma? — Pasitheia questionou com a voz aguda. — O que é a Palma? Um pedaço de terra. Rochas, solo e água. O que é uma *península* para que eu precise me preocupar com ela?

— O que é Tigana? — perguntou Erlein di Senzio abruptamente, com a harpa silenciosa em suas mãos.

O olhar de Pasitheia foi venenoso.

— Achei que um mago ligado saberia isso — disse, ácida, tencionando agredi-lo. Devin piscou com a rapidez de seu pensamento. Ninguém falara sobre Erlein, ela deduzira aquilo em minutos com algumas poucas pistas.

— Tigana é a terra onde, quando o mundo era jovem, Adaon se deitou com Micaela e deu a ela seu amor, um filho, e o presente de um deus para aquela criança e para as que viessem depois. E agora o mundo se afastou muito daquela noite, e o último herdeiro daquela união está nesta sala, com todo o passado de seu povo escorrendo pelas mãos — ela se inclinou para a frente, seus olhos cinzentos em chamas, sua voz se elevando em acusação. — Escorrendo por suas mãos. Ele é um tolo e um covarde. Há muito mais em jogo do que a liberdade de uma península em uma única geração!

Ela se recostou, tossindo, e puxou um pedaço de seda azul de um bolso em seu vestido. Devin viu Alessan começar a se levantar e depois se deter. Sua mãe tossia de forma torturante e o rapaz viu, antes de poder desviar os olhos, que a seda se tingiu de vermelho. No tapete ao seu lado, Alessan abaixou a cabeça.

Erlein di Senzio, no lado oposto da sala, talvez estivesse longe demais para ver o sangue.

— E agora eu devo contar as lendas sobre a proeminência de Senzio? De Astibar? Você irá me ouvir cantar a história de Eanna na Ilha, moldando as estrelas com a glória de seu ato de amor com o deus? Você conhece a alegação de Certando, de que é o coração e a alma da península? Você se lembra dos Carlozzini? Dos Andarilhos da Noite das terras altas, duzentos anos atrás?

A mulher na poltrona ficou ereta, novamente encarando-o. Temendo-a, odiando suas palavras, seu comportamento e a coisa horrível que estava fazendo a seu filho. Mesmo assim, Devin sentiu-se muito pequeno na presença de tanta coragem e força de vontade.

— Mas é esse o ponto — disse ela mais baixo, poupando suas forças. — É esse o coração do problema. Você não percebe? Eu me lembro dessas histórias. Qualquer um com a devida educação ou com uma biblioteca, qualquer idiota que jamais tenha ouvido os uivos de um trovador pode se lembrar delas. Pode ouvir vinte canções diferentes sobre Eanna e Adaon em Sangarios. Mas nós não. Você não vê? Não há mais Tigana. Quem irá cantar sobre Micaela debaixo das estrelas, à beira-mar, quando nós partirmos? Quem ficará para cantar, quando mais uma geração tiver vivido e morrido?

— Eu ficarei — falou Devin, as mãos caídas ao seu lado.

Ele viu Alessan levantar a cabeça enquanto Pasitheia se virou para fixar nele seus olhos frios.

— Nós todos ficaremos — continuou ele, o mais firme que conseguiu. Ele olhou para o Príncipe e, depois, forçou-se a olhar de novo para a velha moribunda que rangia de fúria. — Toda a Palma irá ouvir novamente essa canção, minha senhora, porque seu filho *não* é um covarde. Nem um tolo

vaidoso tentando encontrar uma morte precoce e fama rasa. Ele está tentando algo maior e vai conseguir. Algo aconteceu nesta primavera e, por causa disso, ele irá fazer o que disse que iria fazer: libertar esta península e trazer o nome de Tigana de volta a este mundo.

Ele terminou, respirando fundo como se tivesse disputado uma corrida. Pouco depois, sentiu que estava vermelho de vergonha. Pasithea bren Serazi estava rindo, debochando, seu corpo frágil e magro balançando-se na poltrona. Sua risada alta se transformou em outro ataque desesperado de tosse, a seda azul voltou a aparecer e, quando foi retirada, estava novamente coberta de sangue. Ela agarrou os braços da poltrona para se firmar.

— Você é uma criança — pronunciou ela finalmente. — E meu filho também, apesar do branco em seu cabelo. Não tenho dúvidas de que Baerd bar Saevar é o mesmo, com metade da graça e dos talentos que o pai dele tinha. *Algo aconteceu nesta primavera* — imitou ela, com precisão cruel. Sua voz ficou dura e fria como uma noite de inverno. — E vocês, crianças, têm alguma ideia do que realmente aconteceu na Palma?

Lentamente, seu filho se levantou para ficar de pé ao seu lado.

— Nós estamos cavalgando por dias e noites. Não ouvimos nenhuma novidade. O que foi?

— Eu disse que tínhamos notícias — disse Danoleon rápido. — Mas não tive chance de...

— Estou satisfeita — interrompeu Pasithea. — Muito satisfeita. Parece que ainda tenho alguma coisa a dizer ao meu filho antes de deixá-lo para sempre. Algo que ele não aprendeu nem descobriu sozinho ainda. — Ela novamente ficou ereta na poltrona, seus olhos frios e brilhantes como neve sob o luar azul. Tinha algo selvagem e perdido ali, que tentava se libertar. Algum medo terrível de coisas além da morte. Ela continuou: — Um mensageiro chegou ontem ao pôr do sol, no final dos Dias das Brasas. Um ygratheano, vindo de Stevanien com notícias de Chiara. Notícias tão urgentes que Brandin as enviou aos seus governadores usando feitiçaria, com instruções para espalhá-las.

— E que notícias são essas? — Alessan se preparou para receber um golpe.

— As notícias, meu filho inútil, são de que Brandin acabou de abdicar como Rei de Ygrath e está mandando seu exército de volta. E seus Governadores. Aqueles que decidirem ficar deverão se tornar cidadãos desta península. De um novo domínio: o Reino da Palma Ocidental. Chiara, Corte, Asoli e Baixa Corte, as quatro províncias estarão sob o poder de Brandin. Ele anunciou que estamos livres de Ygrath, não somos mais uma colônia. Os impostos deverão ser divididos igualmente entre todos e serão cortados pela metade. A mudança começou ontem. E aqui, em Baixa Corte, será de mais da metade. Nosso fardo agora será dividido igualmente com os outros. O mensageiro disse que o povo desta província, o povo que seu pai governou, estava cantando o nome do Tirano nas ruas de Stevanien.

Alessan, mexendo-se com muito cuidado, como se carregasse algo muito grande e pesado que poderia cair, se virou para Danoleon, que balançou a cabeça.

— Parece que houve uma tentativa de assassinato na Ilha, três dias atrás — disse o sumo sacerdote —, com origem em Ygrath: a Rainha e o filho de Brandin, o regente. Aparentemente, só não deu certo por causa de uma de suas mulheres-tributo. Aquela de Certoando que quase começou uma guerra. Você deve lembrar, foi há uns doze, catorze anos. Parece que, depois disso, o Tirano pensou melhor no que estava fazendo. Não sobre ficar ou não na Palma, ou sobre Tigana e sua vingança, mas sobre o que deveria ser feito em Ygrath se ele continuasse aqui.

— E ele vai continuar aqui — disse Pasithea. — Tigana vai morrer, ainda estará perdida para sempre por causa da vingança dele, e nossa gente estará cantando o nome dele quando isso acontecer. O nome do homem que matou seu pai.

Alessan balançava a cabeça, refletindo. Na verdade, ele não parecia estar escutando; era como se, de repente, estivesse se recolhendo dentro de si. Pasithea ficou calada, olhando para o filho. Fez-se um silêncio mortal no quarto. Do lado de fora, ao longe, os gritos e as gargalhadas incontroláveis

das crianças chegavam de novo aos ouvidos de todos, mais alto por causa do silêncio em que estavam. Devin escutou aquela alegria distante e tentou arrumar o caos de seu coração para tentar lidar com o que havia acabado de escutar.

Ele olhou para Erlein, que pousara a harpa na beira da janela e andara alguns passos para dentro do quarto — seu rosto preocupado e alerta. Devin tentou desesperadamente pensar, reunir seus pensamentos espalhados, mas aquelas notícias o pegaram de surpresa. *Livres de Ygrath*. Era o que eles queriam, não é? Exceto que não, não era. Brandin iria ficar, não estariam livres dele ou do peso de sua magia. E Tigana? O que seria de Tigana?

E, de repente, sem esperar, algo mais o incomodava. Algo diferente. Uma consciência irritante, que o distraía, puxando no canto de sua mente, dizendo que tinha algo que ele deveria saber, de que deveria se lembrar.

Então, igualmente sem aviso, aquele algo mais deslizou para a frente e se encaixou. Na verdade...

Na verdade, Alessan sabia exatamente o que estava errado.

Devin fechou os olhos por um momento, lutando contra um medo paralisante. Depois, o mais silenciosamente que conseguiu, começou a se mover, seguindo a parede ocidental para longe da lareira onde estivera todo o tempo.

Alessan estava falando, quase que para si mesmo.

— Isso muda as coisas, é claro. Muda muito. Preciso de tempo para pensar, mas acho que, na verdade, isso irá nos ajudar. Pode se revelar uma bênção, mais do que uma maldição.

— Como? Você é realmente um simplório? — gritou sua mãe. — *Estão cantando o nome do Tirano nas ruas de Avelle!*

Devin se encolheu ao ouvir aquele nome e a dor desesperada no âmago daquele grito, mas se forçou a continuar andando. Uma certeza terrível crescia dentro dele.

— Eu ouvi e entendo. Mas *você* não vê? — Alessan caiu de joelhos no tapete de novo, perto da poltrona de sua mãe. — O exército ygratheano está voltando para casa. Se ele tiver que lutar uma guerra será com um exército da *nossa* gente e dos poucos ygratheanos que ficarem. O que... oh, mãe... o que você acha que o barbadiano em Astibar irá fazer quando ouvir isso?

— Ele não vai fazer nada — disse Pasithea, seca. — Alberico é um homem medroso, enrolado até o pescoço em suas próprias teias, e todas o levam de volta à coroa do Imperador. Pelo menos um quarto do exército ficará com Brandin. Essas pessoas que estão cantando são as mais oprimidas da península. Se *elas* estão felizes, o que você acha que está acontecendo nos outros lugares? Você não acha que ele conseguirá levantar um exército em Chiara, Corte e Asoli para lutar contra Barbadior, para lutar pelo homem que desistiu de seu próprio reino por esta província?

Ela voltou a tossir, o corpo balançando ainda mais do que antes.

Devin não sabia a resposta nem conseguia adivinhá-la. Sabia que o equilíbrio tinha sido completamente alterado, aquele sobre o qual Alessan falara e com o qual jogara por tanto tempo. Mas também sabia outra coisa.

Chegou à janela, cujo parapeito lhe batia no tórax. Ele era um homem baixo, e não era a primeira vez que se lamentava disso. Porém, deu graças pelo que recebera como compensação: oferecendo uma rápida oração à Eanna, com as mãos espalmadas sobre o parapeito da janela como apoio, empurrou-se para cima e se balançou como um ginasta através do pórtico. Ele ouviu Pasithea ainda tossindo atrás, um som duro e doloroso. Danoleon gritou.

Ele tropeçou e caiu, batendo em um pilar com seu ombro e quadril. Levantou-se de forma atrapalhada, a tempo de ver uma figura em roupa bege pulando de uma plataforma ao lado da janela, xingando furiosamente, e correndo em fuga. Devin pegou a faca em seu cinto enquanto sentia crescer uma raiva cega, que apagava todos os seus pensamentos. Realmente *havia* muito barulho no

campo de jogo. O mesmo som de antes, quando o sacerdote os deixara sozinhos.

Mas, daquela vez, eles estavam sozinhos enquanto o sacerdote espionava aquele quarto.

Alessan estava na janela, Erlein logo atrás dele.

— Savandi — soluçou Devin. — Ele estava escutando!

Cuspiu as palavras sobre o ombro por já estar correndo atrás do outro homem. Dedicou um rápido momento para agradecer, admirado, o que Rinaldo, o Curandeiro, havia feito com sua perna naquele celeiro em Certando. Depois a raiva o carregou novamente, além do medo e de uma necessidade absoluta de pegar aquele homem.

Pulou a balastrada de pedra no final do pórtico sem diminuir o passo. Savandi, correndo o mais rápido que podia, cortara para leste, para o final do terreno do Santuário. À distância e à sua esquerda, Devin podia ver as crianças brincando no campo. Apertou os dentes e correu. *Esses malditos sacerdotes!* — pensou, a fúria quase sufocando-o. — *Irão estragar tudo até desta vez?*

Se a identidade de Alessan se tornasse conhecida em qualquer lugar daquele Santuário, Devin tinha poucas dúvidas do quão rápido aquela informação chegaria aos ouvidos de Brandin de Ygrath. Ele sabia com certeza o que aconteceria em seguida.

E foi assaltado por outro pensamento atordoado, que o aterrorizou. Ele aumentou ainda mais a velocidade, as pernas impulsionando-o, seus pulmões gritando por ar. *O elo mental.* E se Savandi pudesse se ligar ao Rei? E se o espião de Brandin pudesse contatá-lo em Chiara naquele exato momento?

Devin o amaldiçoou do fundo do seu coração, mas não disse nada, guardando seu fôlego para correr. Savandi, ele mesmo rápido e ágil, corria pelo caminho, passando por um pequeno prédio à esquerda e cortando à direita, a uns vinte passos à frente, rodeando a parte de trás do templo.

Devin acelerou ao virar a esquina. Savandi não estava à vista em lugar nenhum. O rapaz parou por um momento, tomado por pânico. Não havia nenhuma porta para o templo ali, apenas uma grossa barreira de sebes, começando a ficar verde, à esquerda.

Foi quando viu onde as sebes estavam tremendo e pulou naquele lugar. Havia um buraco onde haviam sido amassadas. Ficou de joelhos e rastejou, arranhando os braços e o rosto.

Estava em uma área enclausurada e ampla, lindamente serena, graciosamente projetada, com uma fonte borbulhante no centro, mas não tinha tempo para admirar aquelas coisas. No canto noroeste, a clausura dava lugar a outro pórtico e um prédio longo, com um pequeno telhado em cúpula no final. Savandi subia correndo os degraus para o pórtico e que depois davam para uma porta de entrada no edifício. Devin olhou para cima. Numa das janelas do segundo andar, um velho podia ser visto, cabelos brancos e bochechas vazias, olhando inexpressivo para o claustro iluminado pelo sol, cá em baixo.

Correndo direto para a porta, percebeu onde estava. Ali era a enfermaria, e a pequena cúpula fazia às vezes de templo para os doentes que procuravam o conforto de Eanna, mas não podiam ir pelo caminho até o templo maior.

Subiu voando os três degraus para o pórtico, em um único pulo, e explodiu pela porta — a faca ainda na mão. Estava ciente de que, o seguindo tão de perto, era um alvo fácil para uma emboscada se Savandi resolvesse esperá-lo. Contudo, não achava que isso fosse acontecer — o que apenas aumentava, ainda mais, seu medo crescente.

O homem parecia estar correndo para *longe* de onde os demais sacerdotes estavam, no próprio templo, distante das cozinhas, do dormitório ou do refeitório, o que significava que não esperava socorro ou ajuda. Realmente não tinha esperanças de escapar.

O que significava, por sua vez, que havia apenas uma coisa que ele tentaria fazer se Devin lhe desse o tempo necessário.

A entrada dava para um corredor longo e para uma escada que subia. Savandi estava fora de

sua vista; Devin, olhando ao redor, fez uma breve oração para Eanna. Correndo pelo chão úmido da clausura, o sacerdote tinha ficado com lama nos sapatos. A trilha se destacava no chão de pedra e seguia pelo corredor, sem subir as escadas.

Devin acelerou sua perseguição, voando pelo corredor, deslizando em uma curva para a esquerda no final. Passava por salas em intervalos regulares por todo o caminho, onde havia uma entrada em arco para o pequeno templo na ponta oposta. A maioria das portas se encontrava aberta, a maioria das salas estava vazia.

Então, naquele corredor mais curto, ele chegou a uma porta fechada. A trilha de Savandi levava até ali e parava. Devin agarrou a maçaneta e jogou seu ombro com força contra a madeira grossa. Trancada. Imóvel.

Soluçando ao tentar respirar, caiu de joelhos, procurando em seu bolso o pedaço de arame que nunca saía dali, desde quando Marra ainda estava viva, desde que ela o ensinara tudo o que sabia sobre fechaduras. Ele o desdobrou e tentou moldar o arame, mas suas mãos tremiam. Suor escorreu até seus olhos. Ele os limpou furiosamente e lutou para se acalmar. *Tinha* que abrir a porta antes que o homem do outro lado pudesse enviar a mensagem que iria destruir todos eles.

Uma das portas externas se abriu atrás dele. Passos soaram rápidos pelo corredor.

Sem levantar os olhos, Devin disse:

— O homem que me tocar ou me impedir, morre. Savandi é um espião do Rei de Ygrath. Preciso de uma chave para essa porta.

— Está feito — veio uma voz já conhecida. — Está aberta. Vá!

Devin lançou um olhar sobre o ombro e viu Erlein di Senzio de pé, segurando uma espada.

Levantando de um salto, Devin torceu a maçaneta de novo. A porta se abriu livremente, e ele entrou no quarto. Jarros e frascos estavam alinhados em prateleiras ao redor das paredes, instrumentos estavam sobre as mesas. Savandi estava ali, em um banco no meio do quarto, mãos nas têmporas, visivelmente se esforçando para se concentrar.

— *Que a peste apodreça sua alma!* — gritou Devin com toda a força de sua voz. Savandi pareceu despertar de repente. Levantou-se com um grunhido feroz, estendeu a mão para uma lâmina cirúrgica que estava na mesa ao seu lado.

Ele nunca a alcançou.

Ainda gritando, Devin caiu sobre ele, sua mão esquerda mirando os olhos do sacerdote. Ele golpeou para a frente e para cima com sua mão direita, em um arco mortal, enterrando a lâmina entre as costelas de Savandi. Golpeou uma vez e depois outra, rasgando selvagememente para cima, sentindo a lâmina girar, arranhando o osso em uma sensação doentia. A boca do jovem sacerdote se abriu, assim como seus olhos estupefatos. Ele gritou, alto e brevemente, suas mãos se agitando para os lados. E então morreu.

Devin o soltou e caiu sobre o banco, lutando para respirar. O sangue latejava em sua cabeça; podia sentir uma veia pulsando na testa. Sua visão ficou embaçada e fechou os olhos. Quando os abriu novamente, suas mãos ainda estavam tremendo.

Erlein tinha embainhado sua espada. Ele caminhou para o lado de Devin.

— Ele... ele mandou...? — Devin descobriu que não conseguia falar direito.

— Não — o mago balançou a cabeça. — Você chegou a tempo. Ele não fez a ligação. Nenhuma mensagem saiu daqui.

Devin encarou os olhos fixos vazios e o corpo do jovem sacerdote que tentara denunciá-los. *Há quanto tempo?* Ele pensou. *Há quanto tempo ele estava fazendo isso?*

— Como você chegou aqui? — perguntou ele a Erlein com a voz rouca. As mãos ainda tremiam. Deixou a faca cair, tilintando na mesa.

— Eu segui vocês desde o quarto. Vi o caminho que tomaram até que os perdi atrás do templo.

Então precisei de magia para rastrear a aura de Savandi até aqui.

— Viemos por entre as sebes e através da clausura. Ele estava tentando me intimidar.

— Eu percebi. Você está sangrando de novo.

— Não importa. — Devin respirou fundo. Ouviram passos no corredor. — Por que você veio?

Por que você fez isso por nós?

Por um instante, Erlein pareceu estar na defensiva, mas rapidamente retomou sua expressão sardônica.

— Por vocês? Não seja tolo, Devin. Eu morro se Alessan morrer. Estou ligado a ele, lembra?

Fiz para me preservar. Nada mais.

Devin olhou para ele, querendo dizer mais alguma coisa, algo importante, mas, naquele momento, os passos alcançaram a porta e Danoleon entrou rapidamente com Torre logo atrás. Nenhum deles disse nada, apenas observaram o cenário.

— Ele estava tentando fazer a ligação mental com Brandin — disse Devin. — Erlein e eu conseguimos pegá-lo a tempo.

O mago fez um som desdenhoso.

— Devin conseguiu, mas eu tive que usar um feitiço para segui-los e outro na porta. Não acho que tenham sido fortes o bastante para chamar atenção, mas, no caso de haver um Rastreador por perto, é melhor sairmos antes de amanhecer.

Danoleon parecia não ter ouvido. Estava olhando para o corpo de Savandi, com lágrimas nos olhos.

— Não desperdice suas lágrimas com uma ave carniceira — disse Torre, ríspido.

— Eu preciso — disse o sumo sacerdote em voz baixa, apoiando-se em seu cajado. — Eu preciso. Você não entende? Ele nasceu em Avalor. Ele era um de nós.

Devin se virou de repente. Sentiu-se enjoadado, atingido pelo ressurgimento da fúria devastadora que o tinha guiado até ali e levado a matar com tanta violência. *Um de nós*. Ele se lembrou de Sandre d'Astibar na cabana na floresta, traído por seu próprio neto. Estava com muito medo de passar mal. *Um de nós*.

Erlein di Senzio riu. Devin se virou furiosamente em sua direção, as mãos já fechadas. Seus olhos deviam mostrar algo mortal, pois o mago rapidamente ficou sério, a zombaria deixando seu rosto como se tivesse sido removido com um pano.

Houve um curto silêncio.

Danoleon se endireitou, esticando seus ombros largos.

— Temos que lidar cuidadosamente com isso ou a história vai se espalhar. Não podemos deixar que a morte de Savandi esteja relacionada com nossos hóspedes. Torre, quando sairmos, tranque este quarto com o corpo dentro. Depois que escurecer, quando os outros estiverem dormindo, cuidaremos dele.

— Sentirão a falta dele no jantar — respondeu Torre.

— Não, não sentirão. Você é o porteiro. Você o terá visto passar pelo portão no final desta tarde. Ele terá ido ver a família. Faz sentido, logo depois dos Dias das Brasas e das notícias que chegaram de Chiara. Ele saía daqui com bastante frequência, e nem sempre com minha permissão. Acho que agora tenho uma ideia do motivo. Eu me pergunto se alguma vez ele realmente foi até a casa do pai. Mas, infelizmente para Savandi, dessa vez ele será morto por alguém na estrada logo na saída do vale.

Havia uma dureza na voz do sumo sacerdote que Devin ainda não tinha ouvido. *Um de nós*. Ele olhou para o morto novamente. Sua terceira morte. Mas aquela fora diferente. O guarda na propriedade Nievolene e o soldado na passagem da colina estavam fazendo o que tinham vindo fazer na Palma. Leais ao poder a que serviam, sem esconder nada de sua natureza, fiéis a uma causa

explícita. Ele tinha lamentado suas mortes, pelas linhas da vida que os tinham feito se encontrar com ele.

Savandi era outro assunto. Sua morte era diferente. Devin procurou em sua alma e viu que não podia se lamentar pelo que fizera. Percebeu, sentindo-se verdadeiramente perturbado, que tinha que se controlar para não enfiar sua adaga mais uma vez no cadáver. Era como se a traição ácida do sacerdote ao seu povo, sua falsidade sorridente, tivesse canalizado uma violência cuja força Devin não sabia que possuía dentro de si. Quase exatamente, pensou, como Alienor do Castelo de Barso tinha feito, em uma esfera bem diferente de sua vida.

Ou, talvez, no fim das contas, não tão diferente assim. Mas era um nó muito duro e perigoso para tentar desfazer naquele momento, na presença vigilante da morte. Isso o lembrou de algo e o fez repentinamente notar uma ausência. Olhou para Danoleon.

— Onde está Alessan? — disse, ríspido. — Por que ele não veio?

Mas, antes mesmo que fosse respondido, entendeu. Só podia haver uma razão no mundo para o Príncipe não ter ido. O sumo sacerdote o encarou.

— Ele ainda está no meu quarto. Com a mãe dele. Mas temo que já tenha acabado.

— Não — disse Devin. — Ah, não.

Ele se levantou, foi até a porta, passou pelo corredor e, então, para fora pela porta oriental da enfermaria, para a luz que sumia no fim da tarde. E começou, novamente, a correr.

Seguindo a curva atrás do templo, passando pelo mesmo pequeno prédio de antes e por um pequeno jardim que não tinha percebido na ida, e, mais para trás, voando pelo caminho até a casa do sumo sacerdote, subindo pelo pórtico por entre os pilares, voltando pelo mesmo caminho como se enrolasse um novelo de lã, até a janela pela qual tinha pulado havia pouco. Como se pudesse correr para trás não só além de Savandi e da vinda deles até ali, mas retroceder todo o caminho, com uma saudade súbita e incoerente, para onde as sementes daquela dor haviam sido plantadas, quando os tiranos chegaram.

Entretanto, o tempo não voltava, nem no coração nem no mundo. Avançava e as coisas mudavam, para melhor ou para pior, as estações mudavam, as horas do dia ensolarado passavam, a escuridão caía, perdurava e dava lugar à luz e ao amanhecer. Os anos se seguiam um após o outro, um por um, pessoas nasciam e viviam na graça da Tríade e morriam.

E morriam.

Alessan ainda estava no quarto, ainda ajoelhado no tapete simples, mas ao lado da cama, não mais da pesada poltrona escura. Ele se movera, o tempo se movera, o sol estava mais a oeste no céu curvo.

Devin queria, de algum jeito, correr pelos momentos que haviam se passado. Para que Alessan não fosse deixado sozinho. Não com aquilo. Em seu primeiro dia em Tigana desde que era um menino. Ele não era mais um menino, seu cabelo estava grisalho. O tempo tinha corrido. Vinte anos se passaram, e ele estava de novo em casa.

Sua mãe estava na cama do sumo sacerdote. As duas mãos de Alessan estavam entrelaçadas sobre uma das dela, acolhendo-a gentilmente como alguém segurando um passarinho que poderia morrer de susto se apertado, mas fugiria para sempre se solto.

Devin provavelmente fez barulho na janela, pois o Príncipe olhou em sua direção. Seus olhos se encontraram. Devin sentia dor dentro de si. Sem palavras diante de tanta tristeza. Seu coração estava machucado, cercado. Sentia-se desesperadamente inadequado para a necessidade de um momento como aquele. Desejou que Baerd estivesse ali, ou Sandre. Até mesmo Catriana saberia o que fazer melhor do que ele.

— Ele está morto. Savandi. Nós o pegamos a tempo — disse. Alessan balançou a cabeça, aceitando. Seu olhar se voltou para o rosto de sua mãe, sereno como não estivera antes. Como

provavelmente não estivera nos últimos longos anos de sua vida. O tempo dela se movera inexoravelmente para a frente, levando a memória, levando o orgulho. Levando o amor.

— Eu sinto muito — disse Devin. — Alessan, eu sinto tanto.

O Príncipe o encarou novamente, com seus olhos de um cinza claro terrivelmente distantes. Caçando imagens passadas, na meada dos anos. Ele parecia que ia falar, mas não o fez. Em vez disso, depois de um tempo, encolheu os ombros brevemente, naquele seu movimento calmo e tranquilizador de aceitação, de colocar mais um fardo sobre si, que todos eles conheciam tão bem.

De repente, Devin sentiu que aquilo era demais para ele continuar aguentando. A aceitação silenciosa de Alessan foi o golpe final em seu próprio coração. Sentiu-se rasgar, ferido pelas duras verdades do mundo, pela passagem das coisas. Ele baixou a cabeça até o parapeito da janela e chorou como uma criança na presença de algo grande demais para a sua capacidade.

No quarto, Alessan continuou ajoelhado ao lado da cama, segurando a mão da mãe nas suas. E o sol da tarde que ia embora jogou luz em uma faixa dourada pela janela, através do quarto, caindo sobre ele, sobre a cama e a mulher deitada; sobre as moedas douradas que cobriam seus olhos cinzentos.

Ap primavera chegou cedo à cidade de Astibar. Quase sempre era assim naquele lado protegido a noroeste da província, com vista para a baía e para as ilhas espalhadas do arquipélago. Ao leste e ao sul, os ventos desimpedidos do mar mantinham a estação recém-chegada afastada por mais algumas semanas, retendo os pequenos barcos pesqueiros perto da costa durante aquela época do ano.

Senzio já estava florescendo, reportavam os mercadores no porto de Astibar, os botões brancos das seioias deixavam o ar perfumado com a promessa do verão que se aproximava. Diziam que em Chiara ainda estava frio, mas isso acontecia algumas vezes no começo da primavera na ilha. Não demoraria para que a brisa de Kardhun esquentasse o ar e o mar ao seu redor.

Senzio e Chiara.

Alberico de Barbador ia para a cama pensando sobre esses dois lugares e acordava de manhã fazendo o mesmo, depois de noites de pouco sono, intensas, agitadas e perturbadas com sonhos vívidos e assustadores.

Se o inverno tinha sido angustiante, cheio de pequenos incidentes e rumores, os acontecimentos do começo da primavera eram completamente diferentes. E, neles, nada havia de pequeno, de apenas marginalmente provocativo.

Tudo parecia estar acontecendo ao mesmo tempo. Indo dos seus aposentos para seu escritório, Alberico sentia seu humor piorar a cada passo, na expectativa preocupante do que seria relatado em seguida.

As janelas do palácio estavam abertas para deixar a brisa morna entrar. Por boa parte do outono e do inverno não fazia calor o bastante para isso. Havia corpos apodrecendo nas rodas da praça. Corpos dos Sandreni, dos Nievolene e dos Scalvaiane; de uma dezena de poetas torturados aleatoriamente. Ainda que tirasse a vontade de se abrir as janelas, aquilo era necessário e lucrativo, uma vez que o Tirano confiscara as terras dos conspiradores. Ele gostava quando necessidade e lucro vinham juntos, o que não era frequente; porém, quando acontecia, esse casamento parecia, a Alberico de Barbador, representar o prazer mais puro que encontrava no poder.

No entanto, naquela primavera, seus prazeres tinham sido, em geral, poucos e triviais, e o surgimento de novos problemas fazia os do inverno parecerem aflições menores e efêmeras, breves nevascas em uma noite. Agora, para onde quer que olhasse, lidava com enchentes.

No comecinho da primavera, um mago havia sido detectado usando sua magia nas terras altas ao sul, mas o Rastreador e os 25 homens que Siferval mandou imediatamente atrás dele foram massacrados por fora da lei. Todos eles. Um ato de arrogância e revolta quase impossível de se acreditar.

E ele não podia se vingar de forma adequada: as aldeias e fazendas espalhadas pelas terras altas odiavam os bandidos tanto ou mais do que os barbadianos. E tudo aconteceu numa Noite das Brasas, sem nenhum homem decente para ver o responsável por aquele feito sem precedentes. Siferval mandara uma centena de homens do Forte Ortiz para caçar os salteadores, mas não encontraram nem rastro. Apenas fogueiras apagadas havia muito tempo nas colinas. Era como se aqueles 25 homens tivessem sido atacados por fantasmas, o que, previsivelmente, as pessoas de lá já falavam. *Tinha sido* em uma Noite das Brasas, e todos sabiam que os mortos andavam pelos campos naquelas noites. Os mortos, famintos por vingança.

Muito esperto da parte dos mortos usarem flechas recém-fabricadas, foi o que Siferval havia

escrito ironicamente em seu relatório, quando enviara dois capitães com as notícias. A expressão no rosto de Alberico fez seus homens recuarem rapidamente, as faces pálidas de terror. Afinal, fora a Terceira Companhia que permitira que 25 de seus homens fossem mortos e que, depois, mandara outros cem incompetentes para não fazerem nada além de causar gargalhadas, vagando pelas colinas.

Era enlouquecedor. Alberico tivera que combater sua vontade de queimar a aldeia certandiana mais próxima daquelas colinas, mas sabia o quão destrutivo aquilo poderia ser a longo prazo. Iria minar todos os benefícios do controle que usara no caso do complô dos Sandreni. Naquela noite, sua pálebra começou a cair, como havia acontecido no começo do outono.

Logo depois, chegaram as notícias de Quileia.

Ele alimentara aquela esperança desde a chocante queda do Matriarcado. Era um mercado enorme, pronto para o comércio, uma colheita maravilhosa para o Império. E, o mais importante, seria trazida para a bandeira de Barbadior pelo sempre vigilante guardião das fronteiras ocidentais do Império, Alberico da Palma Oriental.

Tanta promessa e esperança ali, e poucas chances de dificuldades. Mesmo se aquele Marius, aquele alejado assassino de sacerdotisas em seu trono instável, escolhesse negociar tanto a oeste com Ygrath como a leste, tudo estaria bem. Quileia era grande o bastante para oferecer suas recompensas aos dois lados. Por um tempo. Logo seria possível fazer aquele boçal ver as muitas vantagens de concentrar seus negócios em Barbadior.

Durante o crescimento do Império Barbadiano, surgiram maneiras — uma grande parte delas honrosas, algumas sutis, outras nem tanto — de fazer os homens verem as coisas por um determinado ângulo. Alberico tinha algumas ideias próprias sobre novas formas de convencer monarcas mesquinhos a verem-nas de um jeito útil. Pretendia explorá-las assim que estivesse em casa.

Em Barbidior, como Imperador, pois, afinal, era esse o ponto, o ponto de tudo. Exceto pelas notícias da primavera, que se recusavam a colaborar.

Marius de Quileia mandara uma resposta rápida à última e benevolente oferta de Alberico. Um emissário a entregara diretamente nas mãos de Siferval em Forte Ortiz.

Infelizmente, aquele prazer rápido fora esmagado e aniquilado quando a carta chegou a Astibar, levada, em reconhecimento de sua importância, por Siferval em pessoa. Envolta em uma linguagem inesperadamente sofisticada, continha uma mensagem que, apesar de educada e cuidadosamente elaborada, era direta e clara: o quileiano lamentavelmente julgava que Brandin de Ygrath era o maior e o mais firme poder na Palma e, como era ainda muito novo em seu próprio trono, não podia arriscar incorrer na ira do Rei de Ygrath por negociar com Alberico, um nobre menor do Império, por mais que assim desejasse.

Era uma carta que poderia facilmente colocar um homem em uma fúria assassina.

Lutando para se controlar, Alberico viu a apreensão em seus conselheiros e escribas, encolhidos, viu até mesmo um medo, rapidamente encoberto, nos olhos do capitão da Terceira Companhia. Alberico, então, sentiu todo o seu controle fugir; foi quando Siferval lhe entregou a segunda carta, a que, pelo que explicou, conseguira copiar depois de, astutamente, tirá-la da bolsa do emissário quileiano tagarela.

Ele se forçou a sair dali, andando sozinho até as janelas no fundo de seu escritório, respirando ofegante e rapidamente enquanto tentava acalmar sua mente fervilhante. Ele podia sentir o tremor denunciador em sua pálebra direita começar novamente, a mesma vibração de que ele não conseguira se livrar desde aquela noite em que quase morrera na Floresta Sandreni. Com suas mãos imensas apertando o parapeito da janela, lutou pela calma que o deixaria pesar cuidadosamente as implicações daquela mensagem interceptada, mas a tranquilidade era uma ilusão que fugia rápido, e

seus pensamentos na luz daquela manhã eram escuros e espumavam como o mar durante uma tempestade.

Senzio! Aquele quileiano tolo queria se unir aos dissolutos poderes da nona província! Era quase impossível acreditar que alguém, mesmo novo naquele jogo, pudesse ser tão imbecil.

De costas para seus conselheiros e capitães, olhando sem ver pela janela que dava para a Grande Praça, Alberico passou a refletir sobre como aquilo seria visto pelo mundo. Pela parte do mundo que interessava: o Imperador e aqueles que ele ouvia e que se viam como rivais de Alberico. Como as notícias seriam interpretadas, se Brandin de Ygrath estivesse ocupado negociando ao sul, se os mercadores de Senzio estivessem navegando tranquilamente pelo arquipélago, da costa além de Trega e das montanhas para os portos de Quileia, com suas mercadorias tão elogiadas, por tanto tempo mantidas fora de alcance pelas sacerdotisas?

Se somente ao Império fosse negado acesso a esse mercado porque Alberico de Barbadior fora julgado instável demais no seu poder, ali, se comparado aos ygratheanos no oeste... Alberico sentiu que estava suando, um suor frio e pegajoso, escorrendo por seu corpo. Teve um espasmo de dor em seu peito quando um músculo se apertou perto do seu coração. Ele se forçou a respirar devagar até que passasse.

Da fonte que prometia tanto, de repente, era como se uma adaga tivesse surgido, mais afiada e mortal do que qualquer inimigo seu em Barbadior poderia ter confeccionado.

Senzio. Ele tinha pensado e sonhado com a nona província por todos os meses de gelo e de neve, procurando durante suas noites insones um jeito de escapar, de retomar o controle de uma situação que cada vez mais operava sobre ele, ao invés de ele controlá-la como um mestre de seu destino.

E isso fora no inverno, antes dessas notícias vindas de além das montanhas.

Logo depois, quando as primeiras flores começavam a desabrochar nos jardins de Astibar, houve mais. Na mesma semana, chegaram notícias do oeste de que alguém tentara matar Brandin de Ygrath.

Tentara e fracassara. Por uma abençoada noite, Alberico imaginou cenários gloriosos de triunfo. Sonhando, repetidas vezes, tão grande era seu prazer, que o assassino — usando a besta que haviam mencionado — tinha sido bem-sucedido. Ah, teria sido tão perfeito, teria vindo em uma época tão adequada para ele, encaixando-se perfeitamente com o que precisava. Seria visto como um presente, uma luz em seu rosto, dos altos deuses do Império. Toda a península da Palma seria sua em um ano, em *meio* ano. O rei aleijado de Quileia, precisando tão desesperadamente do resto do mundo, teria de aceitar qualquer termo de comércio que Alberico quisesse oferecer.

E o Império? Na pior das hipóteses, seria seu ao final de um ano.

Com uma base de poder incontestável ali, ele talvez nem precisasse esperar que o atual Imperador finalmente morresse. Poderia navegar para casa com seus exércitos, como campeão e herói do povo. Depois de cobri-lo com cereais, com ouro, com vinho fluindo livremente da Palma, além de toda a recém-descoberta riqueza de Quileia.

Seria glorioso. Por aquela única noite, Alberico se permitiu sonhar, sorrindo enquanto dormia. Então, acordou e desceu novamente as escadas para seu escritório, para encontrar seus três capitães esperando — as expressões sombrias. Um novo mensageiro estava com eles. Vinha novamente do oeste, apenas um dia depois do outro, com notícias que esmagaram vinte anos de equilíbrio em minúsculos fragmentos afiados que jamais conseguiriam ser remontados da mesma fora.

Brandin abdicara de Ygrath e se nomeara Rei da Palma Ocidental.

Em Chiara, o mensageiro relatou, tremendo com a expressão no rosto do seu senhor, que as comemorações começaram poucas horas depois do anúncio.

— E os ygratheanos? — Vardero, da Primeira Companhia, perguntou de forma direta, apesar

de não ter nenhum direito de falar.

— A maioria voltará para casa — disse o mensageiro. — Se permanecerem, devem se tornar cidadãos, iguais aos outros, do novo reino.

— Você disse que eles irão voltar para casa — disse Alberico, seu olhar pesado e raso, disfarçando o fervilhar febril de suas emoções. — Como você sabe disso? Alguém lhe contou ou você apenas acha que vai ser assim?

O mensageiro perdeu a cor, gaguejando uma resposta sobre lógica e consequências óbvias que qualquer um poderia prever...

— Cortem a língua desse homem e depois matem-no — decretou Alberico. — Não me importo como. Jogue-no aos animais. Meus mensageiros me trazem as notícias que eles descobrem. *Eu mesmo* tiro as conclusões.

O mensageiro desmaiou, caindo de lado no chão. Era visível que tinha se sujado. Grancial, da Segunda Companhia, rapidamente fez um sinal para que dois homens o levassem.

Alberico não quis assistir. De certa forma, estava agradecido que o homem tivesse falado tão tolaamente. Ele precisava de um motivo para matar alguém naquele momento.

Gesticulou com dois dedos, e seu mordomo apressadamente retirou todos da sala, menos os três capitães. Não que algum dos oficiais menores parecesse inclinado a permanecer por ali naquele momento. Era isso que ele queria. Não confiava muito em nenhum deles.

Também não confiava totalmente em seus capitães, mas precisava deles, assim como precisavam dele, e havia sido cuidadoso em mantê-los afastados e desconfiados uns dos outros. Era um acerto viável. Ou tinha sido até ali.

Mas o *agora* era o que importava, e Brandin tinha acabado de jogar a península no caos. Não que a Palma realmente importasse, não por si só. Era uma porta, uma passagem. Ele saíra de Barbadior como um jovem, para se elevar no mundo e voltar como um líder em seu apogeu, e não havia sentido nenhum em vinte anos de exílio se não pudesse voltar para casa triunfante. Mais do que triunfante— supremo.

Virou de costas para os capitães e foi até a janela, discretamente massageando seu olho. Esperou para ver quem iria falar primeiro e o que diria. Um medo crescia dentro dele, fazia de tudo para escondê-lo. Nada estava se encaixando, sua cautela e discrição não estavam dando os frutos devidos.

Vardero disse, muito suavemente, às suas costas.

— Meu senhor, há uma chance aí. Uma grande chance.

Era exatamente o que temia que o homem dissesse. Temia porque sabia ser verdade e porque significava agir de novo, e rápido, comprometendo-se com atos perigosos e decisivos. Mas ali, e não no Império, sem voltar para casa, como estivera se preparando para fazer. Uma guerra distante naquela península selvagem e teimosa, onde ele podia perder tudo, a colheita de uma vida, lutando por uma conquista com a qual não se importava.

— É melhor nós agirmos com cuidado — disse Grancial rápido. Alberico sabia que era mais para se opor a Vardero, mas notou aquele *nós*.

Virou-se e encarou friamente o capitão da Segunda Companhia.

— Eu realmente não irei fazer nada sem pensar — disse, colocando uma ênfase clara na primeira palavra. Grancial piscou e desviou os olhos. Siferval sorriu debaixo de seus bigodes loiros e recurvados.

Vardero não sorriu. Sua expressão permaneceu séria e pensativa. Alberico sabia que ele era o melhor dos três. E também o mais perigoso, pois essas duas coisas vinham juntas em um homem como aquele. Alberico contornou sua imensa mesa de carvalho e se sentou novamente. Olhou para o líder da Primeira Companhia e esperou.

— Há uma boa oportunidade agora. Haverá tumulto no oeste, ruptura, ygratheanos indo embora. Devo lhe dizer o que penso? — Sua pele pálida estava rosada com sua excitação crescente. Alberico compreendia aquilo: o capitão via oportunidades para si mesmo, de terras e riquezas.

Seria um erro deixar Vardero falar demais. Ele poderia acabar achando que o plano era seu.

— Sei exatamente o que você está pensando, exatamente as mesmas palavras que você iria falar. Fique calado. Sei tudo o que vai acontecer no oeste, exceto por uma coisa: não sabemos ainda quanto do exército ygratheano vai ficar. Creio que a maioria vai embora, em vez de se rebaixar ao nível do povo que dominou por todos esses anos. Eles não vieram para cá para se tornarem pessoas sem importância na Palma

— Nós — disse Siferval de uma forma contundente — também não.

Alberico controlou sua raiva mais uma vez. Ultimamente, precisava fazer isso muitas vezes com aqueles três. Contudo, eles tinham seus próprios objetivos, seus planos a longo prazo, riqueza e fama estavam nos seus corações. Como deveria ser também para todos os homens ambiciosos no Império. O que mais poderia almejar um sujeito ambicioso?

— Eu sei disso — respondeu, o mais calmo que pode.

— Então, o que faremos? — perguntou Grancial. Era uma pergunta de verdade, não um desafio. Grancial era o mais fraco e, por causa dessa fraqueza, o mais leal dos três.

Alberico levantou os olhos. Para Vardero, não para Grancial.

— Vocês reunirão meus exércitos — disse, deliberadamente devagar, apesar de seu pulso estar muito acelerado. Aquilo era perigoso e talvez fosse definitivo, era o que seu instinto dizia. No entanto, ele também sabia que o tempo e os deuses haviam lhe jogado uma pedra brilhante dos céus e, se não tomasse uma atitude, ela poderia sumir.

— Vocês reunirão os meus exércitos das quatro províncias e os levarão para o norte. Eu os quero reunidos o mais rápido possível.

— Onde? — Os olhos de Vardero estavam praticamente brilhantes de expectativa.

— Ferraut, é claro. Na fronteira norte com Senzio. — *Senzio. A nona. A joia. O campo de batalha*, pensou.

— Quanto tempo levará? — perguntou aos três.

— Não mais do que cinco semanas — respondeu Grancial, rápido.

— Quatro — disse Siferval sorrindo.

— A Primeira Companhia — declarou Vardero — estará na fronteira daqui a três semanas. Pode contar com isso.

— Contarei — disse Alberico e os dispensou.

Em seguida, sentou-se sozinho à sua mesa por um longo tempo, brincando com um peso de papel, pensando em todos os lados daquela situação. De qualquer ângulo que olhasse, tudo parecia se encaixar. Havia poder a ser conquistado ali, além do triunfo. Ele quase podia ver aquela joia radiante caindo pelo ar, sobre água e solo, até a sua mão estendida.

Ele estava agindo. Moldando os acontecimentos ele mesmo, sem ser levado por eles. Seus inimigos estariam vulneráveis, extremamente vulneráveis, até que aquele novo caos se acomodasse no oeste. A escolha de Quileia poderia ser coagida, sem ser escolha nenhuma. O Império seria obrigado a ver, na véspera de sua última viagem para casa, o que sua magia e seus exércitos poderiam fazer. O tempo estava oferecendo uma joia verdadeira, caída dos céus, apenas esperando para ser agarrada e colocada em sua testa.

Sentado a sós enquanto a manhã se iluminava, ainda estava, porém, estranhamente inquieto, tentando se convencer da verdade daquela promessa brilhante. Estava mais do que inquieto, sua boca estava seca e a luz da primavera lhe parecia estranha, quase dolorosa. Perguntou-se se estaria doente. Algo mordiscava seus pensamentos mais obscuros como um rato na escuridão. Ele se forçou a se

concentrar naquilo, tentando fazer a tocha de sua racionalidade cuidadosa olhar para dentro de si e eliminar aquela ansiedade.

Foi quando realmente viu e entendeu, naquele exato momento, o que não poderia ser eliminado ou contado para qualquer alma viva.

Pois a verdade, a venenosa verdade, era que ele estava com medo. Um medo mortal, nos recônditos mais profundos de seu ser, daquele outro homem. De Brandin de Ygrath, agora chamado de Brandin da Palma Ocidental. O nome mudara e o equilíbrio também — dramaticamente.

A verdade daquele medo era exatamente a mesma que existira por quase vinte anos.

Pouco depois, deixou a sala e desceu as escadas para os subterrâneos, para ver como haviam matado o mensageiro.

Alais sabia exatamente por que recebera aquela dádiva sem precedentes de uma viagem com seu pai no *Dama do Mar*: Selvena iria se casar no fim do verão.

Cattini bar Edinio, cujo pai era proprietário de um terreno de bom tamanho com oliveiras e vinhas ao norte de Astibar, além de uma casa de câmbio modesta mas bem sucedida na cidade, pedira a mão da segunda filha de Rovigo no começo da primavera. Rovigo, que fora avisado com antecedência por sua filha, tinha dado sua permissão, uma decisão calculada, entre outras coisas, para prevenir-se da intenção anunciada por Selvena de se matar caso ainda fosse solteira e morasse com os pais no outono. Cattini era honesto e agradável, apesar de um pouco chato. Rovigo já tinha feito negócios com Edinio e gostava dele.

Selvena estava extasiada com os planos do casamento, com a perspectiva de cuidar de sua própria casa — Edinio oferecera ao jovem casal uma pequena casa em uma colina perto de suas vinhas — e, como Rovigo entreteve-a dizer uma noite para as meninas mais novas, com os aguardados prazeres do leito nupcial.

Ele estava contente com a felicidade dela e também esperava ansioso pela celebração do casamento. Se havia momentos de tristeza que ele se esforçava para disfarçar, atribuía-os aos sentimentos normais de um homem que via a sua menina tornar-se uma mulher antes de estar preparado. A visão de Selvena fazendo uma luva vermelha para sua noite de núpcias afetou Rovigo mais do que esperava. Ele se afastou da tagarelice animada, quase febril, que ela derramava na quietude e observadora Alais, e, no meio da agitação cheia de expectativa da casa, algo parecido com tristeza tocou seu espírito.

Alix parecia entendê-lo, talvez melhor do que ele mesmo. Sua esposa adquirira o hábito de lhe dar tapinhas no ombro em momentos inesperados, como se acalmasse uma criatura agitada.

E ele *estava* agitado. Naquela primavera, as notícias do mundo eram imprevisíveis e de consequências imensas. Tropas barbadianas estavam começando a entupir as estradas enquanto se moviam para o norte de Ferraut, na fronteira com Senzio. O recém-declarado Reino da Palma Ocidental não tinha dado nenhuma resposta clara para essa provocação. Pelo menos, nenhuma que tivesse alcançado Astibar. Rovigo não recebera uma palavra de Alessan desde muito antes dos Dias das Brasas, mas tinha sido avisado há muito tempo de que aquela primavera poderia marcar o começo de algo novo.

Havia algo no ar, uma sensação de aceleração e de mudança, que se encaixava no clima primaveril florescente, mas que se tornava, em seguida, uma sensação de perigo com potencial de violência. Ele parecia sentir-se capaz de ouvir e ver isso em toda parte, no ritmo dos exércitos que marchavam, nas vozes mais baixas dos homens nas tabernas, que olhavam rápido demais quando passava pela porta.

Quando acordou uma manhã, Rovigo ficou, em sua cabeça, com uma imagem dos grandes

bancos de gelo que ele vira de relance muitos anos antes, em um lugar bem ao sul, numa longa viagem pela costa de Quileia. Nessa imagem mental, enquanto estava na cama suspenso entre o dormir e o acordar, teve a impressão de ver o gelo se quebrar e as águas do rio começarem a correr novamente, carregando os bancos de gelo que se partiam e se arrastavam até o mar.

Tomando seu khav naquela mesma manhã, de pé na cozinha, anunciou que ia à cidade para ver os equipamentos do *Dama* que usaria em sua primeira viagem da estação, até Tregia, com mercadoria, talvez vinho — talvez o de Edinio — para trocar por uma carga inteira da primeira lã da primavera e de queijo de cabra tregiano.

Foi uma decisão impulsiva, mas não inapropriada. Normalmente, ele fazia uma viagem para o sul, na primavera, mesmo que um pouco mais tarde. Viajava principalmente para negociar, mas também para conseguir informações para Alessan. Estivera fazendo aquilo por anos, pelas duas razões, desde que conhecera Alessan e Baerd em uma longa noite numa taberna do sul. Voltara com o sentimento de uma paixão de alma compartilhada e com uma causa que poderia demorar a vida inteira para acontecer.

Assim, aquela viagem de primavera era parte de sua rotina anual. O que não era rotina, o que estava realmente fazendo por impulso, era sua oferta, entre um gole e outro daquele khav matinal, de levar Alais consigo.

Sua mais velha, seu orgulho, a inteligente. Ele a achava mais linda do que as palavras poderiam descrever. Ninguém pedira sua mão. E, apesar de saber que ela estava realmente feliz por Selvena e que não lamentava por si mesma, esse conhecimento não o impedia de sentir uma tristeza complicada sempre que a via entre a já crescente animação do casamento da irmã.

Perguntou, então, talvez um pouco casualmente demais, se ela queria ir com ele, fazendo Alais, com uma preocupação aguda em seus olhos escuros, desviar o olhar de seu trabalho na cozinha e Alais dizer, mais rápido ainda, com um raro fervor:

— Pela Tríade, é claro que *sim*! Eu adoraria!

Acontece que aquilo era seu sonho.

Um de seus sonhos mais antigos, nunca pedido, nem mesmo mencionado em voz alta. Alais podia sentir o quão forte seu rubor subitamente a denunciava. Observou seus pais trocarem olhares. Houve vezes em que invejara aquela comunhão dos olhos deles. Nenhuma palavra foi dita, pois não pareciam precisar dizê-las quase nunca. Alais viu sua mãe assentir e virou em tempo para ver seu pai sorrir devagar em resposta. Soube que ia para o mar no *Dama* pela primeira vez na vida.

Quisera aquilo por tanto tempo que nem mesmo conseguia se lembrar de um dia no qual aquele desejo não estivera ali. Lembrou-se de quando era uma menininha, leve o bastante para ser levantada nos ombros por seu pai, enquanto sua mãe carregava Selvena, indo até o porto de Astibar para ver o novo navio que seria a chave para a pequena fortuna deles.

E ela o amou tanto. Os três mastros — pareciam tão altos — subindo em direção aos céus, a figura de proa de uma donzela de cabelos escuros, a cobertura azul que brilhava fresca na balaustrada, o estalar das cordas e da madeira. E o próprio porto: o cheiro de piche, pinho, peixe, cerveja, queijo, lã, especiarias e couro; o rumor dos carrinhos carregados com mercadorias indo para alguma parte distante do mundo conhecido ou chegando de lugares distantes cujos nomes lhe pareciam algum tipo de magia.

Um marinheiro vestido de verde e vermelho caminhava com um macaco em seu ombro, e seu pai o chamou com familiaridade. Rovigo estava à vontade ali, conhecia aqueles homens e os lugares exóticos e selvagens dos quais vinham. Ela ouviu gritos e gargalhadas repentinas e vozes elevadas em uma disputa profana sobre o peso disso ou o custo daquilo. Então alguém gritou que havia golfinhos na baía, foi quando seu pai levantou-a nos ombros para que pudesse vê-los.

Selvena começara a chorar com tanta comoção, Alais se lembrava, tiveram que voltar para a

carroça e, em seguida, foram embora, passando pela presença vigilante e sombria dos barbadianos, homens grandes e peludos em cavalos grandes, que protegiam o porto de Astibar. Ela era jovem demais para entender por que estavam ali, mas o silêncio abrupto e o rosto inexpressivo de seu pai ao passar por eles chamaram sua atenção. Mais tarde, aprendeu muito mais, ao crescer na realidade de seu mundo ocupado.

Seu amor por navios e pelo porto nunca sumira. Sempre que podia ia com Rovigo até a água. Era mais fácil no inverno, quando todos se mudavam para a casa na cidade de Astibar, mas, mesmo na primavera, no verão e no começo do outono, ela dava desculpas, arranjava motivos e formas de acompanhá-lo até a cidade, até onde o *Dama* estava ancorado. Ela se maravilhava com a cena e, à noite, sonhava seus sonhos de oceanos se abrindo à sua frente, com a espuma salgada das ondas.

Sonhos. Ela era uma mulher. Mulheres não iam para o mar. E filhas inteligentes e obedientes nunca perturbavam seus pais nem para perguntar sobre isso. Todavia, parecia que, algumas vezes, em manhãs completamente inesperadas, Eanna olhava para baixo, através de suas luzes no céu, e sorria, fazendo algo miraculoso ser oferecido livremente, mesmo sem nunca ter sido procurado.

Ela parecia ser uma boa marinheira, adaptando-se facilmente ao balanço e ao giro do navio nas ondas enquanto a costa de Astibar passava à direita. Navegavam para o norte seguindo a baía, depois faziam o seu caminho pelas ilhas do arquipélago e para a amplidão do mar aberto. Rovigo e seus cinco marujos lidavam facilmente com o navio, de uma forma que parecia precisa e descontraída. Alais estava extasiada, observando tudo naquele mundo desconhecido com uma intensidade que os fazia rir e brincar com ela. Não havia maldade nessas brincadeiras: os cinco homens a conheciam desde pequena.

Balançaram pela ponta norte da península, no que um dos homens chamou de “cabo das tormentas”, embora parecesse, naquele dia de primavera, um lugar calmo e tranquilo. Ela ficou na balaustrada, observando as colinas verdejantes de sua província passarem, encostas descendo até as areias brancas da costa pontilhada de aldeias de pescadores.

Algumas noites mais tarde, houve uma tempestade perto das falésias do norte de Tregea. Rovigo a tinha previsto chegando ao pôr do sol; sentiu-a no ar, mas a linha da costa era rochosa e perigosa ali, sem lugar para se abrigarem. Prepararam-se para as rajadas de vento, a uma distância respeitável da costa para ficarem longe das pedras. Quando a tempestade começou, Alais estava em sua cabine, fora do caminho.

Ficou grata em descobrir que mesmo aquele tempo não a incomodara muito. Não havia nada de agradável nele, sentindo o *Dama do Mar* gemer e se sacudir, coberto na escuridão por chuva e ventos, mas disse a si mesma que seu pai já aguentara coisas muito piores em seus trinta anos de mar. Ela não iria se deixar amedrontar ou perder a compostura por uma rajada de vento do leste.

Fez questão de voltar para o deque assim que sentiu que as ondas e o vento se acalmavam. Ainda estava chovendo, e ela cobriu a cabeça com o capuz. Com cuidado para manter-se fora do caminho dos marujos, ficou no corrimão e olhou para cima. Ao leste, as nuvens que corriam revelavam pedaços de céu limpo, e a luz de Vidomni brilhou rapidamente por entre elas. Mais tarde, o vento diminuiu ainda mais, a chuva parou e as nuvens se abriram, e Alais viu as estrelas brilhantes de Eanna sobre o mar, como uma promessa, como um presente. Respirou fundo o ar fresco e limpo, e sentiu um momento de perfeita felicidade.

Olhou para trás e viu que seu pai a observava. Sorriu para ele. Ele não retornou o sorriso, mas, enquanto se aproximava, ela podia ver que seus olhos estavam ternos e sérios. Ele se apoiou no corrimão ao seu lado, olhando para oeste. A água brilhava em seu cabelo e em sua barba curta que

ainda estava crescendo. Não muito longe, vislumbrava-se uma série de formas escuras e imensas iluminadas pela luz da lua; eram as falésias de Trega que passavam por eles.

— Está em você — disse seu pai em voz baixa, acima do bater e do suspirar das ondas. — Em seu coração e em seu sangue. Você tem mais do que eu herdei de meu pai e do pai dele. — Ficou em silêncio por um instante, sacudindo a cabeça. — Mas, Alais, minha querida, uma mulher não pode viver no mar. Não no mundo em que vivemos.

Seu sonho, claro e brilhante como o brilho da luz branca de Vidomni sobre as ondas. Exposto e destruído em palavras tão simples.

Ela engoliu em seco e disse um discurso há muito ensaiado e nunca proferido:

— Você não teve filhos. Eu sou a mais velha. Você irá se desfazer do *Dama* e de tudo o que você lutou tanto para conseguir quando você... quando você não quiser mais esta vida?

— Quando eu morrer?

Ele falou aquilo delicadamente, mas algo pesado e doloroso se formou, pressionando seu coração. Ela enlaçou sua mão na curva de seu braço, apertando forte, e se aproximou, apoiando sua cabeça no ombro de seu pai.

Ficaram em silêncio, vendo as falésias sucessivas e a luz do luar no mar. O navio nunca ficava quieto, mas ela gostava do barulho que fazia. Nas últimas noites, adormecera ouvindo a litania infinita do *Dama do Mar* como se fosse uma canção de ninar.

— Será que você pode me ensinar? Quer dizer, a ajudar em seus negócios, mesmo que eu não possa navegar — disse, com a cabeça ainda em seu ombro.

Seu pai não respondeu logo. Apoiada nele, podia sentir sua respiração tranquila. As mãos dele estavam unidas sobre o corrimão.

— Isso pode ser feito, Alais. Se você quiser, pode ser feito. Há mulheres cuidando de negócios em toda a Palma. É mais comum serem viúvas, mas não só elas. — Ele hesitou. — Sua mãe poderia continuar isso, acho, se ela quisesse, se tivesse bons conselheiros.

Virou a cabeça para olhá-la, mas ela não levantou a sua de seu ombro.

— Mas é uma vida dura e fria, minha querida. Para uma mulher ou para um homem, sem uma lareira para nos aquecer no fim do dia. Sem amor para nos levar para a frente e para casa.

Ela fechou os olhos ao ouvir aquilo. Algo ali era o cerne de tudo. Eles nunca a pressionaram, nunca a apressaram ou lhe exigiram, apesar de ela ter quase 20 anos e de ser tempo, já tinha passado muito da hora. E ela tivera aquele sonho estranho por muitas noites no inverno que acabara de terminar: ela e uma figura em silhueta contra a lua, um homem, em um lugar alto e desconhecido entre flores, sob o arco das estrelas, o corpo dele abaixando-se contra o dela, suas mãos se erguendo para tocá-lo.

Alais levantou a cabeça e recolheu a mão. Olhou para as ondas e falou com cuidado:

— Eu *gosto* de Cattini. Estou feliz por Selvena. Ela está pronta, esperou muito por isso, e eu acho que ele será bom para ela. Mas, pai, eu preciso de mais do que ela vai ter. Eu não sei o que é, mas preciso de mais.

O pai se mexeu. Ela o viu respirar fundo, deixando o ar sair devagar.

— Eu sei. — Ela o ouviu dizer. — Eu sei que você precisa, minha querida. Se eu soubesse o que, ou como, e pudesse dá-lo a você, eu daria. O mundo e as estrelas de Eanna seriam seus.

Ela chorou, algo que quase nunca fazia. Mas ela o amava e o tinha entristecido, além de ter acabado de falar por duas vezes em sua morte. A lua branca nas falésias e no mar, depois da tempestade, era como algo que nunca conhecera ou que jamais viria a conhecer de novo.

Catriana não conseguia enxergar a estrada enquanto subia o declive do desfiladeiro, mas sabia que

algo estava errado, a julgar pelos sons distantes e pelo modo como Baerd e Sandre permaneciam de pé sobre a grama, junto às árvores, rígidos enquanto observavam. Concluíra, muito tempo antes, que os homens eram muito piores do que as mulheres para esconder seus sentimentos em situações como aquela.

Seu cabelo ainda estava molhado depois de ter nadado na lagoa — seu lugar favorito, pelo qual passavam sempre que iam ou voltavam pelo percurso entre Ferraut e Certando. Apressou o passo para ver o que estava acontecendo.

Os dois não falaram nada quando ela apareceu ao lado. A carroça fora puxada até uma sombra na estrada norte-sul, e os dois cavalos foram deixados livres para pastar. O arco de Baerd e sua aljava repousavam sobre a grama ao lado das árvores, ao alcance da mão, se a necessidade surgisse. Ela olhou para a estrada e viu as tropas de barbadianos passando, marchando e cavalgando, erguendo uma pesada nuvem de poeira ao seu redor.

— Mais homens da Terceira Companhia — disse Sandre, a raiva fria na voz.

— Parece que todos estão indo, não é? — murmurou Baerd, amargo.

Isso era bom, era mais do que bom, era exatamente o que queriam. A raiva e a mágoa eram quase desnecessárias; pareciam surgir como algum instinto masculino instigado pela proximidade do inimigo. Catriana sentia vontade de sacudir os dois.

Era tão óbvio, na verdade. O próprio Baerd explicara isso a ela, Sandre e Alienor de Barso no dia do encontro entre Alessan e Marius de Quileia, nas montanhas, em que o Príncipe cavalgou para oeste com Devin e Erlein.

Naquele dia, enquanto ouvia, forçando-se a manter a compostura na presença de Alienor, Catriana enfim compreendera o que Alessan queria dizer todo aquele tempo quando falara que teriam de esperar até a primavera. Esperavam que Marius dissesse sim ou não. Se arriscaria sua própria coroa instável e sua vida por eles. E, na Passagem de Braccio, ele dissera sim. Baerd contou-lhes um pouco, bem pouco, sobre o motivo. Dez dias depois, ela, Baerd e Sandre permaneciam em vigia no exterior do Forte Ortiz, quando os emissários com a bandeira de Quileia vieram cavalgando ao longo da estrada e foram recebidos com honras em frente às muralhas, escoltados para dentro pelos barbadianos.

Na manhã seguinte, os homens de Quileia continuaram sua cavalgada, sem pressa, descendo a estrada que levava ao norte. Duas horas após sua partida, os portões se abriram novamente, e seis homens deixaram o forte, extremamente apressados. Um deles — Sandre notara — era o próprio Siferval, capitão da Terceira Companhia.

— Está feito — dissera Baerd, com uma espécie de temor na voz. — Eu não posso acreditar, mas acho que conseguimos!

Em pouco mais de uma semana, as primeiras tropas começavam a se deslocar, e souberam que ele estava certo. Só alguns dias depois, enquanto compravam pinturas e roupas na vila de artesãos no norte de Certando, descobriram, tarde demais, o que Brandin de Ygrath fizera em Chiara. O Reino da Palma Ocidental.

— Você gosta de apostas? — perguntara Sandre a Baerd. — Os dados já estão rolando agora, e ninguém poderá segurá-los ou detê-los até que parem.

Baerd não respondeu, mas sua expressão, surpresa, quase chocada, fez com que Catriana desse um passo à frente e colocasse sua própria mão sobre a de Baerd, o que realmente não lhe era algo típico.

Porém, tudo mudara, ou estava mudando. Baerd não era o mesmo desde os Dias das Brasas e sua estadia no Castelo de Barso. Algo acontecera com ele ali também, mas essa parte ele não lhe explicara. Alessan partira junto com Devin — de quem, embora odiasse admitir, ela sentia quase tanta falta dele quanto do Príncipe. Até o seu papel ali, no leste, alterara-se completamente.

Eles haviam esperado pelos emissários nas terras altas, caso algo desse errado. No entanto, agora, Baerd continuava a conduzi-los rapidamente, de cidade em cidade, parando para falar com alguns homens e mulheres sobre os quais Catriana nunca ouvira falar, dizendo-lhes para ficarem preparados, que poderia haver uma rebelião no verão.

Para alguns deles, não muitos, apenas um pequeno grupo, sua mensagem era bastante específica: Senzio. Que seguissem para o norte, até Senzio, antes do verão. *Leve uma arma, se puder.*

E foram aquelas últimas palavras que fizeram Catriana perceber, de forma mais clara e aguda, que o tempo de agir realmente chegara. Era hora. Nada de agitações secretas ou de vigiar enquanto as coisas aconteciam. Os acontecimentos tinham um foco, que, muito em breve, era ou viria a ser Senzio, e eles estavam indo para lá. O que aconteceria, ela ainda não sabia. E, se Baerd sabia, não lhe contara.

Dissera-lhe apenas, e também a Sandre, os nomes de certas pessoas.

Vários nomes. Nomes que mantinha na memória, alguns por mais de uma década. Pessoas que estavam com eles nisso, em quem poderiam confiar. Aqueles que precisavam saber, ali nas províncias governadas por Barbador, que o movimento das tropas de Alberico era o sinal que esperavam para estarem, enfim, prontos. Para que assistissem ao desenrolar dos fatos e estivessem preparados para agir.

Sentavam-se juntos à noite, os três, ao redor de uma fogueira sob as estrelas ou em um canto isolado de uma estalagem, em algum lugarejo ou vila, e Baerd recitava os nomes que precisavam conhecer.

Foi apenas na terceira noite que Catriana percebeu, pouco antes de pegar no sono, que a razão pela qual precisavam conhecer aqueles nomes era para o caso de Baerd morrer, já que Alessan estava distante no oeste.

— Ricaso bar Dellano — dissera Baerd. — Um tanoeiro em Marsilian, a primeira vila ao sul do Forte Ciorone. Nasceu em Avalor. Não pôde ir para a guerra porque é coxo. Falem com ele. Ele não poderá ir até o norte, mas conhece outros por perto e irá espalhar a informação e, se surgir a necessidade de um levante, guiará nosso povo naquele distrito.

— Ricaso bar Dellano — repetia ela. — Em Marsilian.

— Dorrena bren Cullion. Em Delonghi, dentro da fronteira de Tregia, na estrada principal que sai de Ferraut. Ela é um pouco mais velha do que você, Catriana. O pai morreu no Deisa. Ela sabe a quem avisar.

— Dorrena — murmurou Sandre, concentrando-se, enquanto juntava as mãos ossudas. — Em Delonghi.

E Catriana se surpreendia com a quantidade de nomes que parecia haver, em quantas vidas Baerd e Alessan haviam tocado em suas viagens, durante doze anos de movimentação desde o retorno de Quileia, preparando a si mesmos e àqueles outros para um período, uma estação, um momento no futuro — que chegara. O momento que haviam vivido para ver. O coração de Catriana se enchia, então, de esperança, enquanto sussurrava os nomes, de novo e de novo, para si mesma, como se fossem talismãs de poder.

Eles haviam cavalgado durante as semanas seguintes, em meio às flores da primavera, em um ritmo descuidado, disfarçando mal seus papéis como mercadores. Fazendo transações ruins e apressadas por onde passavam, indispostos a permanecer para conseguir barganhas melhores. Paravam apenas para encontrar o homem ou mulher que era importante naquela vila ou conjunto de fazendas, aquele que conhecia os demais e levaria o aviso adiante.

Estavam perdendo dinheiro, mas Alienor lhes dera astúncias suficientes. Catriana, sendo honesta consigo mesma, percebeu que ainda relutava em aceitar o papel que aquela mulher desempenhara nas ações de Alessan, durante tantos anos. Anos nos quais ela própria crescia em ignorância, uma

criança numa vila de pescadores de Astibar.

Certa vez, Baerd a deixou fazer o contato em uma das cidades. A mulher era uma tecelã bastante conhecida por seus talentos. Catriana encontrara a casa na beira da vila. Enquanto se aproximava, dois cachorros latiram para ela e foram acalmados pela suave voz que vinha de dentro. No interior, Catriana encontrou uma mulher apenas um pouco mais nova do que sua mãe. Certificou-se de que estavam sozinhas e, conforme instruída por Baerd, mostrou-lhe o anel de golfinho e lhe deu o nome de Alessan e a mensagem. A mesma mensagem de prontidão dos outros locais. Então, cuidadosamente, disse o nome de outros dois homens e deu a segunda mensagem de Baerd: *Senzio. Verão. Diga para estarem armados se puderem.*

A mulher empalidecera, pondo-se rapidamente de pé quando Catriana começou a falar. Quando a segunda mensagem foi concluída, ela permaneceu ainda um momento sem reação, para, enfim, dar um passo à frente e beijar a boca de Catriana.

— Que a Triade abençoe você e cuide de vocês três — disse ela. — Eu não achei que viveria para ver este dia.

Ela chorava. Catriana sentiu um gosto salgado em seus lábios. Regressara para o sol e voltara para junto de Baerd e Sandre. Eles acabavam de concluir uma compra de doze barris de cerveja de Certando. Uma transação lamentável.

— Estamos indo para o *norte*, seus tolos — exclamou ela, exasperada, tomada por seus instintos comerciais. — Eles não *gostam* de cerveja em Ferraut! Vocês *sabem* disso.

— Então teremos que beber nós mesmos — disse Sandre, subindo em seu cavalo e rindo.

Baerd, que tão raramente costumava rir, mas que mudara bastante desde os Dias das Brasas, começou a gargalhar. Então, sentando-se ao seu lado na carroça enquanto iam para fora da cidade, ela acompanhou o riso, sentindo a brisa fresca que passava por seu cabelo e, ao que parecia, por seu coração.

Naquele mesmo dia, no começo da tarde, chegaram ao pequeno vale que ela amava; Baerd, lembrando-se disso, encostou a carroça fora da estrada, deixando que ela fosse se banhar no lago. Quando retornou, nenhum dos dois estava rindo: apenas observavam os barbadianos passarem.

Com certeza, foi a forma como estavam parados que causou todo o problema. Mas, quando ela os alcançou, já era tarde. E foi principalmente o olhar de Baerd que lhes chamou a atenção. Sandre, sob seu disfarce de khardhuneano, era quase completamente indiferente para os barbadianos.

Mas um mercador, um comerciante menor com apenas uma carruagem e um cavalo magricela, que permanecia encarando friamente um exército que passava por aquela trilha, com a cabeça arrogantemente erguida, sem sequer parecer submisso — tampouco temente diante de tal situação...

A linguagem corporal, pensou Catriana, podia ser ouvida bem demais às vezes. Ela olhou para Baerd ao seu lado, cujos olhos se fixavam, avaliando com frieza a companhia que passava. Concluiu que não era arrogância, tampouco algum tipo de orgulho masculino. Era algo mais, mais antigo. Uma resposta primitiva à demonstração de poder do Tirano, que ele podia esconder com tanto sucesso quanto aquele carregamento de doze barris de cerveja sobre a carroça.

— Pare! — sussurrou ela, firme. Contudo, ao mesmo tempo que o dizia, ouviu um dos barbadianos latir uma ordem sucinta, e meia dúzia deles se separaram da coluna de soldados e galoparam até onde estavam.

A boca de Catriana ficou subitamente seca. Notou que Baerd lançou um olhar para o local em que seu arco repousava, sobre a grama. E mudou sua posição levemente, para poder se mexer melhor. Sandre fez o mesmo.

— O que vocês estão fazendo? — disparou ela. — Lembrem-se de onde estamos!

Ela não teve tempo de dizer mais nada. Os barbadianos chegaram até eles, enormes sobre seus

cavalos, olhando com desdém para um homem e uma mulher da Palma e seu guarda-costas grisalho de Khardhun.

— Não gostei da sua cara — disse o líder, encarando Baerd. Seu cabelo era mais escuro do que o dos outros, mas seus olhos eram pálidos e duros.

Catriana engoliu em seco. Era a primeira vez em mais de um ano que eles enfrentavam barbadianos de maneira tão direta. Ela abaixou os olhos, esperando que Baerd se acalmasse e dissesse as coisas certas.

O que ela não sabia, pois ninguém que estava ali poderia saber, era o que Baerd via naquele momento.

Ele não via seis barbadianos numa estrada em Certando, mas sim seis soldados ygratheanos na praça diante da casa de seu pai, tanto tempo antes. Tantos anos antes. A memória ainda estava afiada como uma ferida feita no dia anterior. Todas as medidas normais de tempo pareciam ruir e se esvaír em ocasiões como aquela.

Baerd se forçou a desviar seu olhar diante da expressão ameaçadora do barbadiano. Sabia que cometera um erro, sabia que era um erro que sempre cometeria se não tomasse cuidado. Estivera, entretanto, eufórico demais, deixando-se levar por uma onda de emoção, enquanto assistia à coluna de soldados, marchando como se dançassem sob a melodia que ele e Alessan tocavam. Mas ainda era cedo, cedo demais, e tantas coisas ainda eram incertas e desconhecidas naquele futuro. Eles precisavam estar vivos para ver o futuro, ou tudo teria sido em vão. Anos e vidas, a paciente transformação de sonhos em realidade.

Ele disse, com olhos e voz baixos:

— Sinto muito se os ofendi. Estava apenas admirando a tropa. Não temos visto tantos soldados assim pelas estradas nos últimos anos.

— Saímos da frente para abrir caminho para os senhores — completou Sandre, com sua voz profunda.

— Você! Silêncio! — disparou o líder barbadiano. — Se eu quiser conversar com serviçais, eu o avisarei.

Um dos outros comandou o cavalo para avançar em direção a Sandre, forçando-o a dar um passo para trás. Catriana, atrás dele, sentiu suas pernas fraquejarem. Ela esticou os braços e se agarrou no corrimão da carroça, apoiando-se; suas mãos estavam úmidas de pavor. Ela viu dois dos barbadianos analisando-a entre sorrisos e notou, de repente, que suas roupas deveriam estar grudando em seu corpo, depois de nadar no lago.

— Perdoe-nos — repetiu Baerd, em um tom camuflado. — Não queríamos causar problema nenhum.

— Verdade? E por que você estava contando nossos homens?

— Contando? Seus homens? Por que eu faria algo assim?

— Diga-me você, mercador.

— Não foi nada disso — protestou Baerd, amaldiçoando-se em pensamento por ter cometido um erro tão amador. Após doze anos, um desleixo como esse! A situação estava ficando fora de controle e, de fato, estivera contando os soldados barbadianos. — Somos apenas comerciantes. Apenas pequenos comerciantes.

— Com um guerreiro khardhuneano como guarda? Acho que não são tão pequenos assim.

Baerd piscou e apertou as mãos com força. Cometera um erro terrível. Aquele homem era perigosamente inteligente.

— Eu temia por minha esposa — disse ele. — Há rumores bastante preocupantes sobre bandidos no sul.

Era verdade. Havia, na realidade, mais do que rumores. Vinte e cinco barbadianos haviam

sido assassinados em uma passagem. Ele tinha razoável certeza de que Alessan participara daquilo.

— Por sua esposa ou por seus produtos? — zombou um dos barbadianos. — Sabemos bem o que é mais importante para pessoas como você.

Ele olhou para além de Baerd, para onde estava Catriana, com um olhar vago de pálpebras pesadas. Os outros soldados riram. Baerd rapidamente abaixou a cabeça de novo; não queria que vissem a morte presente em seus olhos. Lembrava-se daquela risada, de sua ressonância. Até onde ela poderia levar. Até onde levava, em uma praça de Tigana, há dezoito anos. Permanecia em silêncio, o desejo de matar em seu coração, amarrado firme em sua memória.

— O que você está carregando? — cuspiu o primeiro barbadiano, sua voz golpeando como um porrete.

— Cerveja — disse Baerd, apertando as mãos. — Apenas alguns barris de cerveja para o norte.

— Cerveja para *Ferraut*? Você é um mentiroso. Ou um tolo.

— Não, não — apressou-se em responder Baerd. — Não para Ferraut. Conseguimos um preço muito bom. Onze astins o barril. Bom o suficiente para valer todo o caminho até o norte. Estamos levando isso até Astibar. Podemos vendê-los lá por três vezes esse valor.

Algo que seria verdade, se não tivessem pagado 23 astins por cada um dos barris.

O líder gesticulou e dois barbadianos desmontaram de seus cavalos. Abriram um dos barris usando suas espadas como alavancas. O aroma pungente da cerveja de Certando encheu o ar. O líder olhou, viu seus homens acenarem positivamente e voltou-se para Baerd. Havia um sorriso malicioso em seu rosto.

— Onze astins o barril? Realmente, é um bom preço. Tão bom que, mesmo um mercadorzinho ambicioso, não hesitaria em doá-los para o exército de Barbador que defende você e os de sua laia.

Baerd já esperava por isso. Tomando cuidado para não sair de sua personagem, balbuciou:

— Se... se é o que deseja, então, sim. Vocês... vocês se importariam de comprá-los, ao menos pelo valor que eu paguei?

Houve silêncio. Atrás dos seis barbadianos, o exército ainda marchava, descendo a estrada. Já quase passara inteiro por eles. Ele possuía um bom palpite de quantos eram. Então o homem no cavalo à sua frente sacou a espada. Baerd ouviu Catriana fazer um pequeno ruído logo atrás. O barbadiano se recurvou sobre o pescoço de seu cavalo, arma estendida, e delicadamente tocou a bochecha barbada de Baerd com a parte lisa da espada.

— Nós não barganhamos — disse suavemente. — E nem roubamos. Nós aceitamos presentes. Ofereça-nos um presente, mercador. — Ele moveu a espada um pouco. Baerd podia senti-la picando e queimando seu rosto.

— Por favor, aceite... por favor, aceite essa cerveja de nós, como um presente aos homens da Terceira Companhia — disse ele. Com esforço, mantinha os olhos distantes do rosto do soldado.

— Ora essa. Obrigado, mercador — respondeu, com um sarcasmo lento. Devagar, deslizando pelo rosto de Baerd como uma carícia maligna, ele retirou a espada. — E já que você nos deu esses barris, certamente não nos negaria o cavalo e a carroça que os leva, não é?

— Leve também a carroça — Baerd pegou-se dizendo. Subitamente, sentia como se estivesse saindo de seu corpo, como se estivesse flutuando sobre a cena, olhando para baixo.

E foi daquele ponto, alto e separado, que ele parecia ver os barbadianos pegando seu veículo. Eles prenderam o cavalo novamente na carroça. Um deles, mais jovem do que os outros, jogou a bagagem e a comida no chão. Ele olhou de volta para Catriana, timidamente, um pouco envergonhado, e montou rápido no cavalo, e a carroça voltou-se devagar para o caminho trilhado pela coluna de soldados barbadianos. Os outros cinco homens, levando seu cavalo, seguiram-no. Eles riam. Deram aquele tipo de gargalhada que brotava facilmente entre grupos de homens, certos de onde estavam e de como suas vidas corriam. Baerd lançou outro olhar para seu arco. Tinha certeza

de que conseguiria matar os seis, começando pelo líder, antes que alguém pudesse intervir.

Mas não se mexeu. Nenhum dos três se mexeu, até que a última coluna não pudesse mais ser vista; a carruagem balançando atrás deles. Baerd se virou e olhou para Catriana. Ela tremia, mas ele a conhecia bem o suficiente para saber que era mais de raiva do que de medo.

— Sinto muito — disse, estendendo a mão e tocando-lhe o ombro.

— Eu poderia matar você, Baerd, por me dar um susto desses.

— Eu sei — respondeu. — E eu mereceria essa morte. Eu os subestimei.

— Poderia ter sido pior — interveio Sandre, como se puxando assunto.

— Um pouco — soltou Catriana, com acidez. — Poderíamos estar todos mortos agora.

— Isso certamente seria bem pior — concordou Sandre, sério.

Levou ainda um momento para que ela percebesse que Sandre estava zombando dela.

Surpreendeu-se ao se pegar rindo, um tanto descontroladamente. Sandre, com o rosto negro e sóbrio, também disse algo bastante inesperado:

— Você não tem ideia — murmurou — do quanto eu gostaria que você fosse do meu sangue.

Minha filha, minha neta. Você me permite ter orgulho de você?

Ela estava tão surpresa que não conseguiu pensar em nada para dizer. Um instante depois, profundamente comovida, deu um passo adiante e beijou-lhe o rosto. Ele passou o braço longo e magro ao redor dela e a abraçou contra o peito, cuidadosamente, como se ela fosse algo muito frágil ou muito precioso — ou as duas coisas. Ela não conseguia se lembrar da última vez que alguém a abraçara daquele modo.

Ele deu um passo atrás, pigarreando desajeitadamente. Ela viu que a expressão de Baerd era peculiarmente suave, enquanto olhava para os dois.

— Isso é tão bonito — soltou ela, propositadamente seca. — Devemos passar o dia aqui, dizendo uns aos outros o quão somos fantásticos?

Baerd sorriu.

— A ideia não é ruim, mas também não é das melhores. Acho que teremos que voltar até onde compramos a cerveja. Precisaremos de outra carroça e de um cavalo novo.

— Ótimo. Eu aceitaria um copo de cerveja — disse Sandre.

Catriana olhou-o novamente, notou seu olhar de esguelha, e riu. Sabia o que ele estava fazendo, mas não tinha imaginado que conseguiria rir novamente tão cedo depois de ver uma espada sobre o rosto de Baerd daquele jeito. Ele pegou seu arco e sua aljava sobre a grama.

Colocaram a bagagem nos ombros e fizeram Catriana montar no cavalo que restara. Sandre disse que nada pareceria mais correto. Ela quis discutir, mas não conseguiu. Na verdade, estava secretamente agradecida pela oportunidade de ir a cavalo; seus joelhos ainda estavam fracos.

Por conta do exército que passara, a estrada encontrava-se cheia de poeira por quase cinco quilômetros, por isso mantiveram-se sobre a grama que a ladeava. O cavalo se assustou com um coelho e, antes que Catriana pudesse sequer registrar o fato, Baerd atirou uma flecha, e o animal estava morto. Numa fazenda adiante, eles o trocaram por um jarro de cerveja, um pouco de pão e queijo, e continuaram.

Mais tarde naquele mesmo dia, quando enfim chegaram à vila, Catriana se convenceu de que o incidente tinha sido infeliz, mas sem grande importância.

Oito dias depois, encontravam-se na cidade de Tregæa. Não viram nenhum soldado na semana que se passara, já que caminhavam longe das estradas principais. Deixaram a nova carruagem e os novos produtos na estalagem de costume e desceram até o bazar central. Era fim de tarde, um dia quente de primavera. Olhando para o norte, entre os prédios e além das docas, Catriana pôde ver os

mastros dos primeiros navios que subiam o rio depois do inverno. Sandre parou junto a um curtidor de couro para consertar o cinto no qual levava sua espada. Enquanto ela e Baerd seguiam pela praça lotada, um mercenário barbadiano mais velho do que o normal, manco e provavelmente bêbado, saiu de uma taberna, viu-a, e cambaleou para apalpar-lhe, desajeitado, os seios e a região entre as pernas.

Ela gritou — mais de susto do que de qualquer outra coisa.

E, um momento depois, desejou com todo o coração que não o tivesse feito. Baerd, logo à sua frente, se virou, viu o homem e, com o mesmo reflexo que matara o coelho, atingiu o barbadiano com um golpe colossal na lateral da cabeça.

Catriana soube — soube naquele momento, com absoluta certeza — que ele não acertava apenas um guarda bêbado, mas também o oficial que o tocara com a espada uma semana antes em Certando.

Um súbito silêncio horrorizado se formou ao redor. Então murmúrios e balbucios. Olharam-se por um segundo fugaz e embaçado.

— Corra! — A ordem de Baerd saía às pressas. — Encontre-me hoje à noite, no lugar em que você subiu o rio, no inverno. Se eu não estiver lá, sigam sozinhos. Vocês conhecem os nomes. Não faltam muitos. Que Eanna guarde vocês!

Ele partiu, cruzando a praça, correndo pelo caminho por onde vieram. Um grupo de mercenários rompia rapidamente a multidão, vindo em direção a eles. O homem no chão não se moveu. Catriana não esperou para ver se ele estava vivo. Correu na outra direção, o mais rápido que conseguia. Do canto de seus olhos, viu ainda Sandre, observando-os da barraca do curtidor, seu rosto em choque. Teve o cuidado desesperado de não olhar para ele e não correr em sua direção. Que um deles, ó, por favor, Triade, que ao menos *um* deles conseguisse sair daquele lugar vivo e livre, sabendo os nomes e carregando ainda o sonho rumo ao levante do verão.

Ela disparou por uma rua abarrotada, virando subitamente à esquerda no primeiro dos becos que formavam a parte mais velha de Tregæa, próxima ao rio. Sobre sua cabeça, os andares superiores das casas pareciam querer se tocar, e o que restava da luz do sol era completamente bloqueado, em certos pontos, pelas pontes que ligavam os prédios deteriorados em cada lado da rua.

Ela olhou para trás e viu que quatro dos mercenários a seguiam, gritando enquanto desembestavam pelos becos. Um deles gritou um comando para que parassem. Se algum deles tivesse um arco, pensou Catriana, provavelmente estaria morta dentro dos segundos seguintes. Esquivando-se de um lado para outro, ela dobrou à direita, descendo por uma passagem estreita e, então, virou outra vez à direita, assim que conseguiu, retomando a direção pela qual viera.

Na lista de Baerd, havia três nomes ali em Tregæa, e sabia onde dois deles poderiam ser encontrados. Mas era tolice pensar que poderia pedir socorro a algum deles, não com os barbadianos tão perto e atrás dela. Teria que escapar da perseguição sozinha se conseguisse, e deixar que Sandre fizesse o contato. Ou Baerd, se ele sobrevivesse.

Ela se abaixou sob as roupas lavadas que alguém pendurara e se enfiou à sua direita, em direção ao rio. Havia pessoas conversando nas alamedas, olhando com curiosidade para a mulher que passara correndo. Sabia muito bem que aqueles olhares mudariam em um instante quando os barbadianos passassem em disparada atrás dela.

As ruas eram um emaranhado de labirintos. Não tinha certeza de onde estava; sabia apenas que o rio estava ao norte. Em intervalos esparsos, conseguia ver, de relance, os mastros dos navios. Mas a beira do rio seria muito perigosa, muito aberta e exposta. Ela se virou outra vez para o sul, seus pulmões desesperados por ar. Atrás de si, ouviu o som de coisas quebrando e, então, uma cacofonia de gritos e xingamentos furiosos.

Cambaleou, virando a esquina seguinte à direita. A cada instante, a cada curva, achava que

aquela confusão de becos a levaria direto até seus perseguidores. Se eles tivessem se espalhado, ela certamente estaria acabada. Uma carroça bloqueava o caminho. Encostou o corpo contra a parede e se esgueirou pela lateral do veículo, chegando à outra encruzilhada de becos. Dessa vez, disparou reto, passando por meia dúzia de crianças em um jogo de saltar com cordas. Virou em seguida.

Foi agarrada, com força, logo acima do cotovelo direito. Começou a gritar, mas uma mão cobriu rapidamente sua boca. Tentou mordê-la, contorcendo-se violentamente enquanto tentava escapar. De repente, ficou paralisada de espanto.

— Calma, meu bem. Venha por aqui — disse Rovigo d’Astibar, tirando a mão de sua boca. — Sem correr. Eles estão duas ruas à frente. Finja que está andando comigo.

Com a mão no braço dela, guiou-a rapidamente até uma ruazinha pequena e quase deserta. Olhou para trás uma vez e a empurrou porta adentro numa loja de tecidos.

— Agora agache-se atrás do balcão, rápido.

— Como você...?

— Vi vocês na praça. Segui-a até aqui. Mexa-se, menina!

Assim ela fez. Uma velha pegou sua mão e a apertou, levantando o balcão para Catriana passar abaixada. Jogou-se no chão. Um instante depois, o balcão levantou novamente, e seu coração parou ao ver uma sombra acima dela, segurando algo longo e comprido.

— Perdoe-me — sussurrou Alais bren Rovigo, ajoelhando-se ao seu lado. — Meu pai acha que seu cabelo vai denunciá-la quando sairmos daqui.

Ela ergueu a tesoura. Catriana ficou paralisada por um momento, mas depois fechou os olhos sem dizer nada e lentamente se virou de costas para a outra mulher. No instante seguinte, sentiu suas longas madeixas ruivas sendo unidas e puxadas. As longas lâminas da tesoura de cortar tecido passaram livres em uma linha acima dos seus ombros, cortando, em um momento nas sombras, o cabelo de uma década.

Houve um barulho do lado de fora, um tilintar e gritos roucos. O barulho se aproximou, alcançando-os e passando por eles. Catriana percebeu que estava tremendo. Alais tocou seu ombro e tirou a mão devagar. Do outro lado do balcão, a velha se movia tranquilamente nas sombras de sua loja. Não conseguia ver Rovigo em lugar nenhum. A respiração de Catriana estava entrecortada e seu lado direito doía, devia ter batido em alguma coisa em sua insana correria, mas não se lembrava.

Tinha algo no chão ao lado de seu pé. Abaixou-se e recolheu a densa cortina vermelha que era seu cabelo cortado. Tinha sido tão rápido que ela mal tivera tempo de perceber o que estava acontecendo.

— Catriana, eu sinto muito — sussurrou Alais de novo. Havia uma tristeza genuína em sua voz.

Catriana balançou a cabeça.

— Nada... isso é menos que nada — disse ela. Era difícil falar. — Apenas vaidade. O que importa?

Ela estava chorando. Suas costelas doíam terrivelmente. Ergueu a mão e tocou os vestígios tosquiados de seu cabelo. Virou-se um pouco de lado, no chão da loja, abaixada atrás do balão, e apoiou a cabeça cansada no ombro da outra mulher. Os braços de Alais a envolveram, abraçando-a enquanto Catriana chorava.

Do outro lado do balcão, a velha zumbia desafinadamente para si mesma enquanto dobrava e separava tecidos de muitas cores e texturas, trabalhando sob a luz fraca da tarde que se filtrava pela rua, em um quarteirão onde as casas inclinadas bloqueavam a maior parte do sol.

Baerd estava deitado na penumbra, perto do rio, lembrava-se de como fazia frio na última vez em

que estivera ali, esperando com Devin, em um pôr do sol de inverno, para ver Catriana chegar flutuando até eles.

Despistara os soldados horas antes. Conhecia Tregua muito bem. Ele e Alessan viveram ali por mais de um ano depois de voltarem de Quileia, julgando acertadamente que aquela província selvagem e montanhosa seria um bom lugar para procurar e alimentar as lentas chamas da revolução.

Eles tinham procurado, principalmente, o único homem que nunca encontraram, um capitão do cerco de Borifort, mas descobriram outros com quem falaram sobre a causa e a ela se uniram. Voltaram ali muitas vezes durante os anos, na cidade em si e nas montanhas de sua distrada, encontrando na vida dura e humilde daquela província uma força e uma determinação simples que ajudou os dois a suportar os caminhos de suas vidas, terrivelmente lentos e tortuosos.

Ele conhecia o labirinto das ruas da cidade infinitamente melhor do que os barbadianos por ali. Sabia quais casas podiam ser escaladas facilmente, quais telhados se ligavam a outros e quais deveria evitar por darem em perigosos becos sem saída. Era importante, na vida que levavam, saber essas coisas.

Ele cortara para o sul e depois para leste do mercado; em seguida, subira para o telhado da Curva do Pastor — a velha taberna que frequentavam ficava ali —, usando a cobertura da pilha de lenha como apoio. Ele se lembrou de ter feito a mesma coisa anos antes, evitando a guarda noturna depois do toque de recolher. Correndo abaixado e rápido, cruzara dois telhados e atravessara uma rua, rastejando por uma das pequenas pontes cobertas que ligavam as casas dos dois lados.

Atrás dele, isto é, muito atrás dele, ouviu os sons da perseguição sendo atrapalhada por coisas aparentemente aleatórias. Podia adivinhar o que seriam: uma carroça de leite com uma roda solta, uma multidão que se juntara rapidamente para assistir dois homens brigando na rua, um barril de vinho que derramara ao ser transportado para uma taberna. Ele conhecia Tregua, logo conhecia o espírito de seu povo.

Em pouco tempo estava bem longe da praça do mercado, tendo coberto aquela distância totalmente de telhado em telhado, fugindo com pés leves, sem ser visto. Poderia quase ter se divertido, se não estivesse tão preocupado com Catriana. Nas bordas mais altas de Tregua, ao sul, as casas ficavam mais altas e as ruas, mais largas. Sua memória não falhou: ele sabia que caminhos tomar para continuar subindo até chegar à casa que procurava e pulou para seu telhado.

Ficou ali por algum tempo, atento aos sons de alarme na rua abaixo, mas só ouviu o movimento normal do fim de tarde e, assim, Baerd tirou a chave de seu velho esconderijo, embaixo da única telha queimada, destrancou a porta do telhado e escorregou, sem barulho, para o sótão de Tremazzo.

Desceu a porta atrás de si e esperou que seus olhos se ajustassem à escuridão. Embaixo, na loja do boticário, podia ouvir claramente as vozes e rapidamente notou o rugido inconfundível da voz de barítono de Tremazzo. Fazia muito tempo, mas algumas coisas pareciam nunca mudar. Ao seu redor, pôde sentir sabonetes e perfumes, e os cheiros, ácidos ou doces, de vários medicamentos. Quando conseguiu ver alguma coisa na escuridão, achou a poltrona surrada que Tremazzo costumava deixar ali para eles e se afundou nela. O gesto trouxe lembranças de muitos anos. Algumas coisas não mudavam.

Por fim, as vozes ficaram em silêncio. Ouvindo atentamente, percebeu que apenas aquela voz inconfundível continuava na loja. Inclinando-se, arranhou deliberadamente o chão, o som que um rato faria — bastariam três rápidos arranhões, e depois mais um. Três para a Triáde como um todo e uma para o deus sozinho. Tregua e Tigana compartilhavam uma ligação antiga com Adaon e estavam começando a pensar em marcá-la.

Ouviu os passos abaixo pararem, para, logo depois, voltarem ao seu ritmo, como se nada

tivesse acontecido. Baerd se reclinou na poltrona para esperar.

Não demorou muito. O dia já estava no fim, quase na hora de fechar a loja mesmo. Ouviu Tremazzo limpando o balcão e o chão e, em seguida, a batida da porta da frente ao ser fechada; o clique da tranca sendo colocada no lugar. Um momento depois, a escada foi colocada no local exato, passos subiram, a porta no chão foi aberta e Tremazzo entrou no sótão carregando uma vela. Estava bufando devido ao esforço, mais pesado do que nunca.

Colocou a vela em um caixote e ficou parado, as mãos em seus quadris largos, olhando para Baerd. Suas roupas eram finas e sua barba negra estava muito bem aparada. E cheirosa, como percebeu Baerd logo depois.

Sorrindo, ele se levantou e gesticulou para as roupas de Tremazzo, fingindo farejar o ar. O boticário fez uma careta.

— Clientes — grunhiu ele. — É a moda atual, é o que querem de uma loja como a minha. Logo, isso aqui vai estar tão ruim quanto Senzio. Foi você que causou toda essa confusão e o tumulto de tarde?

E nada mais: sem cumprimentos, sem afetos excessivos. Tremazzo sempre era assim, frio e direto como o vento que vinha das montanhas.

— Acho que sim — respondeu Baerd. — O soldado morreu?

— Claro que não — disse Tremazzo em seu familiar jeito desdenhoso. — Você não é forte o bastante para isso.

— Sabe se alguma mulher foi capturada?

— Não que eu saiba. Quem é ela?

— Uma de nós, Tremazzo. Agora, escute, pois tenho grandes novidades e preciso que você encontre um guerreiro de Khardhun e lhe entregue uma mensagem por mim.

Os olhos de Tremazzo se arregalaram brevemente quando Baerd começou a falar, depois se estreitaram, concentrados, enquanto a história se desenrolava. Não demorou muito para explicar. O homem tinha um pensamento muito ágil. O corpulento boticário não era alguém para se aventurar ao norte, em Senzio, mas podia contatar outros que eram e contar as novidades a eles. E ele poderia encontrar Sandre na hospedaria. Tremazzo desceu a escada mais uma vez e voltou, bufando, com um pão e um pouco de carne fria, além de uma garrafa de um bom vinho para acompanhar.

Suas palmas se tocaram brevemente, e então Tremazzo o deixou para ir buscar Sandre. Sentado no meio dos diversos itens estocados acima da loja de um boticário, Baerd comeu e bebeu esperando a escuridão chegar. Quando teve certeza de que o sol tinha se posto, deslizou para o telhado de novo e voltou para o norte pela cidade. Depois de um tempo, desceu para o chão e, tomando cuidado com as tochas da guarda, caminhou para o leste pelas ruas tortuosas até o ponto, no fim da cidade, aonde Catriana tinha retornado após seu salto no inverno. Ali, ele se sentou na grama ao lado do rio, naquela noite quase sem vento, e se preparou para esperar.

Nunca pensou de verdade que seria pego. Ele tinha vivido daquele jeito por muitos anos, seu corpo afiado e endurecido, sentidos aguçados, uma mente rápida para lembrar detalhes, para encontrar e agir quando a oportunidade aparecesse.

Nada disso explicava ou desculpava o que ele tinha feito para colocá-los naquela situação. Seu golpe impulsivo no barbadiano bêbado fora um ato de estupidez irracional, mesmo sendo algo que a maioria das pessoas desejasse fazer uma vez ou outra. Na Palma dos tiranos, você tinha que suprimir esse desejo ou morrer. Ou ver as pessoas de quem gostava morrer.

O que o levou de volta para Catriana. Na escuridão estrelada da primavera, lembrou-se dela emergindo como um fantasma da água no inverno. Ele ficou em silêncio na grama, pensando nela e, previsivelmente, depois de um tempo, em Elena. Então, como sempre e para sempre, certo como o nascer e o pôr do sol ou a mudança das estações, em Dianora, que estava morta ou perdida em

algum lugar do mundo.

Ouviu um farfalhar, muito baixo para ser alarmante, nas folhas de uma árvore logo atrás de si. No momento seguinte, uma trialla começou a cantar. Ele a ouviu, o rio fluindo, sozinho e à vontade na escuridão. Era um homem moldado e definido pela sua necessidade de solidão e pela lembrança silenciosa de suas memórias.

E seu pai, de fato, tinha feito a mesma coisa perto do Deisa, na noite antes de morrer.

Em pouco tempo, uma coruja piou na direção oeste da margem do rio. Ele piou de volta, silenciando o canto da trialla. Sandre surgiu, em silêncio, quase sem amassar a grama. Abaixou-se e se sentou, resmungando um pouco. Entreeolharam-se.

— Catriana? — perguntou Baerd.

— Não sei. Mas acho que não foi pega. Eu teria ouvido, pois fiquei na praça. Vi os guardas voltarem. O homem que você acertou está bem. Depois, já estavam rindo dele. Acho que isso vai passar.

Baerd deixou seus músculos relaxarem e disse, para começar uma conversa:

— Eu sou um grande idiota às vezes, você percebeu?

— Não mesmo. Você precisa me contar sobre isso algum dia. Quem é aquele homem imenso que me abordou?

— Tremazzo. Ele já está conosco há bastante tempo. Nós usávamos o seu estoque no sótão para encontros quando morávamos aqui, e mesmo depois.

Sandre grunhiu.

— Ele me encontrou fora da hospedaria e me ofereceu uma poção para garantir o desejo de qualquer mulher ou garoto que eu quisesse.

Baerd percebeu que estava sorrindo.

— Os rumores dos hábitos de Khardhun o precedem.

— Evidentemente. — Os dentes brancos de Sandre brilharam no escuro. — Mas foi por um bom preço. Comprei duas garrafas.

Rindo silenciosamente, Baerd experimentou uma sensação curiosa, como se seu coração estivesse se expandindo na direção do homem ao seu lado. Lembrou-se de Sandre na noite em que o encontraram, quando todos os planos de sua velhice haviam sido desfeitos; quando um final definitivo e selvagem chegou para toda a família Sandreni. Uma noite que não teria terminado se o Duque não tivesse usado sua magia para entrar na masmorra de Alberico e matar seu próprio filho, Tomasso. *Qualquer mulher ou garoto que eu quisesse.*

Baerd sentiu-se diminuído pela força do velho ao seu lado. Em nenhuma ocasião, em mais de seis meses de viagem dura, através do frio cortante e dos caminhos estragados do inverno, Sandre sequer pedira para pararem ou diminuírem o ritmo. Nem uma vez ele reclamou de uma tarefa, mostrou cansaço ou demorou para se levantar na umidade do fim da madrugada na estrada. Tampouco deu qualquer sinal da raiva e da tristeza que provavelmente o sufocavam quando notícias chegavam até eles sobre mais homens mortos nas rodas em Astibar. Ele se entregara totalmente a eles, como um presente: seu conhecimento da Palma, do mundo e, principalmente, de Alberico; toda uma vida vivida com sutileza e liderança oferecida sem arrogância ou reserva, sem deixar nada de fora.

Eram homens como aquele que tinham sido a glória e a dor da Palma nos dias antes de sua queda, Baerd pensou. Glória na grandeza de seu poder, e dor em seu ódio e em suas guerras que haviam deixado os tiranos conquistarem as províncias uma a uma, em seu orgulho solitário.

E sentado ali, ao lado do rio na escuridão, Baerd sentiu novamente, no fundo de seu coração, a certeza de que o que Alessan estava fazendo — o que ele e Alessan estavam fazendo — era certo; que seu objetivo valia toda a luta para conseguir a integridade da Palma, com os tiranos expulsos e as

províncias unidas, partilhando os anos vindouros. Um objetivo que valia todos os dias e noites da vida de um homem, sendo alcançado ou não, apenas pela possibilidade de se tornar real. Um objetivo que estava ao lado e unido àquela outra coisa amarga e imensa que era Tigana e seu nome.

Algumas coisas eram difíceis para Baerd bar Saevar, quase impossíveis mesmo, e o eram desde que sua juventude tinha sido arrancada no ano em que Tigana caíra. Mas ele dormira com uma mulher na última Noite das Brasas, em um lugar de magia profunda, e naquela escuridão esverdeada sentira-se como se as amarras inflexíveis que atavam e prendiam seu coração estivessem se soltando. Aquele lugar também estava escuro, quieto, com o rio fluindo, e coisas que ele temia não estar vivo para ver começavam a acontecer na Palma.

— Meu senhor — disse ele em voz baixa para o velho sentado ao seu lado —, sabia que passei a amá-lo nesse tempo em que estivemos juntos?

— Pela Tríade! — respondeu Sandre, talvez rápido demais. — E eu nem lhe dei a poção!

Baerd sorriu sem dizer nada, capaz de perceber as próprias amarras internas do Duque. Logo depois, porém, ele ouviu Sandre murmurar, em uma voz muito diferente.

— E eu amo você, meu amigo. Todos vocês. Vocês me deram uma segunda vida e uma razão para vivê-la, até mesmo a esperança de que um futuro digno de ser conhecido está à nossa frente. Por isso, vocês têm o meu amor até que eu morra.

Sério, ele levantou a palma, e os dedos dos dois homens se tocaram na escuridão. Estavam assim, sentados, sem se moverem, quando ouviram o som de um remo bater gentilmente na água. Os dois se levantaram em silêncio, as mãos nas espadas, até que ouviram o pio de uma coruja vindo da água.

Baerd respondeu baixinho e, logo depois, um pequeno barco bateu delicadamente contra a margem e Catriana desembarcou.

Quando a viu, Baerd suspirou aliviado. Tinha estado mais preocupado com ela do que jamais confessara. Havia um homem atrás dela no barco, segurando os remos, mas as luas ainda não tinham surgido e Baerd não conseguiu ver quem era.

— Foi um golpe e tanto — disse Catriana. — Devo me sentir lisonjeada?

Sandre, atrás dele, deu uma risada. Baerd sentiu que seu coração podia explodir de orgulho por aquela mulher, pela sua coragem calma, quase casual.

— Você não deveria ter gritado — disse, controlando a voz com esforço. — Metade de Tregæa pensou que você estivesse sendo atacada.

— Bem — disse ela, seca. — Perdoe-me. Eu também não sabia ao certo.

— O que aconteceu com seu cabelo? — perguntou Sandre de repente, e Baerd, indo para o lado, viu que ele realmente tinha sido cortado, em uma linha irregular acima do ombro.

— Estava me atrapalhando. — Ela deu de ombros, com indiferença exagerada. — Nós decidimos cortá-lo.

— Nós? — perguntou Baerd. Por dentro, lamentava por ela, pelo jeito indiferente forçado. — Quem está no barco? Presumo que seja um amigo, já que estamos aqui.

— E presume certo — o próprio homem no barco respondeu. — Apesar de que, devo dizer, eu teria encontrado um lugar melhor para um encontro de negócios.

— *Rovigo!* — murmurou Baerd, surpreso e sentindo uma onda de alegria. — Que prazer revê-lo. Faz muito tempo.

— *Meu senhor d'Åstibar?* — disse Sandre de repente, dando um passo para a frente. — É ele mesmo?

— *Pensei* que conhecia essa voz — disse Rovigo, colocando os remos no barco e se levantando abruptamente. Baerd foi rápido até a margem para equilibrar o barco. Rovigo deu dois passos precisos e pulou para além dele até a margem. — Realmente conheço, mas não posso acreditar que a

estou escutando. Em nome de Morian dos Portais, você voltou dos mortos, meu senhor?

Mesmo enquanto ele falava, ajoelhou-se na grama alta diante de Sandre, Duque de Astibar. Para o leste, onde o rio encontrava o mar, Ilarion surgia, derramando sua luz azul pela água e pelas ondas de relva da margem.

— De certa forma, eu voltei — disse Sandre. — Com minha pele um pouco alterada pelo talento de Baerd.

Ele estendeu as mãos e fez Rovigo se levantar. Os dois homens se olharam.

— Alessan não quis me contar no último outono, mas disse que eu ficaria contente quando soubesse quem era meu outro parceiro — sussurrou Rovigo, visivelmente emocionado. — Ele não sabe como isso era verdade. Como isso é possível, meu senhor?

— Eu nunca morri — respondeu Sandre. — Foi apenas uma ilusão. Parte do esquema de um pobre e velho tolo. Se Alessan e Baerd não tivessem voltado para a cabana naquela noite, eu teria me matado depois que os barbadianos se foram. Suponho que isso significa que devo agradecer-lo por estar aqui, meu caro vizinho. Por ter passado várias noites, durante anos, do lado de fora de minhas janelas, escutando o planejamento de nossos planos falhos.

Sob a luz azul da lua, seus olhos brilhavam. Rovigo deu um passo atrás, mas a cabeça estava erguida e ele não desviou o olhar.

— Era por uma causa que você agora conhece, meu senhor — disse. — Uma causa à qual se juntou. Eu teria cortado a minha língua fora antes de traí-lo para Barbadior. Acho que o senhor sabe disso.

— Sim, eu sei — disse Sandre, depois de uma pausa. — O que é mais do que posso dizer sobre meu próprio sangue.

— Apenas um deles — disse Rovigo —, e ele está morto.

— Ele está morto — repetiu Sandre. — Todos eles estão mortos. Eu sou o último Sandreni. E o que iremos fazer quanto a isso, Rovigo? O que iremos fazer com Alberico de Barbadior?

Rovigo não disse nada. Foi Baerd, à beira da água, quem respondeu:

— Iremos destruí-lo. Iremos destruir os dois.

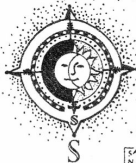
← YGRATH



CHIARA

▲ Templo ou Santuário

● Vilarejo



SARIN
NOJOS

Scelto a acordou muito cedo na manhã do ritual. Ela passara a noite sozinha, como era apropriado, e fizera oferendas antes, nos templos de Adaon e de Morian. Brandin tomava cuidado para obedecer a todos os rituais e tradições da Palma. Nos templos, os sacerdotes e sacerdotisas foram quase bajuladores em sua solicitude. Sabiam que aquilo que ela estava fazendo lhes daria poder.

Ela dormira pouco, um sono agitado. Quando Scelto a chamou, delicadamente, já com uma caneca de khav nas mãos, sentiu o último sonho da noite fugindo de si. Fechando os olhos, semiconsciente, tentou caçá-lo, sentindo o sonho recuar pelos corredores de sua mente. Dianora o seguiu, tentando agarrar uma imagem, e, quando ele parecia esvaído e perdido, ela se lembrou.

Sentou-se lentamente na cama e pegou o khav, aconchegou-o nas duas mãos, procurando um pouco de calor. Não que o quarto estivesse frio, mas acabara de lembrar que dia era e sentia um frio em seu coração que ia além do presságio — chegava a ser uma certeza.

Uma noite, quando era uma menininha, talvez com menos de 5 anos, sonhara que se afogava. As águas do mar se fechavam sobre sua cabeça e algo escuro, uma forma terrível, se aproximava para puxá-la para as profundezas sem luz.

Acordara sem fôlego e aos gritos, debatendo-se na cama, sem ter certeza de onde estava. Sua mãe estava lá, abraçando-a junto ao coração, murmurando, balançando-a para a frente e para trás até que os soluços desesperados parassem. Quando Dianora finalmente levantou a cabeça do peito de sua mãe, a luz da vela deixara ver que seu pai também estava lá, segurando Baerd na porta. Percebeu que seu irmão menor também estivera chorando, em seu próprio quarto, do outro lado do corredor, acordado pelo susto de seus gritos.

Seu pai sorriera e carregara Baerd para perto dela, os quatro, sentados na cama de Dianora no meio da noite, enquanto as velas iluminavam em círculos ao redor deles, como uma ilha no meio da escuridão.

— Conte-me — lembrou-se de seu pai dizendo. Depois ele fez figuras de sombras nas paredes com as mãos, e Baerd, mais calmo e sonolento, adormeceu em seu colo. — Conte para mim o seu sonho, meu amor.

Conte para mim o seu sonho, meu amor. Em Chiara, quase trinta anos depois, Dianora sentiu a dor da perda, como se tivesse acontecido há pouco. Dias, semanas, como se o tempo não tivesse passado. Quando as velas em seu quarto haviam perdido o poder de afastar a escuridão?

Ela contou para seu pai e sua mãe, em voz baixa para não acordar Baerd, e sentia um pouco do medo voltar em suas palavras desajeitadas. As águas que se fechavam acima, a figura nas profundezas que a puxava. Lembrou-se da sua mãe fazendo o gesto contra o mal para negar o sonho e mandá-lo para longe.

Na manhã seguinte, antes de abrir seu estúdio para começar o dia de trabalho, Saevar levava seus dois filhos para além do porto e dos portões do palácio ao sul, seguindo a praia, e começou a ensiná-los a nadar em uma piscina natural rasa, abrigada das ondas e do vento oeste. Ao perceber aonde estava indo, Dianora achou que ficaria com medo, mas nunca ficava realmente com medo de nada quando seu pai estava com ela. E em meio a gritos de alegria, descobriu, assim como Baerd, que adorava a água.

Lembrou-se — tão estranhas eram as coisas de que se lembrava — que Baerd, abaixado na água rasa naquela manhã, pegara um peixe pequeno nas mãos e olhara para cima, olhos e boca comicamente redondos, surpreso com seu próprio feito, e seu pai gargalhara, orgulhoso.

Todas as manhãs naquele verão, os três foram para seu recanto a fim de nadar e, quando o outono chegou, com seu frio e suas chuvas, Dianora já se sentia à vontade na água, como se fosse sua segunda pele.

Houve uma vez, lembrou-se — e não ficou surpresa com a permanência dessa memória —, em que o próprio Príncipe se juntara a eles quando passavam pelo palácio. Dispensando seu cortejo, Valentin andou com os três até o recanto e se despiu para mergulhar no mar com o pai deles. Foi direto para as ondas, continuando muito depois que Saevar parara, além das rochas que protegem o local, até as ondas coroadas do branco do mar. Então se virou e voltou para eles, seu sorriso cintilante como o de um deus, seu corpo firme e esbelto, com gotas de água brilhando em sua barba dourada.

Mesmo sendo uma criança, Dianora percebeu imediatamente que ele nadava melhor que seu pai. De alguma forma, também sabia que, na verdade, aquilo não importava. Ele era um príncipe, era *esperado* que fosse melhor em tudo.

Seu pai era o homem mais maravilhoso do mundo, e nada que ela aprendesse poderia mudar isso.

E nada mudou, pensou, sacudindo a cabeça lentamente na saishan, como para se libertar das teias grudentas da memória. Nada mudou. Talvez Brandin, em outro mundo melhor, no seu Finavir imaginário...

Ela esfregou os olhos e sacudiu a cabeça de novo, ainda lutando para acordar. Subitamente, ficou imaginando se os dois, seu pai e o Rei de Ygrath, teriam se visto, olhado um nos olhos do outro, naquele terrível dia no Deisa.

Este foi um pensamento tão doloroso que ela teve medo de começar a chorar — o que não podia acontecer. Não naquele dia. Ninguém, nem mesmo Scelto — especialmente Scelto, que a conhecia tão bem —, poderia ver, nas próximas horas, qualquer coisa nela além de um orgulhoso silêncio e de sua certeza sobre o sucesso.

As poucas horas seguintes. As últimas poucas horas.

As horas que a levariam até a beira do mar e, a seguir, para as águas verde-escuras que vira no lago da riselka. Levando-a para onde seu caminho finalmente ficaria claro para chegar ao fim, nada aconteceria antes do tempo e, certamente, não se daria sem certo alívio por baixo do medo e da perda.

Acontecera com uma simplicidade direta, desde o momento em que estivera no Jardim do Rei vendo uma imagem de si mesma entre um grupo de pessoas no porto, e, em seguida, sozinha debaixo d'água, sendo puxada por uma figura na escuridão que deixara de ser a fonte de seu medo infantil para ser, finalmente, sua libertação.

Naquele mesmo dia, na biblioteca, Brandin lhe contara que estava abdicando de Ygrath em favor de seu filho Girald, mas que Dorotea, sua esposa, teria que morrer pelo que fizera. Ele vivia sob os olhos do mundo, disse. Mesmo que quisesse poupá-la, não teria escolha.

Mas ele não queria poupá-la.

Falou, então, sobre o que tinha pensando em seu passeio naquela manhã, pela neblina do amanhecer na ilha: uma visão do Reino da Palma Ocidental. Ele iria tornar aquilo uma realidade, ele disse. Pelo bem de Ygrath e pelo povo em suas províncias. E por sua alma. E por ela.

Apenas os ygratheanos que quisessem fazer parte do povo de suas quatro províncias unidas poderiam ficar, acrescentou; os outros estariam livres para navegar de volta para Girald.

Ele ficaria. Não apenas por Stevan e pela resposta que a morte de seu filho moldara em seu coração — aquilo permaneceria, aquilo era constante —, mas também para construir um reino unido

ali, um mundo melhor do que o que ele conhecia.

Aquilo permaneceria, aquilo era constante.

Dianora o escutara, sentindo lágrimas começarem a cair, e se mexeu para colocar a cabeça em seu colo, ao lado do fogo. Brandin a abraçou, passando as mãos por seu cabelo escuro.

Ele dissera que iria precisar de uma Rainha.

Usava uma voz que ela nunca escutara, uma voz com que tinha sonhado por tempo demais. Ele queria ter filhos e filhas ali na Palma, começar de novo e construir uma nova vida em cima da dor da perda de Stevan, para que algo brilhante e justo pudesse emergir de todos aqueles anos de tristeza.

Então falou sobre amor. Enfiando as mãos delicadamente em seu cabelo, falou do quanto a amava. De como aquela verdade finalmente surgira em seu coração. Ela já tinha pensado que era mais fácil agarrar e segurar as mãos do que ouvi-lo falando essas palavras para ela.

Chorou, incapaz de parar, porque, nas palavras dele, tudo se juntava, ela podia ver como tudo se encaminhava para uma união. Essa clareza e esse pressentimento eram demais para uma alma morta. Aquele era o vinho da Tríade, e havia uma tristeza amarga no fundo da taça. No entanto, ela vira a riselka e *sabia* o que estava por vir e para onde o caminho os levaria. Por um momento, por algumas batidas de seu coração, imaginou o que teria acontecido se ele tivesse falado aquelas mesmas palavras na noite anterior, em vez de deixá-la sozinha com os fogos da memória. Aquele pensamento doía mais do que qualquer coisa em sua vida.

Deixe para lá! — ela queria dizer, tanto que teve que morder os lábios para controlar as palavras. *Oh, meu amor, deixe o feitiço para lá. Deixe Tigana voltar, e todo o brilho do mundo retornará.*

Não disse nada. Sabia que ele não poderia fazer isso e sabia, pois não era mais uma criança, que aquela benção não viria tão facilmente. Não depois de todos esses anos; não com Tigana e Stevan ligados e enterrados tão fundo na dor de Brandin. Não com o que ele já havia feito com o lar. Não com o mundo em que viviam.

Além disso, e acima de tudo, havia a riselka e seu caminho revelado, desenrolando-se com cada palavra dita ao lado do fogo. Dianora sentiu que sabia tudo que seria dito, tudo que aconteceria. E cada momento que passava os levava na direção do mar — ela podia ver, como um brilho na sala.

Quase um terço dos ygratheanos ficou. Brandin disse que era mais do que esperava, enquanto estavam na varanda sobre o porto, duas semanas depois, observando a maior parte de sua frota navegar de volta para o lar; para onde um dia fora o lar dele. Agora, por sua própria vontade, ele estava exilado, mais exilado do que jamais esteve.

Naquele mesmo dia, mais tarde, Brandin também disse que Dorotea estava morta. Ela não perguntou como ou como ele sabia. Sua feitiçaria ainda era uma das coisas que ela nunca mencionava.

Logo depois disso, chegaram más notícias. Os barbadianos começavam a se mover para o norte, na direção de Ferraut, atravessando a província. Os três exércitos aparentemente se dirigiam para a fronteira com Senzio. Ela percebeu que ele não esperava por isso. Não tão cedo. Ao mover-se com tanta decisão, distanciava-se da postura cuidadosa de Alberico.

— Alguma coisa aconteceu por lá. Algo o impele — disse Brandin. — E eu gostaria de saber o que é.

O problema era que, naquele momento, ele estava fraco e vulnerável. Precisava de tempo. Sabiam disso. Com o exército ygratheano quase todo se retirando, Brandin precisava de uma chance

para construir uma nova estrutura nas províncias ocidentais, para transformar aquela euforia inicial de seu anúncio nas ligações e alianças que realmente forjariam um reino, que o deixariam convocar, dentre um povo conquistado que fora tão oprimido, um exército para lutar em seu nome.

Ele precisava desesperadamente de tempo, e Alberico não estava dando isso a ele.

— Você poderia nos mandar — o Chanceler d'Eymon disse em uma manhã, quando a dimensão da crise começou a tomar forma. — Mande os ygratheanos que ficaram e posicione nossos navios perto da costa de Senzio. Veja se isso irá segurar Alberico um pouco.

O Chanceler ficara. Nunca houvera nenhuma dúvida quanto a isso. Apesar de seu trauma — ele ficara abatido e envelhecido por dias depois do anúncio de Brandin —, Dianora sabia que o amor e a mais profunda lealdade de d'Eymon se voltavam para o homem que ele servia e não para a nação, por mais que escondesse isso do mundo. Movendo-se naqueles dias, quase entorpecida por seu coração dividido, ela invejava essa simplicidade de d'Eymon.

Contudo, Brandin se recusou a seguir sua sugestão. Ela se lembrava de seu rosto enquanto ele explicava, levantando os olhos de um mapa e de folhas soltas de papel cobertas com números. Os três estavam juntos ao redor de uma mesa na sala de estar dos aposentos privativos do Rei. Rhun era uma quarta presença, nervoso e preocupado, em um sofá no lado oposto do cômodo. O Rei da Palma Ocidental ainda tinha seu bobo, apesar de o Rei de Ygrath agora se chamar Giraldo.

— Não posso fazer com que lutem sozinhos — disse Brandin em voz baixa. — Não posso deixá-los carregar, sozinhos, o fardo de defender pessoas com as quais acabei de igualá-los. Esta não pode ser uma guerra ygratheana. Primeiro, porque não serão o bastante e iremos perder. Mas há mais do que isso. Se mandarmos um exército, ou uma frota, é preciso que seja composto de todos nós, ou este reino estará terminado antes que eu o comece.

D'Eymon levantara-se, agitado e visivelmente perturbado.

— Então preciso dizer novamente o que já disse: isso é loucura. O que precisamos fazer é ir para casa e lidar com o que aconteceu em Ygrath. Eles *precisam* de você lá.

— Na verdade, não, d'Eymon. Não irei me iludir. Giraldo é quem vem governando Ygrath nos últimos vinte anos.

— Giraldo é um traidor e deveria ter sido executado com a mãe.

Brandin olhou para ele com os olhos subitamente gelados.

— Temos que repetir essa discussão? D'Eymon, estou aqui por um motivo, e você sabe qual é. Eu não posso recuar. Seria ir contra a essência do que sou. — Sua expressão mudou. — Ninguém precisa ficar comigo, mas eu me liguei a essa península por amor e por tristeza, e por minha própria natureza; essas três coisas me mantiveram aqui.

— A senhora Dianora pode ir conosco! Com Dorotea morta, você precisará de uma nova Rainha em Ygrath e ela seria...

— D'Eymon! Chega! — Seu tom era final; a discussão terminara.

Mas o Chanceler era um homem corajoso.

— Meu senhor — insistiu, seu rosto sério e sua voz baixa e intensa — Se eu não posso falar sobre isso e você não mandará nossa frota para enfrentar Barbador, eu não sei como aconselhá-lo. As províncias ainda *não* irão para guerra por você, nós sabemos disso. É cedo demais. Precisam de tempo para ver e acreditar que você é um deles.

— E eu não *tenho* tempo — respondeu Brandin com tanta calma que não parecia natural após a tensão causada pela troca de palavras anterior. — Então preciso fazer algo imediatamente. O que eu devo mostrar a eles, agora? O que eu faço para que acreditem que estou realmente ligado à Palma?

Ali estava. Dianora sabia que o momento havia finalmente chegado.

Eu não posso recuar disso. Seria ir contra a essência do que sou. Ela nunca tinha alimentado a fantasia de ele um dia libertar e desfazer seu feitiço de graça. Conhecia Brandin bem demais. Ele não

era um homem de voltar atrás ou de se contradizer. Em nada. Era a essência do que ele era, no amor, no ódio e na forma definidora de seu orgulho.

Ela se levantou. Ouvia um estranho som nos ouvidos, como do sangue correndo, e, se fechasse os olhos, tinha certeza de que poderia ver um caminho estendendo-se, claro e reto como uma linha de luar no mar, brilhando à sua frente. Tudo a levava até ali; levava todos eles. Ele estava vulnerável e exposto, e jamais voltaria atrás.

Tinha uma imagem de Tigana florescendo em seu coração enquanto se erguia. Mesmo ali, mesmo naquele momento, via uma imagem de sua casa. Nas profundezas do lago da riselka, enquanto ela andava até o mar, havia muitas pessoas reunidas debaixo de estandartes de todas as províncias.

Colocou cuidadosamente as mãos no encosto de sua cadeira e olhou para baixo, para onde ele estava sentado. Sua barba tinha pontos cinzentos, parecia haver mais a cada vez que ela reparava, mas seus olhos estavam como sempre tinham sido, e não havia medo nem dúvida quando ele a encarou de volta. Ela respirou fundo e proferiu palavras que pareciam ter sido entregues a ela muito tempo antes, palavras que pareciam simplesmente estar esperando por aquele momento.

— Eu farei isso por você — disse. — Eu farei com que acreditem em você. Irei fazer o Mergulho do Anel dos Grandes Duques de Chiara, como era feito antes da guerra. Você irá se casar com os mares da península e, quando eu trouxer para você o anel do mar, eu irei ligá-lo à Palma e à boa sorte perante os olhos de todos.

Ela manteve o olhar firme no dele, escuro e calmo, enquanto finalmente falava as palavras que a colocariam em seu caminho derradeiro, que o colocavam, a ele e a todos eles, os vivos e os mortos, os nomeados e os perdidos, naquele caminho; enquanto, amando-o com seu coração destruído, ela mentia.

Terminou seu khav e se levantou da cama. Escolto puxara as cortinas e ela podia ver o sol começando a iluminar o mar escuro. O céu estava claro e os estandartes no porto podiam ser vistos movendo-se lentamente na brisa do amanhecer. Já havia uma grande multidão reunida, horas antes de a cerimônia começar. Muitos haviam passado a noite na praça do porto, só para garantir um lugar perto do píer para vê-la pulando. Pensou ter visto alguém — uma figura minúscula àquela distância — levantar a mão para apontar para sua janela, e deu um passo rápido para trás.

Já separara as roupas e os adereços rituais que iria usar. Verde escuro para ir até lá: seu vestido de passeio e sandálias, a rede que prenderia seu cabelo e a túnica interna de seda com as quais mergulharia. Para depois, quando ela voltasse do mar, havia outro vestido, branco, ricamente bordado com ouro — seria para quando ela fosse representar seu papel, quando *fosse* a noiva vinda do mar com um anel dourado em sua mão para o Rei.

Depois que voltasse. Se ela voltasse.

Estava quase surpresa com sua própria calma. Na verdade, estava sendo mais fácil porque ela não tinha visto Brandin desde cedo no dia anterior, como era apropriado. E também porque as imagens em sua mente pareciam tão claras, como se não estivesse decidindo ou escolhendo nada, apenas seguindo um caminho determinado por alguém há muito tempo. E, finalmente, mais fácil porque ela entendera e aceitara, profunda e certamente, que havia nascido em um mundo, para uma vida, que jamais a deixariam ser completa.

Nunca. Ali não era Finavir ou qualquer outro lugar de sonho. Essa era a única vida, o único mundo que ela tinha. E, naquela vida, Brandin de Ygrath viera àquela península para construir um reino para seu filho, e Valentin di Tigana havia matado Stevan, Príncipe de Ygrath. Aquilo havia acontecido e não podia ser desfeito.

E, por causa daquela morte, Brandin caíra sobre Tigana e seu povo, e os retirara do passado conhecido e das páginas que ainda viriam. Ali estava ele, selaria aquela verdade para sempre, branca e absoluta, em vingança por seu filho. Aquilo havia acontecido e estava acontecendo e deveria ser desfeito.

Ela viera até ali para matá-lo. Em nome de seu pai e de sua mãe, em nome de Baerd e do seu próprio, e pelo povo arruinado e perdido de seu lar. Em Chiara, contudo, havia descoberto, em dor e glória, que as ilhas eram realmente um mundo à parte, que as coisas mudavam ali. Ela aprendera, muito tempo atrás, que amava Brandin. E, agora, em meio à dor, à glória e à surpresa, soubera que ele a amava também. Tudo isso acontecera; ela tentara desfazer o que fora feito e falhara.

Sua vida não teria como ser completa. Ela podia ver isso claramente, e, naquela clareza, naquele último entendimento, Dianora encontrou a fonte de sua calma.

Em algumas vidas não havia sorte. Outras pessoas tinham a chance de moldar seu mundo. Parecia — e quem poderia ter previsto? — que as duas coisas eram verdadeiras a seu respeito.

Dianora di Tigana bren Saevar, filha de um escultor, uma menina de cabelos e olhos escuros, de boca aberta e estranha em sua juventude, grave e sisuda, apesar de ter relances de inteligência e ternura, cuja beleza só foi chegando tardiamente e a sabedoria muito mais tarde. Chegara apenas naquele momento.

Ela não comeu, apesar de se ter permitido o khav — uma derradeira concessão aos anos de hábito. Ela não achava que estivesse violando nenhum ritual, mas também sabia que isso não importava. Scelto ajudou-a a se vestir e, em silêncio, juntou e amarrou seu cabelo, prendendo-o na rede verde-escura que o manteria longe de seus olhos quando mergulhasse.

Ao terminar, ela se levantou e se submeteu à sua avaliação, como sempre fazia antes de sair para o mundo. O sol já estava alto e sua luz inundava o quarto pelas cortinas puxadas. À distância, conseguiam ouvir o barulho crescente do porto. A multidão deveria estar imensa naquela hora, pensou, sem voltar à janela para olhar. Veria em breve. Havia um tipo de expectativa no som firme do murmúrio que era a prova, mais notável do que qualquer outra, do que estava em jogo naquela manhã.

Uma península. Dois domínios diferentes, se chegasse a tanto. Talvez, até mesmo o próprio Império em Barbador, com seu imperador doente e moribundo como todos sabiam. E uma última coisa, apesar de apenas ela sabê-la e de jamais ser conhecida por outra pessoa: Tigana. A última moeda secreta no tabuleiro, escondida debaixo da carta jogada em nome do amor.

— Como estou? — perguntou a Scelto, com a voz propositalmente casual.

Mas ele não a imitou.

— Você me assusta — disse, baixo. — Parece que você não é mais totalmente desse mundo. É como se já tivesse nos deixado para trás.

Era impressionante como ele conseguia lê-la. Doía ter que enganá-lo, não tê-lo consigo naquela última tarefa, mas não havia nada que ele pudesse fazer e nenhuma razão para lhe causar dor. Além disso, haveria riscos.

— Eu não sei se isso foi um elogio — disse, ainda com leveza. — Mas vou considerar assim.

Ele se recusou a sorrir.

— Acho que você sabe o quanto não estou gostando disso.

— Scelto, todo o exército de Alberico estará na fronteira em duas semanas. Brandin não tem escolha. Se eles entrarem em Senzio, não irão parar ali. É a melhor chance dele, provavelmente a única, para se unir à Palma a tempo. Você sabe disso.

Tentou parecer brava.

Era verdade, tudo verdade. Porém, nada daquilo era a *verdade*. A riselka era a verdade naquela manhã, ela e os sonhos que tivera, sozinha na saishan, por todos aqueles anos.

— Eu sei — respondeu Scelto, claramente infeliz. — Claro que sei. E nada que eu pense importa. É só...

— Por favor! — disse ela para impedi-lo de fazê-la chorar. — Não acho que consigo discutir isso com você agora, Scelto. Podemos ir?

Ah, meu querido. Ah, Scelto, você ainda vai acabar comigo, ela pensou.

Ele parou, encolhendo-se diante de sua resposta agressiva. Dianora viu-o engolir em seco, de olhos baixos. Um momento depois, voltou a erguer o olhar.

— É só por você que falo. Tenho medo. Por favor, me desculpe.

— Claro — disse ela. — Claro. Não há nada a perdoar, Scelto.

Ela apertou suas mãos com força, mas, em seu coração, despedia-se dele, sabendo que não podia chorar. Olhou para seu rosto honesto e preocupado, o melhor amigo que tivera por tanto anos, o único amigo de verdade, desde a infância. E ela esperava, contra todas as esperanças, que, nos dias que viriam, ele se lembraria de como ela apertara as suas mãos e não do som casual e despreocupado de suas palavras.

— Vamos — disse novamente, e virou o rosto, para começar a longa caminhada pelo palácio e pela manhã, até o mar.

O Mergulho do Anel dos Grandes Duques de Chiara fora o ritual mais dramático do poder temporal na Península da Palma. Desde o começo de seu domínio sobre a ilha, os líderes de Chiara sabiam que seu poder era concedido pelas águas que os cercavam e submetido a elas. O mar os guardava e os alimentava; dava a seus navios — sempre a maior armada da península — acesso ao saque e ao comércio, e os envolvia e separava em um mundo dentro do mundo. Não era surpreendente, como os contadores de história diziam, que tivesse sido nessa ilha que Eanna e Adaon se uniram para conceber Morian e completar a Tríade.

Um mundo dentro do mundo, envolto pelo mar.

Diziam que havia sido o primeiro grão-duque que começara a cerimônia que se tornaria o Mergulho do Anel. Era diferente naquela época. Para começar, não era um mergulho, era apenas um anel jogado ao mar como um presente de agradecimento e como forma de acalmá-lo, nos dias em que o mundo virava seu rosto para o sol e a estação de navegar começava de verdade.

Então, em uma primavera, muito tempo depois disso, uma mulher mergulhou no mar para pegar o anel que o grão-duque da época havia jogado. Alguns disseram que ela estava enlouquecida por amor ou alguma obsessão religiosa, enquanto outros diziam que era apenas esperta e ambiciosa.

Qualquer que fosse o caso, ela emergiu das águas do porto com o anel brilhando em sua mão.

E, enquanto a multidão, que se reunira para ver o drão-duque se casar com o mar, gritava em confusão e surpresa, o sumo sacerdote de Morian em Chiara, de repente, anunciou, em palavras que perdurariam ao longo dos anos: *Olhem e vejam! Vejam como os oceanos aceitam o grão-duque como seu marido! Como eles oferecem de volta o anel do mar como uma noiva ao seu amante.*

O sumo sacerdote foi até o final do píer, ao lado do duque, e se ajoelhou para ajudar a mulher a sair do mar, colocando em movimento tudo o que se seguiu. Saronte, o Grão-Duque, acabara de chegar ao poder e ainda não era casado. Letizia, que viera de uma fazenda da distrada e realizara aquele feito sem precedentes, era loira, bonita e muito jovem. Suas palmas foram unidas por Mellidar, o sumo sacerdote de Morian, ali, sobre as águas, e Saronte colocou o anel do mar no dedo de Letizia.

Casaram-se no Solstício de Verão. Houve guerra no outono entre Asoli e Astibar, e o jovem Saronte de Chiara triunfara magnificamente em uma batalha naval no Golfo de Corte, ao sul da ilha. Uma vitória cujo aniversário Chiara ainda celebrava. A partir daquela época, o recém-moldado

ritual do Mergulho do Anel seria guardado para ser usado quando Chiara precisasse.

Trinta anos depois disso, perto do fim do longo reinado de Saronte, em uma das muitas brigas por precedência entre o clero da Tríade, um recém-nomeado sumo sacerdote de Eanna revelou que Letizia era parente próxima de Mellidar, o sacerdote de Morian que a retirara da água e a unira ao Duque. O sacerdote de Eanna convidou o povo da ilha a tirar suas próprias conclusões sobre os esquemas do clero de Morian e sobre sua luta constante por mais poder e destaque.

Muitos acontecimentos — nenhum deles agradável — se sucederam entre os servos da Tríade nos meses seguintes a essa revelação, mas nenhuma dessas perturbações sequer se aproximara de tocar a nova santidade do ritual em si. A cerimônia tomara seu lugar na imaginação do povo. Parecia falar a algo no fundo deles, um sentimento de sacrifício ou de homenagem, de amor ou de perigo — ou, no final, de ligação sombria e verdadeira com as águas do mar.

Assim, o Mergulho do Anel dos Grandes Duques continuou, muito depois daquelas brigas entre o clero terem acabado e de seus nomes serem quase esquecidos, lembrados apenas por seu papel na história do Mergulho.

O que realmente acabara com a cerimônia, em tempos mais recentes, fora a morte de Onestra, esposa do Grão-Duque Cazal, 250 anos antes.

Não foi, de forma alguma, a primeira morte: as mulheres que se voluntariavam para mergulhar pelos Grandes Duques sempre deixaram claro que suas vidas valiam muito menos do que o anel que tentariam resgatar do mar. Voltar sem o anel faria com que fossem exiladas da ilha para sempre, conhecidas e desprezadas em toda península. A cerimônia seria repetida com outra mulher, com outro anel, até que um deles fosse encontrado e levado de volta.

Por outro lado, a mulher que carregasse um anel do mar de volta para o píer era aclamada como se a sorte de Chiara e sua fortuna estivessem garantidas por toda a vida. Riqueza e honra, um casamento arranjado na nobreza. Algumas deram filhos ao seu grão-duque. Duas seguiram Letizia ao trono de consorte. Moças de famílias com poucas possibilidades não eram avessas a arriscar suas vidas por um futuro brilhante e alucinado.

Onestra di Chiara fora diferente e, por sua causa, tudo mudara depois.

Tão linda e orgulhosa quanto uma lenda, a noiva do Grão-Duque Cazal tinha insistido em fazer o Mergulho ela mesma, desprezando a ideia de deixar algo tão importante ser realizado por alguma criatura baixa vinda da distrada, às vésperas de uma guerra perigosa. Onestra fora, todos os cronistas da época concordavam, a mais bela visão que tinham tido enquanto ela andava até o mar, vestida no verde escuro do ritual.

Quando ela flutuou, morta, para a superfície, a alguma distância da costa, à vista da multidão que assistia, o Duque Cazal gritou como uma menina e desmaiou no mesmo instante.

Houve, então, muitos tumultos, um pandemônio aterrorizado como jamais havia acontecido na ilha, antes ou depois. No templo isolado de Adaon, na costa norte, todas as sacerdotisas se mataram quando uma delas trouxe as notícias. Era a ira do deus que se aproximava, diziam os augúrios, e Chiara quase se sufocava em seu próprio medo.

O Duque Cazal, descuidado e magoado, foi morto em batalha naquele verão contra os exércitos unidos de Corte e Ferraut, fazendo Chiara aguentar duas gerações de decadência, erguendo-se novamente só depois de uma guerra amarga e destrutiva entre os antigos aliados que a subjugaram. Esse processo, é claro, não chamava a atenção. Assim aconteciam as coisas na Palma, desde que se começara a registrar sua história.

Mas nenhuma mulher fez o Mergulho do Anel desde a morte de Onestra.

Todos os símbolos mudaram com ela, os riscos ficaram altos demais. Se outra mulher morresse no Mergulho, despertaria aquele legado de caos e derrota.

Sucessivos grão-duques declararam, um após o outro, que era perigoso demais, e encontraram

um jeito de manter a ilha segura em seu poder marinho sem a sanção de sua mais potente cerimônia.

Quando a frota ygratheana fora avistada, 19 anos atrás, o último grão-duque de Chiara havia se matado nos degraus do templo de Eanna. Assim, não houvera ninguém para jogar o anel no mar naquele ano, mesmo que houvesse uma mulher que aceitasse mergulhar por ele, em busca da intercessão de Morian e do deus.

A saishan estava estranhamente silenciosa quando ela e Scelto deixaram seus aposentos. A essa hora, normalmente, os corredores já estavam barulhentos, com a movimentação dos eunucos, cheirosos e coloridos, e com a presença perfumada das mulheres movendo-se languidamente para os banhos ou para sua refeição matinal. Naquele dia estava diferente. Os corredores estavam vazios e silenciosos, exceto pelos passos deles mesmos. Dianora reprimiu um calafrio. A saishan parecia tão estranha, vazia e cheia de ecos.

Passaram a porta da sala de banhos e depois a entrada para a sala de jantar. Os dois cômodos estavam vazios e silenciosos. Viraram para a escadaria que levava para baixo, para fora da ala das mulheres. Ali Dianora viu que pelo menos uma pessoa esperava por eles.

— Deixe-me olhar para você — Vencel disse suas palavras habituais. — Preciso aprová-la antes que desça.

O responsável pela saishan estava, como sempre, espalhado entre as almofadas multicoloridas de sua plataforma rolante. Dianora quase sorriu ao ver sua forma vasta e ao ouvir aquelas palavras familiares.

— Claro — disse ela, e lentamente deu uma volta sob seu olhar.

— Aceitável — declarou ele, depois de um tempo. O veredito habitual, embora sua voz aguda, tão característica, soasse mais desanimada do que ela jamais ouvira. — Mas talvez... talvez você gostasse de usar aquela pedra de Khardhun em seu pescoço? Para dar sorte? Eu a tirei do tesouro da saishan e a trouxe comigo.

Quase com deferência, Vencel estendeu uma grande mão macia e ela viu que ele estava segurando a joia vermelha que ela usara no dia em que Isolla de Ygrath tentara matar o Rei.

Ela estava quase recusando, quando se lembrou de que Scelto a trouxera para ela como algo especial para o dia, pouco antes de se arrumar para descer. Lembrando-se disso e tocada pelo gesto de Vencel, disse:

— Obrigada. Adorarei usá-la — hesitou. — Você poderia colocá-la para mim?

Ele sorriu, quase sem graça. Ela se ajoelhou à sua frente e, com dedos delicados e hábeis, o responsável pela saishan prendeu a corrente em seu pescoço. Ajoelhada tão próxima, Dianora quase sufocou com o cheiro de flores que ele sempre usava.

Vencel tirou suas mãos e se reclinou para contemplá-la. Em seu rosto escuro, seus olhos estavam suaves.

— Em Khardhun, costumamos dizer para quem está partindo em viagem: *Que a Sorte lhe encontre e o traga de volta para casa*. É isso que lhe desejo hoje.

Ele escondeu as mãos nas dobras de sua veste branca e desviou o olhar para o corredor vazio.

— Obrigada — disse novamente, com medo de falar mais. Dianora levantou e olhou de relance para Scelto, que tinha lágrimas nos olhos. Ele as limpou apressadamente e se moveu para guiá-la pelas escadas. Na metade do caminho, ela se voltou para Vencel, uma figura tão grande que não parecia humana, rodeada de um branco esvoaçante. Ele olhava para baixo, para eles, sem expressão, do meio da brilhante panóplia colorida de suas almofadas, uma criatura exótica de um mundo completamente diferente, alguém tirado de seu caminho e preso ali, na saishan de Chiara.

No final da escada, viu que as duas portas não estavam bloqueadas. Scelto não teria que bater.

Não naquele dia. Ele empurrou as portas para abri-las e recuou para deixá-la passar.

Do lado de fora, no longo caminho, os sacerdotes de Morian e as sacerdotisas de Adaon esperavam por ela. Dianora viu o triunfo mal disfarçado em seus olhos, um brilho coletivo de expectativa.

Houve um som, uma inspiração, quando passou pelas portas com seu cabelo para trás, preso em uma rede verde como o mar, trajando o vestido verde de um rito que não era realizado havia 250 anos.

Treinados para se controlar, sendo o que eram, os membros do clero rapidamente ficaram em silêncio. E, assim, abriram caminho para ela, para segui-la em fileiras organizadas de escarlate e cinza.

Ela sabia que deixariam Scelto seguir logo atrás. Ele não faria parte daquela procissão do ritual. Ela sabia que não se despedira dele direito. Mas sua vida não era para ser completa.

Foram para oeste pelo corredor até a Grande Escadaria. No topo das amplas escadas de mármore, Dianora parou e olhou para baixo, finalmente entendendo por que a saishan estava tão quieta. Todos, mulheres e eunucos, estavam reunidos ali embaixo. Tinham permissão para sair até ali, para verem-na passar. Com a cabeça bem erguida e sem olhar para a esquerda ou para a direita, ela colocou o pé no primeiro degrau e começou a descida. Não era mais ela mesma, pensou. Não era mais Dianora — ou apenas Dianora. A cada passo, ela se confundia mais com o mito.

Ali, no fim da escada, quando pisou no chão de mosaico, percebeu quem estava esperando nas portas do palácio para acompanhá-la, e seu coração quase parou.

Havia um grupo de homens ali. D'Eymon era um deles, assim como Rhamanus, que também ficara na Palma como ela sabia que faria. Ele fora nomeado o Primeiro Senhor da Frota de Brandin. Ao lado deles, estava o poeta Doarde, representando o povo de Chiara. Ela esperava que ele estivesse ali: tinha sido uma brilhante ideia de d'Eymon que a presença de um poeta da ilha ajudasse a contrabalançar o crime e a morte do outro. Ao lado de Doarde, estava um homem robusto e de rosto pontudo, vestido em veludo marrom e coberto com ouro suficiente para pagar um resgate. Era um mercador de Corte, bem-sucedido pelo visto; possivelmente um dos carneiros que fizeram fortuna depredando as ruínas de Tigana duas décadas antes. Atrás dele, estava um magro sacerdote de Morian, vestido de cinza, que obviamente viera de Asoli. Ela podia dizer por sua cor, pois todos os nativos de Asoli tinham aquela aparência.

Também sabia que ele era de Asoli porque o último dos homens esperando por ela era de Baixa Corte e seu conhecido. Uma figura de suas lendas internas, dos mitos e esperanças que a sustentaram até ali. Foi a presença dele que quase fez o sangue congelar em suas veias.

Vestido de branco, é claro, majestoso como ela se lembrava de quando era uma menina, segurando aquele imenso cajado que sempre lhe fora típico e elevando-se acima dos outros homens, estava Danoleon, o sumo sacerdote de Eanna em Tigana. O homem que levava o Príncipe Alessan para o Sul. Era o que Baerd lhe dissera na noite em que vira sua própria riselka, antes de ir embora atrás deles.

Ela o conhecia, todos conheciam Danoleon, sua presença de ombros largos e passos longos, com o instrumento profundo e glorioso que era a sua voz nos cultos do templo. Aproximando-se da porta, Dianora lutou contra um momento de pânico antes de se controlar duramente. Ele não tinha como reconhecê-la. Ele nunca a conhecera quando criança. Por que teria conhecido a filha adolescente de um artista vagamente ligado à corte? E ela mudara, mudara demais, desde então.

Mas ela não conseguia tirar os olhos dele. Ela sabia que d'Eymon havia providenciado que alguém de Baixa Corte estivesse ali, mas não esperava Danoleon em pessoa. Nos dias em que trabalhara no A Rainha, em Stevanien, já era sabido que o sumo sacerdote havia se recolhido do mundo no Santuário da Deusa nas colinas do sul.

Mas ele saíra e estava ali. Olhando para ele, embevecida, Dianora sentiu um orgulho absurdo e quase avassalador crescendo dentro de si, ao ver como sua simples presença dominava todas as pessoas reunidas.

Era por ele e pelos homens e mulheres como ele, os que haviam ido embora e os que ainda viviam em uma terra partida, que ela estava fazendo aquilo. Seus olhos pousaram nela, perscrutadores. Todos estavam fazendo isso, mas foi o olhar límpido e azul de Danoleon que fez Dianora se esticar ainda mais. Atrás de todos eles, além das portas que ainda não haviam sido abertas, parecia ver o caminho da riselka brilhando cada vez mais.

Ela parou, e todos lhe fizeram uma reverência: os seis homens colocaram uma perna esticada para a frente e se dobraram em uma forma de saudação que não era usada havia séculos. Aquilo era uma lenda, uma cerimônia, uma invocação de muitos poderes, e Dianora sentiu que deveria estar parecendo uma figura misteriosa, saída das tapeçarias do passado distante.

— Minha senhora — disse d'Eymon, sério. — Se for de seu agrado e se você nos permitir, gostaríamos de servi-la agora e levá-la até o Rei da Palma Ocidental.

Foi dito com cuidado e clareza, pois todas as suas palavras deveriam ser lembradas e repetidas. Tudo deveria ser lembrado. Uma das razões da presença do poeta e dos sacerdotes.

— É de meu agrado — disse simplesmente. — Vamos.

Não disse mais nada, suas palavras pouco importavam. Não seria lembrada pelo que *diria*.

Ainda não conseguia tirar os olhos de Danoleon. Teve consciência de que ele era a primeira pessoa de Tigana que a via desde sua chegada à ilha. De uma forma muito direta, tranquilizava seu coração que Eanna, de quem todos eram filhos, houvesse permitido que ela visse aquele homem antes de ir para o mar.

D'Eymon sinalizou um comando com a cabeça. Lentamente, as portas maciças de bronze se abriram para a imensa multidão reunida entre o palácio e o píer. Ela viu pessoas espalhadas entre praça e os cantos mais distantes do porto, lotando até mesmo os conveses dos navios ancorados. O som contínuo dos murmúrios que perdurara toda a manhã evoluiu em um crescendo quando as portas se abriram, para, depois, cessar abruptamente quando a multidão a viu. Um silêncio duro parecia tomar conta de Chiara sob o domo azul do céu, e Dianora saiu para aquela cena imóvel.

Foi nesse momento, enquanto se moviam para a luz do sol pelo corredor, o caminho brilhante feito para ela, que viu Brandin esperando perto do mar, vestido como um rei-soldado, sem extravagância, a cabeça descoberta na luz da primavera.

Algo se contorceu dentro dela ao vê-lo, como uma lâmina em uma ferida. *Vai acabar logo*, disse para si mesma. *Só mais um pouco agora. Tudo vai acabar logo, logo.*

Ela caminhou até ele, andando como uma Rainha, esbelta, alta e orgulhosa, coberta pelas cores do mar verde escuro, com uma pedra vermelha no pescoço. Ela sabia que o amava e sabia que sua terra estaria perdida se ele não fosse expulso ou morto, e lamentou simplesmente, com todo o seu ser, por sua mãe e seu pai terem tido uma filha tanto anos antes.

Para alguém tão pequeno como ele, era inútil tentar ver qualquer coisa da praça do porto ou mesmo do convés do navio que os trouxera de Corte até ali, já que este estava lotado de pessoas que pagaram ao capitão por uma chance de ver o Mergulho daquele lugar privilegiado. Devin subiu pelo mastro principal e rastejou para se juntar a mais doze homens que se agarravam às cordas, bem acima do mar. Sua agilidade tinha suas recompensas.

Erlein estava em algum lugar entre a multidão no convés. Ele ainda estava apavorado com aquela proximidade forçada do feiticeiro de Ygrath, mesmo depois de três dias. Uma coisa era despistar Rastreadores no sul, outra era um mago simplesmente ir até um feiticeiro, ele dissera.

Alessan estava no meio do povo, no porto. Devin o avistara em um momento, abrindo caminho até o pier, mas não conseguia vê-lo mais. Danoleon estava dentro do palácio, representando Baixa Corte na cerimônia. A ironia era quase esmagadora sempre que Devin se permitia pensar naquilo. Tentava não pensar, pois isso o deixava com medo por todos eles.

Alessan fora decisivo quando o pedido cortesmente elaborado chegara, convidando o sumo sacerdote a viajar para o norte e se unir a homens das outras três províncias como uma testemunha formal do Mergulho do Anel.

— Claro que você irá — dissera o Príncipe, como se fosse a coisa mais natural do mundo. — E nós também estaremos lá. Eu preciso ver como estão as coisas em Chiara desde a mudança.

— Você enlouqueceu completamente? — exclamou Erlein, sem tentar esconder sua descrença.

Alessan apenas riu, mas Devin notou que ele não estava se divertindo. Ele ficara praticamente ilegível depois da morte de sua mãe. Devin se sentiu inadequado para a tarefa de tentar diminuir aquele abismo. Por muitas vezes nos dias que se seguiram à morte de Pasithea, ele se viu desejando que Baerd estivesse com eles.

— E Savandi? — Erlein perguntara. — Será que isso não é uma armadilha para Danoleon? Ou mesmo para você?

Alessan sacudiu a cabeça.

— Dificilmente. Você mesmo disse que nenhuma mensagem foi enviada. E é perfeitamente possível que ele tivesse sido morto por assaltantes no campo, conforme Torre fez parecer. O Rei da Palma Ocidental tem mais com que se ocupar agora do que com um de seus pequenos espíões. Eu não estou preocupado com isso, Erlein, mas agradeço que você esteja. — Ele sorria, um sorriso gelado. Erlein fechara a cara e se afastara.

— E com *que* você está preocupado? — perguntou Devin ao Príncipe, mas Alessan não respondeu.

No alto do cordame do *Falcão Aema*, Devin esperou com os outros pela abertura das portas do palácio e tentou controlar as batidas de seu coração. No entanto, era difícil: quando Brandin apareceu e caminhou calmamente até o pier com uma pequena comitiva — que incluía um velho deformado e careca, vestido exatamente como o Rei —, a sensação de expectativa e agitação que tinha se construído na ilha, nos últimos três dias, estava começando a ficar irresistível, tomando uma forma quase palpável.

— É o Bobo — o corteano ao seu lado respondeu quando ele perguntou, apontando. — Tem algo a ver com a feitiçaria e com os modos como as coisas são feitas em Ygrath. É melhor nem sabermos.

Devin olhou pela primeira vez para o homem que destruíra Tigana e tentou imaginar como seria se tivesse um arco em suas mãos naquele momento, além da habilidade de Baerd ou de Alessan. Seria um tiro complicado, mas não impossível, para baixo e por cima da água, atingiria um único homem, barbado e soberbamente vestido, parado próximo ao mar.

Imaginando o voo daquela flecha sob o sol da manhã, lembrou-se de outra conversa com Alessan, na amurada do *Falcão*, na noite em que chegaram a Chiara.

— O que nós queremos que aconteça? — perguntara Devin.

As notícias tinham chegado ao Golfo de Corte pouco antes de partirem: a maior parte da Segunda Companhia dos mercenários barbadianos de Alberico fora retirada dos fortes e cidades fronteiriças em Ferraut e estavam marchando, com os outros exércitos, na direção de Senzio. Ao ouvir aquilo, o rosto de Alessan ficara branco e um brilho duro chegara a seus olhos.

Devin pensou no quanto ele estava parecido com sua mãe, mas nem souheu em dizer isso.

No navio, Alessan se virou brevemente para ele e depois voltou a olhar para o mar. Era muito tarde, mais perto do amanhecer do que da meia-noite. Nenhum dos dois conseguira dormir. As duas

luas estavam no céu, e a água brilhava e cintilava com suas luzes misturadas.

— O que queremos que aconteça? — repetiu Alessan. — Não tenho certeza. Acho que eu sei, mas não posso ter certeza ainda. É por isso que vamos assistir o Mergulho.

Eles ouviram os sons do navio na noite marítima. Devin limpou a garganta.

— E se ela fracassar? — perguntou.

Alessan ficou em silêncio por tanto tempo que Devin achou que ele não fosse responder. Entretanto, numa voz muito baixa, ele disse:

— Acho que se a mulher de Certando fracassar, Brandin está perdido. Tenho quase certeza.

Devin lançou um rápido olhar.

— Bem, então isso significa...

— Isso significa muitas coisas, sim. Uma é que teremos nosso nome de volta. A outra é que Alberico governará toda a Palma. Antes do fim do ano, certamente.

Devin tentou absorver aquilo. *Se nós os derrubarmos, devemos derrubá-los juntos*, lembrou-se do Príncipe dizendo na cabana Sandreni, enquanto estava escondido.

— E se ela conseguir...

Alessan deu de ombros. Sob a luz azulada e prateada das luas, seu perfil parecia de mármore, e não de carne.

— Diga você. Quantas pessoas das províncias irão lutar contra o Império de Barbadior por um rei que se casou com os mares da Palma por uma noiva do mar?

Devin pensou sobre isso.

— Muitas — respondeu depois de um tempo. — Acho que muitas pessoas iriam lutar.

— Também acho — disse Alessan. — Então, vem a próxima questão: quem venceria? E outra em seguida: existe algo que possamos fazer em relação a isso?

— Existe?

Alessan olhou para ele, e sua boca se curvou, sem humor.

— Passei minha vida acreditando nisso. Há a possibilidade de testarmos isso em breve.

Devin parou de perguntar. As duas luas brilhando deixavam tudo muito claro. Um pouco depois, Alessan tocou em seu ombro e apontou com a outra mão. Devin olhou e viu uma massa alta e escura de terra se erguendo do mar no horizonte.

— Chiara — disse Alessan.

E assim Devin via a ilha pela primeira vez.

— Você já esteve aqui? — perguntou em voz baixa.

Alessan sacudiu a cabeça, sem tirar os olhos daquela forma escura e montanhosa.

— Só em meus sonhos.

— *Ela* está vindo! — gritou alguém do cordame mais alto, no navio de Asoli ancorado perto deles. O grito foi imediatamente repetido de navio em navio e pelo porto, chegando ao máximo da expectativa.

E, depois, quando as portas maciças do Palácio de Chiara se abriram totalmente para revelar a mulher emoldurada por eles, caiu um silêncio estranho e frio.

O silêncio permaneceu mesmo quando ela começou a andar. Movendo-se devagar, passou pelos grupos reunidos na praça, parecendo não percebê-los. Devin estava longe demais para ver seu rosto claramente, mas, de repente, sentiu-se na presença de uma beleza terrível e graciosa. *É a cerimônia*, disse para si mesmo, era apenas por causa da posição em que ela estava. Viu Danoleon atrás, andando entre os outros, acompanhando-os e elevando-se sobre eles.

Movido por seu instinto, virou-se para Brandin de Ygrath, no píer. O Rei estava perto e no

ângulo certo. Ele podia ver como o homem observava a mulher se aproximando. Seu rosto não tinha absolutamente nenhuma expressão, estava frio como gelo.

Ele estava calculando a situação, Devin pensou. Os números, as chances. Estava *usando* tudo aquilo — a mulher, o ritual, todos reunidos ali com tanta paixão — para um fim puramente político. Percebeu que desprezava o homem por aquilo, mais do que tudo: odiava-o pelo olhar vazio e sem emoção com o qual via uma mulher se aproximar para arriscar a vida por ele. Pela Tríade, diziam que ele era apaixonado por ela!

Devin viu que até mesmo o velho curvado ao seu lado, o Bobo, vestido exatamente como Brandin, estava torcendo as mãos uma sobre a outra, com um sinal claro da apreensão, ansiedade e preocupação estampado em seu rosto.

Em contraste, o rosto do Rei da Palma Ocidental era uma máscara fria e despreocupada. Devin não queria sequer olhar para ele. Virou-se para a mulher que estava muito mais próxima.

Por causa disso, por ela estar quase na beira da água, podia ver que sua primeira impressão estivera certa e sua explicação, errada: Dianora di Certando, vestida com o verde-mar do Mergulho do Anel, era a mulher mais bonita que ele já vira em toda a sua vida.

O que nós queremos que aconteça? Ele perguntara a Alessan havia três noites, ao navegar para aquela ilha.

Ele ainda não sabia a resposta. No entanto, ao olhar para a mulher enquanto ela se aproximava do mar, um medo súbito e uma piedade totalmente inesperada cresceram em si. Ele segurou a corda com mais força e se preparou para observar de cima.

Ela conhecia Brandin melhor do que qualquer outra pessoa viva. Isso fora necessário para sua sobrevivência, principalmente no começo, para que dissesse e fizesse as coisas certas em um lugar mortalmente perigoso. Os anos passaram e, de algum jeito, a necessidade se transfigurara em algo diferente: em amor, por mais amargo e difícil que tenha sido admitir. Ela viera até ali para matar com as duas serpentes gêmeas do ódio e da lembrança em seu coração. No entanto, acabara entendendo-o melhor do que qualquer um no mundo porque não havia mais ninguém que importasse tanto.

E o que quase a fez perder a concentração, enquanto passava entre a multidão até o píer, foi ver o quão ferozmente ele lutava para não demonstrar o que estava sentindo. Como se sua alma estivesse forçando, tentando fugir pelas portas de seus olhos, e ele, nascido para o poder, sendo quem era, sentisse que era necessário contê-la, ali no meio de tanta gente.

Mas não conseguia esconder dela, que nem precisava olhar para Rhun para saber o que Brandin sentia. Ele se desligara de seu lar, de tudo o que o ancorava na vida, e estava ali, entre o povo estranho que havia conquistado, pedindo sua ajuda e precisando que acreditassem nele. Ela era sua salvaguarda, sua única ponte com a Palma, seu único elo, na verdade, para qualquer futuro, ali ou em outro lugar.

Contudo, a ruína de Tigana pairava entre eles como um abismo no mundo. Dianora pensou que sua vida lhe ensinara isso: o amor não era o bastante. Não importava o que as canções dos menestréis dissessem. Não importava que pudesse oferecer esperança — o amor simplesmente não era o bastante para fechar o abismo em *seu* mundo. Por isso estava ali, pela visão que a riselka lhe oferecera no jardim: um final para as terríveis e infinitas divisões em seu coração. Por um preço, entretanto, que não era negociável. Ninguém barganha com deuses.

Ela chegou perto de Brandin no fim do píer e parou, os outros parando logo atrás. Um suspiro, crescendo e sumindo como um vento morrendo, passou pela praça. Com um estranho truque de sua mente, sua visão pareceu se separar de seus olhos por um instante, observando o píer de cima. Ela

podia ver como as pessoas reunidas ali a viam: inumana, sobrenatural.

Exatamente como Onestra deveria ter sido vista antes do último Mergulho. Onestra não voltara, e a devastação a seguira. Por isso, aquela era sua chance, o portal escuro que a história lhe oferecia para a libertação e para a realização de seu longo sonho na saishan.

A luz do sol estava muito forte, brilhando e dançando no mar verde azulado. O mundo estava cheio de cor e riqueza. Além de Rhun, ela viu uma mulher em um vestido amarelo chamativo, um velho de azul e amarelo, um homem mais jovem de cabelos escuros com uma criança no ombro. Todos vieram vê-la mergulhar. Ela fechou os olhos por um momento, antes de se virar para olhar Brandin. Seria muito mais fácil não fazer isso, infinitamente mais fácil, mas ela sabia que seria perigoso não encontrar o olhar dele. E, no fundo, ali no final de tudo, aquele era o homem que amava.

Na noite anterior, acordada na cama, observando o lento caminho das luas em sua janela, tentou pensar no que poderia dizer a ele quando chegasse ao final do píer. Palavras além do ritual, que carregassem camadas de sentido pelos anos.

Mas também havia perigo, o risco de desfazer tudo o que aquele momento significava. E palavras, como aquelas que queria dizer, eram apenas outra forma de tentar completar as coisas, não? De fazer uma ponte sobre abismos. E aquele era o ponto. Não havia pontes para ela.

Não naquela vida.

— Meu senhor — disse de maneira formal e cuidada —, sei que com certeza sou indigna e temo o que presumo, mas, se for de seu agrado e dos que aqui estão reunidos, tentarei lhe trazer de volta o anel do mar.

Os olhos de Brandin estavam da cor do céu antes da chuva. Seu olhar não se desviou de seu rosto.

— Você não está presumindo nada, amor, e sua dignidade é infinita. Você enobrece esta cerimônia com a sua presença.

Isso a deixou confusa, pois não eram as palavras ensaiadas. Então ele desviou o olhar, lentamente, como se virasse os olhos da luz.

— Povo da Palma Ocidental! — gritou ele, e sua voz estava clara e forte, a voz de um Rei, de um líder, soando firme pela praça e pelos navios altos e barcos pesqueiros. — A senhora Dianora nos perguntou se nós a achamos digna de mergulhar por nós. Se nós colocaremos nossas chances de boa sorte sobre ela, para que traga as bênçãos da Tríade na guerra com que Barbador nos ameaça. Qual é a resposta de vocês? Ela está esperando!

Seguiu-se um rugido trovejante de consentimento, um rugido tão alto e seguro como sabiam que seria depois de tanta expectativa acumulada. Dianora sentiu a ironia brutal daquilo, a piada amarga, tomar conta dela.

Nossas chances de boa sorte. Sobre ela? As bênçãos da Tríade. Por ela?

Naquele momento, pela primeira vez, ali à margem do mar, sentiu o medo tocar seu coração, pois aquele era verdadeiramente um ritual dos deuses, uma cerimônia antiga e poderosa, e ela estava usando para seus propósitos secretos, para algo construído por seu coração mortal. Algo assim seria permitido, mesmo por uma causa nobre?

Ela olhou para trás, para o palácio e para as montanhas que definiram sua vida por tanto tempo. A neve sumira do Sangarios. Foi naquele pico que Eanna criara as estrelas e dera nome a todas elas. Dianora desviou o olhar mais para baixo, e viu Danoleon encarando-a de sua grande altura. Olhou para o azul tranquilo de seus olhos e sentiu que podia alcançar, através do tempo, força e segurança em sua quietude.

Seu medo caiu como uma roupa despida. Era por Danoleon, e por todos como ele que haviam morrido, pelos livros e estátuas, pelas canções e pelos nomes que se perderam, que ela estava ali.

Certamente a Tríade compreenderia isso quando ela fosse levada para a prestação de contas por essa heresia, não? Certamente Adaon se lembraria de Micaela, não? Certamente Eanna dos Nomes teria piedade, não?

Lentamente, Dianora assentiu quando o rugido finalmente diminuiu. Ao ver isso, a suma sacerdotisa do deus se aproximou em seu vestido vermelho e a ajudou a se livrar de seu vestido verde.

Ficou de pé perto da água, vestida apenas com a túnica interior verde que mal lhe cobria os joelhos, e Brandin segurava um anel na mão.

— Em nome de Adaon e de Morian — disse as palavras rituais, ensaiadas e cuidadosamente preparadas — e sempre e para sempre em nome de Eanna, Rainha das Luzes, nós procuramos alimento e abrigo. O mar irá nos receber e nos aceitar em seu seio como uma mãe aceita uma criança? Irão os oceanos desta península aceitar um anel ofertado em meu nome e em nome de todos reunidos aqui, e nos mandá-lo de volta como uma forma de unir nossos destinos? Eu sou Brandin di Chiara, Rei da Palma Ocidental, e peço a sua benção.

Ele se virou para ela, enquanto um segundo murmúrio de surpresa começava com suas últimas palavras, com a forma como ele se nomeara, e, abaixo daquele som, como se camuflado e protegido por ele, sussurrou mais alguma coisa, palavras que só ela poderia ouvir.

Voltou-se para o mar e jogou o braço para trás, arremessando o anel dourado em um arco alto e reluzente para o céu brilhante e para o sol.

Ela o viu atingir seu ápice e começar a cair. Viu quando atingiu o mar e mergulhou.

A água estava gelada, por ser tão cedo na primavera. Usando o impulso do mergulho, ela foi para baixo, chutando com força. A rede verde segurava seu cabelo, deixando-a enxergar. Brandin jogara o anel com algum cuidado, mas ele sabia que não poderia simplesmente jogá-lo perto do píer, tinha gente demais esperando por aquilo. Ela se impeliu para a frente e para baixo com algumas braçadas fortes, seus olhos se esforçando para ver na luz esverdeada.

Ela bem podia alcançá-lo. Poderia ver se conseguiria pegar o anel antes de morrer. Poderia levá-lo como uma oferenda para Morian.

Incrivelmente, seu medo sumira. Ou talvez não fosse assim tão incrível. O que era a riselka, o que era a visão que ela oferecera se não essa certeza, a confiança para levá-la além do velho medo de águas escuras até o último portal de Morian. Estava acabado agora. Devia ter terminado muito antes.

Ela não viu nada e chutou de novo, forçando-se a ir mais para baixo e para longe, na direção onde o anel caíra.

Sentia uma segurança em si, uma clareza brilhante, uma consciência de como os acontecimentos haviam se moldado na direção daquele momento. O momento quando Tigana poderia ser resgatada finalmente, por sua morte. Ela conhecia a história de Onestra e Casal. Todas as pessoas naquele porto conheciam. Todos sabiam os desastres que se seguiram à sua morte.

Não tendo outra opção por causa da batalha que chegara cedo demais, Brandin apostara tudo naquela única cerimônia. Alberico, porém, iria derrubá-lo, não haveria outro resultado. Ela sabia exatamente o que aconteceria depois de sua morte. Caos e denúncias, o julgamento óbvio da Tríade sobre aquele arrogante autoproclamado Rei da Palma Ocidental. Não haveria nenhum exército no oeste para se opor ao barbadiano. A Península da Palma seria de Alberico, para que a ceifasse como um vinhedo ou a moesse como grão debaixo das pedras de sua ambição.

O que era lamentável, ela supôs, mas corrigir aquela dor seria o trabalho de outra pessoa. A jornada da alma de outra geração. Trazer o nome de Tigana de volta ao mundo era seu próprio sonho, a tarefa que ela tinha se imposto com seu orgulho adolescente, sentada ao lado de um fogo moribundo na casa de seu pai, anos antes.

Seu único desejo, se tivesse um antes da escuridão se fechar sobre ela, era que Brandin

conseguisse fugir e encontrar um lugar longe da península, antes que tudo acabasse. E que ele pudesse saber, de alguma forma, que sua vida, onde quer que estivesse, era o último presente de seu amor.

Sua própria morte não importava. Eles matavam mulheres que dormiam com conquistadores. Eram chamadas de traidoras e eram mortas de muitas maneiras. Afogar-se seria suficiente.

Imaginou se veria a riselka ali, uma criatura verde-mar, agente do destino, guardiã de portais. Perguntou-se se teria uma última visão antes do fim. Se Adaon viria até ela, o deus severo e glorioso, aparecendo como fizera para Micaela na praia, havia tanto tempo. Mas ela não era Micaela, não era uma jovem bonita e inocente.

Não achava que iria ver o deus.

Em vez disso, viu o anel.

Estava à sua direita, um pouco acima, descendo lentamente como uma promessa ou uma oração respondida pelas águas frias, tão longe da luz do sol. Ela estendeu a mão, na lentidão de sonho de todos os movimentos feitos no mar, e o pegou, colocando-o em seu dedo para que pudesse morrer como uma noiva do mar, com o ouro do mar em sua mão.

Já estava muito fundo agora. A luz filtrada quase desaparecera completamente. Sabia que seu último fôlego logo se esgotaria também, a necessidade de emergir tornando-se imperativa e instintiva. Olhou para o anel, o anel de Brandin, sua última e única esperança, trouxe-o aos lábios e o beijou. Depois voltou os olhos para longe de sua vida, de sua longa jornada, da superfície, da luz e do amor.

Foi para baixo, forçando-se a ir o mais fundo que conseguia. Foi então que as visões começaram.

Em sua mente, viu seu pai segurando seu cinzel e seu martelo, com o peito e os ombros cobertos pela poeira fina do mármore, andando com o Príncipe em seu quintal — o braço de Valentin jogado familiarmente em seu ombro. Viu, em seguida, como estava antes de partir para a guerra, desajeitado e sombrio. Depois Baerd apareceu em sua mente, como um menino doce, sempre rindo e, então, chorando em sua porta na noite em que Naddo os deixara. Preso, logo em seguida, com firmeza em seus braços, em um mundo arruinado ao luar e, por último, na porta de casa na noite em que fora embora. Sua mãe foi a próxima, e Dianora sentia como se estivesse nadando pelos anos, de volta para a sua família, pois as imagens de sua mãe eram todas de antes da queda, antes da loucura, de um tempo em que sua voz ainda parecia capaz de acalmar o ar noturno, seu toque ainda era capaz de amainar todas as febres e todo o medo do escuro.

Estava escuro e muito frio no mar. Sentiu a primeira agitação porque logo teria uma necessidade desesperada por ar. Vinham até ela, como um rolo passando por sua mente, relances de sua vida depois que saíra de casa. A aldeia em Certando. A fumaça sobre Avalor vista dos campos altos e distantes. O homem, cujo nome não se lembrava, que queria se casar com ela. Os outros com quem se deitara no pequeno quarto no andar de cima. A taverna A Rainha em Stevanien. Arduini. Rhamanus levando-a. O mar aberto à frente. Chiara. Scelto.

Brandin.

Assim, no final de tudo, era ele que ocupava seus pensamentos. E, acima e por cima das imagens rápidas daqueles mais de doze anos, de repente, Dianora ouviu suas últimas palavras no pier. As palavras que estivera lutando para manter longe de seus pensamentos, que tentara não ouvir nem entender por medo do que fariam com sua decisão. O que ele faria.

Meu amor, ele sussurrou, volte para mim. Stevan se foi. Não posso perder vocês dois, ou irei morrer.

Ela não queria ter ouvido aquilo. Palavras têm poder, palavras tentam mudar você, criar pontes de desejo que ninguém pode atravessar.

Ou irei morrer, ele dissera.

E ela sabia, não podia sequer tentar negar para si mesma, que era verdade. Ele *iria* morrer. Sabia que sua falsa e bondosa visão de Brandin vivendo em outro lugar, lembrando-se dela com ternura, era apenas outra mentira. Ele não faria isso. *Meu amor*, assim ele a chamara. Ela sabia, como ela e seu lar tinham motivos para saber, o que o amor significava para aquele homem, o quão profundo era.

Profundo. Havia um rugido em suas orelhas, a pressão da água ali, tão abaixo da superfície do mar. Parecia-lhe que seus pulmões iam explodir. Virou a cabeça para o lado com dificuldade.

Pensou ter visto alguma coisa ali, ao seu lado na escuridão. Uma figura se movendo no mar. Um brilho, o relance de uma forma, um homem ou um deus, não saberia dizer, mas não podia ser um homem ali embaixo. Não tão abaixo da luz e das ondas, não tão brilhante como aquela forma era.

Outra visão interna, disse para si mesma. A última. A figura parecia estar nadando lentamente para longe, a luz brilhando ao seu redor como uma auréola. Ela estava exausta. Sentia uma dor de saudade, de desejo de paz. Queria seguir aquela luz impossível. Estava pronta para descansar, para ficar completa e tranquila, sem desejos.

Foi quando entendeu, ou achou que entendeu. Aquela figura era Adaon. Era o deus vindo para ela. Entretanto, ele virava de costas. Estava se afastando, o brilho calmo recuando pela escuridão ali, nas profundezas do oceano.

Aquele não era o seu lugar. Não ainda.

Olhou para a sua mão. O anel estava quase invisível, de tão fraca que era a luz, mas ela podia senti-lo e sabia de quem era aquele anel. Ela sabia.

Muito longe, na escuridão do mar, terrivelmente abaixo do mundo onde homens e mulheres mortais viviam e respiravam, Dianora se virou. Empurrou as mãos para cima, tocou as palmas e depois as separou, cortando a água, atirando seu corpo em uma lança por todas as camadas do mar, da morte verde-escura, em direção à vida novamente e a todos os abismos intransponíveis do ar, da luz e do amor.

Quando a viu emergir da superfície do mar, Devin chorou. Mesmo antes de ver o brilho dourado na mão que ela ergueu, exausta, para que todos pudessem ver o anel.

Secando os olhos, sua voz rouca de tanto gritar com os outros no navio, em todos os navios, por todo o porto de Chiara, ele viu outra coisa.

Brandin de Ygrath, que se nomeara Brandin di Chiara, caíra de joelhos no píer e enterrara o rosto nas mãos. Seus ombros tremiam. E Devin entendeu como estivera errado. Aquele não era um homem que só sentia prazer e alegria quando um plano dava certo.

Com uma lentidão aflitiva, a mulher nadou para o píer. Um sacerdote e uma sacerdotisa ajudaram-na a sair do mar, apoiando-a e envolvendo a forma trêmula em um vestido branco e dourado. Ela mal conseguia ficar de pé, mas Devin, ainda chorando, a viu erguer a cabeça quando se virou para Brandin e lhe ofereceu, com a mão trêmula, o anel do mar.

E ele viu o Rei, o Tirano, o feiticeiro que os havia arruinado com seu poder aniquilador e amargo apertar a mulher em seus braços com gentileza, com ternura, mas também com a urgência inconfundível de um homem que estivera faminto por tempo demais.

Alessan tirou a criança de seus ombros, colocando-a cuidadosamente no chão ao lado de sua mãe. Ela sorriu para ele. Seu cabelo era tão amarelo quanto o vestido. Ele sorriu de volta, por reflexo, mas começou a se afastar dela e do casal que se abraçava febrilmente ao lado. Ele ficou enjoado. Havia

um nível substancial de caos e júbilo em erupção por todo o porto. Seu estômago fervia. Fechou os olhos, combatendo a náusea e a tontura, em um transbordar tumultuado.

Quando os abriu de novo, foi para encarar o Bobo — tinham lhe dito que seu nome era Rhun. Era muito perturbador ver como, com o Rei libertando seus próprios sentimentos e agarrando a mulher com um desejo claro, o Bobo, o substituto, parecia subitamente vazio e oco. Ele transmitia uma tristeza pesada e vazia, contrastando com a exuberância ao seu redor. Rhun parecia um ponto imóvel e silencioso de entorpecimento em meio a um mundo de tumulto, choro e risada.

Alessan olhou para a figura curvada e careca, com seu rosto estranhamente deformado, e sentiu uma ligação desorientadora de companheirismo com aquele homem. Como se os dois estivessem ligados ali, mesmo que só em sua falta de habilidade para reagir a tudo aquilo.

Ele deve estar se protegendo, Alessan repetiu para si mesmo pela décima ou talvez vigésima vez. *Ele deve*. Olhou para Brandin de novo, para desviar os olhos novamente, ferindo-se com a confusão e a tristeza.

Por quantos anos em Quileia ele e Baerd teceram planos adolescentes para chegarem até ali? Para se aproximarem do Tirano e o matarem, os gritos do nome Tigana ressoando no ar, voltando ao mundo?

E, naquela manhã, estivera a poucos metros de distância, sem levantar suspeitas, anônimo, com uma adaga no cinto e apenas uma linha de pessoas entre ele e o homem que havia torturado e matado seu pai.

Ele deve estar protegido contra uma lâmina.

Mas o simples fato era que Alessan não tinha como saber. Não testara nem tentara. Havia ficado parado, olhando. Observando. Movendo seu próprio plano para moldar os acontecimentos, levando-os na direção de alguma grande abstração.

Seus olhos doíam. Algo pulsava atrás deles, como se o sol estivesse brilhante demais. A mulher de amarelo não tinha saído do lugar. Ainda estava olhando para ele com um olhar difícil de não entender. Ele não sabia onde o pai da criança estava, mas era claro que a mulher não estava se importando com isso. Pensou, com aquela perversa parte isolada e irônica de sua mente, que seria interessante acompanhar e ver quantas crianças nasceriam em Chiara dali a nove meses.

Sorriu de novo para ela, sem qualquer significado, e deu uma desculpa qualquer. Depois, começou a atravessar, sozinho, a multidão que comemorava, indo até a hospedaria onde os três, nos últimos três dias, vinham pagando com sua música por um quarto. Achou que a música poderia ajudá-lo. Era muito frequente a música ser a única coisa que ajudava. Seu coração ainda batia acelerado, desde que a mulher ultrapassara a superfície com o anel em sua mão após tanto tempo debaixo d'água.

Tanto tempo que ele realmente começara a calcular se haveria algo que pudesse fazer para usar a onda de choque e de medo que se seguiria à sua morte.

Mas ela havia emergido, ali no mar à sua frente, e, no segundo antes de a multidão começar seu urro, Brandin de Ygrath, que estivera imóvel desde o momento em que ela mergulhara, caiu de joelhos como se atingido por trás.

Alessan se sentiu nauseado e confuso, quando os gritos de triunfo e êxtase começaram a varrer o porto.

Isso *é bom*, dizia para si mesmo, forçando um caminho através de uma roda de gente dançando como selvagens. Isso se encaixa, pode ser feito. Está acontecendo. Como eu planejei. Haverá uma guerra. Eles irão se enfrentar. Em Senzio. Como eu planejei.

Sua mãe estava morta. Estivera a metros de distância de Brandin de Ygrath com uma lâmina em seu cinto.

Estava claro e barulhento demais na praça. Alguém agarrou seu braço enquanto ele passava e

tentou arrastá-lo para um círculo rodopiante. Ele o puxou de volta e saiu. Uma mulher se jogou em seus braços e o beijou na boca com força antes de soltá-lo. Ele não a conhecia. Não conhecia ninguém ali. Tropeçou por entre a multidão, empurrando para passar, entorpecido, tentando se manter na direção certa como uma rolha em uma inundaçã, na direção da hospedaria, onde ficava seu quarto, bebidas e música.

Devin já estava no bar lotado quando ele finalmente chegou. Erlein não estava à vista. Provavelmente ainda estava no navio. Ele permaneceu embarcado, o mais longe possível de Brandin. Como se o feiticeiro tivesse algum interesse em perseguir magos naquele momento.

Devin, felizmente, não disse nada. Apenas empurrou para Alessan um copo cheio e uma jarra de vinho. O Príncipe esvaziou o copo e depois outro, rapidamente. Já tinha servido e provado um terceiro, quando Devin tocou brevemente seu braço e ele percebeu, com um choque quase físico, que esquecera seu voto. O vinho azul. O terceiro copo.

Empurrou a jarra para longe e enterrou a cabeça nas mãos.

Ao seu lado, alguém falava. Dois homens estavam discutindo.

— Você vai mesmo fazer isso? Você é um idiota filho de uma cabra! — o primeiro grunhiu.

— Estou me alistando — respondeu o segundo, no sotaque seco de Asoli. — Depois do que aquela mulher fez por ele, percebi que Brandin foi abençoado pela sorte. E alguém que se dá o nome de Brandin di Chiara é muito melhor do que aquele açougueiro de Barbadior. O que foi, amigo? Está com medo de lutar?

O outro homem deu uma gargalhada curta.

— Seu tolo simplório — disse e imitou o sotaque do outro, debochando. — *Depois do que aquela mulher fez por ele.* Todos nós sabemos o que ela fez por ele, noite após noite. Aquela é a puta do Tirano. Ela passou doze anos na cama com o homem que conquistou nossas terras. Abrindo as pernas para ele por interesse próprio. E aqui está você, todos vocês, transformando uma puta na Rainha.

Alessan levantou a cabeça das mãos. Trocou de pés, procurando um ponto de equilíbrio. Em seguida, sem dizer nada, com toda a força de seu corpo e com toda a tumultuada confusão de sua alma, martelou seu punho na cara daquele que falara por último. Sentiu ossos quebrando debaixo de sua mão. O homem voou para trás, caindo sobre o balcão, espalhando copos e garrafas com uma chuva de cacos.

O Príncipe olhou para o punho. Estava coberto de sangue e começava a inchar. Imaginou se teria quebrado a mão. Também se perguntou se seria expulso do bar ou se acabaria em uma briga generalizada e confusa por sua estupidez.

Mas não aconteceu. O nativo de Asoli que se declarara pronto para a guerra bateu com força em suas costas e o dono d'A Trialla — seu patrão de fato — sorria abertamente, ignorando completamente os pedaços de vidro quebrados no balcão.

— Estava torcendo para que alguém calasse a boca dele — gritou sobre o tumulto na sala. Alguém veio e apertou sua mão, que doeu absurdamente. Três homens gritavam insistentemente que queriam lhe pagar uma bebida. Outros quatro pegaram o homem inconsciente e o carregaram sem cerimônias, para procurar um médico. Alguém cuspiu em sua cara quebrada.

Alessan deu as costas para aquilo, virando-se para o balcão. Havia um único copo de vinho azul de Astibar à sua frente. Olhou rapidamente para Devin, que não disse nada.

— *Tigana* — murmurou, enquanto um marinheiro corteano urrava seus elogios e desarrumava seu cabelo e outro batia em suas costas. — *Oh, Tigana, deixe a sua memória ser como uma lâmina em minha alma.*

Esvaziou o copo. Alguém — não era Devin — na mesma hora pegou-o e jogou-o no chão. O que começou uma sequência previsível de outros homens fazendo o mesmo com suas próprias

bebidas. Assim que pôde, saiu dali decentemente e subiu as escadas. Lembrou-se de tocar no braço de Devin em agradecimento. Em seu quarto, encontrou Erlein deitado na cama, as mãos debaixo da cabeça, encarando fixamente o teto. Quando ele entrou, o mago olhou para Alessan, com os olhos se estreitando, claramente curiosos.

Alessan não disse nada. Sentou em seu catre e fechou os olhos que ainda doíam. O vinho, é claro, não havia ajudado. Ele não conseguia parar de pensar na mulher, no que ela fizera, em como saíra do mar parecendo alguma criatura sobrenatural. Não conseguia se esquecer da imagem de Brandin, o Tirano, caindo de joelhos e escondendo o rosto nas mãos.

Escondendo os olhos, mas não antes de Alessan, a poucos metros de distância, ter visto o alívio desesperado e a chama de amor que brilhara ali como a luz branca de uma estrela cadente.

Sua mão doía terrivelmente, mas ele a flexionou com vontade e achava que não quebrara nada. Ele honestamente não podia dizer por que tinha batido naquele homem. Tudo o que dissera sobre a mulher de Certando era verdade. Tudo aquilo era verdade, exceto que nada daquilo era a verdadeira verdade. Naquele dia, tudo estava brutalmente confuso.

Erlein, com um tato inesperado, limpou a garganta, indicando que queria fazer uma pergunta.

— Sim? — disse Alessan, cansado, sem abrir os olhos.

— Era isso que você queria que acontecesse, não? — perguntou o mago, estranhamente hesitante.

Com esforço, Alessan abriu os olhos e olhou ao redor. Erlein estava apoiado em um dos cotovelos e olhava para ele com uma expressão pensativa e preocupada.

— Sim — disse, depois de um tempo —, era isso que eu queria.

Erlein assentiu devagar.

— Isso significa guerra. Na minha província.

Sua cabeça ainda latejava, mas menos do que antes. Ali estava mais calmo, apesar do barulho de baixo ainda entrar, como uma música de fundo contínua da comemoração.

— Sim, em Senzio.

Sentiu uma tristeza terrível. Tantos anos de planejamento e, agora que estavam ali, aonde tinham chegado? Sua mãe estava morta. Ela o amaldiçoara antes de morrer, mas deixara que segurasse sua mão quando o final chegou. O que aquilo significava? Poderia significar o que ele precisava que significasse?

Estava na ilha. Havia visto Brandin de Ygrath. O que diria para Baerd? A adaga fina ao seu lado parecia pesada como uma espada. A mulher era muito mais bonita do que esperara. Devin tivera que lhe dar o vinho azul. Não podia acreditar naquilo. Ferira um inocente desafortunado brutalmente, quebrara os ossos de seu rosto. Sua aparência devia estar realmente horrível, para até Erlein ser gentil com ele. Iriam para a guerra em Senzio. *Era isso que eu queria*, repetiu para si mesmo.

— Lamento, Erlein — disse, arriscando-se, tentando combater sua própria tristeza.

Preparou-se para uma resposta ferina, quase querendo uma, mas Erlein não disse nada por um tempo. E, quando falou, foi em tom neutro:

— Acho que está na hora — foi o que disse. — Devemos descer e tocar? Irá ajudar?

Irá ajudar? Desde quando os seus — até mesmo Erlein — precisavam cuidar tanto dele?

Desceram as escadas. Devin os esperava no palco improvisado nos fundos de A Trialla.

Alessan pegou sua flauta tregeana. Sua mão estava dolorida e inchada, mas isso não o impediria de fazer música. Precisava dela agora, precisava demais. Fechou os olhos e começou a tocar. Todos na sala lotada ficaram em silêncio por ele. Erlein esperou, suas mãos imóveis na harpa, e Devin também, dando espaço para que ele alcançasse as alturas sozinhos, almejando aquela nota mais aguda onde confusão, dor, amor, morte e desejo poderiam ser deixados para trás por um breve

istante.

CAPÍTULO VIII

Normalmente, quando ela subia na amurada de seu castelo ao pôr do sol era para olhar para o sul, observando o jogo de luz e cores no céu sobre as montanhas. Nos últimos tempos, porém, conforme a primavera se aproximava do verão que tanto haviam esperado, Alienor se via subindo até as amuradas ao norte para andar pelos caminhos dos guardas atrás das ameias ou se inclinar na pedra fria, olhando para o longe, enrolada em seu xale para se proteger do frio que ainda aparecia quando o sol se punha.

Como se ela conseguisse ver Senzio.

O xale era novo, trazido pelos mensageiros de Quileia que Baerd avisara que viriam. Aqueles que carregavam as mensagens que, se tudo desse certo, iriam virar o mundo de cabeça para baixo. E não só a Palma: em Barbadior também, onde diziam que o imperador estava morrendo, em Ygrath, e na própria Quileia, onde Marius, justamente pelo que estava fazendo por eles, poderia não sobreviver.

Os mensageiros pararam em seu caminho para o Forte Ortiz, como era apropriado, para prestar homenagens à Senhora do Castelo de Barso e levar-lhe um presente: um xale índigo, uma cor que era praticamente impossível de se achar na Palma e que, ela sabia, era um sinal de nobreza em Quileia. Estava claro que Alessan contara a Marius um pouco mais sobre o envolvimento dos dois ao passar dos anos. E tudo bem. O Rei de Quileia era um deles. Na verdade, como Baerd explicara na tarde após Alessan ter se dirigido para a Passagem de Braccio e depois para o oeste, Marius era a chave de tudo.

Dois dias depois da passagem dos quileianos, Alienor pegou o hábito de fazer passeios a cavalo que a levavam, casualmente, longe o bastante para precisar passar uma ou duas noites em castelos vizinhos. Ocasões em que aproveitava para deixar mensagens bem específicas para uma meia dúzia de pessoas igualmente específicas.

Senzio. Antes do solstício de verão.

Pouco tempo depois, um mercador de seda, seguido de um cantor do qual ela gostava muito, vieram até o Castelo de Barso com notícias da grande movimentação de tropas entre os barbadianos. As estradas ficaram absolutamente entupidas com mercenários marchando para o norte, disseram. Ela levantou as sobrancelhas, fingindo-se intrigada, mas se permitiu beber mais vinho do que o de costume naquelas duas noites. Também recompensou os dois homens depois, à sua própria maneira.

Nas ameias ao pôr do sol, ela escutou um passo na escada atrás de si. Estivera esperando por isso.

— Você quase se atrasou. O sol quase já se foi — disse, sem se virar. E era verdade: a cor do céu e das nuvens finas a oeste tinha escurecido, de rosa para escarlate e púrpura, até chegar ao índigo que usava sobre os ombros.

Elena surgiu na ameia.

— Desculpe — disse ela. Estava sempre se desculhando, ainda pouco à vontade no castelo. Foi até o caminho da guarda, ao lado de Alienor, e olhou para a escuridão que se formava sobre os campos do final da primavera. Seu longo cabelo loiro esvoaçava sobre seus ombros, as pontas levantavam na brisa.

Estava ali como uma nova dama de companhia para Alienor. Trouxera seus dois filhos e seus poucos pertences para Barso duas manhãs após os Dias das Brasas. Acharam que seria uma boa ideia que ela se estabelecesse ali muito antes da época importante. Parecia que, surpreendentemente,

poderia chegar um momento em que sua presença ali seria necessária.

Tomaz, o guerreiro khardhuneano velho e magro, dissera que seria necessário que um deles ficasse ali. Ele, muito obviamente, *não* era de Khardhun e era igualmente óbvio o fato de que não queria revelar quem realmente era. Alienor não se importava com isso. O que importava era que Baerd e Alessan confiavam nele e, nesse assunto, Baerd estava escutando o homem escuro e magro.

— *Quem*, exatamente? — perguntara Alienor. Os quatro estavam a sós: ela, Baerd, Tomaz e a jovem ruiva que não gostava dela, Catriana.

Baerd hesitou por um longo tempo.

— Um dos Andarilhos da Noite — disse, finalmente.

Ela erguera as sobrancelhas ao escutá-lo, o pequeno gesto exterior servindo para mostrar o que estava preparada para revelar de sua surpresa interior.

— Mesmo? Aqui? Ainda existem?

Baerd assentiu.

— E foi para lá que você foi quando saiu daqui?

Depois de um segundo, ele assentiu de novo.

A jovem Catriana piscou, surpresa. Era esperta e muito bonita, Alienor pensou, mas ainda tinha muito a aprender.

— Fazendo o quê? — perguntou Alienor a Baerd.

No entanto, dessa vez ele sacudiu a cabeça. Ela esperara por isso. Baerd tinha seus limites: ela se divertia tentando ultrapassá-los. Uma noite, dez anos antes, ela tinha encontrado exatamente o limite de sua privacidade, pelo menos em um ponto. E, talvez, surpreendentemente, a amizade deles tivesse se aprofundado depois disso.

Inesperadamente, ele sorriu.

— Você também poderia deixar que todos eles ficassem aqui, não só um.

Ela fez uma careta de desgosto que era só parcialmente fingida.

— Um já é o bastante, obrigada. Pressupondo que seja o bastante para seu propósito, qualquer que ele seja.

Ela disse aquilo para o velho disfarçado como um guerreiro de Khardhun. A cor de sua pele estava muito bem feita, mas ela conhecia bem as técnicas de disfarce de Baerd. Em todos aqueles anos, ele e Alessan tinham aparecido ali com uma variedade infinita de aparências.

— Eu não estou totalmente certo sobre *quais* são nossos propósitos — respondeu Tomaz, sinceramente. — Mas enquanto precisarmos de uma âncora para o que Baerd quer que tentemos, um só no castelo será o suficiente.

— Suficiente para quê? — ela cutucou, sem realmente esperar nada.

— Para a minha magia encontrar este lugar — disse Tomaz, seco.

Daquela vez, foi ela que piscou, e Catriana ficou parecendo superior e imperturbável. Alienor decidiu que aquilo era injusto, afinal, a mocinha *sabia* que o velho era um mago. Por isso não reagiu. Alienor tinha senso de humor o bastante para achar aquela situação divertida, chegou a se sentir triste quando Catriana se foi.

Dois dias depois, Elena chegara. Baerd dissera que seria uma mulher. Tinha pedido a Alienor que tomasse conta dela, o que também a fez levantar as sobrancelhas.

Nas ameaças ao norte, olhou de relance para o crepúsculo. Elena tinha subido sem nenhum manto, suas mãos apertavam com força seus cotovelos próximos ao corpo. Sentindo-se irracionalmente irritada, Alienor tirou o xale dos ombros de repente e o colocou sobre os da outra.

— Você já deveria saber — disse, rispida. — Fica frio aqui em cima quando o sol se põe.

— Desculpe — disse Elena de novo, movendo-se rápido para tirar o xale. — Mas você vai congelar. Vou descer e pegar um agasalho para mim.

— Fique onde está! — exclamou Alienor. Elena congelou, os olhos apreensivos. A Senhora de Barso olhou para além dela, para além dos campos escurecidos e das nascentes centelhas de luz onde velhas lareiras estavam sendo acesas nas casas e fazendas abaixo. Olhou para além de tudo aquilo sob as primeiras estrelas da noite, seus olhos esticando-se para o norte, sua imaginação levando-a para muito além de sua visão, para onde os outros estariam se reunindo, agora ou em breve.

— Fique aqui — disse, mais gentil. — Fique comigo.

Os olhos azuis de Elena se arregalaram na escuridão. Sua expressão era séria e pensativa. De repente, sorriu. Então, ainda mais surpreendentemente, chegou mais perto e colocou um braço entre o da outra, puxando-a para perto. Alienor endureceu por um segundo, mas se permitiu relaxar com Elena. Ela pediu companhia. Pela primeira vez em muito mais anos do que podia se lembrar, pediu aquilo. Um tipo totalmente diferente de intimidade. Era como se ultimamente algo duro e frio estivesse se quebrando dentro dela. Esperara aquele verão, o que ele poderia trazer, por muitos anos.

O que o jovenzinho, Devin, tinha dito? Sobre se permitir mais do que a fugacidade do desejo, mesmo que só um achasse que merecesse. Ninguém lhe dissera nada parecido em todos os anos desde que Cornaro de Barso morrera lutando contra Barbadior. Precisamente na época sombria em que sua jovem viúva, sozinha em um castelo das terras altas com sua dor e fúria, começaria a trilhar o caminho para ser o que se tornara.

Devin se fora com Alessan. Naquele momento, também deveriam estar ao norte. Alienor olhou naquela direção, deixando os pensamentos fluírem como pássaros atravessando a escuridão, pelos quilômetros que os separavam, para onde o destino de todos seria decidido quando o solstício viesse.

Com seus cabelos escuros e louros jogados para trás e misturados pelo vento, as duas mulheres ficaram ali, juntas, naquele lugar alto, por muito tempo, compartilhando o calor, compartilhando a noite e a espera.

Era um ditado muito antigo, usado às vezes com deboche, às vezes com um divertimento que era quase espanto, dizer que os dias esquentavam no verão assim como as paixões noturnas de Senzio. A autocondescendência hedonista daquela província nortista, abençoada com um solo fértil e um clima gentil, era um fato incontestável na Palma e mesmo além-mar. Diziam que qualquer um conseguia o que quisesse em Senzio, desde que estivesse disposto a pagar por isso. E quem conhecia a província geralmente acrescentava: e a lutar para mantê-lo.

Com o fim da primavera se aproximando, era de se imaginar que as tensões nascentes e a ameaça palpável da guerra pudessem ter amenizado o ardor noturno dos senzianos — e de seus muitos visitantes — por vinhos, pelas diversas combinações do ato do amor e por brigar nas ruas e nas tabernas.

Alguém até poderia ter pensado isso, se não conhecesse Senzio. Na verdade, parecia que os ameaçadores sinais de desastre, como os barbadianos reunidos ameaçadoramente na fronteira de Ferraut e o crescente número de navios da frota ygratheana ancorados na ilha de Farsaro, na ponta noroeste da província, eram apenas pistas da selvageria da noite na cidade de Senzio. Não havia toque de recolher ali; não houvera em centenas de anos. Apesar dos emissários dos dois poderes invasores estarem acomodados ostensivamente em alas opostas no então chamado Castelo do Governador, os senzianos ainda se gabavam de Senzio ser a única província livre da Palma.

Algo que soava mais vazio a cada dia e a cada noite voluptuosa que passavam, enquanto toda a península se preparava para a guerra.

Ao se deparar com a iminência dessa intrusão de realidade, a cidade simplesmente intensificou o ritmo já frenético de suas horas de escuridão. Bares lendários como A Luva Vermelha e o Thetaph

estavam lotados de clientes suados e barulhentos, todas as noites, para os quais vendiam suas bebidas de má qualidade a preços altos, e também um fluxo aparentemente interminável de carne, masculina ou feminina, nos labirintos abafados do segundo andar.

Aqueles estalajadeiros que tinham escolhido, por alguma razão, não negociar o amor tinham que oferecer outros agrados substanciais para os clientes. Para Solinghi, dono da taverna de mesmo nome, não muito distante do castelo, boa comida, vinhos de boas safras e quartos limpos para dormir eram garantias de uma vida respeitável, mesmo que não fosse luxuosa, vinda principalmente de mercadores sem inclinação para a carnalidade da noite ou, pelo menos, para dormir e comer entre aquela corrupção. Solinghi também se orgulhava de oferecer, de dia ou de noite, a melhor música da cidade.

Naquele momento em especial, pouco antes do jantar, em um dia do final da primavera, os clientes da taberna quase cheia estavam apreciando a música de um trio improvável: um harpista senziano, um flautista de Astibar e um jovem tenor de Asoli que, segundo um rumor que começara poucos dias antes, era o cantor que desaparecera logo após cantar nos rituais fúnebres de Sandre d' Astibar.

Boatos de todo tipo abundavam em Senzio naquela estação, mas poucos acreditavam naquele: era extremamente improvável que um prodígio como aquele estivesse tocando em um grupo tão improvisado. Mas a verdade era que o jovem tenor tinha uma voz excepcional, que era acompanhada à altura pelos outros dois. Solinghi di Senzio estava muito satisfeito com o efeito deles em seus negócios na última semana.

A verdade era que teria lhes dado o emprego e um quarto de todo jeito, mesmo se a música soasse como javalis no cio. Há quase dez anos, Solinghi era amigo do homem de cabelos negros que agora se chamava Adreano d' Astibar. Era já mais do que um amigo, visto que quase metade dos clientes naquela primavera tinha vindo para Senzio expressamente para encontrar os três músicos. Solinghi mantinha sua boca fechada, servia vinho e cerveja, supervisionava seus cozinheiros e serventes, e orava todas as noites antes de dormir para Eanna das Luzes, para que Alessan soubesse o que estava fazendo.

Naquele tarde em particular, os clientes que apreciavam a emocionante interpretação de uma balada certandiana pelo jovem foram rudemente interrompidos quando as portas para a rua foram empurradas, revelando um grupo grande de novos fregueses. Nada notável nisso, é claro. Pelo menos até o cantor parar o refrão no meio com um cumprimento, o flautista rapidamente pousar sua flauta e saltar do palco, e o harpista baixar seus instrumentos e segui-lo, mesmo que devagar.

O entusiasmo da reunião que se seguiu poderia levar a conclusões cínicas e previsíveis sobre a natureza dos homens envolvidos — já que estavam em Senzio — se o grupo recém-chegado não incluísse duas jovens extremamente atraentes: uma ruiva de cabelos curtos e uma morena. Mesmo o harpista, um sujeito amargo e sério, foi arrastado quase que contra sua vontade para o círculo, para ser esmagado contra o peito ossudo de um cadavérico mercenário khardhuneano, mais alto que os demais.

Um momento depois, outro tipo de reunião aconteceu, com uma ressonância diferente, que acalmou um pouco a excitação do recém-integrado grupo. Outro homem se levantou e foi, inseguro, até as cinco pessoas que haviam acabado de chegar. Quem olhava com atenção percebia que suas mãos tremiam.

— Baerd? — ouviram-no dizer.

Um momento de silêncio se seguiu, até que o homem com que ele falara respondeu *Naddo?* em um tom que até o mais inocente senziano poderia interpretar. Quaisquer dúvidas remanescentes se evaporaram um segundo depois, pela forma como os dois homens se abraçaram.

Eles estavam até chorando.

Mais de um homem ali, observando as duas mulheres com admiração, decidi que suas chances de uma boa conversa e de, quem sabe, algo mais, poderiam ser melhores do que pensaram a princípio, se todos os homens fossem assim.

Alais passara os dias desde que chegara a Tregæa em um estado de excitação que a deixava quase sempre com um tom rosado na pele branca e ainda mais delicadamente bela do que podia imaginar, o que, ela sabia, era resultado de terem permitido que viajasse.

Desde o momento em que o escalor do *Dama do Mar* voltara silenciosamente para o navio no porto iluminado pelo luar, trazendo seu pai, Catriana e os dois homens que tinham ido encontrar, Alais soube que aquilo envolvia algo além de simples amizade.

O homem de pele escura de Khardhun olhara para ela, avaliando-a, e depois para Rovigo, com uma expressão divertida no rosto enrugado. Seu pai, hesitando por apenas um momento, disse quem aquele homem realmente era. Em seguida, em voz baixa, mas com uma confiança animadora, explicou o que aquelas pessoas, seus novos sócios, estavam realmente fazendo ali e o que ele estivera fazendo em segredo durante muitos anos.

Aparentemente, não tinha sido uma completa coincidência aquele encontro com os três músicos na estrada próxima à sua casa, durante o Festival das Vinhas.

Escutando com atenção, tentando não perder nenhuma sílaba nem significado, Alais avaliou sua própria reação a tudo aquilo e ficou satisfeita ao perceber que não estava com medo. A voz e o jeito de seu pai tinham muito a ver com aquilo, além do simples fato de estar confiando aquilo a ela.

Foi o outro homem — Baerd, era como o chamavam — que dissera para Rovigo.

— Se você realmente decidiu ir conosco até Senzio, então teremos de encontrar um lugar na costa para que sua filha possa desembarcar.

— Por que, exatamente? — disse Alais rapidamente, antes que Rovigo pudesse responder. Podia sentir o rosto corando enquanto todos os olhos se voltavam para ela. Estavam debaixo do convés, amontoados na cabine de seu pai.

Os olhos de Baerd estavam muito escuros à luz da vela. Ele tinha uma aparência muito severa, chegando a parecer um homem perigoso, mas sua voz, quando lhe respondeu, não foi indelicada.

— Porque não acho certo submeter pessoas a riscos desnecessários. O que iremos fazer é perigoso. Também existem motivos para que nós encaremos esses perigos, e a ajuda de seu pai, assim como dos homens que lhe forem de confiança, é importante para nós. Mas você vir seria um risco sem necessidade. Faz sentido?

Ela se controlou para ficar calma.

— Apenas se você me julgar uma criança, incapaz de ajudar. — Ela engoliu em seco. — Tenho a idade de Catriana e acho que entendo o que está acontecendo aqui. O que vocês vêm tentando fazer. Eu tenho... posso dizer que tenho o mesmo desejo de ser livre.

— Isso é verdade. Eu acho que ela deve vir — surpreendentemente, era Catriana, que continuou: — Baerd, se agora é realmente o momento decisivo, não temos o direito de rejeitar pessoas que se sentem como nós. Sem direito para decidir se devem ou não se esconder em suas casas e esperar para ver se ainda serão escravos quando o verão terminar.

Baerd encarou Catriana por um longo tempo, mas não disse nada. Ele se virou para Rovigo, passando a questão para ele. No rosto do pai, Alais podia ver a preocupação e o amor em conflito com o orgulho que sentia dela. E, na luz das velas, ela viu aquela batalha interna terminar.

— Se sairmos dessa vivos — disse Rovigo d'Åstibar para sua filha, sua vida, sua alegria de viver —, sua mãe vai me matar. Você sabe disso, não é?

— Vou fazer de tudo para proteger você — disse Alais, séria, enquanto seu coração se agitava

como um animal selvagem.

Foi aquela conversa na amurada do navio. Ela sabia, com certeza. Os dois olhando para as falésias, sob a luz da lua após a tempestade.

Eu não sei o que é, mas preciso de mais.

Eu sei, seu pai tinha respondido. Eu sei que você precisa, minha querida. Se eu soubesse o que, ou como, e pudesse dá-lo a você, eu daria. O mundo e as estrelas de Eanna seriam seus.

Foi por causa disso, porque ele a amava e realmente quisera dizer aquilo, que permitiu que ela fosse com eles para onde o mundo que conheciam seria posto em jogo.

Ela se lembrava de duas coisas em especial sobre aquela viagem para Senzio. De estar no corrimão, de manhã cedo, com Catriana, enquanto seguiam para o norte, pela costa de Astibar. Uma pequena aldeia, seguida de outra, e depois outra, os telhados brilhando no sol, pequenos barcos pesqueiros balançando entre o *Dama do Mar* e a costa.

— Aquela é minha casa — dissera Catriana de repente, quebrando o silêncio com uma voz tão baixa que só Alais podia ouvir. — E aquele barco com a vela azul é de meu pai.

A voz dela estava estranha, alienada do sentido daquelas palavras.

— Temos que parar! — murmurou Alais, com urgência. — Vou chamar meu pai, ele...

Catriana colocou a mão em seu braço.

— Ainda não. Ainda não posso encará-lo. Depois. Depois de Senzio. Talvez.

Aquela era uma memória. A outra, muito diferente, foi de contornar a ponta norte da ilha de Farsaro de manhã cedo e ver os navios de Ygrath e da Palma Ocidental ancorados naquele porto. Esperando pela guerra. Ali, ela tinha ficado com medo quando a realidade para a qual estavam navegando ficou à sua frente, ao mesmo tempo colorida e proibida como a morte cinza. Olhou para Catriana, para seu pai e depois para o velho Duque, Sandre, que agora se chamava Tomaz, e viu sombras de insegurança e ansiedade em cada um deles também. Apenas Baerd, cuidadosamente contando a frota, tinha uma expressão diferente no rosto.

E, se a tivessem forçado a nomear aquela expressão, hesitaria, mas diria que era desejo.

Na tarde seguinte, chegaram a Senzio. Atracaram o *Dama* no porto lotado e desembarcaram. No fim do dia, entraram em uma hospedaria que os outros pareciam conhecer. Os cinco passaram pelas portas daquela taberna para um surto de alegria, brilhante e repentino como o sol nascendo na beira do oceano.

Devin a abraçou com força e a beijou nos lábios, e Alessan, depois de um momento de ansiedade por sua presença e de um olhar indagador para seu pai, fez exatamente o mesmo. Um homem de rosto fino e cabelos grisalhos chamado Erlein estava com eles e vários outros se aproximaram — Naddo era um, Ducas outro, e um velho cego cujo nome ela nunca soube. Ele andava com a ajuda de um cajado magnífico. Tinha uma cabeça de águia extraordinariamente entalhada, com olhos tão penetrantes que pareciam compensar a perda dos do dono.

Havia outros, de todas as partes. Ela não entendeu a maioria dos nomes. Fazia muito barulho. O estalajadeiro trouxe vinho: duas garrafas de Senzio verde e uma terceira, do vinho azul de Astibar. Ela bebeu, cuidadosa, um copo pequeno de cada, observando todos, tentando entender o que estava sendo dito em meio ao caos. Percebeu que Alessan e Baerd se separaram dos demais por um momento; quando voltaram à mesa, os dois tinham uma aparência pensativa e séria.

Alessan, Devin e Erlein tiveram de voltar e tocar por mais uma hora enquanto os outros comiam, e Alais, corada e muito animada, lembrava o toque dos lábios dos dois homens nos seus. Sentiu que estava sorrindo timidamente para todos, com medo de seu rosto trair seus sentimentos.

Depois disso, subiram as escadas atrás das costas largas da mulher do estalajadeiro até seus quartos. Mais tarde, quando tudo estava quieto naquele andar, Catriana a buscou no quarto que lhes fora designado e a levou pelo corredor até o quarto que Devin, Alessan e Erlein dividiam.

Eles estavam ali, junto com outros — alguns dos quais ela acabara de encontrar, além dos que lhe eram estranhos. Seu pai entrou logo em seguida, com Sandre e Baerd. Ela e Catriana eram as únicas mulheres ali. Chegou a se sentir mal com isso, pensou ainda no quão longe estava de casa, mas todos ficaram em silêncio quando Alessan passou a mão no cabelo e começou a falar.

Enquanto ele falava, Alais se concentrou, passando a entender pouco a pouco, junto com os demais, as dimensões, a forma assustadora, do que ele se propunha a fazer.

Em um determinado ponto, ele parou e olhou para três homens, um por um. Primeiro, para o Duque Sandre, depois para um certandiano de rosto redondo chamado Sertino, que estava sentado ao lado de Ducas, e, finalmente, quase em desafio, para Erlein di Senzio.

Ela entendeu que os três eram magos, mas era difícil se acostumar com isso. Especialmente em relação a Sandre, o Duque exilado de Astibar. Seu vizinho na estrada desde que se entendia por gente.

O homem chamado Erlein estava sentado na cama, suas costas apoiadas na parede, as mãos cruzadas no peito. Ele respirava com dificuldade.

— Agora ficou claro para mim que você *perdeu* a cabeça — disse ele, com a voz trêmula. — Você está vivendo há tanto tempo em seus sonhos que perdeu o contato com este mundo e vai matar pessoas em sua loucura.

Alais viu Devin abrir a boca e fechá-la em seguida sem falar nada.

— Tudo é possível — disse Alessan, num tom inesperadamente calmo. — É possível que eu esteja seguindo um caminho de loucura, apesar de eu não achar isso. Mas, sim, provavelmente muitos irão morrer. Nós sempre soubemos disso, a verdadeira loucura seria fingir que não. Por enquanto, fortaleça seu espírito e acalme a sua alma. Você sabe tão bem quanto eu que nada está acontecendo.

— Nada? O que quer dizer com isso? — Foi seu pai quem falou.

A expressão de Alessan era irônica, quase amarga.

— Você não percebeu? Você esteve no porto, andou pela cidade. Viu alguma tropa barbadiana? Algum ygratheano ou soldado do oeste? *Nada está acontecendo.* Alberico de Barbadior tem seu exército todo reunido na fronteira e se recusa a dar a ordem para avançar!

— Ele está com medo — disse Sandre, seco, no silêncio que se seguiu. — Ele está com medo de Brandin.

— Talvez — respondeu seu pai, pensativo. — Ou talvez seja cuidadoso. Muito cuidadoso.

— O que faremos então? — perguntou o tregeano de barba vermelha chamado Ducas.

Alessan sacudiu a cabeça.

— Eu não sei. Honestamente, não sei. Nunca esperei por isso. Diga você: como faremos com que ele atravesse a fronteira? Como o trataremos para a guerra? — perguntou Alessan, olhando primeiro para Ducas, e, em seguida, para cada um dos outros presentes.

Ninguém lhe respondeu.

Pensariam que ele era um covarde. Eles eram tolos. Todos eles. Apenas um tolo iria para a guerra sem pensar. Especialmente uma guerra como aquela, que colocava tudo em risco por um ganho com o qual ele mal se importava. *Senzio? Palma?* O quanto importavam? Deveria apostar vinte anos de

sua vida nisso?

Todas as vezes que um mensageiro chegava de Astibar, algo dentro dele pulava, esperançoso. Se o Imperador tivesse morrido...

Se o Imperador tivesse morrido, ele e seus homens partiriam. Para longe daquela maldita península, de volta para casa para reivindicar a coroa do Imperador em Barbadior. *Aquela* era sua guerra, a que ele queria lutar, a que importava, a única coisa que realmente importava em todos aqueles anos. Iria navegar para casa com seus três exércitos e arrancar a coroa dos cortesãos que a rodeavam como um monte de mariposas inúteis.

Depois *daquilo*, ele poderia guerrear ali, com todo o poder reunido de Barbadior. Em seguida, deixaria Brandin de Ygrath, da Palma Ocidental ou qualquer que fosse o nome que ele tivesse escolhido, tentar se defrontar perante Alberico, Imperador de Barbadior.

Deuses, era tão doce...

Mas essa mensagem jamais chegou do leste; esse alívio não veio. Assim, a dura realidade era que ele se encontrava acampado com seus mercenários na fronteira entre Ferraut e Senzio, preparando-se para encarar os exércitos de Ygrath e da Palma Ocidental, sabendo que os olhos do mundo inteiro estavam sobre eles. Se perdesse, perderia tudo. Se ganhasse... bem, isso dependeria do custo. Se muitos de seus homens morressem, que exército teria para levar de volta para casa?

E a morte de muitos homens era uma perspectiva vívida, desde o que tinha acontecido no porto de Chiara. A maioria do exército ygratheano realmente voltara para casa, exatamente como ele previra, deixando Brandin aleijado e exposto. Foi por isso que Alberico se movera, por isso que as três companhias estavam ali e ele com elas. O fluxo e a forma dos acontecimentos pareciam estar do seu lado, da maneira mais clara possível.

Até a mulher certandiana pescar um anel da água para Brandin.

Aquela mulher desconhecida assaltava seus sonhos. Por três vezes, ela aparecera em sua vida como um pesadelo. Quando Brandin a reclamara para sua saishan, ela quase o levava a uma guerra insana. Alberico lembrava que Siferval quisera lutar. O capitão da Terceira Companhia tinha proposto invadir a fronteira de Baixa Corte e saquear Stevanien.

Pelos deuses. Alberico tremia só de se lembrar, longos anos depois, de uma guerra tão a oeste contra os ygratheanos em todo o seu poder. Engolira sua bile e absorvera todas as piadas debochadas que Brandin lhe enviara. Mesmo naquele momento, após tanto tempo, ele tinha mantido o controle, fixando os olhos no verdadeiro prêmio.

Mas, sem esforço, ele poderia ter tido a Península da Palma naquela primavera, um presente caído do céu, se aquela mesma Dianora di Certando não tivesse salvado a vida do ygratheano, dois meses antes. O presente estivera lá para ele, gentilmente flutuando: com o assassinato de Brandin, os ygratheanos teriam que voltar para casa e as províncias ocidentais estariam à sua disposição como frutas maduras.

O Rei aleijado de Quileia teria mancado montanha abaixo para se humilhar perante Alberico, *implorando* pelo comércio. Sem cartas elaboradas sobre seu temor do imenso poder de Ygrath. Tudo teria sido tão fácil... tão elegante.

Mas não foi, por causa da mulher. A mulher de uma de suas províncias. A ironia era dolorosa, como ácido em sua alma. Certando era *sua*, e Dianora di Certando era a única razão de Brandin ainda estar vivo.

E, agora, pela terceira vez, ela era a única razão para haver um exército do oeste e uma frota ancorada na Baía de Farsaro, esperando que Alberico fizesse o mais leve movimento.

— Estão em menor número — diziam os relatórios diários de seus espiões. — E não tão bem armados quanto nós.

Menor número, os três capitães ecoavam um ao outro em uma litania irracional. *Não tão bem*

armados, tagarelavam. *Precisamos ir em frente*, falavam em coro, os rostos imbecis flutuando em seus sonhos, unidos, pendurados como luas lívidas, perto demais da terra.

Anghiari, seu emissário no Castelo do Governador em Senzio, mandou notícias de que Casalia ainda o favorecia. O Governador percebera que Brandin não era tão forte quanto eles, e tinha sido persuadido a ver a vantagem de se inclinar ainda mais para Barbadior. O emissário da Palma Ocidental, um dos poucos ygratheanos que decidiram ficar, estava tendo uma dificuldade crescente em conseguir uma audiência com o Governador, mas Anghiari jantava com o gordo e depravado Casalia quase sempre.

Então, até mesmo Anghiari, que tinha engordado e ficado acomodado, tão moralmente corrupto quanto os senzianos, estava dizendo o mesmo que os outros: *Senzio é um vinhedo pronto para a colheita. Venha.*

Pronto para a colheita? Será que não entendiam? Nenhum deles percebia que havia *feitizaria* a ser levada em conta?

Ele *sabia* quanto Brandin era forte, sondara e recuara rapidamente diante do poder do ygratheano no ano em que os dois ali chegaram, e isso fora quando ele próprio estivera em seu auge. Antes de estar enfraquecido, com um pé ruim e um olho caído, depois de quase ter sido morto naquela maldita cabana no ano anterior. Ele não era mais o *mesmo*, sabia disso, ainda que mais ninguém o soubesse. Se fosse para a guerra, isso teria que ser levado em consideração. Sua vantagem militar deveria ser suficiente para suplantar a *feitizaria* ygratheana. Ele precisava ter *certeza*. Qualquer homem que não fosse um imbecil poderia ver que não se tratava de covardia. Mas sim de uma avaliação cuidadosa, de ganhos e perdas, riscos e oportunidades.

Em seus sonhos, em sua tenda na fronteira, jogava os rostos de lua de seus capitães de volta para o céu, e era sob cinco luas, não duas, que ele lentamente esquartejava e profanava o corpo empalado da mulher de Certando.

As manhãs chegavam. Digerindo mensagens como comida estragada, ele voltava a lutar novamente com a outra coisa que o consumia naquela estação como uma ferida inflamada.

Algo estava errado. Totalmente errado. Tinha algum aspecto em toda aquela cadeia de acontecimentos, desde o outono, que gritava dentro dele como uma corda desafinada.

Ali, na fronteira, com todo o exército ao seu redor, deveria se sentir como se *ele* estivesse conduzindo a dança: forçando Brandin e toda a Palma a responder à sua melodia; tomando controle de novo depois de um inverno em que fora atingido de todas aquelas formas triviais, desconcertantes e cumulativas; moldando os desdobramentos, para que Quileia não tivesse escolha a não ser procurá-lo, para que em casa, no Império, não pudessem ignorar seu poder, a força de sua vontade, a glória de suas conquistas.

Era assim que ele *deveria* estar se sentindo. Foi como ele realmente se sentira, por pouco tempo, na manhã em que ouvira que Brandin abdicara de Ygrath, quando mandara seus três exércitos para a fronteira de Senzio.

No entanto, algo mudara desde aquele dia, e era mais do que apenas a presença do oponente que esperava na Baía de Farsaro. Havia alguma outra coisa, algo tão vago e indefinido que não conseguiria nomear, mesmo que tivesse alguém com quem conversar, não podia nem mesmo indicar o que era, mas estava ali, incomodando como uma velha ferida na chuva.

Alberico de Barbadior não chegara aonde estava, não conseguira uma base de poder que tornava iminente um golpe pela coroa, sem sutileza e tato, sem aprender a confiar em seus próprios instintos.

E seus instintos diziam que algo estava errado, ali na fronteira, com seus capitães e espíões e seu emissário em Senzio implorando para avançar.

Não era *ele* quem estava conduzindo a melodia. Alguém estava. De alguma forma, outra

pessoa guiava os perigosos passos daquela dança. Ele realmente não tinha ideia de quem poderia ser, mas o sentimento estava ali, todas as manhãs. Ao acordar, não desaparecia. Nem se tornava mais claro sob o sol da primavera, naquela ravina fronteira, colorida com os estandartes de Barbador, perfumada com a fragrância dos pinheiros ao redor.

Então, ele esperava, rezando aos seus deuses para que recebesse, de casa, a notícia de uma morte, sabendo com agonia que o mundo em breve poderia estar rindo dele se recusasse, sabendo, por meio de seus espíões que corriam para o sul, que Brandin ficava mais forte em Farsaro a cada dia e, mesmo assim, se mantinha ali, na fronteira, por sua astúcia, por seu instinto de sobrevivência, por aquela dor da dúvida. Esperando que tudo ficasse claro.

Recusando-se, enquanto os dias passavam, a dançar conforme o que poderia ser a dança de outra pessoa, por mais sedutora que fosse a flauta escondida.

Ela estava entorpecida de medo. Aquilo era pior, muito pior, do que a ponte em Tregæa. Lá, ela abraçara e aceitara o perigo porque havia mais do que uma simples esperança de sobreviver ao salto. Só havia água abaixo dela, por mais gelada que fosse, e amigos a esperavam na escuridão para tirá-la do rio e esquentá-la, trazendo-a de volta à vida.

Aquela noite era diferente. Catriana percebeu com desânimo que suas mãos tremiam. Parou nas sombras de um beco para tentar se acalmar.

Ajeitou nervosamente seu cabelo debaixo do capuz escuro, tocando o pente preto coberto de joias que usara para prendê-lo. No navio, Alais, que dissera estar acostumada a fazer isso para suas irmãs, consertara e arrumara seu corte rápido feito no chão da loja em Tregæa. Catriana sabia que sua aparência estava perfeitamente aceitável — até mais do que isso, na verdade, se as reações dos homens em Tregæa, nos últimos dias, significassem alguma coisa.

E significavam, pois fora isso que a levava até ali, sozinha na escuridão, encostada em uma parede de pedra grosseira em um beco, esperando que um grupo ruidoso de boêmios passasse na rua à sua frente. Aquela era uma das partes boas da cidade, próxima ao castelo, mas não havia nenhum lugar seguro nas ruas de Senzio para uma mulher sozinha durante a noite.

Mas não estava ali procurando segurança, por isso nenhum dos outros sabia onde ela estava. Nunca a deixariam ir. E, sendo honesta consigo mesma, também não deixaria nenhum deles fazer algo daquele tipo.

Aquilo era a morte certa. Ela não se iludia.

Por toda a tarde, andando pelo mercado com Devin, Rovigo e Alais, ela construía aquele plano, lembrando-se de sua mãe. Daquela vela solitária sempre acesa ao pôr do sol do primeiro Dia das Brasas. Lembrou-se de Devin dizendo que seu pai fazia o mesmo. Ele pensava que era orgulho, tirar algo da Tríade em represália ao que eles deixaram acontecer. A mãe dela não era uma mulher orgulhosa, mas também não se permitiu esquecer.

Naquela noite, Catriana se via como uma das velas proibidas de sua mãe em uma Noite das Brasas enquanto o resto do mundo ficava envolto na escuridão. Ela era uma pequena chama, exatamente como aquelas velas, que não iria sobreviver à noite, mas que, se a Tríade tivesse algum amor por eles, poderia começar uma fogueira antes de desaparecer.

Os boêmios finalmente passaram aos tropeços, indo na direção das tabernas do porto. Ela esperou por mais um momento até sair rapidamente pela rua, escondida em seu capuz, permanecendo nas laterais, indo para o outro lado. Na direção do castelo.

Pensou que tudo estaria muito melhor se conseguisse acalmar seu coração acelerado e fazer suas mãos pararem. Devia ter tomado uma taça de vinho na taberna antes de sair às escondidas, usando as escadas dos fundos. Ela mandou Alais descer para jantar sozinha, alegando uma doença de mulher, prometendo descer assim que pudesse.

Havia mentido muito facilmente, até mesmo sorrindo de forma reconfortante. Alais se fora, e ela ficara sozinha, percebendo, naquele exato momento, enquanto a porta do quarto se fechava gentilmente, que não veria nenhum dos outros novamente.

Na rua, ela fechou os olhos sentindo-se subitamente tonta; apoiou a mão na porta de uma loja, respirando fundo no ar noturno. Havia flores tain não muito longe dali e podia sentir o aroma inconfundível das sejoias. Ela devia estar perto dos jardins do castelo. Mordeu os lábios para deixá-los com alguma cor. Acima dela, as estrelas estavam brilhantes e próximas. Vidomni já havia se erguido no oeste e a azul Ilarion iria logo segui-la. De repente, ouviu uma risada vinda da rua seguinte. A risada de uma mulher, seguida por gritos. A voz de homens. Mais risadas.

Estavam indo na outra direção. Enquanto olhava para cima, viu uma estrela cadente. Seguindo sua trilha para a esquerda, viu o muro do jardim do castelo. A entrada devia ser um pouco mais à frente. Encarava sozinha. Mas ela fora uma criança solitária, depois uma mulher solitária, arrastada para uma órbita própria que a afastava dos outros, mesmo daqueles que queriam ser seus amigos. Devin e Alais tinham sido apenas os últimos a tentar. Houve outros na aldeia, antes de ela partir. Catriana sabia que sua mãe lamentava sua solidão orgulhosa.

Orgulho. De novo.

Seu pai tinha fugido de Tigana antes das batalhas no rio.

Era ali. Era ali.

Com cuidado, abaixou o capuz. Com gratidão sincera, descobriu que suas mãos estavam firmes. Checou seus brincos, o fio de prata em seu pescoço, o adereço em seu cabelo. Então calçou as luvas vermelhas que comprara no mercado e atravessou a rua, passando pelo muro dos jardins para a labareda de luz que era a entrada do Castelo do Governador de Senzio.

Havia quatro guardas, dois do lado de fora dos portões trancados, dois do lado de dentro. Deixou que seu manto se abrisse para revelar o vestido preto que usava.

Os dois guardas do lado de fora do portão se entreolharam e relaxaram, tirando a mão das espadas. Os outros dois se aproximaram, para poderem ver melhor na luz das tochas.

Parou na frente do primeiro par, sorrindo.

— Vocês fariam a gentileza de avisar a Anghiar de Barbadior que sua raposa vermelha chegou?

Ela levantou a mão esquerda, embainhada na luva de um vermelho brilhante.

Ela tinha realmente se divertido com a reação de Devin e Rovigo no mercado. Casalia, o gordo e doentio Governador, passara por eles a cavalo, lado a lado com o emissário de Barbadior. Estavam rindo juntos. O emissário de Brandin da Palma Ocidental vinha vários metros atrás, no meio de um grupo de senzianos. A imagem e a mensagem eram perfeitamente claras.

Alais e Catriana estavam no estande de um mercador de seda. Viraram-se para ver o Governador passar.

Ele, porém, não passou. Em vez disso, Anghiar de Barbadior pôs a mão no pulso coberto de joias de Casalia, e pararam seus cavalos irrequietos diretamente diante das duas mulheres. Lembrando-se do que acontecera, Catriana percebeu que ela e Alais deviam ser um bellissimo par. Anghiar, louro e musculoso, com seu bigode virado para cima e um cabelo tão longo quanto o seu estava antes, claramente concordava.

— Um arminho e uma raposa vermelha! — disse ele, em uma voz direcionada para os ouvidos de Casalia. O gordo Governador riu, rápido e alto demais. Os olhos azuis de Anghiar despiram as duas mulheres sob o sol brilhante. Alais desviou o olhar, sem baixá-lo. Catriana retribuiu o olhar o máximo que conseguiu. Não iria se desviar daqueles homens. O sorriso dele só

umentou.

— Uma raposa vermelha mesmo — repetiu, mas dessa vez falou com ela, não com Casalia.

O Governador riu assim mesmo. Eles continuaram, a comitiva seguiu, incluindo o emissário de Brandin, que parecia profundamente infeliz apesar da beleza da manhã.

Catriana percebeu Devin às suas costas e Rovigo do lado de sua filha. Olhou para os dois e registrou a fúria contida em seu olhar. Foi ali que se divertiu, mesmo que brevemente.

— Foi exatamente assim que Baerd ficou antes de quase fazer com que nós dois morrêssemos em Tregæa. Não estou disposta a repetir a experiência. Não tenho mais cabelo para cortar.

Foi Alais, muito mais esperta do que Catriana imaginara, que riu, quebrando a tensão. Os quatro continuaram.

— Eu podia tê-lo matado — disse Devin em voz baixa para ela, enquanto passavam pelo estande de um vendedor de artigos de couro.

— Claro que sim — respondeu ela, tranquila. Mas percebeu como aquilo devia ter soado e que ele estava falando sério. Apertou-lhe o braço. Algo que ela não teria feito seis meses antes. Ela também estava mudando. Todos eles estavam.

Naquele momento, contudo, com o divertimento e a raiva sumindo, Catriana começou a pensar. Para ela, foi como se a claridade do dia ficasse sombria por um instante, apesar do céu não ter nenhuma nuvem.

Depois, notou que decidira fazer aquilo assim que a ideia surgira em sua cabeça.

Antes que o mercado fechasse, ela conseguiu ficar sozinha tempo suficiente para comprar o que precisava. Brincos, vestido, pente. Luva vermelha.

Foi enquanto fazia aquelas coisas que começou a pensar em sua mãe e a se lembrar da ponte em Tregæa. Não era de se surpreender: sua mente trabalhava em padrões assim. E esses padrões eram o motivo de estar fazendo aquilo, o porquê de ser capaz de pensar naquilo. Quando a noite caísse, sairia sozinha, sem falar com ninguém. Diria uma mentira qualquer para Alais. Sem despedidas, pois eles tentariam impedi-la, assim como ela tentaria impedir qualquer um deles.

Algo tinha que ser feito, todos sabiam disso. Alguém *tinha* que se mexer, e, naquela manhã no mercado, Catriana julgara ter descoberto como.

Ainda assim, passou a primeira parte daquela caminhada solitária pela escuridão desejando ser mais corajosa, desejando que suas mãos não tremessem. E elas pararam de tremer completamente quando chegou ao muro do jardim e viu uma estrela cadente no céu de veludo azul escuro.

— Vamos ter que revistá-la, você compreende, não é? — disse um dos guardas externos, um sorriso torto no rosto.

— É claro — murmurou, dando um passo à frente. — Afinal, você tem tão poucos benefícios trabalhando aqui...

O outro riu e a puxou, sem ser rude, até a luz das tochas e, depois, um pouco mais à frente, até as sombras mais discretas num canto. Ela ouviu uma discussão breve, em voz baixa, entre os dois homens do outro lado do portão, que terminou em uma ordem curta de seis palavras. Um deles, visivelmente mais baixo na hierarquia, começou relutante a andar pelo pátio para encontrar Anghiar de Barbador e lhe dizer que seus sonhos tinham se tornado realidade, ou coisa parecida. O outro rapidamente abriu os portões com a chave que carregava no cinto e saiu para se unir aos companheiros.

Eles demoraram um pouco com ela, mas foram gentis e não abusaram demais. Se ela estava indo até o barbadiano e estivesse sob sua proteção, não poderiam se arriscar a ofendê-la. Ela contara com isso. Conseguiu rir baixinho uma ou duas vezes, mas não tanto que os encorajasse. Ainda estava

pensando em padrões, lembrando-se da primeira noite em que fora procurar Alessan e Baerd. O porteiro noturno a apalpava enquanto ela passava, olhando, certo do porquê de ela estar ali.

Não vou dormir com vocês, ela dissera quando eles abriram a porta. *Nunca dormi com homem nenhum*. Tanta ironia em sua vida, ao olhar para trás naquelas sombras misturadas, com as mãos dos guardas se movendo em seu corpo. Que mortal poderia saber como a linha de seu destino correria? Inevitavelmente, viu-se pensando em Devin no armário escondido do Palácio Sandreni. No que tinha acontecido de forma totalmente diversa do que ela pensara e esperara. Não que estivesse pensando em futuros ou destinos naquele dia.

E agora? No que deveria estar pensando, enquanto os padrões começavam a se desenrolar novamente? As imagens — disse para si mesma, envolta na sombra com os três guardas —, agarre-se às imagens com força. Entradas e saídas, a vela capaz de começar uma fogueira.

Quando terminaram de revistá-la, o quarto guarda voltou com dois barbadianos, que também sorriam. No entanto, eles a trataram com alguma cortesia, enquanto a levavam pelos portões abertos e através do pátio central. A luz caía erraticamente de janelas acima. Antes de entrarem, ela olhou para as estrelas. As luzes de Eanna. Cada uma delas tinha um nome.

Entraram no castelo por duas portas maciças guardadas por mais quatro homens; em seguida, passaram por dois lances de escadas de mármore e por um longo e iluminado corredor no andar mais alto. No final, havia uma porta parcialmente aberta. Além dela, enquanto se aproximavam, Catriana viu de relance uma sala elaboradamente decorada com cores ricas e escuras.

Na porta, estava Anghiar de Barbadior em pessoa, em uma túnica azul que combinava com seus olhos, segurando uma taça de vinho verde e devorando-a com o olhar pela segunda vez naquele dia.

Ela sorriu e o deixou pegar seus dedos enluvados na mão cuidada. Ele a conduziu até a sala. Então, fechou e trancou a porta. Estavam a sós. Havia velas acesas em todos os lugares.

— Raposa vermelha, como você quer brincar?

Devin estivera nervoso durante toda a semana, inquieto, sabia que todos estavam assim também. A mistura de tensão crescente com a imobilidade forçada, somadas à consciência do quão perto estavam do final, criavam uma irritabilidade perigosa e invasiva em todos.

Em vista desse clima, Alais havia sido extraordinária, uma bênção naqueles últimos dias. A filha de Rovigo parecia estar ficando mais sábia e mais gentil, e até mesmo mais à vontade entre eles a cada dia. Era como se sentisse uma necessidade, uma razão para estar ali. A tenta, sempre alegre, de conversa fácil, com perguntas e respostas brilhantes, e uma paixão declarada pelas longas histórias contadas por todos, ela evitara quase sozinha que três ou quatro refeições tivessem se degenerado para uma seriedade triste ou um rancor fracionado. Rinaldo, o Curandeiro, estava quase apaixonado por ela, tal era o modo que parecia florescer ao seu lado. E ele não era o único, Devin pensou, quase agradecendo as tensões da época por impedirem-no de analisar seus próprios sentimentos.

Na atmosfera quente de Senzio, a beleza pálida e delicada de Alais, junto com sua graciosidade, destacavam-na como uma flor transplantada de um mundo mais fresco, o que era, é claro, totalmente verdade. Sendo ele mesmo um observador, Devin às vezes pegava Rovigo olhando sua filha enquanto ela conversava com um ou outro de seus novos companheiros, e o olhar do homem revelava tudo.

No final do jantar, tendo passado a última meia hora transformando o passeio ao mercado em uma viagem de descobrimento, Alais pediu licença e subiu. Sua partida foi seguida pelo retorno da tristeza para a mesa, um retorno inexorável à única e dominante preocupação em suas mentes. Nem Rovigo estava imune: ele se inclinou para Alessan e fez uma pergunta em voz baixa sobre a última

incursão fora da cidade.

Alessan e Baerd, junto com Ducas, Naddo e Arkin estiveram patrulhando a estrada, procurando prováveis campos de batalha e melhor lugar para ficarem quando chegasse o momento para o último rolar de dados. Devin não gostava muito de pensar naquilo. Envolvia magia, o que sempre o preocupava. Além disso, uma batalha deveria acontecer para que algo mudasse, e Alberico de Barbador estava encolhido em sua ravina na fronteira e não mostrava nenhum sinal de que tomaria alguma atitude. Era o bastante para deixar qualquer um maluco.

Eles começaram a passar mais tempo longe uns dos outros nos dias e noites, em parte por precaução, mas inegavelmente também porque o excesso de proximidade, com aquele humor, não era bom para ninguém. Baerd e Ducas estavam em uma das tabernas do porto naquela noite, desbravando o território dos comerciantes de carne para se manterem em contato com os homens de Tregia, com os marinheiros de Rovigo e com vários outros que tinham vindo para o norte em resposta aos chamados esperados por muito tempo.

Eles também tinham um rumor para espalhar, sobre Rinaldo di Senzio, o tio exilado do Governador, que, diziam, estava em algum lugar na cidade incitando a rebelião contra Casalia e os tiranos. Devin se perguntara brevemente se aquilo era o mais inteligente a fazer, mas Alessan explicara antes que ele pudesse perguntar: Rinaldo mudara muito em dezoito anos e poucas pessoas sabiam que o haviam cegado. Ele fora um homem muito amado e, se Casalia tivesse deixado essa notícia se espalhar, lhe seria perigoso. Arrancaram os olhos do Curandeiro para neutralizá-lo e não falaram mais nisso.

O velho, encolhido e silencioso a um canto da taberna, muito dificilmente seria reconhecido, e a única coisa que podiam na realidade fazer naqueles dias era contribuir o mais possível para aumentar a tensão na cidade. Se o Governador ficasse mais ansioso, os emissários um pouco mais inquietos...

Rinaldo pouco dizia, mas tinha sido ele a sugerir dar início ao rumor. Parecia estar a preparar-se, a juntar forças; com uma guerra a chegar, a exigência sobre um Curandeiro seria grande e Rinaldo já não era jovem. Quando falava, geralmente era com Sandre. Os dois velhos inimigos, de províncias rivais nos tempos antes dos Tiranos, acalmavam-se e distraíam-se um ao outro com lembranças sussurradas de anos passados, histórias de homens e mulheres que já tinham atravessado os portais de Morian há muito tempo.

Era raro Erlein di Senzio estar com eles nos últimos dias. Tocava com Devin e Alessan, mas geralmente comia e bebia sozinho, às vezes naquela taberna, mas com mais frequência em outros lugares. Alguns dos compatriotas senzianos reconheceram o trovador, apesar de o mago não ser mais efusivo com eles do que era com os do grupo. Devin o vira caminhando em uma manhã com uma mulher que parecia tanto com ele que deveria ser sua irmã. Pensou em se aproximar para ser apresentado, mas não estava com vontade de aturar a rispidez de Erlein. Era de se pensar que com tudo prestes a acontecer, à beira de um clímax, o senziano teria deixado suas mágoas para trás finalmente. Porém, não era bem assim.

Devin não se preocupava com as ausências dele porque Alessan também não se preocupava. Afinal, um homem que os traísse seria certamente recompensado com a própria morte. Erlein podia estar com raiva, amargurado e triste, mas não era tolo de jeito nenhum.

Ele fora jantar em outro lugar naquela noite também, mas devia voltar para Solinghi em breve; tinham horário para tocar em alguns minutos e, para isso, Erlein nunca se atrasava. A música era o único santuário de harmonia naqueles dias, mas Devin sabia que aquilo só se aplicava a eles três. O que os outros, espalhados pela cidade, estavam fazendo para se aliviar, ele não podia imaginar. Ou melhor, podia sim. Afinal, ali era *Senzio*.

— Há algo errado! — disse Rinaldo de repente, inclinando a cabeça enquanto farejava o ar. Alessan parou de rascunhar o terreno da estrada na toalha e levantou os olhos. Assim como Rovigo.

Sandre já se levantava de sua cadeira.

Alais correu até eles. Antes mesmo que falasse, Devin sentiu um dedo de terror tocá-lo.

— Catriana se foi! — disse ela, lutando para manter a voz baixa. Seus olhos se moveram de Devin para seu pai e, depois, se fixaram em Alessan.

— O quê? Como? — disse Rovigo, com rispidez. — Nós a teríamos visto descer, não?

— As escadas dos fundos — lembrou Alessan. Devin notou que suas mãos estavam espalmadas na toalha. O Príncipe encarou Alais. — O que mais?

O rosto da menina estava branco.

— Ela trocou de roupa. Não sei por quê. Ela comprou um vestido preto de seda e umas joias no mercado hoje. Eu ia perguntar a ela sobre isso, mas eu... eu não queria me meter. É tão difícil ela responder a uma pergunta. E tudo sumiu. Tudo o que ela comprou.

— Um *vestido de seda*? — disse Alessan, sem acreditar, erguendo a voz. — Em nome de Morian, o que...

Mas Devin já sabia. Com certeza.

Alessan não estivera com eles no mercado, nem Sandre. Não tinha como entenderem. Um medo de congelar ossos secou sua boca e começou a martelar em seu coração. Ele se levantou, derrubando a cadeira e derramando seu vinho.

— Ah, Catriana! Catriana, *não!* — disse estupidamente, como se ela estivesse na sala e ainda pudesse ser impedida, como se ainda pudesse ser mantida entre eles, dissuadida de sair sozinha à noite, com sua seda e suas joias, com sua imensa coragem e seu orgulho.

— O quê? Devin, diga! O que foi? — perguntou Sandre, com a voz cortante. Alessan não disse nada, apenas se virou, os olhos cinzentos preparados para a dor.

— Ela foi até o castelo — disse Devin. — Ela vai matar Anghiar de Barbadior. Acha que isso irá começar a guerra.

Enquanto falava, movia-se, sem pensar racionalmente, sendo levado em frente por algo infinitamente mais profundo. Mas, se ela já tivesse chegado ao castelo, não havia mais esperança nenhuma.

Estava correndo quando alcançou a porta. Mesmo assim, Alessan estava ao seu lado, com Rovigo logo atrás. Devin derrubou alguém que surgiu na escuridão. Não olhou para trás.

Eanna, seja piedosa, rezou em silêncio várias e várias vezes enquanto iam na direção das luas. Deusa da Luz, não deixe ser assim. Que não seja assim.

Nada disse, porém. Correu para o castelo no escuro. O medo tornando-se algo vivo em seu coração, trazendo o conhecimento terrível da morte.

Devin sabia o quão rápido conseguia correr, sempre tivera orgulho de sua velocidade. E mesmo se movendo como um possuído, quase sem tocar o chão, Alessan estava ao seu lado quando alcançou o Castelo do Governador. Pararam em um canto, lado a lado, e chegaram ao muro do jardim. Olharam para cima, para além dos galhos de uma imensa sejoia que se espalhava para todos os lados. Podiam ouvir Rovigo se aproximando e alguém logo atrás. Não se viraram para ver. Os dois olhavam para a mesma coisa.

Havia uma silhueta marcada pela luz de tochas em uma das janelas mais altas. Uma figura que conheciam, usando um vestido escuro.

Devin caiu de joelhos no beco enluarado. Ele pensou em escalar o muro, em gritar o nome dela. O cheiro doce das flores tain o cercou. Olhou para o rosto de Alessan, mas desviou os olhos do que viu.

Como ela gostaria de brincar?

Para começar, não gostaria de brincar, sobretudo não daquele jeito. Ela não gostava de jogos. Preferia nadar e caminhar na praia de manhã sozinha. Às vezes, andar na floresta, catando cogumelos ou folhas de mahgoti para o chá. Sempre gostara de música, em especial depois de conhecer Alessan. E, sim, seis ou sete anos antes, ela tinha começado a ter seus próprios sonhos intermitentes de encontrar amor e paixão em algum lugar do mundo. No entanto, isso não era frequente e, raras vezes, o homem tinha rosto naqueles sonhos.

Havia o rosto de um homem com ela, agora, e aquilo não era um sonho. Nem um jogo. Era a morte. Entradas e saídas. Uma vela moldando o fogo antes de se apagar.

Estava deitada na cama dele, nua, para seu olhar e para seu toque, exceto pelas joias brilhando no pulso, pescoço, orelhas e cabelo. Luz vinha de todos os cantos da sala. Parecia que Anghiar gostava de ver suas mulheres respondendo ao que fazia. *Venha por cima de mim*, ele murmurara em sua orelha. *Mais tarde*, ela respondera. Ele tinha dado risada, um som rouco e profundo em sua garganta, e se moveu para ficar por cima, também nu, a não ser por sua blusa branca que estava aberta, mostrando os pelos loiros e delicados em seu peito.

Era um amante talentoso, muito experiente. E foi isso que a permitiu matá-lo no fim.

Ele baixou a cabeça para seus seios, antes de penetrá-la. Colocou um mamilo na boca, com delicadeza surpreendente, e começou a circular sua língua por eles.

Catrina fechou os olhos por um momento. Fez um som, o que pensou ser o correto. Ela ergueu as mãos sobre a cabeça, como uma gata, movendo o corpo sinuosamente com a pressão da boca e das mãos dele. Tocou o pente em seu cabelo. *Raposa vermelha*. Ela gemeu de novo. As mãos dele estavam em suas coxas, movendo-se para cima entre elas, a boca ainda em seus seios. Ela soltou o pente e apertou o fecho para abrir a lâmina. Então, movendo-se sem pressa, como se tivesse todo o tempo do mundo, como se aquele único momento fosse a reunião de todos os momentos de sua vida, ela desceu sua arma e a fincou na garganta dele.

O que significava que sua vida acabara.

Era possível comprar qualquer coisa que no mercado de armas de Senzio. Qualquer coisa mesmo. O que incluía um enfeite feminino com uma lâmina escondida. E com veneno na lâmina. Um enfeite para o cabelo, preto, com joias brilhantes, uma das quais soltava a mola que liberava a lâmina. Mortal e delicada.

Feita em Ygrath, é claro. Esse detalhe era o mais importante em seu plano.

Anghiar ergueu a cabeça em choque. Sua boca se contorceu involuntariamente enquanto seus olhos se arregalavam na agonia que começava. Sangue jorrava de sua garganta, empapando as cobertas e os travesseiros; cobrindo-a.

Ele gritou; um som terrível. Rolou para longe, caindo da cama no chão atapetado, apertando desesperadamente a garganta. Havia sangue demais. Gritou de novo. Tentou estancar o sangue, apertando as mãos contra a ferida. Mas não adiantava. Não era a ferida que iria matá-lo. Ela observou, ouvindo o grito parar e ser seguido por um som molhado e borbulhante. Anghiar de Barbadior caiu lentamente de lado, a boca ainda aberta, sangue escorrendo de sua garganta para o tapete. Seus olhos azuis ficaram enevoados antes de se fecharem.

Catrina olhou para suas mãos. Estavam firmes como pedra. Assim como as batidas de seu coração. Um momento que continha todos os momentos de sua vida. Entradas e saídas.

Ouviu batidas furiosas na porta trancada. Gritos frenéticos e uma torrente de maldições guiadas pelo pânico.

Ela ainda não havia terminado. Eles não poderiam capturá-la. Ela sabia o que a feitiçaria poderia fazer com a mente de alguém. Se a pegassem viva, teriam todos os seus amigos. Saberiam de tudo. Porém, ela não tinha ilusões, sabia qual era o passo final desde que formara o plano.

Batiam contra a porta que, como era grande e pesada, aguentaria um tempo. Ela se levantou e

se vestiu. Não queria estar nua, mas não podia dizer o porquê. Inclinando-se na cama, pegou a arma ygratheana, aquela brilhante emissária da morte, e, com cuidado por causa do veneno, deixou-a ao lado de Anghiar para ser encontrada rápida. Ela precisava ser encontrada.

Ouviu um som agudo vindo da porta que começava a se partir, além de mais gritos. Um tumulto começara no corredor. Pensou em colocar fogo no quarto — vela para fogueira, o que tinha seus atrativos —, mas não, tinham que encontrar o corpo de Anghiar e exatamente aquilo que o matara. Abriu a janela e pisou no parapeito. A janela fora elegantemente projetada, alta o bastante para que ela ficasse de pé. Olhou para fora e para baixo por um momento. O quarto estava sobre o jardim, bem alto sobre ele. Altura maior do que seria suficiente. O cheiro das sejoias subiu junto com a doçura das flores tain, além de várias outras flores noturnas que ela não conhecia. As duas luas estavam no céu, Vidomni e Ilarion, observando-a. Olhou para elas por um momento, mas foi para Morian que rezou, pois era em sua direção que estava atravessando último portal.

Pensou em sua mãe. Em Alessan. No sonho dele que se tornara o seu, pelo qual estava prestes a morrer em uma terra que não era a sua. Pensou brevemente em seu pai, sabendo quanto daquilo tudo tinha a ver com consertar seus erros, em como cada geração deixava uma marca na próxima de uma forma ou de outra. *Que seja o suficiente*, ela rezou, mirando o pensamento como uma flecha mental até Morian em seus salões.

A porta explodiu para dentro com um barulho de madeira quebrada. Meia dúzia de homens entraram aos tropeços no quarto. Era a hora. Catriana desviou seus olhos das estrelas, das duas luas e do jardim. Do parapeito da janela, olhou para baixo, para os homens. Ouvia uma música em seu coração, um crescendo de esperança e orgulho.

— *Morte aos serviços de Barbadior!* — gritou, com toda a força de sua voz. — *Liberdade para Senzio! Vida longa ao Rei Brandin da Palma!*

Um dos homens, mais rápido que os outros, reagiu, atravessando a sala em um pulo. Entretanto, não foi rápido o bastante, não tão rápido quanto ela. Ela já tinha se virado, o ácido daquelas últimas palavras corroendo seu cérebro. Viu as luas de novo, as estrelas de Eanna, a ampla escuridão que esperava entre eles e o além.

Ela se jogou. Sentiu o vento da noite em seu rosto e em seu cabelo, viu o chão escuro do jardim se aproximando, por um instante ouviu vozes que depois cessaram, apenas ouvia o vento alto. Estava sozinha, caindo. Sentiu que sempre estivera sozinha. Saídas. Uma vela. Memórias. Um sonho, uma oração de chamas, que elas pudessem vir. Então, um último portal, uma escuridão inesperadamente agradável que se abria à sua frente no ar. Fechou os olhos pouco antes de atravessar.

Noite quente. A fragrância das flores. O luar se reflete nas árvores, nas pedras pálidas do muro do jardim, na mulher parada na janela.

Devin ouve um barulho à sua esquerda e se vira rápido. Rovigo está correndo, mas para com o choque ao deparar com o olhar de Alessan. Logo atrás, Sandre e Alais o seguem.

— *Me ajude!* — ordena o Duque rispidamente, ajoelhando nas pedras ao lado de Devin. Seu rosto parece selvagem, consternado, e ele tem uma faca na mão.

— O quê? — Devin arfa, sem entender. — O que você...

— Meus dedos! Agora! Corte-os! Preciso do poder. — Sandre d'Astibar coloca com força o cabo de sua faca na palma de Devin e curva sua mão esquerda em um pedaço solto de pedra. Ele deixa apenas o terceiro e o quarto dedos estendidos. Os dedos de mago, da ligação com a Palma.

— Sandre... — Devin gagueja.

— Não diga nada! *Corte, Devin!*

Devin faz como mandado. Com uma careta, apertando os dentes com a dor e contra a tristeza, posiciona a lâmina fina e afiada e a desce nos dedos expostos de Sandre, cortando-os. Ouve alguém gritando. É Alais, não o Duque.

No momento em que a faca corta direto a carne para arrancar a pedra, há um brilho suave. A face escurecida de Sandre é iluminada por uma coroa de luz branca que fulgura como o uma estrela ao redor de sua cabeça e some, deixando-os cegos por um momento.

Alais está do outro lado do Duque, já se ajoelhando para, rapidamente, enrolar um pedaço de tecido ao redor da mão que sangra. Sandre levanta a mão com esforço, em silêncio com sua dor. Sem dizer uma palavra, a moça o ajuda, seus dedos apoiando o braço dele.

Mais distante, ouviram sons de madeira quebrando e homens gritando vindos lá do alto. Há uma silhueta na janela; Catriana fica rígida de repente. Grita alguma coisa. Estão longe demais para distinguir as palavras. Terrivelmente longe. Mas veem o quanto ela se vira para a escuridão, para a noite.

— *Não, minha querida, não! Não faça isso!* — A voz de Alessan é um sussurro rasgado, saindo de seu coração.

Tarde demais. Muito, muito tarde.

De joelhos na rua de terra, Devin a viu cair.

Não girando ou resvalando na parede, mas graciosamente, como sempre foi — um mergulho cortando a noite. Sandre empurrou sua mão mutilada de mago para a frente, fazendo força para cima. Ele fala rápido, palavras que Devin não entende. Uma distorção repentina surge na noite, um tremeluzir como se fosse de um calor sobrenatural no ar. A mão de Sandre está apontada para a mulher que cai. O coração de Devin para por um momento, agarrado àquela esperança impossível e selvagem.

Então, começa a bater de novo, pesado como a idade, como a morte; o que quer que Sandre tenha tentado, não foi o bastante. Ele está longe demais, é uma magia muito difícil, aquele poder lhe é muito recente. Esse foi um dos motivos. Catriana cai. Sem ser impedida, bela como a fantasia enluarada de uma mulher que pode voar. Para baixo, para o fim, atrás do muro do jardim.

Alessan irrompe em soluços desesperados. Sandre cobre os olhos com a mão boa, seu corpo balançando para a frente e para trás. Devin quase não consegue ver com as lágrimas em seus olhos. Lá no alto, na janela onde ela estava, formas embaçadas surgem, olhando para baixo, para a

escuridão do jardim.

— Temos de sair daqui! — grasnava Rovigo, em palavras quase incompreensíveis. — Eles vão fazer uma busca.

É verdade. Devin sabe. Se havia algum presente, qualquer coisa que pudessem oferecer a Catriana agora, onde quer que ela esteja, observando com Morian, é que sua morte não seja em vão.

Devin se força a se levantar e ajuda Sandre a fazer o mesmo. Então, se vira para Alessan, que não havia se movido ou tirado os olhos da janela alta onde homens ainda estavam gesticulando. Devin se lembra do Príncipe na tarde em que sua mãe morreu. Aquilo é o mesmo. Aquilo é pior. Ele seca os olhos com as costas da mão e se vira para Rovigo.

— Somos muitos para continuarmos juntos. Você e Sandre vão com Alais. Tomem muito cuidado, pois podem reconhecê-la. Ela estava com Catriana quando o Governador a viu. Iremos por outro caminho e encontraremos vocês em nosso quarto.

Ele pega Alessan pelo braço e o vira — o Príncipe não resiste e o segue. Os dois vão para o sul, aos tropeços, por uma rua que os leva para longe do castelo, do jardim onde ela está. Devin percebe que ainda está segurando a adaga ensanguentada de Sandre. Ele a coloca no cinto.

Pensa no Duque, no que Sandre acabara de fazer consigo mesmo. Ele se lembra — sua mente fazendo seu truque habitual com o tempo e com a memória — da noite na cabana Sandreni no último outono. A primeira noite que o levava até ali, quando Sandre dissera a eles que não podia tirar Tomasso vivo da masmorra porque não tinha poder suficiente, por nunca ter sacrificado seus dedos na união do mago.

Ele agora o fez. Por Catriana, não por seu filho, e não faz diferença alguma. Há algo de muito doloroso nisso tudo. Tomasso está morto há nove meses e ela está caída em um jardim de Senzio, morta como os homens de Tigana que caíram na guerra no Deisa, anos antes.

Devin sabe que para ela era isso que importava. Ela lhe dissera no castelo de Alienor. Ele começa a chorar novamente, incapaz de se conter. Um momento depois, sente a mão de Alessan em seu ombro.

— Aguarde firme, só mais um pouco — diz o Príncipe. Suas primeiras palavras desde que ela caiu. — Você me guia e eu guiarei você, depois iremos lamentar juntos, você e eu.

Ele deixa a mão no ombro de Devin enquanto trilha seu caminho pelas ruas escuras e pelas iluminadas.

Já há uma confusão em Senzio, um fiapo de rumor descuidado sobre algo acontecendo no castelo. *O Governador está morto*, alguém grita febrilmente, ao passar correndo por eles. *Os barbadianos invadiram a fronteira*, uma mulher grita, inclinando-se de uma janela no andar de cima de uma taberna. Ela tem cabelo vermelho e, ao ver isso, Devin desvia os olhos. Ainda não há guardas nas ruas; andam rápido e não são parados por ninguém.

Mais tarde, ao pensar naquela caminhada, Devin percebe que nunca, em momento algum, ele duvidou que Catriana tivesse matado o barbadiano antes de pular.

De volta à taberna, não havia nada que Devin quisesse mais do que subir para seu quarto e fechar os olhos, para se afastar das pessoas e do tumulto invasivo do mundo. No entanto, ao cruzarem a porta, ele e o Príncipe foram saudados com muitos vivas impacientes que subiram da sala da frente, lotada, chegando devagar nos fundos também. Estavam bem atrasados para a primeira apresentação da noite, e o lugar estava cheio de pessoas que tinham ido ali só para ouvi-los tocar, sem se importar com o barulho crescente do lado de fora.

Devin e Alessan se entreolharam. Música.

Não havia sinal de Erlein, mas os dois lentamente abriram caminho pela multidão até o palco

montado no espaço entre as duas salas. Alessan pegou sua flauta e Devin ficou ao seu lado, esperando. O Príncipe soprou algumas poucas notas, afinando-as e, depois, sem dizer uma palavra, começou a tocar a melodia que Devin sabia que viria.

Quando as primeiras e doídas notas do “Lamento por Adaon” soaram na sala lotada, houve um murmúrio breve e desconcertado; em seguida, caiu o silêncio. Naquela quietude, Devin seguiu a flauta de Alessan, elevando sua voz em um lamento; não pelo deus, apesar das palavras serem as mesmas. Não por Adaon, caindo de seu lugar alto, mas por Catriana di Tigana, que caíra do seu.

Foi dito, depois, que nunca houve um silêncio tão grande, uma atenção tão ávida entre as mesas da taberna. Mesmo os atendentes nos salões e os cozinheiros na cozinha atrás do balcão pararam o que estavam fazendo para ouvir. Ninguém se movia, ninguém fazia som algum. A flauta tocava e uma voz solitária cantava a mais antiga canção de luto da Palma.

Em um quarto no andar de cima, Alais levantou a cabeça de seu travesseiro ensopado de lágrimas e, lentamente, se sentou. Rinaldo, que cuidava da mão mutilada de Sandre, virou o rosto para a porta, e os dois ficaram imóveis. Era Baerd, que voltara com Ducas para receber as notícias que esmagariam seu coração de uma forma que ele não imaginara ser possível novamente. Ouviu Alessan e Devin embaixo e sentiu-se como se sua alma o abandonasse, como fizera na Noite das Brasas, para voar pela escuridão procurando por paz, por um lar, por um mundo de sonhos onde jovens mulheres não morriam daquele jeito.

Na rua, onde chegava o som da flauta e daquela voz tão lamentosa, as pessoas paravam a barulhenta perseguição de rumores ou a caçada incessante de prazeres noturnos, para ficarem do lado de fora da porta, ouvindo as notas da dor, o som do amor, presos na magia de uma música feita pela perda.

Por muito tempo depois, Senzio ainda se lembraria daquela interpretação assombrosa e triste, totalmente inesperada, do “Lamento”, na noite morna e enluarada que marcou o começo da guerra.

Tocaram aquela única música e encerraram. Não havia mais nada neles. Devin pegou duas garrafas de vinho de Solinghi que estavam atrás do balcão, e seguiu Alessan escada acima. A porta de um dos quartos estava aberta: era o de Alais, que também fora o de Catriana. Baerd os esperava ali; ele fez um ruído engasgado e correu até Alessan, que o abraçou.

Ficaram agarrados por muito tempo, balançando-se. Quando se afastaram, seus rostos pareciam confusos, sem foco. Devin os seguiu até o quarto. Alais estava ali, assim como Rovigo, Sandre, Rinaldo, Ducas, Naddo e Sertino, o mago. Todos eles apertados naquele único quarto, como se estar no aposento que ela deixara para trás fizesse, de alguma forma, seu espírito ficar mais próximo.

— Alguém se lembrou de trazer vinho? — perguntou Rinaldo com a voz fraca.

— Eu trouxe — disse Devin, indo até o Curandeiro. Rinaldo estava pálido e exaurido. O rapaz olhou de relance para a mão esquerda de Sandre e viu que parara de sangrar. Guiou a mão de Rinaldo para uma das garrafas de vinho e o Curandeiro bebeu no gargalo, sem se preocupar em pedir um copo. Devin passou a outra para Ducas, que fez o mesmo.

Sertino olhava fixo para a mão de Sandre.

— Você vai ter que se habituar a esconder esses dois dedos — disse ele, levantando sua própria mão esquerda, em que Devin viu a já familiar ilusão de completude.

— Eu sei — falou Sandre. — Mas estou fraco demais agora.

— Isso não importa — respondeu Sertino. — A falta de dois dedos pode significar a sua morte. Não importa o quão cansados estejamos, o disfarce tem que ser constante. Faça. Agora.

Sandre o olhou zangado, mas o rosto redondo e rosado do certandiano não mostrava nada

além de preocupação. O Duque fechou os olhos rapidamente, fez uma careta e levantou a mão esquerda devagar. Devin viu cinco dedos ali — ou a ilusão de cinco dedos. Ele não conseguia parar de pensar em Tomasso, morto em uma masmorra em Astibar.

Ducas estava lhe oferecendo a garrafa. Ele a pegou e bebeu. Passou para Naddo e foi se sentar na cama, ao lado de Alais, que pegou sua mão, algo que nunca tinha feito antes. Seus olhos estavam vermelhos de tanto chorar e sua pele parecia machucada. Alessan se jogara no chão perto da porta e se apoiara na parede. Seus olhos estavam fechados. À luz das velas, seu rosto parecia oco, as maçãs do rosto em destaque.

Ducas pigarreou.

— É melhor nos prepararmos — disse, sem jeito. — Se ela matou mesmo esse barbadiano, vai haver uma busca na cidade hoje à noite, só a Tríade sabe o que pode acontecer amanhã.

— Sandre também usou mágica — disse Alessan, sem abrir os olhos. — Se houver um Rastreador em Senzio, ele está em perigo.

— Podemos lidar com isso — disse Naddo, ferozmente, seus olhos indo de Ducas para Sertino.

— Nós já fizemos isso uma vez, não é? E tinha mais vinte homens com aquele Rastreador.

— Você não está mais nas terras altas de Certoando — observou Rovigo.

— Não importa — respondeu Ducas. — Naddo está certo. Se estivermos em número suficiente e com Sertino conosco para apontar o Rastreador, eu ficaria envergonhado por meus homens se não pudéssemos arranjar uma briga e matá-lo.

— Isso é arriscado.

Ducas sorriu de repente, um sorriso como o de um lobo, frio e duro, sem nenhum vestígio de alegria.

— Eu bem que gostaria de um pouco de risco hoje — disse, e Devin entendeu exatamente o que ele quis dizer.

Alessan abriu os olhos e olhou para cima, de onde estava encostado na parede.

— Então o faça — disse. — Devin pode trazer as mensagens até nós. Iremos tirar Sandre daqui, vamos levá-lo para o navio se for necessário. Se você avisar que...

Ele parou e se esticou com um simples movimento dos pés. Baerd já pegara sua espada no lugar onde estivera encostada na parede. Devin se levantou, soltando a mão de Alais.

Ouviram mais uma sequência de sons vindos da escada do lado de fora da janela. Então, a janela se abriu enquanto uma mão puxava o vidro para fora, e Erlein di Senzio pisava com cuidado no parapeito, para entrar no quarto com Catriana nos braços.

No silêncio pétreo que se seguiu, ele olhou para todos por um momento, observando o cenário. Então, virou-se para Alessan.

— Se você está preocupado com magia — disse, com a voz fina como papel —, é bom se preocupar ainda mais. Usei uma quantidade de muito grande agora mesmo. Se há um Rastreador em Senzio, então qualquer um que esteja perto de mim tem grandes chances de ser capturado e morto. — Ele parou e depois sorriu, bem de leve. — Mas eu a peguei a tempo. Ela está viva.

O mundo de Devin rodou e tremeu. Ouviu-se gritar com uma alegria sem palavras. Sandre literalmente pulou e correu para pegar o corpo inconsciente de Catriana dos braços de Erlein. Apressou-se a colocá-la na cama. Devin viu que estava chorando de novo. Assim como, de forma inesperada, Rovigo.

Devin se virou para onde Erlein estava, a tempo de ver Alessan atravessar o quarto em dois passos e envolver o mago cansado em um abraço de urso que o ergueu do chão, mesmo sob os protestos frágeis do senziano. Alessan o soltou e deu um passo atrás, seus olhos cinzentos brilhavam e seu rosto se iluminava com um sorriso que ele parecia não poder controlar. Erlein tentou, sem sucesso, manter sua costumeira expressão cínica. Porém, Baerd se aproximou e, sem aviso, agarrou

o mago pelos ombros e o beijou nas duas bochechas.

Novamente o trovador lutou para parecer feroz e descontente. E, de novo, falhou. Com uma tentativa bem pouco convincente de sua carranca habitual, ele disse:

— Tomem cuidado. Devin me jogou no chão quando vocês passaram correndo pela porta. Ainda estou dolorido.

Lançou, então, um olhar raivoso para Devin, que sorriu feliz de volta.

Sertino passou uma das garrafas para Erlein, que bebeu um longo gole sedento. Limpou a boca.

— Não foi difícil ver, pelo jeito como vocês corriam, que havia alguma coisa muito errada. Comecei a seguir vocês, mas não corro mais tão rápido. Decidi então usar minha magia. Cheguei ao lado mais distante do muro do jardim no momento em que Alessan e Devin chegaram ao mais próximo.

— Por quê? — perguntou Alessan com surpresa estampada em sua voz. — Você *nunca* usa sua magia. Por que agora?

Erlein deu de ombros.

— Nunca vi vocês correrem daquele jeito antes. — Fez uma careta. — Acho que me deixei levar.

Alessan sorria de novo, parecia ser impossível ficar muito tempo sério. Em intervalos de segundos, ele dava rápidas olhadas para a cama, como se para ter certeza de que ela estava mesmo ali.

— E então? — perguntou.

— Então eu a vi na janela e entendi o que estava acontecendo. Assim... usei a minha magia para atravessar a parede e fiquei esperando no jardim, debaixo da janela. — Virando-se para Sandre, acrescentou: — Você mandou uma magia surpreendente de tão longe, mas não tinha a menor chance. Você não podia saber, já que nunca tentou, mas não se pode parar a queda de alguém assim. Você tem que estar embaixo da pessoa. E, geralmente, essa pessoa tem que estar inconsciente. Esse tipo de feitiço funciona quase que exclusivamente em nosso próprio corpo; quando tentamos usá-la em outra pessoa, a vontade deles tem que estar suspensa ou tudo fica confuso quando veem o que está acontecendo, sua mente começa a lutar contra isso.

Sandre sacudia a cabeça.

— Pensei que fosse minha fraqueza, que eu não fosse capaz, mesmo com a união.

A expressão de Erlein era estranha. Por um segundo, pareceu que ele ia responder àquilo, porém voltou a contar a sua história.

— Usei magia para que ela perdesse a consciência em um ponto da queda e outra mais forte para pegá-la antes que batesse no chão. Usei ainda uma última para nos tirar dali, passando novamente pelo muro. Eu já estava completamente exaurido e aterrorizado com a ideia de que pudessem nos encontrar se houvesse um Rastreador no castelo. Mas eles não tinham, estava tudo confuso demais para isso. Acho que há algo mais acontecendo por lá. Nós nos escondemos atrás do Templo de Eanna por um tempo, e depois eu a trouxe até aqui.

— Você a carregou assim, pelas ruas? — perguntou Alais. — E ninguém percebeu?

Erlein sorriu para ela, com alguma gentileza.

— Isso não é incomum em Senzio, querida.

Alais ficou totalmente vermelha, mas Devin podia notar que ela não se importava de verdade. Estava bem. De repente, tudo estava bem.

— É melhor descermos para as ruas — disse Baerd para Ducas. — Vamos precisar encontrar Arkin e alguns dos outros. Tendo Rastreadores ou não, isso não muda as coisas. Quando eles não encontrarem o corpo no jardim, irão começar uma busca exaustiva pela cidade hoje. Pode haver alguma confusão, alguma luta.

Ducas sorriu de novo, mais parecido com um lobo do que nunca.

— Espero que sim.

— Um momento — disse Alessan em voz baixa. — Queria que todos vocês testemunhassem uma coisa.

Ele se virou para Erlein e hesitou, enquanto escolhia as palavras.

— Nós dois sabemos que o que você fez esta noite foi sem nenhuma coerção de minha parte e, de qualquer modo, contra seus próprios interesses.

Erlein olhou para a cama e dois pontos vermelhos repentinos surgiram em suas bochechas magras.

— Não ache que isso foi uma grande coisa — avisou, mal-humorado. — Todo homem tem seu momento de loucura. Apenas gosto de ruivas, é isso. Foi assim que você me prendeu, para começar, lembra?

Alessan balançou a cabeça.

— Pode ser que seja verdade, mas não é só isso, Erlein di Senzio. Eu o uni a essa causa contra a sua vontade, mas eu acho que você acabou de se unir a ela livremente.

Erlein praguejou comovido.

— Não seja tolo, Alessan. Eu acabei de dizer, eu...

— Eu sei o que você acabou de me dizer. Mas eu julgo por mim mesmo, como sempre fiz. E a verdade é que eu finalmente percebi, hoje à noite, por causa de você e de Catriana, que há limites para o que eu quero fazer ou para o que os outros fazem por uma causa. Mesmo pela minha.

Quando o Príncipe acabou de falar, deu um passo para frente e colocou a mão na testa de Erlein. O mago se encolheu, mas Alessan fez com que ele se endireitasse.

— Eu sou Alessan, Príncipe de Tigana, descendente direto de Micaela. Em nome de Adaon e do presente dado aos seus filhos, eu o liberto, mago!

Os dois homens deram um passo atrás, como se uma corda esticada tivesse sido cortada. O rosto de Erlein estava muito pálido.

— Vou dizer novamente: você é um tolo!

Alessan sacudiu a cabeça.

— Você já me chamou de coisas piores do que isso, e com alguma razão. Agora, porém, vou chamá-lo de algo que você provavelmente não irá gostar. Irei desmascará-lo como um homem decente, com o mesmo desejo de ser livre que nós temos. Você não pode concentrar em mim seu ódio pelos tiranos. Se você decidir nos deixar, você pode. Mas não acho que você vá fazer isso. Seja bem-vindo ao grupo.

Erlein parecia acuado. Seu rosto estava tão confuso que Devin riu alto. A situação parecia-lhe clara e, de uma forma bizarra e distorcida, achou-a cômica. Deu um passo à frente e agarrou o mago.

— Fico feliz — disse. — Fico feliz que esteja conosco.

— Eu não estou! Eu não *disse* isso! — exclamou Erlein. — Não disse nem fiz nada disso.

— Claro que fez — era Sandre quem falava, as evidências da dor e da exaustão ainda vívidas em seu rosto escuro e enrugado. — Alessan está certo. Ele o conhece melhor do que qualquer um de nós. E, de certa forma, melhor do que você mesmo, trovador. Há quanto tempo você vem tentando se convencer de que nada mais importa além de salvar a sua própria pele? Quantas pessoas você convenceu de que isso era verdade? Eu sou um. Baerd e Devin. Talvez Catriana. Mas não Alessan, Erlein. Ele acabou de libertá-lo para provar que estamos errados.

Caiu o silêncio. Podiam ouvir, nas ruas abaixo, gritos e o som de pessoas correndo. Erlein se virou para Alessan e os dois homens se encararam. Devin foi subitamente tomado por uma imagem, outra invasão de sua memória: aquela fogueira em Ferraut, Alessan tocando músicas de Senzio para

Erlein, uma sombra enfurecida ao lado do rio. Havia tantas camadas ali, tanta carga de significados.

Ele viu Erlein di Senzio erguer a mão, sua mão esquerda, com a ilusão de cinco dedos, e oferecê-la a Alessan, que ergueu a sua mão direita para que as palmas se encontrassem.

— Depois de tudo, acho que estou com vocês.

— Eu sei — disse Alessan.

— *Vamos!* — falou Baerd, logo depois. — Temos trabalho a fazer.

Devin o seguiu, com Ducas, Sertino e Naddo, para a escada embaixo da janela.

Antes de colocar o pé para fora, ele se virou para olhar novamente a cama. Erlein percebeu e seguiu seu olhar.

— Ela está bem — disse o mago em voz baixa. — E vai ficar bem. Faça o que tem de fazer e volte para nós.

Devin voltou seus olhos para ele. Trocaram um sorriso quase tímido.

— Obrigado — falou Devin, querendo dizer uma infinidade de outras coisas. Então seguiu Baerd para o tumulto das ruas.

Ela já estava acordada há alguns minutos quando abriu os olhos. Parecia deitada em algum lugar macio e inesperadamente familiar, e havia vozes flutuando, que vinham até ela e se afastavam, como se fossem as ondas do mar ou os lentos vaga-lumes das noites de verão em casa. No começo, não conseguiu distinguir as vozes. Tinha medo de abrir os olhos.

— Acho que ela está acordando — disse alguém. — Vocês poderiam fazer a gentileza de me deixar a sós com ela por alguns momentos?

Só que *aquela* voz ela conhecia. Ouviu os sons de pessoas se levantando e deixando o quarto. Uma porta fechando. A voz era de Alessan.

Isso significava que ela não podia estar morta. Aqueles não eram os Salões de Morian, com as vozes dos mortos cercanda-a. Abriu os olhos.

Ele estava sentado em uma cadeira que puxara para perto da cama. Ela estava em seu próprio quarto, na hospedaria de Solinghi, deitada e coberta em sua cama. Alguém lhe tirara o vestido preto de seda e lavara o sangue de sua pele. O sangue de Anghiar, que jorrara de sua garganta.

A velocidade da memória a deixou tonta.

Em voz baixa, Alessan disse:

— Você está viva. Erlein estava esperando no jardim, embaixo de você. Ele a deixou inconsciente e a pegou com sua magia quando caiu, para trazê-la de volta.

Ela deixou os olhos se fecharem de novo enquanto lutava para lidar com tudo aquilo. Com o fato de estar viva, com o subir e o descer de seu peito enquanto respirava, com a batida de seu coração, aquela sensação curiosa de leveza, como se a mais leve das brisas conseguisse carregá-la para longe.

Mas não iria para longe. Estava na hospedaria, e Alessan continuava ao seu lado. Ele pedira aos outros para saírem. Ela virou a cabeça e olhou de novo para ele, que estava mortalmente pálido.

— Achamos que você tivesse morrido — disse ele. — Nós vimos do lado de fora quando você caiu. O que Erlein fez, ele fez sozinho. Nenhum de nós sabia. Nós achamos que você tivesse morrido.

Ela pensou sobre aquilo.

— Eu consegui alguma coisa? Tem algo acontecendo?

Ele passou uma das mãos no cabelo.

— É cedo demais para dizer ao certo. Mas acho que você conseguiu. Tem uma grande comoção nas ruas. Se você escutar com atenção, vai ouvir.

Concentrando-se, ela realmente podia perceber os sons dos gritos e dos pés que corriam, sob a

janela.

Alessan parecia estranhamente subjugado, lutando contra alguma coisa. Apesar disso, o quarto estava em paz. A cama era mais macia do que ela se lembrava. Esperou, olhando para ele, notando a eterna desordem dos cabelos, que suas mãos sempre amassavam.

— Catriana, eu não tenho como lhe dizer o quão assustado fiquei. Você precisa me escutar e tentar pensar nisso, porque é algo muito importante — disse ele, com cuidado. Trazia uma expressão estranha no rosto e havia algo em sua voz que ela não sabia bem o que era.

Ele estendeu a mão e a colocou sobre a dela, em cima do cobertor.

— Catriana, eu não meço seu valor pelo do seu pai. Nenhum de nós o faz. Você precisa parar de fazer isso consigo mesma. Você não precisa se redimir de nada. Você é o que você é, tudo por seu mérito.

Aquele era um terreno complicado para ela, o mais complicado de todos, e viu que as batidas de seu coração tinham acelerado. Ela o observou, seus olhos azuis nos dele. Os dedos longos e finos dele cobriam os seus.

— Nós temos um passado, uma história. A família importa. Ele era um covarde que fugiu.

Alessan sacudiu a cabeça, sua expressão deixava transparecer algo contido.

— Temos que ter cuidado — murmurou. — Temos que ter muito cuidado ao julgar as pessoas e o que fizeram naqueles dias. Há motivos além do medo pelos quais um homem com uma esposa e uma filha pequena pode escolher ficar com elas e tentar mantê-las vivas. Ah, minha querida, em todos esses anos, eu vi tantos homens e mulheres que fugiram por suas crianças.

Ela sentiu as lágrimas chegando e lutou para controlá-las. Ela odiava falar sobre aquilo. Era o cerne de sua dor em tudo que fazia.

— Mas foi antes do Deisa — sussurrou ela. — Ele fugiu antes das batalhas, antes mesmo da que ganhamos.

Ele sacudiu a cabeça, novamente, encolhendo-se ao ver seu desespero. Ergueu a mão dela e a levou aos lábios. Catriana não se lembrava de ele jamais ter feito isso antes. Havia algo totalmente diferente em tudo ali.

— Pais e filhos — falou, tão baixo que ela mal conseguia escutar. — É difícil, somos rápidos demais em nosso julgamento. Não sei se Devin contou, mas minha mãe me amaldiçoou antes de morrer. Ela me chamou de traidor e covarde.

Ela piscou e tentou se levantar. Rápido demais. Estava tonta e terrivelmente fraca. Devin não lhe contara nada daquilo, ele mal falara sobre aquele dia.

— Como ela pôde? — disse, com a raiva crescendo dentro de si, sentindo raiva daquela mulher que ela nunca vira. — Você? Um covarde? Ela... ela não sabia nada sobre...

— Ela sabia de quase tudo — disse ele em voz baixa. — Ela simplesmente não concordava comigo em qual seriam meus deveres. Era o que eu estava tentando dizer, Catriana: é possível discordar nesses assuntos e chegar a um ponto tão terrível como esse era para nós. Estou aprendendo tantas coisas ultimamente. Neste mundo onde estamos, precisamos de compaixão mais do que qualquer outra coisa, ou estaremos completamente sozinhos.

Dessa vez, ela conseguiu se erguer mais na cama. Olhou para ele, imaginando aquele dia, aquelas palavras de sua mãe. Lembrou-se do que ela mesma dissera a seu pai em sua última noite em casa, palavras que o fizeram sair bruscamente para a escuridão. Ele ainda estava lá, em algum lugar, sozinho, quando fora embora.

Ela engoliu em seco.

— E... e terminou assim com a sua mãe? Foi assim que ela morreu?

— Ela nunca retirou suas palavras, mas me deixou segurar suas mãos antes do fim. Nunca vou saber se isso significou...

— Claro que sim! — disse ela, rápido. — Claro que significou, Alessan. Todos fazemos isso, dizemos com nossas mãos e com nossos olhos, o que temos medo de dizer em voz alta.

Ele sorriu e olhou para baixo, para seus dedos ainda cobrindo os dela. Ela se sentiu corar.

— É verdade. Estou fazendo isso agora, Catriana. Talvez eu seja mesmo um covarde.

Ele pedira para os outros saírem da sala. O coração dela ainda batia muito rápido. Ela olhou em seus olhos e desviou o olhar, com medo de parecer que estava tentando se intrometer, depois do que Alessan dissera. Sentia-se como uma criança de novo, confusa, certa de que não via tudo o que estava acontecendo ali. Ela sempre, sempre odiara não entender o que estava ocorrendo. Ao mesmo tempo, sentia um calor estranho, fora do comum, crescendo dentro de si, e uma sensação esquisita de luz, mais brilhante do que as velas do quarto teriam permitido.

Lutando para controlar sua respiração, precisando de uma resposta, mas com muito medo do que poderia ser, gaguejou:

— Eu... você poderia... explicar isso? Por favor?

Ela o observou com atenção. Vendo-o sorrir, viu o que iluminava seus olhos, chegando a ler seus lábios enquanto se moviam.

— Quando vi você cair — murmurou, sua mão ainda sobre a dela —, percebi que eu estava caindo junto com você, minha querida. Eu finalmente entendi, tarde demais, o que eu neguei para mim mesmo por tanto tempo, o quão absolutamente eu bloqueei algo tão importante para mim mesmo e, sufoquei até mesmo a possibilidade de reconhecê-lo enquanto Tigana não for recuperada. O coração... tem suas próprias leis, Catriana, e a verdade é... a verdade é que você é a lei do meu. Soube quando vi você naquela janela. No momento antes de você saltar, eu soube que a amava, estrela brilhante de Eanna, me perdoe o jeito abrupto, mas você é o porto final da jornada da minha alma.

Estrela brilhante de Eanna. Ele sempre a chamara assim, desde o começo. Com leveza, um nome entre outros, uma implicância quando ela se irritava, um elogio quando ela fazia algo bem. *O porto de sua alma.*

Ela chorava em silêncio, as lágrimas transbordando e escorrendo devagar por suas bochechas.

— Ah, minha querida, não — disse ele, com um tom desajeitado na voz. — Desculpe. Eu sou um tolo. Foi tudo de repente, hoje à noite, depois de tudo o que você fez. Hoje, não. Não devia ter falado nada. Eu nem sei se você...

Ele se calou. Mas apenas porque ela lhe cobrira a boca com seus dedos para fazê-lo parar. Ela ainda estava chorando, mas parecia que havia uma claridade muito brilhante crescendo no quarto, muito além das velas, muito além das luas, uma luz como a do sol começando a surgir para além do limite da escuridão.

Ela escorregou os dedos de sua boca e pegou a mão que havia segurado a sua. *Dizemos com nossas mãos o que não conseguimos dizer em voz alta.* Catriana continuou sem dizer nada, não conseguia. Estava tremendo. Lembrou-se de como suas mãos tremiam enquanto estava andando na noite escura. Fazia muito pouco tempo que estivera em pé na janela de um castelo, sabendo que estava prestes a morrer. Suas lágrimas caíam em suas mãos. Ela abaixou a cabeça, mas isso não as impediu de continuar. Sentia que seu coração era um pássaro, uma trialla recém-nascida abrindo as asas, preparando-se para dar voz à canção de seus dias.

Ele estava ajoelhado ao lado da cama. Ela passou a mão livre no cabelo dele, uma tentativa inútil de tentar domá-lo. Era algo que ela há muito desejava fazer. Por quanto tempo? Quanto tempo esses desejos poderiam existir sem serem conhecidos, sem serem percebidos ou permitidos?

— Quando eu era mais nova — disse ela, finalmente, sua voz falhando, mas precisando desabafar —, costumava sonhar com isso. Alessan, eu morri e voltei? Estou sonhando?

Ele sorriu devagar, aquele sorriso profundo e reconfortante que ela conhecia, que todos eles conheciam, como se suas palavras o tivessem libertado de seu próprio medo, libertando-o para ser ele

mesmo de novo. Para olhá-los como sempre deveria ter feito — o que significava que estava com eles e que tudo ficaria bem.

Inesperadamente, porém, ele se moveu para a frente e baixou a cabeça no cobertor fino que a cobria, como se procurasse seu próprio abrigo, que ela deveria dar a ele. Ela entendeu — parecia — que deusa poderia ter previsto isso? — que ela *tinha* algo para oferecer. Algo além de sua morte. Ela levantou as mãos e as colocou em sua cabeça, trazendo-o para si e, naquele momento, parecia que a trialla recém-nascida em sua alma começava a cantar sobre provações passadas e futuras, dúvidas e escuridão, sobre todas as incertezas que definiam os limites da vida mortal, mas a presença do amor era a base de tudo aquilo, como a luz, como a primeira pedra de uma torre a ser construída.

Mais tarde naquela noite, Devin descobriu que havia um Rastreador barbadiano em Senzio, e ele foi morto, mas não por eles. Assim como não tiveram que se preocupar com nenhum grupo de busca, como haviam temido. Já era quase madrugada quando juntaram todas as peças da história.

Aparentemente, os barbadianos tinham enlouquecido.

Ao encontrarem a faca ygratheana envenenada ao lado do corpo de Anghiar, ouvindo o que a mulher gritara antes de pular, eles também pularam para em conclusões óbvias e assassinas.

Havia vinte deles em Senzio, uma guarda de honra para Anghiar. Eles se reuniram, se armaram e atravessaram o Castelo do Governador até a ala ocidental. Mataram os seis ygratheanos que estavam de guarda ali, quebraram uma porta e avançaram sobre Cullion de Ygrath, o representante de Brandin, enquanto este tentava se vestir. Mataram-no sem pressa. Os sons de seus gritos ecoando pelo castelo.

Desceram as escadas de volta e atravessaram o pátio até os portões da frente e estraçalharam até a morte os quatro guardas senzianos que deixaram a mulher entrar sem revistá-la corretamente. Foi então que o capitão da Guarda do Castelo chegou ao pátio com uma companhia de senzianos. Ele ordenou que abaixassem suas armas.

De acordo com os relatos posteriores, os barbadianos estavam prestes a fazer isso, já que tinham alcançado seus objetivos imediatos, quando dois dos senzianos, enraivecidos com o assassinato sangrento de seus amigos, atiraram-lhes flechas. Dois homens caíram, um morto na hora, outro mortalmente ferido. O morto era justamente o Rastreador de Alberico. Seguiu-se um combate sangrento, até a morte, no pátio do castelo iluminado por tochas, que logo ficou escorregadio com tanto sangue. Os barbadianos foram chacinados até o último homem, levando trinta ou quarenta senzianos com eles.

Ninguém sabia dizer quem atirara a flecha que matou o Governador Casalia enquanto ele descia correndo as escadas, gritando rouco para que parassem.

No caos que se seguiu, ninguém pensou em ir até o jardim para procurar o corpo da mulher que começara aquilo tudo. Havia um pânico selvagem crescendo na cidade conforme as notícias se espalhavam pela noite. Uma imensa e aterrorizada multidão se reuniu diante do castelo. Logo depois da meia-noite, dois cavalos foram vistos correndo para fora das muralhas da cidade, indo para o sul, na direção da fronteira com Ferraut. Pouco depois, os cinco membros remanescentes do grupo de Brandin em Senzio também cavalgaram para longe, um grupo unido sob as luas. Foram para o norte, é claro, na direção de Farsaro, onde a frota estava ancorada.

Catriana estava adormecida na outra cama, seu rosto suave e despreocupado, quase infantil. Alais, no entanto, não conseguia dormir. Havia muito barulho e tumulto nas ruas, e sabia que seu pai estava lá, no meio do que estava acontecendo.

Mesmo depois de Rovigo ter voltado e parado na porta do quarto delas para ver como estavam e para contar que parecia não haver nenhum perigo imediato, Alais ainda não conseguia dormir. Acontecera muita coisa naquela noite, mas nada com ela, logo não estava tão cansada quanto Catriana, apenas excitada e inquieta de formas estranhas. Ela não podia nem mesmo dizer tudo que estava acontecendo dentro de si mesma. Enfim colocou o vestido que tinha comprado dois dias antes no mercado e foi se sentar no parapeito da janela aberta.

Já era muito tarde, as duas luas estavam a oeste, descendo sobre o mar. Ela não podia ver o porto — a hospedaria de Solinghi estava muito para dentro no continente —, mas sabia que o porto estava ali com o *Dama do mar* balançando na brisa da noite. Havia pessoas nas ruas àquela hora, mesmo tão tarde. Ela podia ver suas sombras passando na rua abaixo. De vez em quando, ouvia gritos vindos da direção do bairro das tabernas, porém, já não havia nada além dos sons comuns de uma noite sem toque de recolher, acordada e barulhenta a noite toda.

Imaginou o quão perto estaria da madrugada, quanto tempo mais deveria ficar acordada se quisesse ver o sol nascendo. Pensou que deveria esperar por ele. Não era uma noite para dormir, pelo menos não para ela, corrigiu-se, olhando para Catriana. Lembrou-se da outra vez em que as duas compartilharam um quarto. Seu próprio quarto, em sua casa.

Mas ali era longe demais de casa. Imaginou o que sua mãe deveria ter pensado ao receber a carta de Rovigo, cheia de explicações cuidadosamente fraseadas, enviada quando navegaram ao norte para Senzio, por um mensageiro que seguia para Astibar do porto da cidade de Ardin. Pensou que, da forma que conhecia, a confiança compartilhada por seus pais era um dos elementos que sustentavam e definiam o seu próprio mundo.

Olhou para o céu, a noite ainda parecia escura, as estrelas ainda mais brilhantes já que as luas estavam se pondo; provavelmente ainda faltavam muitas horas até o amanhecer. Ouviu uma risada feminina abaixo e percebeu, com uma sensação estranha, que fora um dos sons que não ouvira ainda naquela noite entre o tumulto nas ruas. De uma forma curiosa e inesperada, o som da mulher, seguido de perto pelo murmúrio de um homem, serviu para confortá-la: no meio de tudo aquilo, não importava o que acontecesse, certas coisas continuariam a ser como sempre foram.

Ouviu um passo na escada do lado de fora. Alais se inclinou para trás no parapeito, tardiamente percebendo que provavelmente poderiam vê-la lá de baixo.

— Quem é? — disse baixo para não perturbar Catriana.

— Sou eu — disse Devin, surgindo à sua frente, na plataforma do lado de fora do quarto... Ela olhou para ele. Suas roupas estavam enlameadas, como se ele tivesse caído ou rolando em algum lugar, mas sua voz estava calma. Estava escuro demais para conseguir ver seus olhos. — Por que você está acordada?

Ela acenou, sem saber direito o que dizer.

— Muita coisa de uma vez só, acho. Não estou acostumada com isso.

Ela viu seus dentes quando ele sorriu.

— Ninguém está, acredite. Não acho, porém, que vá acontecer mais nada hoje. Estamos todos indo dormir.

— Meu pai esteve aqui faz pouco tempo, disse que as coisas pareciam estar se acalmando.

Devin assentiu.

— Por enquanto. O Governador foi morto no castelo. Catriana matou o barbadiano. Houve um tumulto, e alguém atirou no Rastreador. Acho que isso nos salvou.

Alais engoliu em seco.

— Meu pai não contou isso.

— Ele provavelmente não quis perturbar a sua noite. Desculpe se acabei de o fazer. — Ele olhou para além dela, na direção da outra cama. — Como ela está?

— Ela está bem, na verdade. Dormindo. — Notou a preocupação em sua voz, Catriana merecia aquela preocupação, aquele carinho, naquela noite e nas demais que viriam, de maneira que Alais mal conseguia começar a considerar em sua mente.

— E como você está? — perguntou Devin, em um tom diferente, voltando-se para ela. E havia algo naquela voz, mais profunda e alterada, que a fez ter dificuldades em respirar.

— Eu também estou bem, sinceramente.

— Eu sei que você está — disse ele. — Na verdade, você está muito melhor do que isso, Alais.

Ele hesitou por um momento, parecendo ficar sem jeito. Ela não o entendeu, até ele se inclinar lentamente para beijá-la diretamente nos lábios. Pela segunda vez, se contasse aquele outro no salão lotado, mas aquele foi surpreendentemente diferente do primeiro. Por um lado, ele não teve pressa e, por outro, estavam sozinhos e estava muito escuro. Ela sentiu uma de suas mãos subir, passando pela frente de seu vestido até descansar em seu cabelo.

Ele deu um passo atrás, sem firmeza. Alais abriu os olhos. Ele parecia mais suave, ali, parado na plataforma. Passos percorriam a rua abaixo, devagar, sem correr como antes. Os dois estavam em silêncio, olhando um para o outro. Devin limpou a garganta.

— É... ainda faltam duas ou três horas para o amanhecer. Você deveria tentar dormir, Alais. Muitas coisas acontecerão nos próximos dias.

Ela sorriu. Ele hesitou por mais um momento; então, se virou para caminhar pela plataforma do lado de fora até o quarto que dividia com Alessan e Erlein.

Por mais algum tempo, ficou sentada onde estava, olhando para o brilho das estrelas, deixando seu coração se acalmar gradualmente. Ela repisou em sua mente a incerteza tão jovem, a surpresa tão clara em sua voz naquelas últimas palavras. Alais sorriu novamente para si mesma na escuridão. Para alguém treinada pela vida para observar, aquela voz revelara muitas coisas. Simplesmente tocá-la tinha feito aquilo com ele, o que era muito surpreendente, se parasse para pensar naquilo e reviver o momento do beijo.

Ela ainda estava sorrindo quando deixou a janela e voltou para a cama, e, enfim, conseguiu adormecer pelas últimas horas daquela longa noite.

Eles passaram o dia seguinte inteiro esperando. Uma mortalha de condenação pairava sobre Senzio. O tesoureiro da cidade tentou retomar o controle do castelo, mas o líder da guarda não estava disposto a aceitar suas ordens. Brigaram aos gritos o dia inteiro. Quando finalmente alguém se lembrou de ir procurar a moça, seu corpo já tinha sido levado, ninguém sabia para onde ou com ordens de quem.

O trabalho na cidade parou totalmente. Homens e mulheres vagavam pelas ruas, alimentando rumores e se sufocando com o medo. Em praticamente todas as esquinas, contava-se uma história diferente. Diziam que Rinaldo, o irmão do último Duque, voltara para a cidade para tomar o controle do castelo; até o meio do dia, todos tinham ouvido alguma versão da história, mas ninguém vira o homem.

A escuridão caiu, nervosa e irrequieta. As ruas permaneceram lotadas por toda a noite. Parecia que ninguém conseguia dormir em Senzio. A noite estava clara e bonita, as duas luas passeando por um céu límpido. Do lado de fora da hospedaria de Solinghi, uma multidão estava reunida — não havia nenhum lugar no lado de dentro — para ouvir os três músicos tocarem e cantarem sobre liberdade e sobre a glória do passado de Senzio. Canções que não eram cantadas desde que Casalia abandonara as pretensões ao trono ducal de seu pai, permitindo que fosse chamado de Governador, com emissários dos dois tiranos para aconselhá-lo. Casalia estava morto. Os dois emissários estavam mortos. A música saía da taberna para a noite perfumada de verão, espalhando-se pelas

ruas, subindo na direção das estrelas.

Pouco antes do amanhecer, chegaram notícias. Alberico de Barbador atravessara a fronteira na tarde anterior e estava avançado para o norte com seus três exércitos, queimando aldeias e plantações por onde passava. Antes do meio-dia, tiveram notícias do norte também: a frota de Brandin levantara âncora na Baía de Farsaro e navegava para o sul com ventos favoráveis.

A guerra começara.

Por toda a cidade de Senzio, famílias abandonavam suas casas, deixavam as tabernas e as ruas, e começavam a se apinhar, tardiamente, nos templos da Tríade.

E, naquela tarde, na sala da frente da taberna de Solinghi, já quase vazia, um homem continuava a tocar sua flauta tregeana, cada vez mais rápido e mais alto, com uma melodia selvagem e quase esquecida.

Omar estava às suas costas, no final de um longo caminho de pastores que descia a encosta até as areias ao sul — de onde haviam deixado os navios e desembarcado. Cinco quilômetros ao norte, erguiam-se as muralhas de Senzio e, daquela altura, Dianora podia ver o brilho das cúpulas dos templos e as ameias do castelo. O sol, subindo sobre os pinhais ao leste, estava vermelho em um céu profundo e azul. Embora ainda fosse cedo, já estava quente e estaria muito mais no meio da manhã.

Quando a luta já teria começado.

Brandin estava em conferência com d'Eymon, Rhamanus e seus capitães, três deles recentemente designados pelas províncias. De Corte, de Asoli e da própria Chiara. Não havia nenhum de Baixa Corte, é claro, apesar de ter alguns homens dessa província no exército abaixo deles no vale. Sem conseguir dormir uma noite na nau capitânia que deixara Farsaro, perguntara-se brevemente se Baerd era um deles. Porém, sabia que não. Assim como Brandin não podia mudar naquele ponto, Baerd também não mudaria. Continuaria o mesmo, ainda que muito mudasse. Aquela única coisa iria continuar até que a última geração que conhecera Tigana morresse.

E ela? Desde o Mergulho, desde que saíra do mar, ela tentara não pensar em nada. Simplesmente se movia com os acontecimentos que havia começado, aceitando o fato extraordinário que era o amor de Brandin por ela e a terrível incerteza daquela guerra. Não via mais o caminho certo da riselka em sua mente. Tinha alguma ideia do que isso significava, mas se esforçava para não remoer aquilo durante o dia. As noites eram diferentes: os sonhos sempre eram diferentes. Era senhora e prisioneira de um coração amargamente dividido.

Com seus dois guardas logo atrás, andou para a frente no topo da colina e observou o amplo vale que se estendia de leste a oeste. A densa floresta verde de pinheiros estava além, com oliveiras crescendo nos adives íngremes ao sul e um platô norte que levava para a cidade de Senzio.

Abaixo, os dois exércitos começavam a se deslocar. Homens emergiam de suas tendas e sacos de dormir; cavalos eram selados e preparados, enquanto outros limpavam espadas, alinhavam e aprontavam as cordas dos arcos. Metal brilhava ao sol do começo do dia por todo o vale. O som das vozes era levado até ela com nitidez no ar limpo. A brisa era apenas o bastante para pegar as bandeiras e erguê-las para serem vistas. A de Brandin era nova: uma imagem dourada da Palma, contra um fundo de azul profundo para representar o mar. O significado daquela imagem escolhida por Brandin era o mais direto possível: estavam lutando em nome da Palma Ocidental, mas sua verdadeira aspiração era ter tudo. Por uma península unida; o Império de Barbador expulso. Dianora sabia que era um bom símbolo. E também o próximo passo de que a península precisava; contudo, estava sendo dado pelo homem que fora Rei de Ygrath.

Havia até mesmo senzianos no exército de Brandin, além de homens das quatro províncias ocidentais. Várias centenas se uniram a eles, vindos da cidade, durante os dois dias em que ficaram na parte sul da baía. Com o Governador morto e uma disputa sem sentido por poder acontecendo no castelo, a política oficial de neutralidade de Senzio parecia em frangalhos. O que só se intensificava, sem dúvida, com a decisão de Alberico de queimar as terras pelas quais passava, em retaliação pelas mortes de seu povo na cidade. Se os barbadianos tivessem se movido mais rápido, Rhamanus poderia ter tido dificuldades em desembarcar, mas os ventos estavam a seu favor e chegaram na cidade um dia antes de Alberico, o que permitiu a Brandin escolher a colina para vigiar o vale e alinhar seus homens como quisesse. Todos sabiam que aquilo era uma vantagem.

Mas não parecia tão vantajoso na manhã seguinte, quando os três exércitos de Barbador

chegaram, emergindo da fumaça das queimadas ao sul. Havia duas bandeiras, não uma: a montanha vermelha do Império e a coroa dourada contra um fundo branco, e o javali escarlate de Alberico em um campo amarelo. O vermelho das duas bandeiras parecia pontilhar a planície com gotas de sangue, enquanto cavaleiros e soldados de infantaria se organizavam pelo lado leste do vale em fileiras cuidadosamente treinadas. Os soldados do Império Barbadiano tinham conquistado a maior parte do mundo oriental conhecido.

Dianora ficou no topo e os observou chegar. Pareceu demorar uma eternidade. Ela foi até sua tenda e voltou, várias vezes. O sol começava a se pôr. E já estava escondido a oeste antes que todos os mercenários de Alberico tivessem entrado no vale.

— Três para um, talvez um pouco melhor do que isso — Brandin dissera, vindo por trás dela. Seu cabelo curto e grisalho estava descoberto, desarrumado pela brisa do fim da tarde.

— São demais para nós? — perguntou ela em voz baixa, para que ninguém mais escutasse.

Ele a olhou rapidamente e pegou a sua mão. Ele agora fazia isso com frequência, como se não conseguisse mais ficar sem tocá-la por muito tempo. Depois do Mergulho, a cada vez que faziam amor era com uma urgência que os deixava estraçalhados e exauridos, quase incapazes de formular qualquer pensamento. Isso era o principal para ela, Dianora sabia: ela *queria* entorpecer sua mente, calar as vozes e as memórias; aniquilar a imagem daquele caminho direto e claro desaparecendo na escuridão do mar.

No topo da colina, no dia em que os barbadianos chegaram, Brandin enlaçou seus dedos aos dela.

— Podem ser numerosos demais. É difícil dizer. Tenho mais poder do que Alberico. Acho que nessa colina eu faço a diferença entre os exércitos.

Falou em voz baixa, uma declaração cuidadosa de fatos relevantes. Sem arrogância, apenas com aquele orgulho firme e permanente. E por que ela duvidaria de sua feitiçaria? Sabia exatamente o que fizera com ela na guerra, quase vinte anos depois.

Aquela conversa acontecera no dia anterior. Depois disso, ela se virara para ver o pôr do sol no mar. A noite fora brilhante e gloriosa, com Vidomni em crescente e Ilarion cheia, azul e misteriosa, uma lua de fantasia e magia. Ela se perguntou se teriam tempo para ficarem a sós naquela noite, mas Brandin ficava na planície entre as tendas de seu exército na maioria das horas escuras e, nas outras, falava com seus capitães. Ela sabia que d'Eymon permaneceria sempre ao lado de Brandin, e Rhamanus, mais um marinheiro do que um comandante militar, ficaria na colina também liderando os homens da Guarda Real para defendê-lo, se fosse o caso. E, se chegasse a isso, ela sabia que eles provavelmente estariam mortos.

As duas luas já tinham se posto quando Brandin voltou para a tenda, naquela colina sobre o mar. Ela, que continuava acordada na cama, esperando, pôde ver seu cansaço. Ele carregava mapas, esboços do terreno para serem estudados mais uma vez, mas ela o fez colocá-los de lado.

Ele foi para cama completamente vestido e se deitou. Após um momento, descansou a cabeça em seu colo. Nenhum dos dois falou por um tempo. Até Brandin se mexer e erguer os olhos.

— Eu odeio aquele homem — disse, em voz baixa. — Odeio tudo o que ele significa. Não há paixão nele, nem amor ou orgulho. Apenas ambição. Nada mais importa. Nada no mundo pode provocar piedade ou dor naquele homem além de seu próprio destino. Tudo é uma ferramenta, um instrumento. Ele quer a coroa do Imperador, todos sabem, mas ele não a quer *por* um objetivo. Ele apenas a quer. Duvido que alguma coisa jamais o tenha feito *sentir* algo por outra pessoa... amor, perda, qualquer coisa.

Ele se acalmou. Estava se repetindo de tão exausto. Ela apertou-lhe as têmporas com seus dedos, olhando seu rosto enquanto ele se virava de novo, os olhos fechando e sua testa ficando gradualmente mais lisa sob seu toque. Em um dado momento, sua respiração se acalmou e ela soube

que dormia. Ficou acordada, suas mãos se movendo como as de uma cega sobre ele, sabendo pela luz que vinha do lado de fora que as luas tinham se posto, sabendo que a manhã traria a guerra e que amava aquele homem mais do que tudo no mundo.

Ela devia ter adormecido, pois, quando abriu os olhos de novo, o céu estava cinzento com o amanhecer que se aproximava; Brandin não estava mais lá. Havia uma anêmona vermelha no travesseiro ao seu lado. Olhou para a flor sem se mexer por um momento, depois a pegou e a apertou contra o rosto, inalando o perfume delicado. Perguntou a si mesma se ele conheceria a lenda daquela flor em Senzio. Provavelmente não.

Levantou e logo depois Scelto apareceu com uma caneca de khav na mão. Ele usava a veste de couro rígido de um mensageiro: uma armadura leve e inadequada contra flechas. Ele se voluntariara para ser um dos homens que levavam mensagens e ordens para cima e para baixo na colina. Viera até ela antes, como fizera em todas as manhãs na saishan por doze anos. Dianora temia que pensar naquilo a fizesse chorar; que fosse um augúrio brutal em um dia como aquele. Conseguiu sorrir e disse a ele para voltar para o Rei, pois precisaria mais dele naquela manhã.

Assim que ele se foi, bebeu seu khav devagar, ouvindo o ruído crescente do lado de fora. Lavou-se, vestiu-se sozinha e saiu para o sol que nascia.

Dois homens da Guarda Real a esperavam. Iam aonde ela fosse, discretamente, um passo ou dois logo atrás, mas não mais que isso. Ela sabia que a guarda a acompanharia naquele dia. Procurou por Brandin e viu Rhun primeiro. Os dois estavam perto da beirada da colina, ambos com a cabeça descoberta, sem armadura, apesar de terem espadas idênticas presas aos cintos. Brandin escolhera se vestir com o marrom simples de um soldado.

Ela não se enganava com isso. Nenhum dos dois era, ou poderia ser, um soldado.

Logo depois, viram quando ele deu um passo sozinho, até a beira da colina, e levantou uma mão sobre a cabeça para que todos os homens dos dois exércitos pudessem ver. Sem dizer uma palavra, sem dar qualquer aviso, um brilho de luz vermelho-sangue surgiu em sua mão como uma chama em direção ao azul profundo do céu. Em baixo, ouviram um rugido enquanto, gritando o nome de seu Rei, o exército em desvantagem de Brandin moveu-se para a frente para atravessar o vale e se encontrar com os soldados de Alberico em uma batalha que estava para acontecer há quase vinte anos.

— *Ainda não* — disse Alessan com firmeza, pela quinta vez, no mínimo. — Esperamos por anos, não podemos nos apressar agora.

Devin percebeu que o Príncipe estava falando mais consigo mesmo do que com os outros. A verdade era que, até Alessan dar a ordem, não havia nada que pudessem fazer além de observar enquanto homens de Barbador, de Ygrath e das províncias da Palma se matavam debaixo do escaldante sol senziano.

Olhando para o Sol, dava para ver que passava um pouco do meio dia. Estava brutalmente quente. Devin tentou imaginar como os homens lá embaixo estavam se sentindo, cortando e golpeando uns aos outros, escorregando no sangue e arrastando os caídos no caldeirão fervente da batalha. Estavam longe demais, no alto, para reconhecerem alguém, mas não o bastante para não verem os homens morrendo ou para deixarem de ouvir os gritos.

O ponto de observação tinha sido escolhido por Alessan uma semana antes, com uma previsão certa de onde os feiticeiros teriam suas bases. Os dois fizeram exatamente como pensara. De seu declive, um pouco além de um quilômetro ao sul do terreno maior e mais alto onde Brandin estava,

Devin observou o vale e viu dois exércitos unidos para enviar almas à Morian.

— O ygratheano escolheu bem seu campo — dissera Sandre mais cedo naquela manhã, com uma admiração imparcial, quando os gritos de cavalos e homens começaram. — A planície é larga o bastante para deixar espaço de manobra, mas não tanto a ponto de permitir que os barbadianos os cerquem facilmente nas colinas. Teriam que escalar para fora do vale, e, depois, pelas encostas expostas, até descerem de novo.

— E, se você observar bem — complementara Ducas di Tregæa —, verá que Brandin posicionou a maioria dos arqueiros em seu próprio flanco esquerdo, na direção sul, para o caso de tentarem fazer isso. Eles poderiam pegar os barbadianos como cervos entre as oliveiras nas colinas, se derem a volta.

E um contingente barbadiano tinha mesmo tentado aquilo uma hora antes. Foram massacrados e forçados a recuar sob uma chuva de flechas dos arqueiros da Palma Ocidental. Devin sentiu uma pontada breve de excitação, que logo se transformou em tumulto e confusão dentro de si. Os barbadianos eram a tirania, sim, e tudo o que aquilo significava, mas como ele podia celebrar qualquer tipo de triunfo de Brandin de Ygrath?

Deveria, então, desejar a morte dos homens da Palma pelas mãos dos mercenários de Alberico? Ele não sabia *o que* sentir ou pensar. Era como se sua alma estivesse sendo descascada e exposta para queimar embaixo do céu de Senzio.

Catriana estava em pé logo à sua frente, perto do Príncipe. Devin não se lembrava de tê-los visto separados desde que Erlein a trouxera do jardim. Na manhã seguinte, passara uma hora confusa e desorientada, tentando se ajustar ao brilho que tão obviamente os tomara. Alessan trazia a expressão que sempre tinha quando tocava música, como se houvesse encontrado seu lugar no mundo. Quando Devin olhou de relance para Alais, foi para ver que ela o observava com um sorriso curioso e muito particular no rosto, o que o deixou ainda mais confuso. Sentia que não estava conseguindo nem mesmo se acompanhar, quanto mais as mudanças ao seu redor. Também sabia que não teria tempo algum para se preocupar com essas coisas, não com o que estava acontecendo em Senzio.

Nos dois dias subsequentes, os exércitos chegaram do norte e do sul, trazendo com eles uma consciência profunda do destino pendurado à frente, como se suspenso nos pratos de uma balança divina no ar do verão.

Na colina sobre a batalha, Devin olhou para trás e viu Alais oferecendo água para Rinaldo, na sombra de uma oliveira retorcida que se agarrava à encosta. O Curandeiro insistira em vir, em vez de ficar escondido com Solinghi na cidade. *Se vidas correm risco, meu lugar também é lá*, foi tudo o que disse; levou consigo seu cajado com a ponta de cabeça de águia, e seguiu com todos eles, antes do nascer do sol.

Devin olhou para além deles, para onde Rovigo estava com Baerd. Ele sabia que deveria estar com eles. Sua responsabilidade ali era a mesma: defender aquela colina caso um dos feiticeiros — ou os dois — decidissem mandar tropas contra eles. Tinham sessenta homens: o bando de Ducas, os corajosos marinheiros de Rovigo, e aqueles homens cuidadosamente escolhidos que percorreram um caminho solitário até Senzio em resposta às mensagens espalhadas pelas províncias. Teria que ser o bastante.

— Sandre! Ducas! — disse Alessan bruscamente, arrancando Devin de seus pensamentos. — Olhem e me digam o que veem.

— Era o que eu ia fazer — falou Sandre, com a excitação surgindo na voz. — É como pensamos: com sua presença na colina, Brandin não está em desvantagem. Seu poder é muito maior do que o de Alberico. Mais do que eu pensei até. Se está perguntando o que estou lendo agora, eu diria que o ygratheano está prestes a vencer no centro, antes que a hora termine.

— Antes mesmo disso — disse Ducas com sua voz grave. — Quando essas coisas começam, acontece muito rápido.

Devin foi para a frente, para ver melhor. O centro do vale estava tão atulhado de homens e cavalos quanto antes, muitos deles mortos e caídos; se usasse, porém, os estandartes como referência, parecia, mesmo para seus olhos destreinados, que os homens de Brandin estavam empurrando sua vanguarda para a frente, apesar dos barbadianos ainda serem mais numerosos.

— Como? — murmurou, quase que para si mesmo.

— Ele os enfraquece com feitiçaria — uma voz à sua direita falou. Virou-se para ver Erlein. — Da mesma forma que nos conquistaram, anos atrás. Posso sentir Alberico tentando defendê-los, mas acho que Sandre acertou: o barbadiano fica cada vez mais fraco enquanto falamos.

Baerd e Rovigo vieram rápido de seu ponto de observação.

— Alessan? — perguntou Baerd. Só o nome, nada mais.

O Príncipe se virou para encará-lo.

— Eu sei — disse ele. — Nós estamos pensando a mesma coisa. Acho que chegou a hora. — Ele sustentou o olhar de Baerd por mais um momento, sem que nenhum dos dois falasse. Até que Alessan olhou para além do amigo de toda a sua vida, para os três magos.

— Erlein — disse, a voz tranquila. — Você sabe o que precisa ser feito.

— Eu sei — respondeu o senziano e hesitou. — Reze pedindo as bênçãos da Tríade sobre nós três. Sobre todos nós.

— O que quer que seja que vocês planejam fazer, é melhor fazer logo — Ducas disse, abruptamente. — O centro barbadiano está começando a ceder.

— Estamos em suas mãos — disse Alessan a Erlein. Ele parecia prestes a dizer mais alguma coisa, porém não o fez. Erlein se virou para Sandre e Sertino, que se aproximaram. Todos os outros deram um passo para trás, para deixá-los a sós.

— *Unam-se!* — disse Erlein di Senzio.

Na planície logo atrás de seu exército, mas ainda assim próxima e quase ao meio dele — porque a distância é importante para a magia —, Alberico de Barbadior passara a manhã imaginando se os deuses do Império tinham-no, finalmente, abandonado, todos, até mesmo o deus dos feiticeiros, com seus chifres escuros, e a Rainha que cavalgava à noite em sua égua. Seus pensamentos, ou aqueles que conseguia formar coerentemente em sua mente sob o ataque incessante do ygratheano, eram negros com a consciência da ruína, parecia que havia cinzas em seu coração, sufocando a sua garganta.

Parecera tão simples. Tudo o que precisaria era planejamento, paciência e disciplina, e, se ele tinha alguma qualidade, alguma virtude, eram essas. Por vinte anos, elas foram usadas a serviço de sua grande ambição.

Mas, naquele instante, enquanto o impiedoso sol cor de bronze alcançava seu zênite, ultrapassando-o para começar sua descida até o mar, Alberico sabia que acertara na primeira e errara na última: ganhar toda a Palma *nunca* tivera importância, mas perdê-la significaria perder tudo, inclusive sua vida, pois não tinha para onde correr, ou onde se esconder.

O ygratheano era brutalmente forte, de maneira impressionante. Ele *sabia* disso, sempre soubera. Temera o homem não como um covarde, mas como alguém que avaliou algo e sabia exatamente o que esperar.

Ao amanhecer, depois daquele sinal escarlate que se acendera na mão de Brandin na colina a oeste, Alberico se permitira ter esperanças, até mesmo se exultar brevemente. Teria apenas que defender seus homens. Seus exércitos eram quase três vezes mais fortes e iriam enfrentar apenas uma pequena parte de soldados treinados de Ygrath. O resto do exército da Palma Ocidental era uma

mistura improvisada de artesãos e comerciantes, pescadores e fazendeiros, além de garotos quase imberbes das províncias.

Ele luta apenas que amortecer o golpe da feitiçaria de Brandin e deixar seus soldados fazerem o trabalho. Não precisaria usar seus próprios poderes contra o inimigo. Apenas resistir. Apenas se defender.

Isso se conseguisse, pois enquanto a manhã corria, acumulando calor como um manto incandescente, Alberico sentia seu muro mental começar a se achatar e a se curvar, em níveis agonizantes, ante a insistência apaixonada, firme e atordoante do ataque de Brandin. As ondas de fadiga e fraqueza fluíam sem parar da colina do ygratheano sobre o exército barbadiano. Onda após onda após onda, incansável como a maré.

E Alberico precisava bloqueá-las, absorvê-las para que seus soldados pudessem continuar a lutar, sem ter sua coragem e suas energias consumidas por nada além da batalha e do calor angustiante do sol que também castigava o inimigo.

Muito antes do meio-dia, um pouco do feitiço do ygratheano começou a lhe escapar. Alberico não conseguia *conter tudo*. Apenas continuava vindo e vindo, monótono como a chuva ou a maré, sem se alterar em ritmo ou intensidade. O poder, simplesmente, descia com força sob sua cabeça.

Logo — cedo demais, o dia ainda no começo —, os barbadianos começaram a sentir como se estivessem lutando e subindo a colina, mesmo na planície; como se o sol estivesse realmente mais forte sobre suas cabeças do que nas dos inimigos; como se sua confiança e coragem escorressem com o suor, encharcando suas roupas e armaduras.

Apenas o peso dos números os mantinha nivelados, mantendo o equilíbrio naquela planície senziana por toda a manhã. De olhos fechados, sentado na grande cadeira coberta que lhe haviam trazido, Alberico enxugava o rosto e o cabelo continuamente com tecidos molhados. Lutar contra Brandin de Ygrath pela manhã com todo seu poder e toda a coragem que conseguia reunir.

No entanto, logo depois do meio dia, amaldiçoando a si mesmo, amaldiçoando a alma infestada de vermes de Scalvaia d'Astibar, que quase o matara nove meses antes — e que o enfraquecera o bastante para que isso o matasse agora —, amaldiçoando o Imperador por viver demais como uma concha vazia, semiconsciente e inútil, Alberico de Barbadior confrontou a realidade fria e cruel de que todos os seus deuses estavam mesmo o deixando ali, sob o sol ardente daquela terra distante. Enquanto as mensagens começaram a vir da vanguarda do exército que desmoronava, começou a se preparar, ao modo de seu povo, para morrer.

Então, o milagre aconteceu.

Primeiro, sua mente parecia maltratada e punida demais; de repente, não conseguia acreditar no que estava acontecendo, sentia apenas que o colossal peso da magia que fluía da colina estava súbita e inexplicavelmente ficando mais leve. Passou a ser uma fração, *metade* do que fora um momento antes. Alberico podia suportá-la. Facilmente! Aquele nível de magia era menos do que o seu, mesmo enfraquecido como estava. Ele podia até mesmo *empurrá-la*, em vez de apenas se defender. Se aquilo fosse tudo o que sobrara a Brandin, se o ygratheano tivesse subitamente alcançado o fim de suas forças, podia atacar!

De maneira selvagem, fazendo uma varredura mental do vale e das colinas ao redor por uma pista, Alberico achou de repente a terceira fonte de magia e percebeu abruptamente — com um regozijo que nascia das cinzas em seu coração — que o deus de chifres estava mesmo com ele, assim como a Rainha da Noite em sua cavalgada.

Havia magos da Palma ali, e eles o ajudavam! Eles odiavam o ygratheano tanto quanto ele! De alguma maneira, por um motivo inexplicável, estavam do *seu* lado contra o homem que, não importava o chamasse a si mesmo, ainda era Rei de Ygrath.

— Estou vencendo! — gritou para seus mensageiros. — Contem aos capitães da vanguarda

para reanimar seus espíritos. Contem que estou empurrando o ygratheano para trás!

Ouviu gritos repentinos de alegria ao seu redor. Abriu seus olhos para ver mensageiros correndo através do vale. Procurou aqueles magos — quatro ou cinco, calculou pela sua força, talvez seis —, procurou se fundir com suas mentes e seus poderes.

Mas nisso foi detido. Ele sabia exatamente onde estavam. Podia até mesmo *ver* onde estavam — uma encosta de terra logo ao sul da colina do ygratheano —, porém não permitiram que se unisse a eles ou que soubesse quem eram. Ainda deviam estar com medo do que ele fizera com magos quando os encontrava.

O que ele faria com os magos? Ele lhes daria *glória*! Daria terra, riqueza e poder, honra ali e em Barbador. Riquezas além de seus sonhos famintos e apertados. Eles iriam ver!

Não importava que não se abrissem para ele! Realmente não importava. Enquanto ficassem e emprestassem seus poderes para sua defesa, não havia necessidade de se fundirem. Juntos, seriam páreo para Brandin. E tudo de que precisavam era isso: Alberico sabia que ainda tinha o dobro do exército em campo.

Mas mesmo enquanto a esperança fluía para sua alma com esses pensamentos, sentiu o peso começar a voltar. Inacreditavelmente, o poder do ygratheano estava crescendo de novo. Verificou, desesperado: os magos em sua encosta ainda estavam com ele. E, mesmo assim, Brandin ainda os estava empurrando. Ele era forte demais! Tão inacreditavelmente *forte*! Mesmo contra todos eles, estava exercendo seu poder, puxando mais fundo de sua fonte de magia. Quão fundo poderia ir? Quanto poder ele poderia ter?

Alberico percebeu, o conhecimento como gelo no meio do inferno da guerra, no calor selvagem do dia, que não tinha ideia. Nenhuma. Isso o deixava com apenas uma opção. A única que teve desde o momento em que a batalha começou.

Fechou seus olhos de novo, para melhor se focar e se concentrar, e se preparou, com todo o poder dentro de si, para resistir de novo. Para resistir, para aguentar, para manter o muro intacto.

— Pelas sete irmãs do deus! — praguejou Rhamanus, com sentimento. — Eles estão recuperando o terreno que perderam!

— Alguma coisa aconteceu — falou Brandin, a voz rouca, na mesma hora. Haviam erigido um toldo sobre ele para dar sombra e trouxeram uma cadeira para que se sentasse. Mas ele estava de pé — às vezes, uma mão no encosto da cadeira para apoio — para poder olhar melhor o curso da batalha abaixo dele.

Dianora estava em pé ao seu lado, para o caso de Brandin precisar dela, para água, conforto, qualquer coisa que pudesse lhe dar, mas ela tentava não olhar para baixo. Não queria ver mais nenhum homem morrer. Não podia, contudo, fazer nada para deter os gritos no vale, e cada grito parecia voar em sua direção e se embainhar como uma faca feita de som e agonia humana.

Fora assim no Deusa quando seu pai morrera? Ele tinha gritado assim quando foi ferido mortalmente, ao ver o sangue deixando-o para não voltar, manchando o rio de vermelho? Ele teria morrido com aquela dor, sob as lâminas vingadoras dos homens de Brandin?

Era sua própria culpa, aquele enjoo que subia. Não deveria estar ali. Ela deveria saber que imagens a guerra libertaria. Sentia-se fisicamente doente, por causa do calor, dos sons; podia até mesmo sentir o cheiro da carnificina abaixo.

— *Alguma coisa aconteceu* — Brandin disse de novo, sua voz trazendo clareza de volta para o redemoinho de seu mundo. Ela estava ali e ele era o motivo. Se os outros não conseguiram, Dianora, que o conhecia tão bem, conseguia perceber algo novo em sua voz, uma pequena mostra do esforço que ele estava fazendo. Ela se afastou rapidamente e voltou com uma jarra de água na mão e um

pano para molhar sua testa.

Ele pegou a água, quase sem perceber a sua presença ou o toque do pano. Fechou seus olhos e mexeu lentamente sua cabeça de um lado para o outro, como se procurasse cegamente por algo.

Depois abriu seus olhos novamente e apontou.

— Ali, Rhamanus — Dianora seguiu seu olhar. Em uma coluna ao sul, do outro lado da terra desigual, podia distinguir algumas pessoas.

— Há magos ali — disse Brandin, secamente. — Rhamanus, você terá que levar a Guarda até eles. Eles estão trabalhando com Alberico, contra mim. Eu não sei por quê. Um deles parece um khardhuneano, mas não é; eu reconheceria a magia de Khardhun. Tem algo muito estranho nisso.

Seus olhos estavam cinza escuros.

— Você consegue enfrentá-los, meu senhor? — Era d'Eymon, seu tom deliberadamente neutro, mascarando qualquer pista de preocupação.

— Estou prestes a tentar — disse Brandin. — Mas estou chegando perto do limite do poder que consigo manipular com segurança. E não posso virar minha magia só contra eles, já que estão trabalhando com Alberico. Rhamanus, você vai ter que pegar esses magos por mim. Leve todos até lá.

O rosto corado de Rhamanus estava sério.

— Vou impedi-los ou morrer, meu senhor. Eu juro.

Dianora viu quando ele saiu de sob o toldo e convocou os homens da Guarda Real. Aos pares, eles o seguiram e começaram a descer correndo pelo caminho de cabras que levava para o oeste e para o sul. Rhun deu alguns passos atrás deles e a seguir, parou, confuso e inseguro.

Ela sentiu um toque e, desviou o olhar do Bobo quando Brandin pegou sua mão.

— Confie em mim, amor. E confie em Rhamanus — murmurou e em seguida acrescentou, com algo que era quase um sorriso: — Foi ele que a trouxe até mim.

Ela a soltou e voltou sua atenção para a planície abaixo. Dessa vez, sentou-se na cadeira. Observando, ela podia literalmente vê-lo reunir forças para renovar o ataque.

Voltou-se para d'Eymon e seguiu o olhar estreito, pensativo do Chanceler para o sul novamente, para o grupo de pessoas naquela colina, a um quilômetro de distância. Estavam perto o bastante para que ela pudesse ver uma figura de pele escura que Brandin disse não ser realmente um Khardhun. Achou que podia distinguir uma mulher de cabelo vermelho também.

Não tinha ideia de quem eles eram, mas, de repente, pela primeira vez, olhando ao redor, para seus números tão diminutos na colina, ela sentiu medo.

— Eles estão vindo — disse Baerd, olhando para o norte, uma mão erguida para proteger seus olhos.

Estavam esperando e vigiando por isso desde o momento em que os magos se uniram, mas expectativa não era o mesmo que realidade e, ao ver os homens armados da Guarda de Brandin se movendo rapidamente, descendo a colina e começando a atravessar o campo que os separava, o coração de Devin começou a bater com força. A guerra acontecera durante toda a manhã no vale abaixo, mas só agora estava vindo até eles.

— Quantos? — perguntou Rovigo, e Devin percebeu-se grato por ouvir a tensão na voz do mercador; significava que não era o único a se sentir assim.

— Se ele mandou todos, como Alessan previu que faria, 49 — respondeu Baerd, sem se virar. — É sempre esse o número da Guarda Real de Ygrath. É sagrado para eles.

Rovigo não disse nada. Devin olhou para sua direita e viu os três magos de pé, muito juntos. Erlein e Sertino estavam de olhos fechados, mas Sandre encarava fixamente o lugar onde Alberico de Barbadior permanecia, na retaguarda do exército. Alessan ficara com os magos, mas estava vindo

rapidamente se unir aos trinta e poucos homens espalhados atrás de Baerd na colina.

— Ducas? — perguntou ele, em voz baixa.

— Não consigo ver nenhum deles — disse Baerd, olhando rapidamente para o Príncipe. Toda a Guarda ygratheana descera a colina, a vanguarda movendo-se rapidamente no solo desigual entre eles. — Ainda não acredito nisso.

— *Deixe-me levar meus homens até eles, lá embaixo* — Ducas pedira a Alessan, no momento em que os magos se uniram. — *Sabemos que eles virão atrás de nós.*

— Claro que sabemos — Alessan tinha dito —, mas estamos mal armados e sem treino. Nós precisamos da vantagem da altura.

— Fale por você — grunhira Ducas di Tregia.

— Não há cobertura lá embaixo. Onde vocês se esconderiam?

— Você está falando para *mim* sobre ter cobertura? — retrucou Ducas, fingindo estar com raiva. Sua boca arreganhava-se em seu sorriso de lobo. — Alessan, vá ensinar seus dedos a conhecerem suas unhas! Eu estava lutando, correndo e fazendo emboscadas nesse tipo de terreno quando você ainda estava contando carvalhos ou algo assim em Quileia. Deixe comigo.

Alessan não riu. No entanto, assentiu um momento depois. Sem esperar por mais, Ducas e seus 25 homens imediatamente sumiram nas encostas da colina. Quando os ygratheanos mandaram a Guarda, os foras da lei já estavam ali, escondidos entre a hera e os espinhos, a grama alta e as árvores, oliveiras e figueiras espalhadas entre as colinas.

Apertando os olhos, Devin tinha a impressão de que conseguia ver alguns deles, mas não tinha certeza.

— *Pelo nome de Morian!* — gritou de repente Erlein di Senzio, do lado leste da colina. — Ele está nos empurrando de novo!

— Então *agente!* — rosnou Sandre. — Lute contra ele! Vá mais fundo!

— Não tenho como ir mais fundo! — soluçou Sertino.

Baerd saltou e encarou os três. Hesitou, visivelmente assaltado pela dúvida por um momento, para depois andar até os magos.

— Sandre, Erlein? Podem me ouvir?

— Sim, claro. — A face escurecida estava coberta pela transpiração, ainda virada para o leste, mas seu olhar estava sem foco, voltado para dentro.

— Então, façam! Façam aquilo que combinamos. Se ele está empurrando vocês três, temos que tentar, ou nada disso fará sentido!

— Baerd, eles podem... — As palavras deixavam os lábios de Erlein como se forçadas, uma por uma.

— Não, ele tem razão! — cortou Sertino, arquejando. — Temos que tentar. O homem... é forte demais. Eu irei seguir vocês dois... sabem aonde ir. Façam!

— Fiquem comigo, então — Erlein falou em uma voz desprovida de força. — Fiquem comigo, vocês dois.

De repente, houve avisos e, em seguida, gritos abaixo deles. No entanto, não vinham do campo de batalha. Mas do campo ao norte. Todos eles, exceto os magos, viraram-se para ver.

Ducas ativara sua armadilha. Atirando de onde estavam escondidos, seus foras da lei liberaram uma chuva de flechas sobre os ygratheanos e, rapidamente, fizeram voar uma segunda leva. Meia dúzia, oito, dez atacantes caíram, mas a Guarda Real de Ygrath, mesmo naquele calor escaldante, usava armadura para se proteger de flechas, e a maioria continuou, reagindo com agilidade impressionante apesar do peso que carregavam, indo na direção dos homens espalhados de Ducas.

Devin viu três dos homens caídos se levantarem de novo. Um puxou uma flecha do próprio

braço e foi em frente, aos tropeços, na direção da colina.

— Alguns deles devem ter arcos. Temos que proteger os magos — falou Alessan. — Todos os homens com escudos, venham para cá!

Seis dentre os homens que permaneciam na colina correram até lá. Cinco tinham escudos improvisados de madeira e couro, o sexto, um homem com quase 50 anos, mancou atrás deles com um pé torcido, carregando nada além de uma espada velha e maltratada.

— Meu senhor Príncipe — disse ele —, meu corpo é escudo o suficiente para eles. Seu pai não me deixou ir para o norte, para o Deisa. Não me recuse agora. Não de novo. Posso ficar entre eles e qualquer flecha, em nome de Tigana.

Devin viu o olhar repentino e assustado de muitos dos rostos perto deles: um nome havia sido falado e eles não podiam escutá-lo.

— Ricaso — começou Alessan, olhando ao redor. — Ricaso, você não precisa... Você não devia nem mesmo estar aqui. Existem outras formas de... — O Príncipe parou. Por um momento, parecia que ia recusar o homem como seu pai fizera, mas não disse mais nada, apenas acenou com a cabeça uma vez e se afastou. O homem manco e os outros cinco imediatamente se colocaram em um círculo protetor ao redor dos magos.

— Espalhem-se! — ordenou Alessan. — Cubram os lados norte e oeste da colina. Catriana, Alais, fiquem de olhos abertos para o sul, se por acaso alguém estiver vindo atrás de nós. Gritem se virem algo se mover!

Espada na mão, Devin correu até a beira noroeste da colina. Havia homens lutando por todo o lado. Olhou ao redor, enquanto corria, e prendeu a respiração. Os homens de Ducas estavam em uma batalha apertada com os ygratheanos, no chão irregular, e, apesar de estarem aguentando firme, levando um deles para cada um dos seus que caía, isso significava que estavam caindo. Devin viu o líder deles, um homem grande que já não era mais jovem, jogar-se contra um dos foras da lei e amassar o homem no chão com um golpe de seu escudo.

— *Naddo! Cuidado!*

Um grito, não um aviso. A voz de Baerd. Virando-se, Devin viu o porquê. No meio do caminho para a outra colina, Naddo acabara de derrubar um ygratheano e continuava a lutar, recuando até uns arbustos, onde estavam Arkin e dois outros; o que ele não viu foi o homem que desviara pelo leste e agora corria para ele pelas costas.

O ygratheano que corria, porém, não viu a flecha que o acertou, atirada do topo da colina por Baerd di Tigana com toda a força de seu braço e a habilidade adquirida pela disciplina de uma vida inteira. Longe, incredivelmente longe, o ygratheano grunhiu e caiu, a flecha em sua coxa. Naddo se virou ao ouvir o som, viu o homem e o despachou com um golpe rápido da espada.

Ele levantou os olhos para a colina, viu Baerd e acenou rapidamente em agradecimento. Ainda estava acenando, a mão erguida em saudação ao amigo que o deixara quando ainda era garoto, quando uma flecha ygratheana o atingiu no peito.

— Não! — gritou Devin, um nó dolorido apertando sua garganta. Olhou na direção de Baerd, cujos olhos estavam arregalados com o choque. No momento em que Devin deu um passo em sua direção, ouviu um som de algo se arrastando e um grunhido, e atrás dele Alais gritou: *Cuidado!*

Ele se virou a tempo de ver o primeiro de seis ygratheanos surgindo pela encosta. Não fazia ideia de como tinham chegado ali tão rápido. Uivou um segundo aviso para os outros e correu para combater aquele primeiro homem antes que ele chegasse ao topo da colina.

Ele não conseguiu. O ygratheano estava em pé, equilibrado, com um escudo na mão esquerda. Correndo até ele, tentando jogar o homem para trás, pela encosta, Devin golpeou com sua espada o mais forte que pode. Ela bateu no escudo de metal, mandando ondas de choque pelo braço. O ygratheano golpeou para a frente com sua lâmina. Devin viu o movimento e se torceu,

desesperadamente, para um lado. Ele sentiu uma dor lancinante e repentina quando a espada o rasgou acima da cintura.

Ele se deixou cair, ignorando a ferida, e, enquanto caía para a frente, procurou a parte de trás do joelho do ygratheano que estava desprotegida e a cortou, maliciosamente. Ele sentiu sua espada cortar fundo a carne. O homem gritou e se inclinou para frente, tentando, mesmo enquanto tropeçava, baixar sua lâmina em Devin novamente. O músico rolou para longe, tonto de dor.

Ficou de pé, agarrando sua ferida. A tempo de ver o ygratheano caído ser morto por Alais bren Rovigo com um único golpe de espada na parte de trás do pescoço.

Para Devin, era como se fosse um momento de quietude quase alucinada no meio da carnificina. Ele olhou para Alais, para seus olhos límpidos, calmos e azuis. Tentou falar. Sua garganta estava seca. Seus olhares se encontraram por um segundo. Era difícil para Devin absorver, *entender* aquela imagem da jovem com uma espada ensanguentada nas mãos.

Então, ele olhou além dela, e, no mesmo instante, a quietude se foi, estilhaçando-se. Quinze, talvez vinte ygratheanos estavam no topo. Mais estavam vindo. E alguns deles tinham arcos. Ele viu uma flecha voar e se enterrar em um dos escudos que protegiam os magos. Ouviu o som de passos rápidos subindo a encosta à sua esquerda. Não havia tempo para falar, mesmo se ele conseguisse. Estavam ali para morrer se fosse preciso, aquela possibilidade sempre existira. Havia um motivo para estarem ali. Havia um sonho, uma oração, uma melodia que seu pai ensinara quando ele era criança. Apertou sua ferida com força usando a mão esquerda e virou de costas para Alais, tropeçando, agarrando sua espada para combater o próximo homem que subia a colina.

Estava um dia agradável, o sol por vezes se escondia nas nuvens empurradas pela brisa. De manhã, caminharam pela ravina ao norte do castelo colhendo flores, muitas flores. Iridáceas, anêmonas, jacintos. As sejoias estavam começando a florir ao sul distante; deixando botões brancos que floresceriam depois, durante a estação.

De volta ao Castelo de Barso, bebendo chá de mahgoti pouco depois do meio-dia, Elena fez um som baixo e assustado. Ficou de pé, rígida, as mãos agarrando a cabeça. Seu chá se derramou, manchando o tapete quileiano.

Alienor rapidamente pousou sua xícara.

— É a hora? — perguntou. — Estão convocando vocês? Elena, o que eu posso fazer?

Elena sacudiu a cabeça. Ela mal conseguia ouvir as palavras da outra mulher. Tinha uma voz mais clara e convincente em sua cabeça. Algo que nunca tinha acontecido, nem mesmo nas Noites das Brasas. Mas Baerd, o estranho que viera até eles, estava certo quando saiu da escuridão para mudar a guerra das Brasas.

Ele voltara à sua aldeia no dia que se seguira, depois que seus amigos desceram da passagem para cavalgar para o oeste. Falara com Donar, com Mattio, com Carena e com Elena e dissera que os Andarilhos da Noite compartilhavam um tipo de magia, talvez a mesma que a dos magos. Seus corpos mudavam nas Noites das Brasas, eles andavam sob uma lua verde por terras que não existiam à luz do dia, empunhavam espadas de milho que se transformavam em suas mãos. Estavam casados, à sua própria maneira, com a magia da Palma.

E Donar concordou com isso. Então, Baerd contara, com cuidado, qual era seu propósito e o de seus amigos, e pediu a Elena que ficasse no Castelo de Barso até o final do verão. Para o caso, ele disse, para o caso de ser possível usarem o poder deles para sua causa.

Eles fariam isso? Seria perigoso. Ele perguntara com cautela, mas Elena não hesitou ao olhar em seus olhos e dizer que sim. Nem os outros, quando concordaram. Ele viera até eles quando precisaram. No mínimo, deviam-lhe isso. Também viviam sob a tirania em sua própria terra. A

causa diurna de Baerd era a deles também.

Elena di Certando? Você está aí? Você está no castelo?

Ela não conhecia aquela voz-mental, mas, em sua clareza, pôde sentir o desespero, parecia estar cercada de caos.

Sim. Sim, eu estou. Estou aqui. O que... o que eu preciso fazer?

Não acredito! Uma segunda voz se juntou a eles, mais grave e imperativa. *Erlein, você a alcançou!*

Baerd *está aí?*, perguntou ela, também um pouco desesperada. Aquela união repentina e aquela sensação de tumulto ao redor deixavam-na tonta; ela balançou e quase caiu. Estendeu as mãos e as colocou nas costas de uma cadeira. A sala no Castelo de Barso começava a sumir. Se Alienor falasse, ela não iria ouvir.

Ele está, o primeiro homem disse, rápido. Ele está aqui conosco, e estamos precisando muito de ajuda. Estamos em guerra! Você consegue se unir aos seus amigos? Aos outros? Nós iremos ajudá-la! Por favor, tente alcançá-los!

Ela nunca havia tentado algo assim, à luz do dia ou sob a lua verde das Noites das Brasas. Nunca conhecera algo como aquele elo com os magos, mas sentiu o poder deles em si, e soube onde Mattio estava com Donar e que Carenna estava em casa com seu filho mais novo. Ela fechou os olhos e alcançou os três, forçando-se a focar sua mente na forja, no moinho, na casa de Carenna na aldeia. Focar-se e depois chamar. Para convocá-los.

Elena, o que...?, perguntou Mattio. Ela conseguiu.

Junte-se a mim, enviou, rápido. *Os magos estão aqui. Estão em guerra.*

Ele não perguntou mais nada. Ela podia sentir sua presença firme em sua mente enquanto os magos a ajudavam. Percebeu o choque repentino de Mattio ao se unir aos outros homens. Dois deles; não, três, havia um terceiro ali também.

Elena, aconteceu? Eles nos chamaram? Donar, em sua mente, buscando a verdade como uma arma em sua mão.

Estou aqui, querida! A voz mental de Carenna era rápida e brilhante, exatamente a mesma que usava quando falava. *Elena, o que devemos fazer?*

Segurem-se uns aos outros e se abram para nós! A presença profunda do segundo mago estava ali para responder. *Agora temos uma chance. É perigoso, não vou mentir, mas se aguentarmos juntos, pela primeira vez nesta península, poderemos conseguir! Venham, juntem-se a nós, precisamos fazer um escudo com nossas mentes. Sou Sandre d'Astibar e nunca morri. Juntem-se a nós agora!*

Elena abriu sua mente para ele e o alcançou. Naquele momento, ela sentiu como se seu corpo tivesse sumido completamente, como se não passasse de um condutor; era algo parecido com o que acontecia nas Noites das Brasas e, ao mesmo tempo, totalmente diferente. Um medo úmido daquela coisa desconhecida surgiu. Ela o combateu, desafiadora. Seus amigos estavam com ela e — incredulamente — o Duque de Astibar estava ali, vivo, e Baerd, com ele, na distante Senzio, combatendo os tiranos.

Baerd viera até eles, até ela, em sua guerra. Ela o ouvira chorar e se deitara com ele, por amor, em uma colina na escuridão das Brasas depois que a luz verde se pusera. Não o iria abandonar agora. Lideraria os Carlozzini até ele pela trilha de sua mente e de sua alma.

Sem aviso, entraram. O elo estava forjado. Ela estava em um lugar alto, sob um sol escaldante e feroz, vendo através dos olhos do Duque de Astibar uma colina em Senzio. A visão tremia com uma desorientação que lhe embrulhou o estômago. Quando ela se firmou, Elena viu homens matando uns aos outros em um vale abaixo, exércitos se agarrando no calor como feras em um abraço obsessivo. Ela ouviu gritos tão altos que sentiu o som como uma dor. Foi quando percebeu algo mais.

Feitiçaria. Ao norte daquela colina. Brandin de Ygrath. Naquele momento, Elena e os três outros Andarilhos da Noite entenderam por que tinham sido convocados, sentindo em suas mentes o peso punitivo do ataque ao qual deveriam resistir.

No Castelo de Barso, Alienor estava inquieta e cega em sua incerteza, sem entender nada daquilo, mas sabendo apenas que algo acontecia, que finalmente chegara a hora. Quando viu Elena levantar as mãos para cobrir o rosto, quis rezar, alcançar palavras que não havia dito ou pensado em quase vinte anos.

— Ah, não — ouviu a menina sussurrar em uma voz fina como papel velho. — Tão forte. Como um único homem pode ser tão forte?

As mãos de Alienor se apertavam uma na outra com tanta força que os nós dos dedos estavam brancos. Ela esperou, procurando desesperada por uma pista sobre o que estava acontecendo com todos eles, tão longe ao norte, aonde ela não podia ir.

Ela não podia, não conseguia ouvir a resposta de Sandre d' Astibar para Elena.

Sim, ele é forte, mas com vocês nós seremos mais fortes! Ah, criança, podemos fazer isso! Em nome da Palma, juntos nós seremos fortes o bastante!

Contudo, Alienor só viu as mãos de Elena baixando, enquanto seu rosto pálido ficava mais calmo, aquele medo primitivo e selvagem deixava seus olhos.

— Sim — ela ouviu os sussurros da outra mulher. — Sim.

Então, o silêncio caiu naquela sala no Castelo de Barso, sob a Passagem de Braccio. Do lado de fora, o vento frio das terras altas soprava as nuvens brancas para a frente do sol e para além, e um solitário falcão planava com asas imóveis naquele passar de luz e sombras sob a face das montanhas.

Na verdade, o homem que subia a encosta da colina era Ducas di Tregia. Devin levantara a espada antes de reconhecer quem era.

Ducas alcançou o topo em duas passadas duras e ficou ao seu lado. Sua aparência dava medo. Seu rosto estava coberto de sangue, pingava de sua barba, tinha sangue em todo o corpo, e sua espada ainda estava úmida. Mas ele sorria, uma visão terrível de ira e paixão pela batalha.

— Você está ferido — disse ele rispidamente para Devin.

— Não diga — grunhiu Devin, apertando a mão esquerda em seu flanco rasgado. — Vamos!

Rapidamente, dirigiram-se para o leste. Mais de quinze ygratheanos ainda estavam no topo, pressionando o bando de homens destreinados que Alessan deixara para proteger os magos. Os números estavam quase empatados, mas os ygratheanos haviam sido selecionados entre os guerreiros mais mortais daquele reino.

Mesmo assim, apesar de tudo, não estavam avançando. E não iriam, Devin percebeu com um surto de alegria em seu coração, que subia acima da dor e da tristeza.

Não iriam, porque contra eles, lado a lado, golpeando juntos naquela batalha tão desejada, passaram todos os anos de espera, estavam Alessan, Príncipe de Tigana, e Baerd bar Saevar, seu único irmão de alma, e os dois estavam absolutos e mortais, e até mesmo belos, se houvesse alguma beleza em matar.

Devin e Ducas correram para lá. Mas até chegarem, só cinco ygratheanos sobravam, depois três. E então apenas dois. Um deles fez um movimento para baixar a espada, mas, antes que o completasse, uma figura se moveu com uma velocidade desajeitada e enganosa, vinda do círculo que protegia os magos. Arrastando seu pé ruim, Ricaso foi até o ygratheano. Antes que alguém conseguisse impedi-lo, ele ergueu, em um arco cortante e furioso, sua velha lâmina enferrujada, cortando os elos da armadura para se enterrar no peito do homem.

Então, caiu de joelhos no chão ao lado do soldado que matara, chorando como se sua alma estivesse escorrendo para fora.

Isso fez sobrar apenas um. O último era o líder, o homem grande e de peito largo que Devin vira lá embaixo. Seu cabelo estava grudado na cabeça, seu rosto estava vermelho com o calor e a exaustão, respirava com dificuldade, mas seus olhos dirigiam-se raivosos para Alessan.

— Vocês são doidos? Lutando pelos barbadianos? No lugar de lutar com um homem que se uniu à Palma? Vocês *querem* ser escravos?

Devagar, Alessan sacudiu a cabeça.

— Brandin está vinte anos atrasado para se unir à Palma. Já era tarde demais no dia em que ele desembarcou aqui com uma força invasora. Você é um homem corajoso. Eu preferia não ter de matá-lo. Você faria um juramento em seu nome e abaixaria sua espada em rendição?

Do lado de Devin, Ducas rosnou com raiva. No entanto, antes que o tregeano pudesse falar, o ygratheano respondeu:

— Meu nome é Rhamanus. Eu o ofereço com orgulho, pois nunca houve qualquer desonra ligada a esse nome. Porém, não farei nenhum juramento. Eu fiz um para o Rei que amo, antes de liderar sua Guarda até aqui. Eu disse a ele que os impediria ou morreria. E irei manter minha palavra.

Ele levantou sua espada na direção de Alessan e gesticulou para atacar o Príncipe. Devin depois percebeu que não foi a sério. Alessan sequer se moveu para bloquear o golpe. Foi a espada de Baerd que se ergueu e desceu para enterrar-se de forma definitiva no pescoço do ygratheano, jogando-o no chão.

— Ah, meu Rei — ouviram o homem dizer, através do sangue que se juntou em sua boca. — Ah, Brandin, eu lamento muito.

Ele rolou de costas e ficou quieto, seus olhos encarando o sol escaldante sem vê-lo. O sol também estivera assim, escaldante, na manhã em que desafiara o Governador para levar uma jovem serviçal como tributo, rio abaixo de Stevanien, tantos anos antes.

Dianora viu quando o homem ergueu sua espada naquela colina. Virou o rosto para não ver Rhamanus morrer. Havia uma dor dentro de si, um vazio crescente: como se todos os abismos de sua vida estivessem se abrindo no chão aos seus pés. Ele fora um inimigo, o homem que a capturara para ser uma escrava. Enviado para coletar tributos para Brandin, ele tinha queimado aldeias e casas em Corte e em Asoli. Ele era um ygratheano. Navegara até a Palma na frota invasora, lutara na última batalha do Deisa.

Ele fora seu amigo.

Um de seus únicos amigos. Corajoso, decente e leal ao seu Rei até o fim da vida. Gentil e direto, sentia-se desconfortável em uma corte de sutilezas...

Dianora percebeu que estava chorando por ele, pela vida derrubada como uma árvore pela espada do estranho.

— Eles falharam, meu senhor. — Era d'Eymon, sua voz realmente mostrando uma ponta muito leve de emoção. De tristeza. Ou seria a sua imaginação? — Todos os guardas estão caídos, assim como Rhamanus. Os magos ainda estão lá.

De sua cadeira sob o toldo, Brandin abriu os olhos. Seu olhar se fixou no vale abaixo e não se desviou. Dianora viu que seu rosto estava branco como giz pelo esforço, mesmo sob o calor vermelho do dia. Ela secou suas lágrimas; ele não devia vê-la assim se por acaso a olhasse. Podia precisar dela, de toda a força e amor que tivesse para dar. Ele não podia se distrair por preocupação. Estava sozinho, lutando contra tantos.

Era mais do que ela realmente sabia. Pois os magos já haviam contatado os Andarilhos da

Noite em Certando. Estavam unidos e todos estavam curvando o poder de suas mentes para defender Alberico.

Da planície abaixo, veio um rugido que ultrapassou o barulho contínuo da batalha. Gritos e vivas dos barbadianos. Dianora podia ver os mensageiros vestidos de branco correndo da retaguarda onde Alberico estava. Viu que os homens da Palma Ocidental haviam parado de avançar. Eles estavam em desvantagem, terrivelmente. Se Brandin não pudesse ajudá-los, então tudo estaria perdido. Ela olhou para o sul, na direção da colina onde os magos estavam, onde Rhamanus havia sido morto. Queria amaldiçoá-los, mas não conseguiu.

Eram homens da Palma. Eram seu próprio povo. Mas seu povo estava morrendo no vale também, sob as pesadas lâminas do Império. O sol parecia um ferro de marcar gado sobre suas cabeças. O céu era uma cúpula vazia e impiedosa.

Ela olhou para d'Eymon. Nenhum dos dois falou nada. Ouviram passos subindo a encosta rapidamente. Scelto surgiu tropeçando, lutando para respirar.

— Meu senhor — ele arfou, caindo de joelhos ao lado da cadeira de Brandin —, estamos sendo pressionados... ao centro e à direita. A esquerda está aguentando... mas por pouco. Mandaram-me perguntar se quer que recuemos.

Então, estava acontecendo.

Ela odeio aquele homem, ele dissera na noite anterior, antes de adormecer, exausto. *Odeio tudo o que ele significa*.

A colina ficou em silêncio. Dianora sentia como se pudesse ouvir as batidas de seu coração por alguma curiosa habilidade de seu ouvido, distinguindo-o apesar do barulho que vinha lá de baixo. Os sons no vale pareciam, estranhamente, terem diminuído. Ficavam mais fracos a cada segundo.

Brandin se levantou.

— Não — disse em voz baixa. — Não iremos recuar. Não temos para onde recuar, e não o faremos para o barbadiano. Nunca.

Ele olhava friamente por sobre a forma ajoelhada de Scelto, como se pudesse usar seus olhos para golpear o coração de Alberico à distância.

No entanto, havia algo mais nele agora: algo novo, além da raiva, além da severidade de sua decisão e de seu orgulho eterno. Dianora sentiu, mas não entendeu. Então, ele se virou para ela, que viu nas profundezas daquele olhar cinza um poço sem fundo de dor se abrindo como nunca vira antes. Nunca vira em ninguém, em todos os seus dias. *Piedade, dor e amor*, ele dissera na noite anterior. Algo estava acontecendo, o coração dela estava acelerado. Sentiu as mãos começarem a tremer.

— Meu amor — disse Brandin. Balbuciou, arrastado. Ela viu a morte em seus olhos, um abscesso de perda que parecia deixá-lo quase cego, desnudando sua alma. — Ah, meu amor. O que eles fizeram? Veja o que irão me obrigar a fazer. Ah, veja o que eles me obrigam a fazer!

— *Brandin!* — gritou ela, aterrorizada, sem entender nada e começou a chorar de novo, freneticamente. Vendo apenas a ferida aberta em que ele se transformara. Ela foi até ele, mas estava cego, já virado para o leste, na direção da borda da colina e do vale abaixo.

— Tudo certo — disse Rinaldo, o Curandeiro, afastando as mãos. Devin abriu os olhos e olhou para baixo. Sua ferida estava fechada, o sangramento parara. Essa visão, da velocidade sobrenatural da cura, o deixou tonto, era como se seus sentidos esperassem encontrar uma ferida aberta ali. — Você vai ter uma bela cicatriz para as mulheres lhe reconhecerem no escuro.

Ducas deu uma gargalhada. Devin fez uma careta e tomou cuidado para não encontrar o olhar de Alais. Ela estava bem ao seu lado, enrolando ataduras em seu abdômen para proteger a ferida. Olhou na direção de Ducas, cujo corte acima do olho fora fechado por Rinaldo do mesmo jeito; com sua barba vermelha suja e grudenta de sangue, ele parecia uma criatura terrível saída dos pesadelos

de uma criança. Arkin, que também sobrevivera à luta lá embaixo, estava enfaixando-o.

— Apertei demais? — perguntou Alais em voz baixa.

Devin respirou com cuidado, testando, e sacudiu a cabeça. A ferida doía, mas parecia estar bem.

— Você salvou a minha vida — murmurou para ela. Atrás dele, ela amarrava as pontas da atadura. Suas mãos pararam por um momento e depois voltaram.

— Não, não salvei — respondeu ela em uma voz abafada. — Ele estava caído. Não podia machucar você. Tudo o que eu fiz foi matar um homem. — Catriona, que estava por perto, olhou na direção deles. — Eu... queria não ter feito isso.

Alais começou a chorar. Devin engoliu em seco e tentou se virar para confortá-la, mas Catriona foi mais rápida e já estava com Alais nos braços. Olhou para elas, pensando com amargura se teria conforto ali, naquela colina nua no meio da guerra.

— *Erlein! Agora! Brandin está se levantando!* — o grito de Alessan cortou todos os outros. Com seu coração martelando no peito de novo, Devin foi rapidamente até o Príncipe e os magos.

— Depende de nós, então — disse Erlein, em uma voz dura e seca para os outros dois. — Vou ter de sair para rastreá-lo. Esperem meu sinal, mas *saiam* quando eu disser!

— Nós iremos — Sertino arfou. — Que a Triade salve todos nós.

O suor escorria do rosto gordo do mago. Suas mãos estavam tremendo com o esforço.

— Erlein — Alessan começou a falar, com urgência. — Precisamos usar tudo. Você sabe o que você...

— Silêncio! Eu sei exatamente o que preciso fazer. Alessan, você começou isso tudo, você trouxe todos nós para Senzio, cada um de nós, vivos ou mortos. Agora, é a nossa vez. Fique quieto, a não ser que queira rezar.

Devin olhou para o norte, para a colina de Brandin. Viu o Rei dar um passo para fora de seu toldo.

— Ó, Triade! — Ele ouviu Alessan sussurrar, em uma voz estranhamente alta. — Adaon, lembre-se de nós. Lembre-se de seus filhos! — O Príncipe caiu de joelhos. — Por favor — sussurrou de novo —, por favor, faça com que eu esteja certo!

Em sua colina, ao norte de onde estavam, Brandin de Ygrath estendeu uma mão e depois a outra sob o sol que queimava.

Dianora o viu se mover até a beira da colina, saindo do toldo para a chama branca da luz. Escolto rastejou para longe. Abaixo, os exércitos da Palma Ocidental estavam sendo empurrados novamente, ao centro, à esquerda e à direita. Os gritos dos barbadianos haviam ganhado um tom de malícia triunfante que pareciam golpes em seu coração.

Brandin ergueu sua mão direita e a nivelou à sua frente. Depois, trouxe a esquerda e a colocou ao lado, de forma que as palmas se tocassem, os dez dedos apontando na mesma direção. Diretamente para onde Alberico de Barbadior estava atrás de seu exército.

E Brandin da Palma Ocidental, que havia sido Rei de Ygrath quando chegara à península, gritou alto, em uma voz que parecia golpear e retalhar o próprio ar.

— *Ah, meu filho! Stevan, perdoe-me pelo que vou fazer!*

Dianora parou de respirar. Achou que fosse cair. Ergueu uma mão, procurando apoio e nem sequer percebeu que foi d'Eymon que a segurou.

Brandin falou de novo, em uma voz mais fria do que jamais o ouvira usar, palavras que nenhum deles podia entender. Apenas o feiticeiro que estava no vale poderia saber, apenas ele poderia entender a enormidade do que estava acontecendo.

Ela viu Brandin afastar as pernas, como se estivesse se preparando. Então viu o que aconteceu.

— *Agora!* — Erlein di Senzio gritou. — Vocês dois! Tirem os outros! Cortem a ligação *agora!*

— Eles estão livres — berrou Sertino. — Estou fora!

Ele caiu amontoando-se no chão como se jamais fosse se levantar de novo.

Algo estava acontecendo na outra colina. No meio do dia, sob aquele sol brilhante, o céu parecia estar mudando, ficando mais escuro onde Brandin estava. Algo — não era fumaça nem luz, mas uma mudança na essência do que era o ar — parecia estar saindo de suas mãos, rolando para baixo e para o leste, desorientando quem olhasse, um borrão sobrenatural como se o juízo final se aproximasse.

Erlein virou a cabeça de repente, seus olhos arregalados de terror.

— *Sandre, o que você está fazendo?* — ele deu um berro, sacudindo o Duque. — Saia daí, seu tolo! Em nome de Eanna, *saia daí!*

— Ainda... não — disse Sandre d' Astibar com uma voz que também prenunciava o juízo final.

Havia *mais* deles. Mais quatro que vinham ajudá-lo. Não eram magos, mas um tipo diferente de magia da Palma, uma que ele não conhecia nem entendia. Porém, não importava. Estavam ali, ao seu lado, mesmo que protegidos de sua mente, e com todos eles colocando seu poder para defendê-lo, ele tinha conseguido estender sua potência, usar sua própria força *contra* o inimigo que estava recuando!

Existia glória e esperança embaixo daquele sol, mais do que isso, havia uma visão cintilante de triunfo espalhada no vale à sua frente, um caminho liso, pavimentado com o sangue de seus inimigos, que levava diretamente dali, passando pelo mar, até a coroa.

Ele podia abençoar aqueles magos, cobri-los de honrarias! Transformá-los em senhores de poder inimaginável, ali naquela colônia ou em Barbadior, onde quisessem, o que quer que escolhessem. E, pensando nisso, Alberico sentiu a sua própria magia fluir como um vinho forte em suas veias e a enviou com força contra os ygratheanos e contra os homens da Palma Ocidental; seus exércitos gargalhavam em triunfo, ao sentirem suas espadas leves como a grama no verão.

Ele os ouviu começarem a cantar a velha canção de guerra das legiões imperiais, que conquistaram terras distantes, séculos antes. E estavam fazendo! Acontecia de novo. Não eram apenas mercenários, *eram* as legiões do Império, pois ele era, ou seria, o Império. Podia ver isso. Estava ali, brilhava à sua frente naquele dia abafado.

Então, Brandin de Ygrath se levantou e foi para a borda de sua colina. Uma figura distante e solitária sob o sol naquele lugar alto. No instante seguinte, Alberico, que também era um feiticeiro, sentiu, pois não conseguiria escutar, as palavras de invocação escuras e certas que Brandin proferia, e seu sangue congelou em suas veias como no meio de uma noite de inverno.

— Ele não pode — arfou. — Não depois de tanto tempo! Ele não pode fazer isso.

No entanto, o ygratheano estava fazendo. Buscava tudo, convocava tudo, até a última centelha de sua magia, sem deixar nenhuma reserva. Nada, nem mesmo o poder que sustentava a vingança que o mantivera ali por todos esses anos. Estava se esvaziando para moldar um feitiço que nunca fora usado antes.

Desesperado, ainda sem acreditar, Alberico tentou alcançar os magos para lhes dizer que se preparassem, que estivessem prontos. Para gritar que, se estivessem em oito, em nove, conseguiriam aguentar aquilo — tudo o que precisavam fazer era sobreviver àquele momento, e, então, Brandin não seria nada, seria uma concha. Devastado por semanas, meses, anos! Um homem oco, sem

nenhuma mágica.

Suas mentes estavam fechadas, bloqueadas para ele. Mas ainda estavam *ali*, defendendo-o, protegendo-o. Ah, se o deus chifrudo e a Rainha da Noite estivessem com ele. Se estivessem com ele ainda, ele poderia...

Eles não estavam. Eles não estavam com ele.

Pois, naquele instante, Alberico sentiu os magos da Palma cortarem o elo, sumindo sem aviso, deixando-o repentina e terrivelmente exposto e sozinho. Na colina, Brandin havia nivelado suas mãos e delas veio a morte em cinza e azul, uma presença que obliterava e escondia tudo, fervendo e lançando vapor através do vale em sua direção.

E os magos se foram! Ele estava sozinho.

Ou quase, quase sozinho. Um homem ainda permanecia ligado a ele, um deles ficara! Então, aquela única mente se abriu para Alberico como a porta trancada de uma masmorra dando passagem para deixar a luz fluir.

A luz da verdade. Naquele momento, Alberico de Barbadior gritou, aterrorizado, em uma raiva inútil, pois o entendimento veio afinal, e ele viu, tarde demais, como havia sido destruído e por quem.

Em nome dos meus filhos, eu o amaldiçoo para sempre, disse Sandre, Duque de Astibar, sua imagem sem remorsos surgindo na mente de Alberico como uma aparição do outro mundo. Só que ele estava vivo. Impossivelmente vivo e ali, em Senzio, naquela colina, com olhos implacáveis e totalmente impiedosos. Ele mostrou os dentes em um sorriso que trazia a noite. *Em nome dos meus filhos e de Astibar, morra agora, amaldiçoado para sempre*.

Então, quando a morte azul e cinza correu pelo vale, vinda da colina de Brandin, de suas mãos estendidas, em uma velocidade aniquiladora, Sandre se soltou, também se foi, e Alberico, ainda lidando com o choque, agarrando-se freneticamente, tentando se levantar de sua cadeira, foi atingido, envolvido e consumido por aquela morte, como um broto nas terras baixas do litoral levado pela onda de um mar furioso e amplo.

A onda o levou com ela, separando-o de seu corpo, de sua alma, ainda gritando, e ele morreu. Morreu naquela distante Península da Palma dois dias antes de seu Imperador, que não conseguiria acordar depois de um sono sem sonhos, indo ao encontro de seus deuses em Barbadior.

O exército de Alberico escutou seu último grito, e seus próprios gritos de vitória se transformaram em horror, causado pelo pânico. Na presença da magia que veio da colina, os barbadianos sentiram descer sobre eles um medo que nenhum homem deveria conhecer. Eles mal conseguiam segurar suas espadas, fugir ou mesmo ficar em pé na frente dos inimigos que avançavam, incólumes, sem ferimentos, exaltados, debaixo daquela feitiçaria terrível, e começavam a atacar e a golpear com uma fúria dura e mortal.

Tudo, pensou Brandin de Ygrath, da Palma Ocidental, chorando desconsolado em sua colina enquanto olhava para o vale. Ele fora levado a isso e respondera, convocara tudo o que tinha para aquele objetivo final, e era o bastante. Era o suficiente, e nada mais poderia ser. Havia muita magia se opondo a ele, e a morte estivera esperando seu povo.

Ele sabia o que fora levado a fazer, sabia o preço de não poupar nada. Pagara aquele preço, estava pagando-o agora, e iria fazê-lo a cada respiração que desse até morrer. Gritara alto o nome de Stevan, nas câmaras cheias de eco de sua alma, antes de convocar aquele poder. Sabia que vinte anos de vingança por aquela vida ceifada tão cedo foram desfeitos sob aquele sol de bronze. *Nada ficou para trás*. Tinha terminado.

Havia homens lutando por ele lá embaixo, lutando por sua bandeira, em seu nome, e não

havia como recuar naquela planície. Não para ele. Ele não podia recuar. Fora levado àquele momento, como um urso seria levado até um despenhadeiro por uma matilha de lobos, e o preço estava sendo pago. Havia um massacre no vale, uma carnificina de barbadianos. Seu coração chorava. Ele era uma coisa partida e triste, todas as memórias do amor e da perda de um pai o invadiam, como outro tipo de onda. *Stevan*.

Ele chorou, à deriva em um oceano de perda, longe da costa. Estava levemente consciente de Dianora ao seu lado, apertando as mãos dele entre as suas, mas perdido em sua dor, seu poder aniquilado, o núcleo de seu ser estilhaçado em fragmentos, em cacos; um homem que não era mais jovem, tentando, sem nenhuma esperança, conceber como continuar uma vida que pudesse começar naquela colina.

E algo mais aconteceu, pois ele se esquecera, na verdade, de alguma coisa. Algo que somente ele poderia saber.

E o tempo, que realmente não pode parar, por dor, por piedade, por amor, levou-os a todos em frente para um momento que nenhum feiticeiro, mago ou flautista naquele lugar poderia prever.

Era o peso de montanhas esmagando sua mente. Cuidadosa e requintadamente, designado para deixá-lo com a mínima fagulha de autoconsciência, o que significaria a mais verdadeira tortura, de modo que ele sempre saberia exatamente quem era, quem fora, e o que estava sendo obrigado a fazer, completamente incapaz de se controlar. Pressionado embaixo do fardo das montanhas.

Que agora tinha sumido. Ele endireitou suas costas, por vontade própria. Virou-se para o leste. Tentou erguer mais alto a cabeça, mas não pôde. Entendeu: ficara anos demais na mesma posição encolhida e torta. Tinham quebrado os ossos de seus ombros, muitas vezes e com cuidado. Ele sabia com o que se parecia, no que eles o haviam transformado naquela escuridão tanto anos antes. Ele tinha se visto em espelhos através dos anos, e nos espelhos que eram os olhos dos outros. Sabia exatamente o que fora feito com seu corpo, antes de começarem a agir em sua mente.

Aquilo não importava agora. As montanhas tinham sumido. Ele olhou ao redor com sua altura, lembrou com sua própria memória, poderia falar, se quisesse, com seus próprios pensamentos, sua própria voz, mesmo que ela tivesse mudado.

Rhun desembainhara sua espada.

Claro que ele tinha uma espada. Ele carregava a arma que Brandin carregava, todos os dias recebia a roupa que o Rei havia escolhido; ele era o escape, o condutor, o duplo, o Bobo.

Ele era mais do que isso. E sabia exatamente o quanto. Brandin o deixara com aquela lasca de consciência delicadamente calculada, bem no fundo de sua mente, debaixo das montanhas empilhadas que o soterravam. Aquele era o verdadeiro ponto, a essência de tudo; aquilo e o sigilo, o fato de que somente eles dois sabiam e somente eles dois iriam saber.

Os homens que o tinham aleijado e desfigurado eram cegos, trabalhando nele na escuridão, conhecendo-o apenas através da exploração insistente de suas mãos em sua carne, alcançando até o osso. Eles nunca souberam quem ele era. Apenas Brandin sabia, e ele mesmo, como aquela fraca faísca de sua identidade tão cuidadosamente preservada mesmo depois que tudo mais se fora. Fora tão elegantemente urdida, aquela resposta ao que ele fizera, à dor e à raiva. Aquela vingança.

Ninguém vivo além de Brandin de Ygrath sabia seu verdadeiro nome e, sob o peso das montanhas, ele não tinha língua para falar por si mesmo — tinha apenas um coração que chorava com o que estava sendo feito com ele. A delicada perfeição daquilo, daquela vingança.

Mas as montanhas que o enterravam haviam sumido.

E com aquele pensamento, Valentin, Príncipe de Tigana, ergueu sua espada em uma colina de Senzio.

Sua mente era sua novamente, suas memórias: de uma sala sem luz, preta como breu, com a voz do Rei ygratheano chorando, contando o que estava sendo feito com Tigana enquanto falavam o que seria feito com ele nos meses e anos que viriam.

Um corpo mutilado, com seu rosto colocado nele por feitiçaria, foi morto na roda em Chiara naquela semana, depois queimado e suas cinzas espalhadas no vento.

Na sala escura, os homens cegos começaram seu trabalho. Lembrou-se de tentar não gritar no começo. Lembrou-se de gritar. Muito tempo depois, Brandin veio e começou e terminou sua própria parte daquele trabalho cuidadoso e paciente. Uma tortura de um tipo diferente, muito pior. O peso das montanhas em sua mente.

Mais tarde naquele ano, o Bobo do Rei de Ygrath morrerá em um acidente no castelo recém-ocupado em Chiara. Logo depois, Rhun, com seus olhos fracos e inquietos, seu ombro deformado, sua boca aberta e seu andar torto, foi trazido de sua escuridão para vinte anos de uma noite interminável.

Estava muito claro ali agora sob a luz do sol, de forma a quase o cegar. Brandin estava logo à sua frente. A garota estava segurando sua mão.

A garota. A garota era a filha de Saevar.

Ele a reconheceu no momento em que fora trazida para ser apresentada ao Rei. Ela mudara muito em cinco anos, e mudaria ainda mais com o passar dos anos, mas seus olhos eram exatamente os de seu pai, e Valentin vira Dianora crescer. Quando ele a ouvira ser nomeada, naquele dia, como sendo de Certando, a pequena parte preservada de sua mente vibrou e brilhou, pois ele sabia, *sabia*, o que ela fora fazer ali.

No entanto, quando os meses passaram e depois os anos, ele observou indefeso com seus olhos remelentos debaixo do peso de suas montanhas, ele testemunhou quando a inexorabilidade terrível das coisas adicionou amor a todo o resto. Sua ligação com Brandin era inimaginável, e ele viu o que estava acontecendo. Mais ainda, ele fora feito para ser parte daquilo, pela própria natureza da relação entre os Reis e os Bobos de Ygrath.

Foi ele quem primeiro expressou — além de seu controle, pois ele não tinha controle nenhum — o que estava acontecendo no coração do Rei. Na época em que Brandin ainda se recusava a admitir sequer a ideia de amor em uma alma e em uma vida moldada pela vingança e pela perda; era Rhun — Valentin — que ficava encarando Dianora, a filha de cabelos escuros de Saevar, com a alma de outro homem nos olhos.

Não mais, nunca mais. A longa noite passara. A feitiçaria que o prendera sumira. Estava acabado: ele ficou de pé na luz do sol e poderia falar seu nome verdadeiro se quisesse. Deu um passo desajeitado para a frente e, em seguida, com mais cuidado, deu outro. Ninguém o notara. Ele era o Bobo. Rhun. Mesmo aquele nome tinha sido escolhido pelo Rei. Apenas os dois saberiam. Aquilo não era para o mundo. A privacidade do orgulho. Ele até entendera. Talvez tivesse sido a coisa mais terrível de tudo: ele entendera.

Ele deu um passo para fora do toldo. Brandin estava à sua frente, perto da beira da colina. Nunca atingira um homem pelas costas em toda a sua vida. Moveu-se para o lado, tropeçando um pouco, e foi até a mão direita do Rei. Ninguém olhava para ele. Ele era Rhun.

Mas não era.

— *Você deveria ter me matado no rio* — ele disse com a voz clara. Devagar, Brandin virou sua cabeça, com se só agora se lembrasse de algo. Valentin esperou até que seus olhos se encontrassem e se fixassem antes de enfiar sua espada no coração do ygratheano, da maneira que um Príncipe matava seus inimigos, mesmo que demorasse muitos anos, não importa o que tivesse que suportar até que aquele final chegasse.

Dianora sequer conseguiu gritar, de tão chocada, de tão despreparada. Ela viu Brandin dar um passo para trás, com uma lâmina em seu peito. E Rhun — *Rhun!* — desajeitadamente a puxou e muito sangue a seguiu. Os olhos de Brandin estavam arregalados de surpresa e de dor, mas límpidos, luminosamente límpidos. Assim como sua voz quando ela o escutou dizer:

— Nós dois? — Ele balançou, ainda de pé. — Pai e filho? *Que colheita, Príncipe de Tigana!*

Dianora ouviu o nome como um clarão branco de som em sua mente. O tempo pareceu mudar, ficando insuportavelmente lento. Ela viu Brandin cair de joelhos; sua queda durou uma eternidade. Tentou se mover em sua direção, mas seu corpo não respondeu. Ela ouviu um som distorcido e alongado de angústia, e viu a agonia dilacerante no rosto de d'Eymon enquanto a lâmina do Chanceler cortava o flanco de Rhun.

Não, não era Rhun. *Não era Rhun.* Era Valentin, o Príncipe.

O Bobo de Brandin. Por todos aqueles anos. O que havia sido feito com ele! E ela ao seu lado, ao lado daquele sofrimento. *Por todos aqueles anos.* Ela queria gritar. Mas não conseguia emitir nenhum som, mal podia respirar.

Ela o viu cair também, a forma quebrada e aleijada se esparramando no chão ao lado de Brandin, que ainda estava de joelhos, com uma ferida vermelha no peito. E olhava para ela, somente para ela. Um som finalmente saiu de seus lábios enquanto ela se ajoelhava ao lado dele. Ele esticou uma mão, lentamente, com um grande esforço de sua vontade, com todo o controle que ele tinha, e pegou sua mão.

— Ah, meu amor — ela o ouviu dizer. — É como lhe disse antes. Devíamos ter nos encontrado em Finavir.

Ela tentou falar de novo para respondê-lo, mas as lágrimas escorriam por seu rosto e fechava sua garganta. Ela apertou sua mão com toda a força, tentando passar a vida dela para ele. Brandin caiu de lado, apoiado em seu ombro, e ela o desceu até seu colo e o abraçou como fizera na noite anterior, quando ele dormiu. Viu os olhos cinzentos e brilhantes lentamente ficarem embaçados e depois escuros. Ela o segurava assim quando ele morreu.

Ela ergueu a cabeça. No chão, ao seu lado, o Príncipe de Tigana a olhava com muita compaixão em seus olhos finalmente limpos. Isso ela não podia aguentar. Não dele: não com tudo o que ele sofrera e com o que ela era, com o que ela mesma fizera. Se ele *soubesse*, que palavras teria para ela, que olhar teria? Ela não podia suportar. Ela o viu abrir a boca como se fosse falar, então seus olhos captaram algo ao seu lado.

Uma sombra cruzou o sol. Ela olhou para cima e viu d'Eymon levantar a espada. Valentin levantou a mão, implorando, para impedi-lo.

— *Espere!* — ela arfou, forçando a palavra.

E d'Eymon, quase enlouquecido de dor, parou ao ouvir sua voz. Segurou a espada. Valentin baixou sua mão. Ela o viu respirar fundo ao perceber a realidade definitiva de seu ferimento e, então, fechando os olhos por causa da luz e da dor, ela o ouviu falar. Não foi um grito, mas uma única palavra em uma voz clara. A única palavra que ele disse — oh, qual mais poderia ser? — era o nome de seu lar, oferecido como algo brilhante para que o mundo conhecesse de novo.

E Dianora percebeu então que d'Eymon de Ygrath *entendeu*. Ele ouviu o nome, o que significava que todos poderiam; o feitiço fora quebrado. Valentin abriu os olhos e encarou o Chanceler, verificando a verdade daquele fato no rosto de d'Eymon, e Dianora viu que o Príncipe de Tigana sorria quando a espada do Chanceler desceu e se afundou em seu coração.

Mesmo na morte, o sorriso permaneceu naquele rosto terrivelmente maltratado. E o eco de sua última palavra, daquele nome, parecia, para Dianora, ter ficado reverberando no ar ao redor da colina, sobre o vale onde os barbadianos estavam morrendo.

Olhou para o homem morto em seus braços, ninando sua cabeça de cabelos grisalhos, e não podia parar de chorar. *Em Finavir*, ele dissera. Suas últimas palavras. Outro nome de lugar, mais longe que um sonho. E estivera certo, como tantas vezes. Eles deveriam ter se conhecido, se os deuses tivessem alguma bondade, alguma piedade por eles, em outro mundo, não naquele. Não ali. Pois o amor era o que era, mas não era o bastante. Não ali.

Ouviu um barulho vindo de baixo do toldo e se virou para ver d'Eymon cair na cadeira de Brandin. O cabo de sua espada estava apoiado no encosto da cadeira. A lâmina estava enfiada em seu peito. Ela viu e sentiu pena por sua dor, mas não podia lamentá-lo. Não sobrara nada nela para mais essa tristeza. D'Eymon de Ygrath não importava agora. Não com os dois homens caídos ali com ela, um ao lado do outro. Ela podia ter pena, ah, ela podia se condoer por qualquer homem ou mulher já nascido, mas não poderia lamentar por ninguém além daqueles dois. Não agora.

E percebeu que nunca poderia.

Olhou por cima e viu Scelto, ainda de joelhos, a única pessoa viva na colina além dela. Ele também chorava, mas ela viu que era por ela mesma, mais do que pelos mortos. Suas primeiras lágrimas sempre eram por ela. No entanto, ele estava muito distante. Tudo parecia estar distante. Exceto Brandin. Exceto Valentin.

Pela última vez, olhou para o homem por cujo amor ela traíra seu lar, seus mortos e sua própria vingança jurada na frente do fogo, na casa de seu pai, anos antes. Olhou para o que sobrara de Brandin de Ygrath, cuja alma já partira, e lenta e gentilmente Dianora baixou a cabeça e o beijou nos lábios em despedida.

— Em Finavir, meu amor.

Então, deitou-o no chão ao lado de Valentin e se levantou. Olhando para o sul, viu que os três homens e a mulher de cabelos vermelhos haviam descido a encosta da colina dos magos e começavam a atravessar o terreno irregular entre as colinas. Virou-se para Scelto, cujos olhos demonstravam que sabia o que iria acontecer. Ela se lembrou de que ele a conhecia, de que ele a amava e a conhecia bem demais. Ele sabia tudo exceto uma única coisa, e aquele segredo ela levaria consigo. Aquele segredo era seu.

— De certa forma — disse, apontando para o Príncipe —, quase seria melhor que ninguém soubesse quem ele era. Mas não acho que possamos fazer isso. Conte para eles, Scelto. Fique e conte para eles quando eles chegarem. Quem quer que sejam, eles devem saber.

— Ah, minha senhora — sussurrou ele, chorando. — Precisa terminar assim?

Ela sabia o que ele queria dizer. Claro que sabia. Ela não iria fingir para ele agora. Olhou para as pessoas — quem quer que fossem — aproximando-se rapidamente vindos do sul. A mulher. Um homem de cabelos castanhos com uma espada, um mais escuro e um terceiro homem, mais baixo que os outros dois.

— Sim — ela disse para Scelto, enquanto eles se aproximavam. — Sim, acho que precisa.

E, assim, ela se virou e o deixou com os mortos naquela colina, para esperar aqueles que estavam vindo naquele momento. Ela deixou o vale para trás, a colina, deixou todos os sons de batalha e dor; desceu a trilha mais ao norte que ondulava pela encosta, fora da vista de todos. Havia flores crescendo no caminho: sonrai, lírios selvagens, iridáceas, anêmonas, amarelas, brancas e até mesmo uma vermelha. Em Tregaea, dizem que aquela flor ficara vermelha com o sangue de Adaon.

Não havia nem homens nem mulheres naquela encosta para vê-la ou impedi-la, a distância até o chão também não era grande, chegou ao começo da areia e logo estava à beira do mar, onde havia gaiotas circulando e gritando no céu.

Havia sangue em sua roupa. Ela a descartou numa pequena pilha na amplidão daquela areia branca. Pisou na água — estava fria, mas nem perto do quão frio estivera o mar de Chiara na manhã do Mergulho. Andou devagar até a água chegar aos seus quadris e começou a nadar. Em

frente, na direção do oeste onde o sol iria se pôr quando finalmente terminasse aquele dia. Ela nadava bem; seu pai havia ensinado a ela e ao seu irmão, anos antes, depois de um pesadelo que tivera. O Príncipe Valentin até fora com eles uma vez. Há muito tempo.

Quando começou a se cansar, já estava muito distante da costa, onde o verde azulado do oceano, próximo da terra, mudava para o azul escuro das profundezas. E ali mergulhou, empurrando-se para baixo, para longe do azul do céu e do sol de bronze. Parecia que conforme descia uma estranha luz aparecia na água, como se fosse um caminho, ali, nas profundezas do mar.

Ela não esperara por isso. Não tinha pensado que haveria algo assim para ela. Não depois do que acontecera, de tudo o que fizera. Mas realmente havia um caminho, uma luz brilhante definindo-o. Já no fundo, ficou cansada, e sua visão começava a sumir. Pensou ter visto uma forma passar de relance no limite da luz. Porém, não conseguia enxergar direito, um tipo de neblina parecia envolvê-la. Por um momento, pensou que a forma poderia ser a riselka, apesar de não merecer, ou mesmo Adaon, apesar de não ter o direito de esperar vê-lo. Mas então Dianora viu surgir um último clarão em sua mente, e a neblina retrocedeu um pouco. Viu que não era nenhum dos dois — nem a riselka, tampouco o deus.

Era Morian que vinha com gentileza e misericórdia para levá-la para casa.

Único vivo em uma colina de mortos, Scelto ficou de pé e se arrumou o melhor possível, esperando aqueles que podia ver começando a subir a colina.

Quando os três homens e a mulher alcançaram o topo, ele se ajoelhou, submisso, enquanto eles examinavam o que acontecera ali, o que a morte buscara naquela colina. Sabia que poderiam matá-lo, mesmo ajoelhado. Não sabia se de fato se importava.

O Rei estava caído à distância de um braço de Rhun, que o matara. Rhun, que fora um Príncipe ali na Palma. Príncipe de Tigana. Baixa Corte. Se ele tivesse tempo, Scelto achava que as peças desse quebra-cabeça poderiam se encaixar. Mesmo entorpecido como estava, podia sentir uma dor lancinante na cabeça ao insistir nessa história. Tanta coisa fora feita em nome dos mortos.

Ela já devia estar perto da água agora. Porém, dessa vez, não voltaria. Ele não esperava que ela voltasse na manhã do Mergulho: ela tentara esconder, mas tinha visto algo quando acordou naquele dia. Não tinha entendido o porquê, mas soubera que ela estava se preparando para morrer.

Ela *estava* pronta, tinha certeza disso; algo mudara para ela na beira da água naquele dia. Não mudaria de novo.

— Quem é você?

Olhou para cima. Um homem esbelto, de cabelos pretos já ficando grisalhos nas têmporas, olhava para ele com olhos cinzentos. Olhos curiosamente muito parecidos com os de Brandin.

— Meu nome é Scelto. Era um serviçal na saishan e um mensageiro aqui.

— Estava aqui quando morreram?

Scelto assentiu. A voz do homem era clara, apesar de ser visível o esforço em mantê-la assim, como se tentasse, com o tom de sua voz, impor algum padrão de ordem no caos daquele dia.

— Você poderia me dizer quem matou o Rei de Ygrath?

— O Bobo — disse Scelto em voz baixa, tentando imitar o jeito do outro homem. À distância, o ruído da batalha estava diminuindo, finalmente.

— Como? A pedido de Brandin? — foi um dos outros homens quem falara, uma figura barbada e de olhar duro, com olhos escuros e uma espada na mão.

Scelto sacudiu a cabeça. Sentiu-se incrivelmente cansado de repente. Ela deveria estar nadando. Já estaria bem longe agora.

— Não. Foi um ataque... Acho... — Ele abaixou a cabeça, com medo de fazer suposições.

— Continue — disse o primeiro homem, com gentileza. — Você não corre perigo. Já vi sangue

o bastante hoje. Mais do que o bastante.

Scelto olhou para ele ao ouvir aquilo, intrigado. Em seguida, continuou:

— Eu acho que quando o Rei usou o resto de sua magia, estava prestando atenção demais no vale e se esqueceu de Rhun. Ele usou tanto de si naquele feitiço que acabou libertando o Bobo.

— Ele libertou mais do que isso — o homem de olhos cinza disse, suavemente. A mulher alta estava ao seu lado. Ela tinha cabelo vermelho e olhos azuis profundos: era muito jovem e muito bonita.

Dianora já estaria longe entre as ondas. Tudo já deveria estar terminado. Ele não se despedira, depois de tantos anos. Controlando-se, Scelto conteve um soluço.

— Posso saber — perguntou ele, sem saber o porquê. — Posso saber quem são vocês?

E, em voz baixa, sem arrogância ou imposição, o homem de cabelos escuros respondeu:

— Meu nome é Alessan bar Valentin, o último de minha linhagem. Meu pai e meus irmãos foram mortos por Brandin há quase vinte anos. Eu sou o Príncipe de Tigana.

Scelto fechou os olhos.

Em sua cabeça escutou a voz de Brandin novamente, fria e clara, repleta de ironia, mesmo mortalmente ferido: *Que colheita, Príncipe de Tigana*. E Rhun, antes de morrer, falara aquele mesmo nome sob a cúpula do céu.

Sua própria vingança estava ali, então.

— Onde está a mulher? — o terceiro homem perguntou de repente, o mais novo. — Onde está Dianora di Certando, que fez o Mergulho do Anel? Ela não estava aqui?

Àquela hora, já teria terminado. Ela já deveria estar em um lugar calmo, profundo e escuro. Folhas verdes do mar iriam decorar seu cabelo e se enlaçar em seus membros. Ela finalmente estaria em paz, descansando.

Scelto levantou os olhos. Estava chorando, nem sequer tentava parar ou esconder suas lágrimas.

— Ela estava aqui. Ela foi para o mar de novo, para terminar no mar.

Não achava que eles iriam se importar, que eles poderiam se importar com aquilo, nenhum deles, mas viu que estava errado. Os quatro, mesmo o homem sério, com cara de guerreiro, ficaram subitamente em silêncio e depois se viraram, quase ao mesmo tempo, para olhar para o oeste além das encostas e da areia, para onde o sol estava se pondo acima da água.

— Lamento muito ouvir isso — disse o homem chamado Alessan. — Eu a vi dar o Mergulho do Anel em Chiara. Ela era linda e surpreendentemente corajosa.

O homem de cabelos escuros deu um passo à frente, com uma dúvida inesperada nos olhos. Ele não era tão severo quanto parecia à primeira vista e também era mais novo, Scelto percebeu.

— Diga... Ela era... alguma vez ela... — Ele parou, confuso. O outro homem, o Príncipe, o encarou com compaixão nos olhos.

— Ela era de Certando, Baerd. Todos conhecem a história.

Lentamente, o outro balançou a cabeça. Mas quando se virou foi para olhar novamente para o mar. Scelto pensou que eles não pareciam conquistadores. Pareciam apenas cansados, no final de uma longa jornada.

— Então, no final, não fui eu — o homem de olhos cinza estava falando, quase para si mesmo. — Depois de tantos anos sonhando. Foi seu próprio Bobo quem o matou. Não teve nada a ver conosco. — Olhou para os dois homens caídos juntos e depois se voltou para Scelto. — Quem era o Bobo? Você sabe?

Ela já se fora, reclamada pelo mar escuro. Ela descansava. E Scelto estava tão cansado. Cansado de tristeza, de sangue e de dor, daqueles ciclos amargos de vingança. Sabia o que iria acontecer com aquele homem no momento em que falasse.

Eles devem saber, ela dissera, antes de ir embora para o mar, e era verdade, é claro que era. Scelto encarou o homem de olhos cinza.

— Rhun? Um ygratheano ligado ao Rei anos atrás. Ninguém muito importante, meu senhor.

O Príncipe de Tigana assentiu, sua boca expressiva curvando-se com a ironia autoinfligida.

— Claro — disse ele. — É claro. Ninguém muito importante. Por que pensei que seria de outra forma?

— Alessan — o homem mais novo chamou da beira da colina. — Acho que acabou. Quero dizer, lá embaixo. Acho... acho que os barbadianos estão todos mortos.

O Príncipe ergueu a cabeça assim como Scelto. Homens da Palma e de Ygrath estavam lado a lado no vale.

— Você vai nos matar agora? — perguntou Scelto.

O Príncipe de Tigana sacudiu a cabeça.

— Já disse que não. Vi sangue demais. Há muito a ser feito, mas vou tentar fazer sem matar mais ninguém.

Ele foi até a beirada sul da colina e levantou a mão em um tipo de sinal para os homens na outra colina. A mulher parou a seu lado, e ele colocou um braço ao redor de seus ombros. Um momento depois, ouviram um chifre soar no vale e nas colinas, claro, alto e belo, indicando o final da batalha.

Scelto, ainda ajoelhado, secou os olhos com a mão suja. Olhou ao redor e viu que o terceiro homem, o que lhe tentara perguntar alguma coisa, ainda estava olhando para o mar. Havia uma dor ali que ele não conseguia entender. Havia dor em todos os lugares naquele dia. E ele tinha nas mãos, mesmo agora, o poder de falar a verdade e causar ainda mais dor.

Seus olhos novamente baixaram, devagar, para longe do céu azul e do mar azul-esverdeado, para longe do homem na beirada oeste da colina, para longe de d'Eymon de Ygrath caído na cadeira do Rei com a própria lâmina no peito. Deixou seu olhar descansar nos dois homens mortos, caídos lado a lado, tão perto que poderiam ter se tocado se estivessem vivos.

Ele manteria o segredo. Poderia viver com isso.

EPÍLOGO

Três homens a cavalo nas terras altas do sul olhando para um vale ao leste. Ali, há florestas de pinheiros e cedro, colinas dos dois lados. O rio Sperion brilha à distância, fluindo das montanhas, não muito longe de onde começa sua longa curva a oeste, para encontrar o mar. O ar está frio e reluzente, com um toque de outono na brisa. As cores das folhas mudarão em breve e a neve perene dos picos mais altos das montanhas começará a descer, fechando a passagem.

No verde tranquilo do vale abaixo, Devin vê a cúpula do templo de Eanna faiscando sob a luz do sol da manhã. Para além do santuário, a trilha sinuosa pela qual desceram na primavera, chegando ali vindos do leste, mal podia ser vista. Parecia ter sido em outra vida. Virou-se na sela e olhou para o norte, sobre as colinas que diminuía gradativamente.

— Mais tarde, será que conseguiremos vê-las daqui?

Baerd olhou para ele para depois ver do que estava falando.

— O quê, A valle e as torres? Facilmente, em um dia claro. Venha me encontrar aqui em um ano e você verá a minha Torre do Príncipe, em verde e branco. Prometo.

— Onde vai conseguir o mármore? — perguntou Sandre.

— No mesmo lugar que Orsaria conseguiu o da torre original. A pedra ainda é produtiva e está, acredite ou não, a dois dias a cavalo a oeste de nós, perto da costa.

— E como vai trazê-la para cá?

— Pelo mar até Tigana, e então em barcaças subindo o Sperion. Da mesma maneira que fizeram antes. — Baerd tinha raspado sua barba de novo. Devin repara que parecia ser muito mais novo.

— E como você sabe tanto assim? — questionou Sandre com deboche. — Pensei que você só soubesse de arcos, flechas e de como não cair de cara no chão andando sozinho no escuro.

Baerd sorriu.

— Sempre quis ser um construtor. Tenho o mesmo amor que meu pai tinha pela pedra, só que sem seu talento. Mas sou um artesão, e sei como procurar saber das coisas, já sabia antes. Acho que sei tanto quanto qualquer outro homem vivo sobre como Orsaria construiu suas torres e seus palácios. Incluindo um em Astibar, Sandre. Gostaria que eu lhe contasse onde suas passagens secretas estão?

Sandre riu alto.

— Pare de se gabar, seu pedreiro presunçoso. Se bem que faz vinte anos que não piso naquele palácio, talvez você *precise* me lembrar de onde elas estão.

Sorrindo, Devin se virou para o Duque. Demorou um bom tempo para se acostumar a ver Sandre sem seu disfarce khardhuneano.

— Então você vai voltar para lá, depois do casamento? — perguntou, sentindo tristeza pela ideia de ver mais alguém partindo.

— Acho que devo, embora esteja dividido. Eu me sinto velho demais para governar. E não é como se eu tivesse herdeiros para preparar.

Após um momento de silêncio, Sandre os levou suavemente além da escuridão daquelas memórias.

— Para ser sincero, estou muito mais interessado no que estou fazendo aqui em Tigana. O elo mental com Erlein, Sertino e os magos que nós conseguimos encontrar.

— E os Andarilhos da Noite? — perguntou Devin.

— Realmente, os Carlozzini de Baerd também. Preciso dizer que estou contente pelos quatro

estarem vindo com Alienor para o casamento.

— Não tão contente quanto Baerd, com certeza — Devin acrescentou, disfarçadamente. Baerd olhou para ele e voltou a fingir que estava absorto em vigiar a linha distante da estrada ao sul.

— Dificilmente tão feliz quanto — concordou Sandre. — No entanto, espero que ele me empreste sua Elena por algum tempo quando ela passar aqui. Se formos mudar a atitude da península em relação à magia, não há época melhor para começar do que agora, não acha?

— Sim, com certeza — respondeu Devin, sorrindo abertamente.

— Ela não é minha Elena — Baerd murmurou, mantendo os olhos fixos na estrada.

— Não é? — perguntou Sandre, fingindo surpresa. — Então quem é esse tal de Baerd para quem ela vive me usando para passar mensagens? Você conhece o sujeito?

— Nunca ouvi falar — respondeu Baerd, lacônico. Manteve a expressão séria por um tempo, mas ela logo deu lugar a uma gargalhada. — Estou começando a lembrar por que eu preferia ficar sozinho. E sobre Devin, já que estamos no assunto, você não acha que Alais estaria lhe mandando mensagens se pudesse?

— Devin — disse o Duque com leveza — é apenas uma criança, jovem e inocente demais para se envolver com mulheres, especialmente do tipo daquela criatura astuciosa e experiente de Astibar.

Sua tentativa de parecer severo é um fracasso, os outros dois sabem bem qual a sua verdadeira opinião sobre a filha de Rovigo.

— Não *existem* mulheres inexperientes em Astibar — retrucou Baerd. — E, além disso, ele já é velho o bastante. Já tem uma cicatriz de batalha nas costelas para mostrar.

— Ela já viu — disse Devin, divertindo-se imensamente. — Ela a tapou depois que Rinaldo me curou — acrescenta com pressa ao ver os outros dois levantarem as sobrancelhas. — Nada demais nisso.

Ele tenta e não consegue conceber Alais como astuciosa e enganadora. Mas a lembrança dela no parapeito da janela em Senzio fica a toda hora voltando à sua mente; aquele sorriso em especial que ela tinha no rosto enquanto ele saía tropeçando, procurando seu próprio quarto.

— Eles estão vindo, não é? — perguntou o Duque. — Acabo de pensar que posso navegar para casa com Rovigo.

— Eles estarão aqui — confirmou Devin. — Tiveram um casamento na família na semana passada, por isso ainda não chegaram.

— Vejo que você sabe muito bem sobre o planejamento deles — atalhou Baerd, o rosto sério. — O que você planeja fazer depois do casamento?

— Na verdade — disse Devin —, eu queria saber. Já pensei em dez coisas diferentes. — Sua voz deve ter soado mais séria do que pretendia, já que os seus dois amigos voltam toda a atenção para ele.

— Tais como? — perguntou Sandre.

Devin respirou fundo e desabafou. Levantando as duas mãos, começou a contar nos dedos.

— Encontrar meu pai e ajudá-lo a se estabelecer aqui de novo. Encontrar Menico di Ferraut e retomar a companhia que deveríamos ter se vocês não tivessem me tirado do caminho. Ficar com Alessan e Catriana em Tigana e ajudá-los no que eles têm que fazer. Aprender a lidar com um navio no mar, não me perguntem por quê. Ficar em Avalle e construir uma torre com Baerd. — Hesita, mas os outros estão sorrindo, então continua: — Passar outra noite com Alienor em Barso. Passar minha vida com Alais bren Rovigo. Começar a caçar as letras e a melodia das canções que perdemos. Atravessar as montanhas até Quileia e encontrar a árvore 27 no Bosque. Começar a treinar para a corrida dos Jogos da Tríade do próximo verão. Aprender a atirar com um arco, o que me lembra que você me prometeu isso, Baerd!

Ele parou, pois os outros estavam rindo, assim como ele, um pouco sem fôlego.

— Eu acho que você passou um pouco de dez nessa lista — Baerd deu uma risadinha.

— E há mais. Querem ouvir?

— Acho que não aguento — respondeu Sandre. — Assim você me lembra dolorosamente do quão velho estou e de quão jovem você é.

Devin ficou sério ao ouvir essas palavras. Balançou a cabeça.

— Nunca pense assim. Acho que não houve nenhum momento do último ano em que eu não tenha me esforçado para acompanhar você. — Ele sorri com essa ideia. — Você não é velho, Sandre, você é o mago mais novo da Palma.

A expressão de Sandre endureceu. Ele ergueu sua mão esquerda e eles podiam ver claramente os dois dedos que faltam.

— Sim, é verdade. E posso ser o primeiro a quebrar o hábito de esconder quem somos, pois nunca realmente me habituei.

— Você está falando sério sobre parar de se esconder? — perguntou Baerd.

— Muito sério. Se é para sobrevivermos nesta península como uma única nação, iremos precisar de magia para nos igualar a Barbador e Ygrath. E Khardhun, se pensarmos nisso. E nem quero *saber* quais os poderes que há em Quileia agora, faz muitos anos que não lidamos com eles. Nós não podemos mais esconder nossos magos, nem os Carlozzini, não podemos continuar sendo ignorantes como sempre fomos sobre como a magia acontece. Mesmo os Curandeiros, não entendemos *nada* sobre eles. Precisamos aprender sobre magia, valorizá-la, procurar magos e treiná-los, encontrar maneiras de controlá-los. A Palma tem que descobrir a magia ou a magia será a nossa ruína novamente, como foi vinte anos atrás.

— Você acha que somos capazes de dar o primeiro passo? — perguntou Devin. — De formar apenas uma nação aqui, das nove que somos hoje?

— Eu sei que somos capazes. E acho que vamos conseguir. Aposto com vocês dois que Alessan di Tigana será proclamado Rei da Palma nos Jogos da Tríade do ano que vem.

Devin virou rapidamente para Baerd, que começava a corar.

— Ele aceitaria? Ele faria isso, Baerd? — perguntou Devin.

Baerd olhou para Sandre e depois, lentamente, para Devin.

— Quem mais? — respondeu finalmente. — Eu não acho nem que ele tenha escolha. A união dessa península tem sido o objetivo de sua vida desde que tinha 15 anos. Ele já estava nesse caminho quando eu o encontrei em Quileia. Eu acho... eu acho que o que ele *realmente* gostaria de fazer era ir procurar Menico com você, Devin, e passar mais alguns anos fazendo música com vocês dois, Erlein e Catriana, mais alguns dançarinos e alguém que toque a syrenya.

— Mas? — perguntou Sandre.

— Mas ele é o homem que nos salvou, todos sabem disso, todos sabem quem ele é agora. Depois de doze anos na estrada, ele conhece mais pessoas importantes nesta península do que qualquer outro. Foi ele quem deu a visão ao resto de nós. E temo — ele faz uma careta com a palavra — que eu não veja como ele pode evitar isso, mesmo se quisesse. Acho que para Alessan este é só o começo.

Ficaram todos em silêncio por um instante.

— E você? — quis saber Devin. — Você vai com ele? O que você quer?

Baerd sorriu.

— O que eu quero? Nada tão grandioso. Eu queria muito encontrar minha irmã, mas estou começando a aceitar que ela... se foi e acho que jamais saberei como ou onde. Estarei à disposição de Alessan sempre que ele precisar, mas o que quero mesmo fazer é construir coisas. Casas, templos, pontes, um palácio, meia dúzia de torres em Avalor. Preciso ver as coisas serem construídas e eu... eu suponho que é parte disso, mas quero começar uma família. Precisamos de crianças aqui. Morreu

gente demais... — Fez uma pausa e olhou para longe, na direção das montanhas, por um momento antes de continuar: — Talvez você e eu sejamos os mais sortudos, Devin. Não somos príncipes nem magos. Somos apenas homens comuns, com uma vida para ser começada.

— Eu disse que ele estava esperando por Elena — observou Sandre, gentilmente. Não com implicância, mas com a voz de um amigo falando com grande afeto. Baerd sorriu olhando para a distância novamente. Naquele momento, sua expressão mudou, ficando carregada com um prazer feroz.

— Vejam! — gritou, apontando. — Lá vem ele!

Vindo do sul, descendo as montanhas e as colinas das terras altas por uma estrada que não era usada há centenas de anos, surge uma caravana multicolorida, estendendo-se para trás. Havia música sendo tocada dentro dela e na frente, com homens e mulheres andando e a cavalo, mulas e cavalos carregados de mercadorias, e pelo menos cinquenta estandartes tremulando ao vento. Os sons chegam aos três, vívidos e alegres, e todas as cores faíscam na luz da manhã quando Marius, Rei de Quileia, desce a passagem da montanha para o casamento de seu amigo.

Ele passará a noite no santuário onde será formalmente recebido pelo sumo sacerdote de Eanna, de quem ele irá lembrar como o homem que lhe levou um menino de 14 anos, há muito tempo. Havia barcos esperando em Avalor para que descessem o rio até Tigana na manhã seguinte.

Mas o direito da primeira saudação era de Baerd, em nome de Alessan, e ele convidara os dois para irem até lá com ele.

— Vamos! — gritou ele, a alegria estampada em seu rosto. Ele incitou seu cavalo para frente, descendo o caminho íngreme. Devin e Sandre se entreolham e se apressam em segui-lo.

— Nunca vou entender — gritou Devin, quando se emparelham com Baerd —, como é possível você ficar tão feliz por ver um homem que lhe chama de Pombo Dois!

Sandre soltou uma risada. Baerd riu alto fingindo que golpeava Devin. Os três ainda estavam rindo quando fizeram seus cavalos diminuírem a velocidade para virar em uma curva da trilha que desce, ladeada por um grupo de arbustos sonrai.

E é ali que eles veem uma riselka. Os três homens veem uma riselka, sentada em uma pedra do lado do caminho iluminado, seu longo cabelo verde como o mar jogado para trás pela brisa refrescante.

SOBRE O AUTOR



GUY GAVRIEL KAY é um autor canadense que se iniciou no mundo literário ao ser convidado por Christopher Tolkien para editar *O Silmarillion*, de J. R. R. Tolkien. É o autor da trilogia de fantasia *A Tapeçaria de Fionavar* e das obras de fantasia histórica *Lions of Al-Rassan*, *A Song for Arbonne*, *The Sarantine Mosaic* (dois volumes). Os livros *Under Heaven* e *River of Stars*, de sua mais recente série,

passam-se no Império da China. *Tigana* é uma de suas obras mais aclamadas. Seu trabalho foi traduzido para 21 línguas e recebeu numerosas indicações e vários prêmios ao longo de sua carreira.

Para mais informações consulte:



www.sdebrasil.com.br



[/editora.sdebrasil](https://www.facebook.com/editora.sdebrasil)



[@SdE_Brasil](https://twitter.com/SdE_Brasil)



[/SdE_Brasil](https://www.instagram.com/SdE_Brasil)

TRECHO DE
MAGO APRENDIZ
LIVRO UM DE A SAGA DO MAGO

Raymond E. Feist



Na fronteira do Reino das Ilhas existe uma vila tranquila chamada Crydee. É lá que vive Pug, um órfão franzino que sonha ser um guerreiro destemido a serviço do rei. Mas a vida dá voltas e Pug

acaba se tornando aprendiz do misterioso mago Kulgan. Nesse dia, o destino de dois mundos se altera para sempre.

Com sua coragem, Pug conquista um lugar na corte e no coração de uma princesa, mas subitamente a paz do reino é desfeita por misteriosos inimigos que devastam cidade após cidade. Ele, então, é arrastado para o conflito e, sem saber, inicia uma odisseia pelo desconhecido: terá de dominar os poderes inimagináveis de uma nova e estranha forma de magia... ou morrer.

A *Saga do Mago* é uma aventura sem igual, uma viagem por reinos distantes e ilhas misteriosas, onde conhecemos culturas exóticas, aprendemos a amar e descobrimos o verdadeiro valor da amizade. E, no fim, tudo será decidido na derradeira batalha entre as forças da Ordem e do Caos.

Um dos 100 melhores livros de todos os tempos."

– BBC

PUG E TOMAS

“A vontade de um menino é a vontade do vento,

E os pensamentos da juventude

São pensamentos que duram muito tempo.”

— LONGFELLOW, *My Lost Youth* [Minha juventude perdida]

Tempestade

A tempestade cessara.

Pug saltava pelas rochas, encontrando pouco apoio para os pés no caminho entre as poças deixadas pela maré baixa. Os seus olhos escuros iam de um lado para outro ao examinar cada poça d'água debaixo da parte externa da falésia, procurando as criaturas espinhosas arrastadas para os bancos de areia pela tempestade que ali havia passado. Os músculos do garoto contraíam-se sob a leve camiseta ao levar o saco com rastejadores de areia e caranguejos apanhados naquele jardim marinho.

O sol da tarde fazia cintilarem as ondas que rebentavam à sua volta, ao mesmo tempo que o cabelo queimado pelo sol esvoaçava ao vento oeste. Pug largou o saco, verificou se estava bem fechado e agachou-se em um trecho de areia limpa. O saco não estava exatamente cheio, mas Pug gostava de ter mais ou menos uma hora para descansar. Megar, o cozinheiro, não o atormentaria pela demora se o saco chegasse praticamente cheio. Repousando encostado em um enorme rochedo, não demorou muito para que Pug cochilasse sob o calor do sol.

Um borrião fresco e úmido o acordou horas mais tarde. Abriu os olhos, sobressaltado, ciente de que descansara ali tempo demais. A oeste, sobre o mar, sombrias tormentas formavam-se acima do contorno negro das Seis Irmãs, as pequenas ilhas no horizonte. As nuvens turvas e carregadas traziam a chuva consigo, como um véu sujo de fuligem, e anunciavam outra tempestade repentina, como era habitual naquela zona costeira no início do verão. Mais ao sul, as altas fálésias da Mágua dos Marinheiros se erguiam para o céu, enquanto as ondas batiam na base do pináculo rochoso. Atrás das ondas, formavam-se cristas alvas, um sinal indubitável de que a tormenta não demoraria a chegar. Pug sabia que corria perigo, uma vez que as tempestades de verão poderiam afogar quem se encontrasse na praia ou, se fossem mais violentas, mesmo quem se encontrasse no terreno baixo mais afastado.

Pegou o saco e rumou para o norte, em direção ao castelo. Enquanto passava entre as poças, sentiu o vento fresco ficar mais frio e úmido. O dia começou a ser interrompido por retalhos de sombras quando as primeiras nuvens taparam o sol e as cores vivas deram lugar a tons acinzentados. À distância, sobre o mar, relâmpagos brilhavam na escuridão das nuvens e o ribombar distante dos trovões sobrepunha-se ao som das ondas.

Pug acelerou o passo ao chegar ao primeiro trecho de praia aberta. A tempestade se aproximava a uma velocidade maior do que julgara possível, trazendo a maré que subia. Quando alcançou outro trecho de poças deixadas pela maré, pouco mais de três metros de areia seca dividiam a beira da água da falésia.

Pug avançou pelos rochedos o mais depressa que conseguiu sem colocar-se em perigo, quase prendendo os pés por duas vezes. Ao chegar ao trecho seguinte, errou o cálculo do salto e caiu de mau jeito. Tombou na areia, agarrado ao tornozelo. Como se estivesse aguardando o incidente, a maré precipitou-se, cobrindo-o momentaneamente. Estendeu a mão sem conseguir ver nada e sentiu a sacola ser levada. Na agitação para tentar agarrá-la, Pug se atirou para a frente e o tornozelo cedeu. Afundou-se, engolindo água. Levantou a cabeça, cuspidando e tossindo. Começou a se levantar, mas uma segunda onda, mais alta que a anterior, atingiu-o no peito, derrubando-o. Pug tinha crescido

brincando nas ondas e era um nadador experiente, mas a dor no tornozelo e a força das sucessivas vagas o deixavam à beira do pânico. Debateu-se e emergiu para respirar quando a onda recuou. Nadando desajeitado, dirigiu-se à parte exterior da falésia, pois sabia que lá a água teria poucos centímetros de profundidade.

Ao alcançar a falésia, Pug se apoiou nela, tentando não colocar o peso do corpo sobre o pé machucado. Avançou devagar junto à rocha, enquanto a maré subia um pouco mais a cada onda. Quando chegou aonde conseguiria, por fim, começar a subir, a água já lhe batia pela cintura. Teve de usar todas as suas forças para escalar até o caminho. Ofegante, ficou deitado por um momento, para depois começar a arrastar-se ao longo do caminho, sem querer confiar no teimoso tornozelo para atravessar aquela passagem pedregosa.

As primeiras gotas de chuva começaram a cair. Avançando com dificuldade, ferindo os joelhos e as canelas nas rochas, alcançou o topo coberto de grama da falésia. Exausto, Pug caiu para a frente, ofegando devido ao esforço da escalada. As gotas dispersas deram lugar a uma chuva leve e constante.

Depois de recuperar o fôlego, Pug sentou-se e examinou o tornozelo inchado. Estava sensível ao toque, mas ficou muito mais tranquilo quando conseguiu movê-lo: não estava quebrado. Teria de mancar todo o caminho de volta, mas diante da ameaça de afogamento na praia atrás dele, sentiu-se relativamente otimista.

Pug chegaria à vila como um coitado, ensopado e com frio. Lá teria de encontrar um lugar para passar a noite, pois os portões de acesso ao castelo já estariam fechados. Com o tornozelo machucado, sequer tentaria subir no muro atrás das cavalariças.

Além disso, se esperasse e entrasse escondido na fortaleza no dia seguinte, somente Megar o repreenderia; mas, se fosse apanhado subindo no muro, Fannon, o Mestre de Armas, ou Algon, o Estrebeiro-Mor, certamente lhe dariam muito mais do que uma reprimenda.

Enquanto descansava, a chuva tornou-se insistente, e o céu escureceu à medida que o sol de fim de tarde foi sendo completamente engolido pelas nuvens de tempestade. O alívio momentâneo deu lugar a uma raiva contra si mesmo por ter perdido o saco de animais rastejadores. O descontentamento duplicou ao pensar na loucura de ter adormecido. Se tivesse ficado acordado, teria feito a viagem de volta sem preocupações, não teria torcido o pé e teria tido tempo para explorar o leito do riacho acima da falésia, em busca dos seis lisos que tanto gostava de jogar. Agora estava sem seis e levaria pelo menos uma semana até que pudesse voltar lá. Isso se Megar não enviasse outro garoto no seu lugar, o que era provável, já que regressaria de mãos vazias.

Pug voltou sua atenção para o desconforto de estar sentado na chuva e decidiu que estava na hora de seguir em frente. Levantou-se e testou o tornozelo, que reclamou do tratamento; Pug, porém, achava que dava para aguentar. Mancou pela relva até o local onde tinha deixado seus pertences e pegou a mochila, o cajado e a funda. Deixou escapar um palavrão, que ouvira da boca dos soldados do castelo, ao descobrir a mochila rasgada, e ao perceber que o pão e o queijo haviam desaparecido. Guaxinins, ou talvez lagartos da areia, pensou. Atirou a mochila inutilizada para o lado e pensou na sua pouca sorte.

Respirando fundo, apoiou-se no cajado e começou a atravessar as baixas colinas ondulantes que separavam a falésia da estrada. Havia arvoredos baixos espalhados pela paisagem e Pug lamentou não ter um abrigo melhor por perto, uma vez que nada havia no alto da falésia. Não ficaria mais encharcado arrastando-se até a vila do que se ficasse debaixo de uma árvore.

O vento voltou a soprar e ele sentiu o primeiro arripio de frio nas costas geladas. Tiritou e apressou o passo tanto quanto conseguiu. As pequenas árvores começaram a dobrar com o vento, e Pug teve a sensação de que uma enorme mão o empurrava. Ao alcançar a estrada, virou para o norte. Ouviu o som arrepiante da grande floresta a leste, o vento assobiando nos ramos dos velhos

carvalhos, contribuindo para o seu aspecto detestável. As clareiras sombrias da floresta não seriam mais perigosas do que a estrada do Rei, mas lembranças de lendas de criminosos e outros malfetores, de características pouco humanas, puseram os cabelos da nuca do garoto em pé.

Atravessando a estrada do Rei, Pug conseguiu algum abrigo no pequeno barranco ao longo desta. O vento se intensificou e a chuva feria-lhe os olhos, fazendo escorrer lágrimas pelo rosto já molhado. Foi atingido por uma rajada e caminhou aos tropeções por um instante. A água estava subindo no barranco paralelo à estrada, e ele teve de avançar com cautela para não perder o equilíbrio em poças fundas e inesperadas.

Ao longo de quase uma hora, abriu caminho através da tempestade que ganhava força. A estrada virava para noroeste, fazendo-o ficar praticamente de frente para o vento sibilante. Pug se inclinou na direção do vento, com a camiseta sendo agitada para trás. Engoliu em seco, tentando reprimir o pânico sufocante que crescia dentro dele. Sabia que corria perigo, pois a tempestade estava atingindo uma violência muito além do normal para aquela época do ano. Gigantescos relâmpagos irregulares iluminavam a paisagem sombria, contrastando por breves instantes as árvores e a estrada, branco brilhante e preto opaco. As ofuscantes imagens residuais, preto e branco invertidos, permaneciam vivas durante algum tempo, confundindo-lhe os sentidos. Os enormes estrondos dos trovões acima da sua cabeça pareciam agressões físicas. Naquele momento, o medo da tormenta ultrapassava o medo de supostos salteadores e goblins. Decidiu caminhar entre as árvores na beira da estrada; o vento diminuiria um pouco devido aos troncos dos carvalhos.

Quando a floresta já estava próxima, um estouro o fez parar subitamente. Na escuridão da tempestade, mal conseguiu distinguir a forma de um javali negro da floresta quando este surgiu repentinamente do matagal. O animal saiu dos arbustos aos tropeços, perdeu o equilíbrio e arrastou-se por alguns metros. Pug conseguiu vê-lo nitidamente, enquanto o animal o fitava, balançando a cabeça de um lado para outro. As duas enormes presas pareciam brilhar na luz baça, enquanto delas escorriam gotas de chuva. O medo arregalava-lhe os olhos e as patas raspavam o chão. Os porcos da floresta tinham mau temperamento, na melhor das hipóteses, ainda que normalmente evitassem humanos. O javali estava em pânico devido ao temporal e Pug sabia que, se o animal atacasse, poderia se ferir seriamente, talvez até morrer.

Imóvel, Pug preparou-se para girar o cajado, embora tivesse esperança de que o porco voltasse para a floresta. O javali ergueu a cabeça, averiguando o cheiro do garoto, levado pelo vento. Os seus olhos cor-de-rosa pareciam reluzir, enquanto estremecia, indeciso. Um som fez com que se virasse por um instante na direção das árvores, para depois baixar a cabeça e atacar.

Pug rodopiou seu cajado, fazendo-o descer num golpe que atingiu de lado a cabeça do porco, virando-a. O animal deslizou no solo enlameado, atingindo as pernas do garoto. Pug caiu ao chão quando o javali passou por ele, virando-se para uma nova investida.

De repente, o porco estava prestes a alcançá-lo e Pug já não tinha tempo de se levantar. Jogou o cajado à sua frente na vã tentativa de fazer o animal mudar mais uma vez de direção. O javali esquivou-se e Pug tentou rolar para fugir, mas sentiu um peso cair em cima de seu corpo. Cobriu o rosto com as mãos, mantendo os braços junto ao peito, esperando ser perfurado pelas presas.

Pouco depois, percebeu que o porco estava imóvel. Descobrimo o rosto, viu o animal estendido sobre a parte inferior de suas pernas, com uma flecha de cerca de um metro, com uma pena preta na ponta, fincada no flanco. Pug olhou para a floresta. Um homem, trajando couro marrom, estava junto às árvores, enrolando velozmente um arco longo de soldado com uma cobertura oleada. Assim que a arma valiosa ficou protegida do clima, o homem avançou até o garoto e o animal.

De capa e capuz, seu rosto estava escondido. Ajoelhou-se ao lado de Pug e gritou para se fazer ouvir acima do ruído do vento, enquanto levantava com destreza o javali morto das pernas de Pug:

— Tudo bem, garoto? Ossos quebrados?

— Acho que não — Pug também gritou, concentrando-se no corpo. O flanco direito estava dolorido e as pernas pareciam igualmente machucadas. Com o tornozelo ainda dolorido, ele se sentia maltratado naquele dia, mas não parecia ter nenhum osso quebrado, nem qualquer dano irreversível.

Grandes mãos musculosas o colocaram de pé.

— Tome — ordenou o homem, passando-lhe o cajado e o arco que trazia. Pug segurou-os, enquanto o desconhecido estripava velozmente o javali com uma enorme faca de caça. Concluiu o trabalho e virou-se para Pug: — Venha, garoto. É melhor passar a noite comigo e com o meu amo. Não é longe, mas é melhor apertarmos o passo. Esta tempestade ainda vai piorar antes de acalmar. Consegue andar?

Dando um passo inseguro, Pug confirmou. Sem uma palavra, o homem colocou o porco no ombro e pegou o arco.

— Ande — disse, virando-se na direção da floresta. Partiu num passo rápido que Pug teve dificuldade em acompanhar.

A floresta pouco abrigava da violência da tempestade, o que impossibilitava qualquer diálogo. Um relâmpago iluminou momentaneamente a cena e Pug viu de relance o rosto do homem. Tentou recordar-se se já havia visto o desconhecido em outra ocasião. Tinha a aparência comum dos caçadores e habitantes que viviam na floresta de Crydee: ombros largos, alto e corpulento. Tinha barba e cabelo escuros e o aspecto grosseiro e desgastado de alguém que passa grande parte do tempo ao ar livre.

Durante um breve devaneio, o garoto imaginou que aquele homem pudesse pertencer a um bando de salteadores escondido no coração da floresta. Mudou de ideia, pois nenhum salteador se preocuparia com um servo do castelo, nitidamente sem nem um tostão.

Recordando-se de que o homem mencionara um amo, Pug desconfiou ser um homem livre, que vivia nas terras de um senhor.

Podia estar ao seu serviço, sem ser um servo. Homens livres de nascimento cediam uma parte da colheita ou algumas cabeças de gado em troca do uso da terra. Pug chegou a essa conclusão, já que nenhum servo teria permissão para andar com um arco, um objeto extremamente valioso — e perigoso. Ainda assim, Pug não se lembrava de nenhuma propriedade desse gênero na floresta. Era um mistério para o garoto, mas o preço das desventuras do dia afastava rapidamente qualquer tipo de curiosidade.

Após o que pareceram horas, o homem embrenhou-se na mata. Pug quase o perdeu na escuridão, pois o sol se havia posto há algum tempo, levando com ele a tênue luz permitida pela tempestade. Seguiu o homem mais pelo som dos passos e pela consciência da sua presença do que pela visão. Pug sentiu estar num caminho entre árvores, pois os passos não encontravam resistência de arbustos nem de detritos da terra. Olhando de onde estavam momentos antes, o caminho seria difícil de ser encontrado à luz do dia, e impossível à noite, a menos que já fosse conhecido. Pouco depois, chegaram a uma clareira, no meio da qual havia um pequeno chalé. Via-se luz numa única janela e fumaça saía da chaminé. Atravessaram a clareira e Pug ficou intrigado com a relativa calma da tempestade naquele exato ponto da floresta.

Uma vez diante da porta, o homem afastou-se para o lado, dizendo:

— Entre, garoto. Tenho de preparar o porco.

Acenando com a cabeça em silêncio, Pug empurrou a porta e entrou.

— Feche essa porta, garoto! Vai me fazer apanhar um resfriado que será a minha morte.

Pug apressou-se em obedecer, batendo a porta com mais força do que pretendia.

Virou-se, olhando o que estava à sua frente. O interior do chalé era composto por um único cômodo. Em uma das paredes estava a chaminé, com uma lareira espaçosa embaixo. Nela ardia um fogo vivo e reconfortante, lançando um brilho acolhedor. Ao lado, ficava uma mesa, atrás da

qual se via uma figura corpulenta de vestes amarelas. A barba e os cabelos grisalhos quase lhe cobriam por completo a cabeça, deixando de fora apenas um par de intensos olhos azuis que tremeluziam à luz da lareira. Um cachimbo comprido surgia da barba, produzindo grandes baforadas de fumaça pálida.

Pug conhecia o homem.

— Mestre Kulgan... — começou, pois o homem era o mago e conselheiro do Duque, um rosto familiar na torre do castelo.

Kulgan concentrou o olhar em Pug para depois proferir com uma voz grave, propensa a profundos sons retumbantes e entonações poderosas:

— Quer dizer então que me conhece?

— Sim, senhor. Do castelo.

— Qual é seu nome, garoto do castelo?

— Pug, Mestre Kulgan.

— Agora me lembro de você. — O mago acenou com a mão distraidamente. — Não me chame de “Mestre”, Pug, ainda que eu seja justamente designado como mestre das minhas artes — disse, com um alegre enrugamento ao redor dos olhos. — Tive um nascimento superior ao seu, é verdade, mas a diferença não é grande. Vamos, há um cobertor junto à lareira e você está encharcado. Pendure as suas roupas para que sequem e depois venha sentar-se aqui. — Indicou o banco do outro lado da mesa.

Pug fez como lhe foi ordenado, mantendo um olho no mago o tempo todo. Ele fazia parte da corte do Duque, mas não deixava de ser mago, alvo de desconfiança, geralmente tido em baixa consideração pelo povo. Se a vaca de um fazendeiro paria um monstro ou se as plantações eram atacadas pela praga, os aldeões costumavam atribuir esses acontecimentos a algum mago à espreita nas sombras. Em tempos não muito distantes, provavelmente teriam apedrejado Kulgan de Crydee. A posição de que gozava junto ao Duque valia-lhe a tolerância dos habitantes, mas, na verdade, os medos antigos não desapareciam de um dia para outro.

Depois de pendurar a roupa, Pug sentou-se. Assustou-se ao reparar num par de olhos rubros que o fitavam além da mesa do mago. Uma cabeça coberta de escamas ergueu-se acima do tampo de madeira e examinou o garoto.

Kulgan riu de seu desconforto:

— Ora, rapaz, Fantus não vai comer você. — Ele deixou cair a mão até a cabeça da criatura sentada ao seu lado no banco, e coçou a saliência acima de seus olhos. Ela os fechou e emitiu um suave som arrastado, não muito diferente do ronronar de um gato.

Pug fechou a boca, que tinha se escancarado de surpresa, e perguntou:

— É mesmo um dragão, senhor?

O mago, bem-disposto, deu uma gargalhada sonora.

— Às vezes ele julga que é, garoto. Fantus é um dragonete-de-fogo, um primo do dragão, embora menor. — A criatura abriu um único olho, fixando-o no mago. — Mas de igual coragem — Kulgan acrescentou imediatamente, e o dragonete voltou a fechar o olho. Kulgan falou em voz baixa, num tom de conspiração: — É muito inteligente, por isso tenha cuidado com o que fala. É uma criatura de sensibilidade extremamente apurada.

Pug acenou com a cabeça, confirmando que assim faria.

— Ele consegue cuspir fogo? — perguntou, os olhos arregalados de espanto. Para qualquer garoto de treze anos, mesmo o primo de um dragão era digno de reverência.

— Quando lhe dá vontade, consegue expelir uma ou outra chama, embora seja raro estar com disposição para tanto. Creio que isso se deva à dieta abundante que lhe proporciono. Há anos não tem necessidade de caçar, por isso está um tanto fora de forma. Na verdade, estrago-o

desavergonhadamente com mimos.

Pug achou aquela explicação de certa forma tranquilizadora. O fato de o mago gostar tanto daquela criatura, por mais bizarra que fosse, a ponto de estragá-la com mimos, fazia Kulgan parecer mais humano, menos misterioso. Pug examinou Fantus, admirando o modo como as chamas realçavam suas escamas verde-esmeralda, conferindo-lhes tons dourados. Do tamanho aproximado de um pequeno cão de caça, o dragonete possuía um longo e sinuoso pescoço, no alto do qual repousava uma cabeça semelhante à de um jacaré. Tinha as asas dobradas nas costas e duas patas com garras estendidas à sua frente, golpeando o ar sem alvo específico, enquanto Kulgan coçava por detrás das saliências ossudas de seus olhos. A cauda comprida movia-se para trás e para a frente, a poucos centímetros do chão.

A porta abriu-se e o corpulento arqueiro entrou, com o lombo do javali preparado em um espeto. Sem proferir uma só palavra, atravessou o chalé até a lareira e pôs a carne para assar. Fantus ergueu a cabeça, usando o pescoço comprido para espreitar por cima da mesa. Estalando a língua bifurcada, o dragonete saltou para o chão e, de um modo imponente e vagaroso, avançou até a lareira. Escolheu um ponto quente diante do fogo e enroscou-se para cochilar até o jantar.

O homem livre desamarrrou a capa, pendurando-a em um cabide junto à porta.

— A tempestade passará antes de o dia raiar, eu acho. — Retornou à lareira e preparou um molho de vinho e ervas aromáticas para a carne. Pug ficou surpreso com a enorme cicatriz que percorria o lado esquerdo do rosto do homem, avermelhada e inflamada à luz do fogo.

Kulgan acenou com o cachimbo em sua direção.

— Conhecendo bem esse carrancudo, estou certo de que não foram devidamente apresentados. Meecham, este é Pug, da torre do Castelo de Crydee. — Meecham fez um ligeiro aceno com a cabeça, e voltou a dar atenção ao lombo que assava.

Pug pôde o aceno, embora um pouco tarde para que Meecham reparasse.

— Esqueci de agradecer por ter me salvado do javali.

Ao que Meecham replicou:

— Não é preciso agradecer, garoto. Se eu não tivesse assustado o animal, provavelmente ele não teria atacado. — Deixou a lareira e atravessou para outra parte da casa, tirou uma massa marrom de um recipiente coberto por um pano e começou a sová-la.

— Bem, senhor — disse Pug a Kulgan —, foi a flecha dele que matou o porco. Foi uma sorte Meecham estar seguindo o animal.

Kulgan deu uma gargalhada.

— A pobre criatura, que é o convidado mais desejado da noite, foi tão vítima das circunstâncias quanto você.

Pug ficou perplexo.

— Não entendo, senhor.

Kulgan levantou-se e retirou um objeto da última prateleira da estante, colocando-o na mesa, diante do rapaz. Estava coberto por um pano de veludo azul-escuro, Pug soube imediatamente que deveria se tratar de um objeto valioso, visto que estava protegido por um tecido tão caro. Kulgan retirou o veludo, revelando um globo de cristal que refulgia à luz do fogo. Pug emitiu um *ah!*, maravilhado com a beleza do objeto, pois não tinha imperfeições visíveis e era magnífico na simplicidade de sua forma.

Kulgan apontou para a bola de cristal, dizendo:

— Este instrumento foi concebido como um presente por Althafain de Carse, um poderoso artífice de magia, que me julgou digno de tal objeto por ter-lhe prestado um ou dois favores no passado, mas isso pouco importa. Acabei de retornar de uma visita a Mestre Althafain e estava testando esta lembrança. Olhe profundamente para o globo, Pug.

Pug fixou o olhar na bola e tentou seguir o bruxulear das chamas que pareciam brincar nas profundezas da sua estrutura. Os reflexos da sala, multiplicados, fundiam-se e dançavam enquanto o seu olhar tentava se fixar em cada aspecto da esfera. Derivavam e mesclavam-se, tornando-se turvos e obscuros. Um suave brilho branco no centro do orbe substituiu o vermelho das chamas e Pug sentiu o olhar aprisionado pelo calor agradável que emitia. Como o quentinho da cozinha na torre, pensou distraidamente.

De repente, o branco leitoso dentro da esfera esvaiu-se e Pug conseguiu ver uma imagem da cozinha na frente dos seus olhos. Alfân Gordo, o cozinheiro, estava fazendo bolos, lambendo as migalhas doces das pontas dos dedos. Isso desencadeou a fúria de Megar, o mestre cozinheiro, que a descartou sobre Alfân, pois considerava o gesto um hábito repugnante. Pug riu da cena, à qual tinha assistido diversas vezes, mas logo ela desapareceu. Subitamente, sentiu-se cansado.

Kulgan envolveu o globo de cristal no pano e o guardou.

— Você se comportou bem, garoto — disse, com um ar pensativo. Ficou observando Pug por alguns momentos, como se estivesse ponderando, e depois se sentou. — Não desconfiava de que era capaz de obter uma imagem tão nítida logo na primeira tentativa, mas você parece ser mais do que aparenta à primeira vista.

— Senhor?

— Deixe estar, Pug. — Depois de uma breve pausa, acrescentou: — Eu estava usando aquele brinquedo pela primeira vez, avaliando até que distância conseguiria enviar a minha visão, quando vi você indo para a estrada. Pela forma como mancava e pelo aspecto maltratado, imaginei que nunca conseguiria chegar até a vila, por isso enviei Meecham para buscá-lo.

Pug pareceu envergonhado com a atenção incomum que lhe era dispensada; seu rosto começou a enrubescer. Disse, com o orgulho que um garoto de treze anos tem de suas próprias capacidades:

— Não precisava ter feito isso, senhor. Eu teria chegado à vila a tempo.

Kulgan sorriu.

— Talvez sim, mas, por outro lado, talvez não. A tempestade está muito rigorosa para a época e perigosa para quem viaja.

Pug ouviu o leve tamborilar da chuva no telhado do chalé. A tempestade parecia ter diminuído e ele duvidava das palavras do mago. Como se tivesse lido o pensamento do garoto, Kulgan disse:

— Não duvide das minhas palavras, rapaz. Esta clareira está protegida por mais do que enormes troncos. Caso ultrapassasse o círculo de carvalhos que marca o limite de minhas terras, sentiria a fúria da tempestade. Meecham, como avalia este vento?

Meecham largou a massa de pão que estava sovando e pensou por um momento.

— Quase tão forte quanto a tormenta que fez seis embarcações encalharem há três anos. — Parou por um instante, como se estivesse reconsiderando o cálculo, e então acenou uma confirmação. — Sim, quase tão grave, ainda que não dure tanto tempo.

Pug voltou três anos na memória, até se lembrar da tempestade que tinha arrastado uma frota mercante de Queg, com destino a Crydee, contra os rochedos da Mágua dos Marinheiros. No auge da tormenta, os guardas das muralhas do castelo tinham sido forçados a permanecer nas torres, a fim de não serem arrastados pelas rajadas. Se a tempestade fosse dessa gravidade, a magia de Kulgan era impressionante, pois fora do chalé não parecia mais grave do que uma chuva de primavera.

Kulgan recostou-se no banco, entretido em tentar acender o cachimbo apagado. Ao produzir uma enorme bafurada de fumaça branca e suave, a atenção de Pug desviou-se para a estante de livros atrás do mago. Os lábios moveram-se em silêncio, enquanto tentava discernir o que estava escrito nas encadernações, sem sucesso.

Kulgan arqueou uma sobrancelha e disse:

— Quer dizer que sabe ler?

Pug assustou-se, alarmado diante da hipótese de ter ofendido o mago, intronizando-se em seu domínio. Kulgan, pressentindo o desconforto, disse:

— Não faz mal, garoto. Não é crime conhecer as letras.

Pug sentiu o mal-estar atenuar-se.

— Consigo ler um pouco, senhor. Megar, o cozinheiro, ensinou-me a ler os letreiros dos suprimentos reservados à cozinha nos porões. Também sei alguns números.

— E números também — exclamou o mago, afavelmente. — Bem, você é como um pássaro raro. — Voltou-se e retirou da prateleira um tomo, encadernado em couro vermelho-acastanhado. Abriu-o, dando uma olhada de relance na página, depois em outra, até, por fim, encontrar a que satisfazia suas exigências. Virou o livro ao contrário e o colocou na mesa à frente de Pug. Kulgan apontou para uma página decorada por uma magnífica ilustração de serpentes, flores e videiras entrelaçadas num desenho colorido ao redor de uma letra enorme no canto superior esquerdo.

— Leia isto, garoto.

Pug nunca havia visto nada vagamente parecido com aquilo. Tivera aulas com o auxílio de um pergaminho simples e letras escritas a carvão, na caligrafia rude de Megar. Sentou-se, fascinado pelo detalhe do trabalho, até perceber que o mago o olhava fixamente. Concentrando-se, começou a ler.

— Foi então que chegou um chama... chamamento de... — Ficou olhando a palavra, esbarrando nas combinações complexas que surgiam como novidade. — ... Zacara. — Fez uma pausa, olhando para Kulgan de modo a confirmar se havia pronunciado a palavra corretamente. O mago acenou para que prosseguisse. — Pois o norte ameaçava cair no esquec... esquecimento, não fosse o centro do império def... definir e tudo se perder. E, ainda que nascidos em Bosnia, aqueles soldados continuavam leais ao Grande Kesh, a quem serviam. Assim, por necessidade extrema, pegaram em armas, vestiram armaduras e deixaram Bosnia, embarcando rumo ao sul, para salvarem a todos da destruição.

Kulgan interrompeu:

— É o bastante. — E fechou delicadamente a capa do livro. — Você é muito dotado nas letras para um garoto da torre.

— Este livro, senhor, o que é? — perguntou Pug enquanto Kulgan o retirava de suas mãos. — Nunca vi outro igual.

Kulgan o olhou por um instante, deixando-o novamente desconfortável, e logo sorriu, quebrando a tensão. Ao guardar o livro no lugar, disse: — É uma história desta terra, meu rapaz. Foi um presente do abade de um mosteiro ishapiano. É a tradução de um texto keshiano com mais de cem anos.

Pug acenou com a cabeça dizendo:

— Parecia tudo muito estranho. O que conta?

Kulgan voltou a encará-lo como se tentasse ver algo dentro do garoto, dizendo, em seguida:

— Há muito tempo, Pug, todas estas terras, desde o Mar Interminável, passando pela Cordilheira das Torres Cinzentas, até o Mar Amargo, faziam parte do Império do Grande Kesh. Mais longe, a leste, existia um pequeno reino, numa ilhota chamada Rillanon. Cresceu a ponto de engolir os reinos das ilhas vizinhas, tornando-se o Reino das Ilhas. Depois, expandiu-se novamente para o continente e, ainda que continue a ser o Reino das Ilhas, a maioria de nós o chama, simplesmente, de “o Reino”. Nós, que vivemos em Crydee, fazemos parte do Reino, pois permanecemos dentro das suas fronteiras, ainda que nos encontremos no ponto mais distante da capital de Rillanon. A certa altura, muitos, muitos anos atrás, o Império do Grande Kesh abandonou estas terras, pois estava envolvido em um longo e sangrento conflito com os seus vizinhos do sul, a Confederação Keshiana.

Pug estava arrebatado pela grandiosidade de impérios perdidos e, ainda assim, também esfomeado o bastante para reparar que Meecham colocava vários pãezinhos de massa escura na fornalha da lareira. Voltou a prestar atenção no mago.

— O que era a Confederação Kesh...?

— A Confederação Keshiana — terminou Kulgan por ele — era um grupo de pequenas nações que existiam há séculos como estados tributários do Grande Kesh. Doze anos antes de aquele livro ser escrito, elas uniram-se contra o opressor. Cada uma, por si só, não conseguiria competir com o Grande Kesh, mas unidas provaram estar à altura dele, de tal forma que a guerra acabou por se arrastar ano após ano. O Império se viu obrigado a retirar as legiões das províncias do norte e enviá-las para o sul, deixando o norte vulnerável aos avanços do novo e jovem Reino. Foi o avô do Duque Borric, o filho mais novo do Rei, que levou o exército para oeste, expandindo o Reino Ocidental. Desde então, tudo o que pertenceu anteriormente à antiga província imperial de Bosnia, com exceção das Cidades Livres de Natal, é designado como Ducado de Crydee.

Pug pensou um instante, para depois dizer:

— Acho que gostaria de viajar até esse Grande Kesh um dia.

Meecham resfolegou, produzindo um som que se aproximou de uma gargalhada.

— E de que forma viajaria? Como flibusteiro?

Pug sentiu o rosto corar. Os flibusteiros eram homens sem terra, mercenários que combatiam por dinheiro e eram considerados pouco melhores do que os salteadores.

Kulgan prosseguiu:

— Talvez um dia possa fazê-lo, Pug. O caminho é longo e repleto de perigos, mas não seria a primeira vez que uma alma corajosa e sincera conseguiria sobreviver à viagem. Já houve acontecimentos mais estranhos.

A conversa ao redor da mesa desviou-se para tópicos mais comuns, pois o mago estivera mais de um mês no castelo ao sul, em Carse, e queria ouvir as novidades de Crydee. Quando o pão ficou pronto, Meecham serviu-o quente, cortou o lombo de porco e trouxe pratos de queijo e legumes. Pug nunca comera tão bem na vida. Mesmo quando trabalhava na cozinha, a posição de garoto da torre assegurava-lhe parcas refeições. Por duas vezes no decorrer do jantar, Pug reparou que o mago o olhava com um ar pensativo.

Quando a refeição terminou, Meecham levantou-se da mesa e começou a lavar os pratos com areia limpa e água doce, enquanto Kulgan e Pug ficaram sentados conversando. Restava um único pedaço de carne na mesa, que Kulgan atirou para Fantus, deitado diante da lareira. O dragonete abriu um olho para observar o pedaço de carne. Por um instante, pesou a escolha entre o repouso confortável e o naco suculento, até que se deslocou meia dúzia de centímetros, o que lhe permitiu devorar a carne, e voltou a fechar o olho.

Kulgan acendeu o cachimbo e, assim que ficou satisfeito com a fumaça, perguntou:

— Quais são os seus planos para a idade adulta, rapaz?

Pug estava lutando contra o sono, mas a pergunta de Kulgan o despertou. Aproximava-se o momento da Escolha, em que os garotos da vila e do castelo eram selecionados como aprendizes, e Pug entusiasmou-se ao dizer:

— No próximo Solstício de Verão espero ficar a serviço do Duque, sob a orientação do Mestre de Armas Fannon.

Kulgan fitou o hóspede franzino.

— Imaginei que ainda lhe faltava um ano ou dois até se tornar aprendiz, Pug.

Meecham emitiu um som que ficava entre uma gargalhada e um grunhido.

— Não acha que é muito fracote para andar carregando espadas e escudos, garoto?

Pug corou. No castelo, era o menor menino da sua idade.

— Megar, o cozinheiro, disse que devo crescer mais tarde — justificou, num tom muito sutil de desafio. — Ninguém sabe quem eram os meus pais, por isso não sabem o que esperar.

— Quer dizer que é órfão? — perguntou Meecham, erguendo uma sobrancelha, o seu gesto mais expressivo até então.

Pug assentiu.

— Fui deixado com os Sacerdotes de Dala, na abadia da montanha, por uma mulher que disse ter me encontrado na estrada. Eles me trouxeram para o castelo, pois não tinham como cuidar de mim.

— Sim — atestou Kulgan —, recordo-me do dia em que aqueles que veneram o Escudo dos Fracos levaram você para o castelo. Não passava de um bebê que acabava de ter sido desmamado. O fato de ser hoje um homem livre deve-se unicamente à bondade do Duque. Ele julgou que não seria tão grave libertar o filho de um escravo quanto escravizar o filho de um homem livre. Sem provas, teria direito de declará-lo escravo.

Meecham disse, numa voz cautelosa:

— Bom homem, o Duque.

Pug ouvira mais de cem vezes a história das suas origens contada por Magya, na cozinha do castelo. Sentiu-se completamente esgotado, mal conseguindo manter os olhos abertos. Kulgan reparou e chamou a atenção de Meecham. O enorme homem retirou alguns cobertores de uma prateleira e começou a preparar um catre. Quando acabou, Pug já havia adormecido com a cabeça em cima da mesa. As enormes mãos de Meecham ergueram-no delicadamente do banco e o colocaram nos cobertores, cobrindo-o em seguida.

Fantus abriu os olhos e observou o garoto adormecido. Com um bocejo que fez lembrar um lobo, moveu-se rapidamente até Pug, aninhando-se junto do garoto. Adormecido, Pug mudou de posição e passou um braço por cima do pescoço do dragonete. O animal emitiu um grunhido de aprovação, vindo das profundezas de sua garganta, e voltou a fechar os olhos.

Aprendiz

A floresta estava calma.

A ligeira brisa da tarde agitava os altos carvalhos e reduzia o calor do dia enquanto rumorejava levemente nas folhas. As aves que cantavam em coro rouco ao nascer do dia e ao pôr do sol estavam quase emudecidas àquela hora da manhã. O leve odor acre do mar misturava-se com o perfume adocicado das flores e com a acidez de folhas em decomposição.

Pug e Tomas andavam devagar pelo caminho, com passos sem destino de garotos que não iam a lugar algum e que tinham bastante tempo para chegar lá. Pug arremessou uma pedrinha num alvo imaginário e se virou para o companheiro.

— Não acha que a sua mãe ficou zangada, acha?

Tomas sorriu.

— Não, ela entende como são as coisas. Já acompanhou outros garotos no dia da Escolha. E, para falar a verdade, hoje na cozinha íamos atrapalhar mais do que ajudar.

Pug balançou a cabeça. Tinha derramado um precioso pote de mel ao levá-lo a Alfão, o confeitiro. Depois, deixou cair um tabuleiro cheio de pães quentes ao tirá-lo do forno.

— Hoje fiz papel de bobo, Tomas.

Tomas deu uma gargalhada. Era um garoto alto, de cabelo alourado e vivos olhos azuis. Sempre com um sorriso no rosto, era estimado na torre, apesar da tendência própria dos garotos para se meter em confusão. Era o melhor amigo de Pug, praticamente um irmão, e, por isso, Pug conseguira ganhar algum respeito dos outros garotos, já que todos eles consideravam Tomas o líder não oficial.

— Não foi pior do que eu. Você não se esqueceu de pendurar a carne no alto — disse Tomas.

Pug sorriu abertamente.

— Seja como for, pelo menos os cães de caça do Duque estão satisfeitos. — Deu uma risadinha que virou uma gargalhada. — Ela está mesmo chateada, não está?

Tomas achou graça do amigo.

— Está furiosa. Ainda assim, os cães só comeram um pedacinho antes de serem enxotados. Além disso, está mais zangada com meu pai. Diz que a Escolha não passa de uma desculpa para que os Artesãos se juntem para fumar cachimbo, beber cerveja e contar histórias o dia todo. Diz que todos já sabem qual é o garoto que irão escolher.

Pug disse:

— Pelo que disseram as outras mulheres, ela não é a única que tem essa opinião. — Sorriu para o amigo. — E é capaz de não estarem enganadas.

O sorriso de Tomas desapareceu.

— Ela não gosta mesmo quando ele não está na cozinha para orientar as coisas. Acho que ela sabe disso e foi por isso que nos expulsou da cozinha da torre pela manhã, para não descontar em nós. Ou em você, pelo menos — acrescentou, com um sorriso de curiosidade. — Tenho certeza de que você é o preferido dela.

O sorriso rasgado de Pug reapareceu, e ele voltou a dar uma gargalhada.

— Bem, é verdade que não me meto em tantas confusões.

Com um soco amigável no braço, Tomas lhe disse:

— Quer dizer que não é apanhado muitas vezes.

Pug tirou a funda que trazia guardada dentro da camisa.

— Se voltássemos com umas perdizes ou codornas, talvez ela recuperasse um pouco do bom humor.

Tomas sorriu.

— Pode ser — concordou, pegando a sua própria funda. Ambos eram excelentes atiradores, sendo que Tomas era o campeão incontestável entre os garotos, ultrapassando Pug por pouco. Não era provável que algum deles conseguisse derrubar uma ave em pleno voo, mas caso encontrassem uma pousada, tinham boas chances de acertar. Além disso, estariam ocupados enquanto as horas passavam e talvez esquecessem a Escolha.

Avançaram, adotando uma atitude furtiva exagerada e assumindo o papel de caçadores. Tomas tomou a dianteira quando saíram do caminho na direção do lago, que sabiam estar a curta distância. Era improvável que avistassem caça àquela hora do dia, a menos que esbarrassem nela; contudo, caso encontrassem algo, seria certamente junto à água. Os bosques a nordeste do povoado de Crydee eram menos sinistros do que a grande floresta ao sul. Muitos anos de exploração de árvores para obter madeira tinham providenciado aos caminhos verdejantes clareiras banhadas pelo sol que não existiam nas profundezas da floresta ao sul. Ao longo dos anos, os garotos da torre sempre haviam brincado ali. Com um pouco de imaginação, os bosques transformavam-se em um lugar espantoso, um mundo verde de nobres aventuras. Dizia-se que algumas das maiores façanhas tinham ocorrido ali. Fugas audaciosas, perseguições terríveis e batalhas renhidamente disputadas, testemunhadas pelas árvores mudas enquanto os garotos extravasavam os sonhos juvenis de chegada à idade adulta. Criaturas abomináveis, monstros poderosos e cruéis fora da lei, todos eram combatidos e subjulgados, frequentemente acompanhados da morte de um grande herói, proferindo as apropriadas palavras derradeiras aos companheiros de luto, tudo conseguido a tempo de voltarem à torre para jantar.

Tomas chegou a uma pequena elevação de onde era possível vigiar o lago, encoberto por faias em crescimento, e afastou alguns arbustos para que pudessem ficar de tocaia. Parou, fez um ar admirado e disse em voz baixa:

— Pug, veja!

Parado à beira d'água estava um veado, cabeça erguida, procurando a origem do que o havia perturbado enquanto bebia. Era um animal velho, com os pelos em volta do focinho quase todos esbranquiçados e ostentando magníficos chifres.

Pug contou depressa:

— Tem catorze pontas.

Tomas acenou com a cabeça, concordando.

— Deve ser o macho mais velho da floresta. — O veado olhou na direção dos garotos, mexendo uma orelha de modo nervoso. Não moveram um dedo, receosos de espantar a admirável criatura. Durante um longo e silencioso minuto, o veado examinou a elevação, com as narinas bufando, e acabou abaixando a cabeça até a água, bebendo-a.

Tomas apertou o ombro de Pug, inclinando a cabeça para o lado. Pug seguiu o movimento do amigo e viu uma silhueta entrando furtivamente na clareira. Era um homem alto, trajando couro tingido de verde da floresta. Trazia um arco nas costas e, no cinto, uma faca de caçador. Não estava com o capuz erguido e dirigia-se ao veado com um passo firme e regular.

— É o Martin — disse Tomas.

Pug também reconheceu o Mestre de Caça do Duque. Órfão, tal como Pug, fora apelidado de Martin do Arco pelos habitantes do castelo, pois poucos igualavam-se a ele no manejo da arma.

Envolto em mistério, Martin do Arco não deixava de ser estimado pelos garotos, pois ainda que se mostrasse distante em relação aos adultos do castelo, era sempre amigável e acessível com os mais jovens. Sendo Mestre de Caça, era também o Guarda-caça do Duque. Os deveres afastavam-no do castelo vários dias a fio, às vezes semanas seguidas, uma vez que mantinha os seus batedores ocupados à procura de sinais de caça clandestina, possíveis riscos de incêndios, goblins migratórios ou fora da lei acampados nos bosques. No entanto, quando permanecia no castelo e não tinha de organizar uma caçada para o Duque, tinha sempre tempo para os garotos. Os seus olhos escuros alegravam-se quando o bombardeavam com questões a respeito do seu conhecimento sobre os bosques ou quando lhe pediam que contasse lendas das terras perto da fronteira de Crydee. Parecia possuir uma paciência interminável, o que o diferenciava de grande parte dos Artesãos do povoado e do castelo.

OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO BANG!



MAGO MESTRE
LIVRO DOIS DE A SAGA DO MAGO

Raymond E. Feist

A saga épica de Midkemia continua...

Passaram-se três anos desde o terrível cerco a Crydee. Os três rapazes que eram os melhores amigos do mundo encontram-se agora a quilômetros uns dos outros. Pug, um escravo dos Tsurani, está prestes a se tornar um dos maiores magos que já existiram. Tomas, um grande guerreiro entre os elfos, arrisca-se a perder sua humanidade para a armadura encantada que veste. Arutha, príncipe de Crydee, luta desesperadamente contra invasores e traidores para salvar seu reino.

Mago Mestre é recheado de aventura, emoção e ameaças tão antigas quanto o próprio tempo. Com o segundo volume de *A Saga do Mago*, Raymond E. Feist volta a provar que é um dos maiores nomes da literatura fantástica na atualidade.

“Um dos 100 melhores livros de todos os tempos.”

– BBC



A CORTE DO AR

Stephen Hunt

Quando a órfã Molly Templar testemunha um assassinato brutal no bordel onde foi colocada como aprendiz, seu primeiro instinto é correr de volta para o orfanato em que cresceu. Ao chegar lá e encontrar todos os seus amigos mortos, percebe que ela era o verdadeiro alvo, pois seu sangue contém um segredo muito cobiçado pelos inimigos do Estado.

Enquanto isso, Oliver Brooks é acusado pela morte do tio, seu único familiar, e forçado a fugir

na companhia de um misterioso agente da Corte do Ar. Perseguido pelo país, Oliver se vê cercado de ladrões, foras da lei e espíões, e pouco a pouco desvenda o segredo que destruiu sua vida.

Molly e Oliver serão confrontados por um poder antigo que se julgava destruído há milênios e que agora ameaça a própria civilização.

Seus inimigos são implacáveis e numerosos, mas os dois órfãos terão a ajuda de um formidável grupo de amigos nesta aventura cheia de ação, drama e intriga.

“O autor que revolucionou o steampunk”

– The Times

COLEÇÃO
BANGI! 
A MELHOR FANTASIA, FICÇÃO CIENTÍFICA E HORROR

1. Mago – Aprendiz – Livro Um
Raymond E. Feist
2. A Corte do Ar
Stephen Hunt
3. Tigana – A Lâmina na Alma –
Livro Um
Guy Gavriel Kay

4. Mago – Mestre – Livro Dois

Raymond E. Feist

5. A Filha do Sangue – Livro Um –

Trilogia das Joias Negras

Anne Bishop

6. A Espada de Shannara – Livro Um –

Trilogia A Espada de Shannara

Terry Brooks

7. Tigana – A Voz da Vingança –

Livro Dois

Guy Gavriel Kay

Próximos Títulos

Mago – Espinho de Prata –

Livro Três

Raymond E. Feist

Créditos

Capítulo I

Capítulo II

Parte quatro – O preço do sangue

Capítulo III

Capítulo IV

Capítulo V

Capítulo VI

Capítulo VII

Capítulo VIII

Capítulo IX

Capítulo X

Epílogo

Sobre o autor

Trecho de Mago Aprendiz

Outros títulos da Coleção Bang!

Ficha da Coleção Bang!